

**JOHN PIPER**

# Exultação Expositiva

**A PREGAÇÃO CRISTÃ  
COMO ADORAÇÃO**







**JOHN PIPER**

# Exultação Expositiva

**A PREGAÇÃO CRISTÃ  
COMO ADORAÇÃO**



“Piper mostra como a verdadeira pregação e a verdadeira adoração andam naturalmente lado a lado. Isso acontece quando o pregador trabalha cuidadosamente na exegese do texto com a unção do Espírito e chega ao púlpito sob essa mesma influencia. O alvo é mostrar a realidade espiritual que está por trás de cada texto das Escrituras, para honrar a intenção do escritor humano e, em especial, exaltar a glória do autor divino que inspirou o texto. Esse é o conteúdo deste livro. Leia-o devagar, absorva cuidadosamente seu conteúdo e, depois, coloque em prática os princípios nele apresentados.”

**Miguel Núñez** , pastor, *International Baptist Church of Santo Domingo* ; presidente e fundador, *Wisdom and Integrity Ministries*

“John Piper escreve com a convicção expositiva que esperamos, encorajando pregadores não somente a falarem o que é verdadeiro, mas também a *mostrarem* como a Bíblia estabelece essa verdade. Escreve além de nossas expectativas, colocando seu dedo pastoral nos principais erros expositivos em nossas fileiras: o erro de moralismo (‘Faça isto!’) e o erro de substituição (‘Você não pode fazer isto; portanto, apenas desfrute a justificação pela justiça imputada’). Por fim, ele defende a pregação de que necessitamos, instando que, em toda a nossa exposição, devemos ‘traçar uma linha reta *a partir da cruz* que segue para a ressurreição, o derramamento do Espírito, a entrega das Escrituras, o milagre do novo nascimento comprado por sangue, o mistério de *Cristo em vós – a esperança da glória* , e as belezas do domínio próprio, da prudência e do amor que exaltam a Cristo e transbordam Cristo’. Esta é uma grande obra que exalta o glorioso poder do evangelho que permeia toda a Escritura.”

**Bryan Chapell** , pastor, *Grace Presbyterian Church* , Peoria, Illinois

“Este novo livro de John Piper sobre pregação é um sonho que se torna realidade. Tenho esperado por este livro durante quase vinte anos. O primeiro livro de Piper sobre pregação foi monumental. Este é ainda melhor. Valeu a pena esperar.”

**Jason C. Meyer** , pastor, *Bethlehem Baptist Church* , Minneapolis

“Piper já escreveu mais de cinquenta livros. Portanto, há algo um tanto ousado em sugerir que *Exultação Expositiva* é o melhor de Piper. Mas isso pode ser afirmado. Talvez porque eu, como John Piper, sou um pregador e

fui profundamente instruído, repreendido, encorajado e favorecido com maior esperança para meu ministério pelos discernimentos que ele oferece neste livro. Acredito que John Piper tem muito mais obras a produzir no futuro, porém, em minha opinião, esta é a culminação de sua contribuição ao ministério pastoral. Ainda que você não seja um pastor ou pregador, leia este livro. Se você é um pastor de tempo integral, escave profundamente este imenso depósito de tesouros de discernimento homilético. Acredito que, se você fizer isso, esta obra transformará radicalmente a sua maneira de lidar com a Palavra de Deus e a paixão com que você a prega.”

**Sam Storms**, pastor,  
*Bridgeway Church* , Oklahoma City

“Esta obra de John Piper é convenientemente dedicada a Martyn Lloyd-Jones, porque ela pode fazer por esta geração o que *Pregação e Pregadores* fez singularmente por gerações anteriores – instruir, humilhar, desafiar e inspirar. Esta obra combina coração e luz – o que Lloyd-Jones chamou de ‘lógica em fogo’. Todas as ênfases que esperaríamos de Piper estão presentes neste livro: teocêntrico, focado em Cristo, cheio do Espírito, com atenção rigorosa ao texto da Escritura e convicção teológica fervorosa. Piper exhibe honestidade franca e um senso do peso de glória que marca a verdadeira adoração. Este é um livro sobre pregação em que Deus está no centro do palco. *Exultação Expositiva* é uma proclamação deslumbrante, um tipo de livro que nos deixa ansiosos por mais, que nos prostra, depois nos levanta e nos faz desejar ser e fazer o melhor para Deus. É simplesmente uma leitura indispensável para todo pregador do evangelho.”

**Sinclair B. Ferguson** , professor de Teologia Sistemática, *Reformed Theological Seminary*

“A primeira vez que ouvi John Piper pregando a Bíblia foi no início dos meus anos vinte, e nunca havia experimentado algo como a paixão e o poder que procedem de um zelo arraigado e preso ao texto. Isso se tornou para mim um modelo a ser imitado. Sou grato pelo fato de que Piper escreveu as grandes lições de mais de trinta anos de ‘exultação expositiva’ para as gerações seguintes. Há ouro nestas páginas. Anseio que o próximo grupo daqueles que anunciarão as boas notícias do evangelho seja moldado por esta obra. Estamos em tremenda necessidade de pregação séria nestes dias sérios.”

**Matt Chandler** , pastor principal, *The Village Church* ,

Dallas, Texas; presidente, *Acts 29 Church Planting Network* ; autor, *The Mingling of Souls* e *The Explicit Gospel* .

“É uma mudança agradável ler um livro sobre pregação que contém quase nada sobre técnicas e, em vez disso, se focaliza no ensino da Bíblia sobre a natureza e o admirável privilégio da tarefa – e, acima de tudo, sobre a majestade de Deus, cujos servos somos nós e cujas glórias somos chamados a proclamar. Muitos pregadores serão encorajados por estas páginas, como eu fui, a continuarem se dedicando às solenes e prazerosas tarefas de explicar a Escritura e exultar em Deus.”

**Vaughan Roberts** , pastor, St. Ebb's, Oxford, England; diretor, *The Proclamation Trust* ; autor, *God's Big Picture*

**JOHN PIPER**

*Exultação  
Expositiva*

**A PREGAÇÃO CRISTÃ  
COMO ADORAÇÃO**



P665e

Piper, John, 1946-

Exultação expositiva : a pregação cristã como adoração / John Piper ; [tradução: Francisco Wellington Ferreira]. – São José dos Campos, SP: Fiel, 2019.

Tradução de: Expository exultation : Christian preaching as worship.

Inclui referências bibliográficas.

ISBN 978881325750 (impresso)

9788581325767 (ebook)

1. Jesus Cristo – Exaltação. 2. Pregação. 3. Adoração.  
I. Título.

CDD: 251

Catálogo na publicação: Mariana C. de Melo Pedrosa – CRB07/6477

**Exultação Expositiva:  
A pregação Cristã como Adoração**

Traduzido do original em inglês  
*Expository Exultation*  
*Christian Preaching as Worship*  
por John Piper

Copyright © 2018 by Desiring God Foundation

Publicado por Crossway  
1300 Crescent Street  
Wheaton, Illinois 60187

■

Copyright © 2018 Editora Fiel  
Primeira edição em português: 2019

Todos os direitos em língua portuguesa reservados  
por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária  
PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTA LIVRO POR  
QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA  
DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM  
INDICAÇÃO DA FONTE.

■

Diretor: James Richard Denham III  
Editor: Tiago J. Santos Filho  
Tradução: Francisco Wellington Ferreira  
Revisão: Marilene Paschoal,  
Voleide Alves Gonçalves  
Diagramação: Rubner Durais  
Capa: Rubner Durais  
ISBN: 978-85-8132-575-0 (impresso)  
ISBN: 978-85-8132-576-7 (eBook)



Caixa Postal 1601  
CEP: 12230-971  
São José dos Campos, SP  
PABX: (12) 3919-9999  
[www.editorafiel.com.br](http://www.editorafiel.com.br)



A  
*Martyn Lloyd-Jones,*  
que nunca trivializou a Palavra de Deus  
“Não estamos, como tantos outros,  
mercadejando a palavra de Deus;  
antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus;  
com sinceridade e da parte do próprio Deus...  
não andando com astúcia,  
nem adulterando a palavra de Deus”  
– o apóstolo Paulo.

# SUMÁRIO

[Introdução | As raízes e o escopo da exultação expositiva](#)

[Parte 1 | Um Contexto para a Pregação | O Povo de Deus Reunido para Adoração](#)

[1 | A Essência da Adoração Coletiva](#)

[2 | Adoração Coletiva | Bíblica e Lindamente Apropriada](#)

[Parte 2 | Por que a Exultação Expositiva é Integral à Adoração Coletiva? | Proclamação, História e Trindade](#)

[3 | Como Paulo Introduziu a Proclamação na Casa de Deus](#)

[4 | Quatro Raízes da Linda Propriedade da Exultação Expositiva na Adoração](#)

[5 | As Raízes Trinitárias da Exultação Expositiva](#)

[Parte 3 | Como a Pregação se Torna um Meio do Milagre de Adoração – Sobrenaturalmente? | Exultação Expositiva no Poder do Espírito Santo](#)

[6 | Exultação Expositiva | Um Ato Humanamente Impossível com um Efeito Humanamente Impossível](#)

[7 | Exultação Expositiva pela Fé | Como Persegui o Milagre em Minha Pregação](#)

[Parte 4 | Como a Pregação se Torna um Meio do Milagre de Adoração – Naturalmente? | Exultação Expositiva e o Uso de Todos os Nossos Poderes Naturais](#)

[8 | Exultação Expositiva | Amar Pessoas com Pensamento Claro e Lógica Válida](#)

[9 | “Para que se Não Anule a Cruz de Cristo” | Os Perigos da Eloquência Cristã](#)

[Parte 5 | Atenção Rigorosa ao Texto por Causa de Penetração Radical na Realidade | Manifestando a Conexão entre o Texto e a Realidade](#)

[10 | Texto, Realidade e Sermão | Esclarecendo as Conexões](#)

[11 | Mostrando como a Realidade Brilha através das Palavras da Passagem | Três Exemplos](#)

[Parte 6 | Que Realidade Pregaremos? | Três Ênfases que Permeiam Toda a Exultação Expositiva](#)

[12 | Pregando à Luz da Visão Abrangente de um Autor sobre a Realidade](#)

[13 | Exultação Expositiva e a Glória de Deus, Parte 1 | Como o Alvo Supremo de Todas as Coisas](#)

[14 | Exultação Expositiva e a Glória de Deus, Parte 2 | Como a Glória de Deus Molda Cada Sermão](#)

[15 | Exultação Expositiva e Cristo Crucificado, Parte 1: Gloriando-se Apenas na Cruz em Cada Sermão](#)

[16 | Exultação Expositiva e Cristo Crucificado, Parte 2: “Vivamos para a Justiça”](#)

[17 | Exultação Expositiva e a Obediência por Fé, Parte 1 | O Caminho de Amor que Leva à Vida](#)

[18 | Exultação Expositiva e a Obediência por Fé, parte 2 | A Busca de Alegria, Amor e Vida Eterna](#)

[Parte 7 | Exultação Expositiva e o Antigo Testamento | A Glória de Deus, a Cruz de Cristo e a Obediência por Fé](#)

[19 | Exultação Expositiva e o Antigo Testamento, parte 1 | Pregando a Glória de Deus](#)

[20 | Exultação Expositiva e o Antigo Testamento, Parte 2 | Pregando Cristo Crucificado](#)

[21 | Exultação Expositiva e o Antigo Testamento, Parte 3 | Pregando a Obediência por Fé](#)

[Pensamentos Concludentes | Um Chamado Perigoso e Glorioso](#)

[Leia Também](#)

[Leia Também](#)

# INTRODUÇÃO | AS RAÍZES E O ESCOPO DA EXULTAÇÃO EXPOSITIVA

Dediquei este livro a Martyn Lloyd-Jones (1899-1981), ministro por mais de trinta anos na Westminster Chapel, em Londres. Nenhum outro pregador me inspirou tanto em referência à grandeza da pregação como Lloyd-Jones o fez. Quando ele pregava, eu sentia, como nenhum outro, o peso da glória de proclamar a própria Palavra de Deus. Quando ele fez suas preleções sobre pregação no Westminster Theological Seminary, em 1969, apresentou duas razões por que ele estava disposto a fazê-lo:

Minha razão para estar bastante pronto a oferecer estas preleções é que a obra de pregação é a mais elevada, a maior e a mais gloriosa vocação para a qual alguém pode ser chamado. Se alguém quer conhecer outra razão, eu diria, sem hesitação, que a mais urgente necessidade da igreja cristã, na atualidade, é a pregação autêntica. E, visto que essa é a maior e mais urgente necessidade da igreja, evidentemente ela é também a maior necessidade do mundo.<sup>1</sup>

Era característico de Lloyd-Jones afirmar as coisas em superlativos. Seu alvo não era minimizar outras vocações. Ele sabia, como qualquer outra pessoa, que no último dia o Senhor recompensará a fidelidade de uma pessoa e não o seu ofício. Sabia que “nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (1 Co 3.7).

No entanto, Lloyd-Jones sabia também que ser um embaixador do Rei dos Reis é um privilégio admirável e cheio de responsabilidade. Ele havia provado algo da glória que levava o apóstolo Paulo a dizer que servos fiéis da Palavra de Deus “devem ser considerados merecedores de dobrados honorários... com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino” (1 Tm 5.17). Ele tremia ante a advertência: “Não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo” (Tg 3:1). A natureza sobrenatural de seu chamado deixava-o admirado: “Em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus” (2 Co 2.17).

Lloyd-Jones sabia que o grande alvo da pregação é a adoração fervorosa do povo de Deus. Sabia também que esta adoração não é algo pequeno, restrito ou paroquial. Ela acha expressão nos cultos de adoração semanais e

nos sacrifícios diários de amor, e será livre e plenamente realizada no aperfeiçoamento da noiva de Cristo e sua habitação cósmica. Ele sabia também que essa adoração é tão pessoal quanto os desejos mais profundos do coração, tão ampla quanto o universo, tão duradoura quanto a eternidade e tão visível quanto a irradiação do amor e a renovação da criação.

Lloyd-Jones sabia que a Bíblia é verdadeira e existe para a glória de Deus. Por isso, ler a Bíblia e pregá-la compartilham desse alvo. A constante seriedade com a qual Lloyd-Jones tratava as glórias da Palavra de Deus tem sido uma grande inspiração para mim, num mundo que parece incapaz de regozijo sério. Sou profundamente grato pelo fato de que Deus levantou este seu servo em meados do século XX, e me deu uma amostra do que J. I. Packer quis dizer ao falar que a pregação de Lloyd-Jones o alcançou com a força de um choque elétrico e lhe trouxe “um senso de Deus maior do que qualquer outro homem lhe trouxera”.<sup>2</sup>

### **A origem deste livro**

Este livro é o desenvolvimento orgânico de dois livros anteriores. Juntos, eles formam uma trilogia. O primeiro volume, *Uma Glória Peculiar* (2017), focaliza-se em como podemos saber que a Bíblia é a Palavra de Deus e completamente verdadeira. O segundo volume, *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural* (2018), focaliza-se em como devemos ler a Bíblia – especificamente, como lê-la na busca de seu alvo supremo, de que Deus seja adorado com afeição fervorosa por todos os povos do mundo. Este terceiro volume, *Exultação Expositiva*, pergunta: se a Bíblia é totalmente verdadeira e deve ser lida de modo sobrenatural na busca de adoração, o que significa pregar a Palavra e como devemos fazê-lo?

### **Fundamentos de adoração e pregação**

A maioria dos pregadores admite que suas igrejas devem se reunir semanalmente para adoração coletiva. Muitos de nós têm dedicado pouco tempo e esforço para justificar essa prática à luz do Novo Testamento. Nós a aceitamos naturalmente. Além disso, a maioria dos pastores admite que a pregação deve ser parte dessa reunião de adoração. Isso também é aceito naturalmente pela maioria, embora alguns se tornem presas das previsíveis degradações da pregação em cada geração. De fato, ambas as admissões – que devemos nos reunir para adoração e que devemos pregar – têm fundamentos bíblicos explícitos. E os pregadores precisam conhecer esses fundamentos. Em que base a igreja se reúne para adoração? E por que a



pregação é parte da adoração?

### **Foco em pregação na adoração**

Quando me proponho a escrever um livro sobre pregação, suponho que 95% da pregação que existe no mundo acontece em algum tipo de “culto de adoração” – quer seja com um pequeno grupo de crentes à sombra de uma árvore, quer seja com cinco mil pessoas num auditório moderno. Pregiar nesses contextos é o que estarei defendendo, descrevendo e celebrando.

A razão para esse foco não é que eu não entenda a pregação como algo que deve ser realizado nas ruas, ou nos estádios, ou no campus de universidades, ou nas prisões, ou diante de reis. A pregação é, de fato, pertinente a esses lugares. A razão é que acredito, de todo o meu coração, que a pregação na adoração coletiva é essencial à vida e à missão da igreja. Deus designou a pregação na adoração, argumentarei, como um dos grandes meios para realizar seu alvo supremo no mundo.

### **Por que pregação na adoração coletiva?**

Estou ciente de que minha opinião sobre adoração e pregação não é compartilhada por todos os cristãos. Nem todos os cristãos acreditam realmente que a pregação é uma parte essencial da adoração coletiva. Por isso, a primeira tarefa a que me dedico é mostrar, com base nas Escrituras, que igrejas cristãs devem se reunir para adoração coletiva e que a pregação deve fazer parte dessa reunião. Isso é o que faço nas partes 1 e 2 deste livro.

A parte 1 é uma descrição e uma defesa da adoração coletiva. Talvez pareça estranho, num livro sobre pregação, que eu dedique tanto espaço à adoração coletiva. Mas, se, como eu, você acredita que a adoração coletiva é divinamente designada para causar impacto singular e indispensável no povo de Deus e que a pregação é designada exclusivamente por Deus para auxiliar e expressar essa adoração, então, a estranheza desaparecerá. A coisa mais importante a estabelecer sobre a adoração coletiva é esta: qual é a sua *essência*. Ao redor do mundo, sempre haverá muitas variações nas *formas* de adoração, em diferentes culturas. Mas, qual é a essência da adoração? Esse é o propósito do capítulo 1. O que emerge, então, no capítulo 2 é que a essência da verdadeira adoração leva os cristãos a descobrirem quão lindamente apropriado é o povo de Cristo se reunir para adoração coletiva.

Depois, na parte 2, tento mostrar o que é a pregação e por que ela faz parte da adoração coletiva. A *natureza* da adoração e da pregação é precisamente

aquilo que justifica por que elas devem ser e estar *juntas* . Por isso, na parte 2, eu tento mostrar como esta forma extraordinária de comunicação – que eu chamo de “exultação expositiva” – se tornou uma parte normativa, aprovada biblicamente, da adoração coletiva. As razões são tanto históricas quanto teológicas (capítulos 3 e 4), chegando à natureza trinitária de Deus (capítulo 5).

### **Pregando como adoração e para adoração**

Um dos interesses primários deste livro é mostrar que a pregação não somente *auxilia* a adoração, mas também é adoração. O título *Exultação Expositiva* tenciona comunicar que essa forma singular de comunicação é tanto um rigoroso esclarecimento intelectual da realidade revelada pelas palavras da Escritura quanto uma incorporação na forma de adoração do valor dessa realidade, demonstrados na exultação do pregador sobre a Palavra que ele está esclarecendo. Os pregadores devem pensar nos cultos de adoração não como exultação nas glórias de Deus acompanhadas de um sermão. Devem pensar na exultação musical e litúrgica (canções, orações, leituras, confissão, ordenanças e mais) acompanhada e auxiliada pela exultação *expositiva* – pregação como adoração. A música é um dos meios de elevar e conduzir o coração em exultação. A pregação é outro. Argumentarei que a pregação é adoração. E a pregação serve à adoração.

### **Adoração: toda a vida, para sempre**

Quando eu digo: “A pregação serve à adoração”, não quero dizer com isso que ela serve apenas aos “cultos de adoração” – nem mesmo cultos de adoração *eternos* . Quando eu digo que o alvo supremo da Escritura e da pregação é que Deus seja adorado com afeição fervorosa por todos os povos do mundo, estou me referindo à transformação completa de todo o povo de Deus e da renovação e restauração final do céu e da terra (Rm 8.19-23). A transformação do povo de Deus e a renovação do universo serão tais, que seu maior efeito será magnificar o supremo valor e a excelência de Deus.

O que veremos, em mais detalhes e com argumento bíblico, é que adorar significa conhecer, desfrutar e mostrar conscientemente a suprema dignidade e beleza de Deus. Quando eu digo que a pregação serve a essa adoração, estou pensando na adoração em pelo menos três expressões:

1. Esta adoração pode ser expressa em cultos de adoração (Sl 34.3). Adoramos juntos quando *conhecemos* verdadeiramente a Deus em letras de canções, nas orações e em outras expressões de doutrina correta; quando

*valorizamos* a Deus com afeições despertadas pelas excelências divinas; e, quando mostramos isto em cantar, orar e ouvir de coração – participando de todas as formas apropriadas ao culto de adoração.

2. Este conhecer, desfrutar e mostrar que se expressa em adoração da suprema dignidade e beleza de Deus também pode acontecer por magnificarmos a Cristo na vida e na morte (Fp 1.20), enquanto nos regozijamos no cuidado soberano de Deus em meio aos sacrifícios laboriosos de amor pelos outros (Mt 5.11-12; Fp 3.8-10). Toda a nossa existência física se torna um “sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso [nosso] culto racional” (Rm 12.1).

3. Esta adoração acontecerá completa e perfeitamente na ressurreição, quando conheceremos como somos conhecidos (1 Co 13.12), nosso jubiloso desfrutar a Deus será aperfeiçoado (Sl 16.11) e a plenitude de manifestação exterior de alegria não será obstruída pelo pecado (Hb 12.23; Fp 3.12).

A adoração que glorifica a Deus e exalta a Cristo, sustentada pelo Espírito – expressa em cultos de adoração, sacrifícios diários de amor e perfeição eterna – é o alvo de *Exultação Expositiva*, o ato e o livro.

Portanto, como disse no início desta introdução, nada é pequeno, restrito ou paroquial no que diz respeito ao alvo da pregação. É tão pessoal quanto os mais profundos desejos do coração, tão amplo quanto o universo, tão duradouro quanto a eternidade e tão visível quanto os sacrifícios de amor e a renovação da criação. Mas o alvo é radicalmente focalizado em Deus. A Bíblia existe para a glória de Deus, agora e para sempre. Lê-la e *pregá-la* compartilham esse alvo.

### **A pregação nas mãos de Deus, com todo o nosso poder**

Adoração não é um ato meramente natural. É uma obra do Espírito Santo. É sobrenatural. Por conseguinte, dizer que a pregação é adoração e serve à adoração suscita duas perguntas. Uma está relacionada a como o pregador é introduzido no sobrenatural. A outra se relaciona a como o pregador usa todos os seus poderes naturais a serviço do milagre de adoração. No que diz respeito à primeira pergunta, indagamos: como a pregação pode, como um ato humano, também *ser* uma obra de Deus e *servir* a uma obra de Deus? Como o pregador prega de modo que não seja ele, e sim Deus, quem está agindo (1 Co 15.10)? Como ele se torna um instrumento de Deus de modo que sua pregação se torne um ato de adoração e um meio de despertar adoração? Esse é o foco da parte 3.

A segunda pergunta é: qual o lugar dos poderes naturais do pregador? Ou

que meios naturais são legítimos na busca de fins sobrenaturais? Se o alvo da pregação é a adoração por parte do povo sustentada pelo Espírito, o pensamento, a eloquência e a explicação humanos podem ser legítimos? Se não, o que resta da pregação? Se são legítimos, como o uso desses poderes naturais se tornam um meio divino de adoração espiritual? A parte 4 aborda essas perguntas.

### **Texto, realidade e pregação**

A parte 5 lida com a pergunta: nós pregamos o texto ou a realidade revelada por meio do texto? Os meus dois maiores interesses em escrever este livro estão relacionados entre si de maneira paradoxal – tão paradoxal quanto a relação entre as naturezas divina e humana em Jesus Cristo. Jesus era humano, com carne e ossos. No entanto, ele era muito mais; e este mais é conhecido por conhecermos o homem encarnado. Foi por isso que Paulo se referiu ao “conhecimento da glória de Deus, *na face de Cristo*” (2 Co 4.6). Nesse aspecto, a Bíblia é como a encarnação. É humana – palavras, frases, cláusulas, lógica, narrativa. Entretanto, ela é muito mais. Carrega e expressa realidades que são amplamente mais do que palavras. Poderíamos dizer: “A glória de Deus *nas palavras da Escritura*”.

Portanto, não basta dizermos: “O que pregamos é o texto”. Tampouco basta dizermos: “O que pregamos é a realidade por trás do texto”. Essas duas ideias desajustadas correspondem às minhas duas preocupações.

### **Duas preocupações – texto e realidade**

Uma preocupação é instar os pregadores a dedicarem atenção rigorosa às palavras de seu texto e ajudarem pessoas a verem como as próprias palavras do texto revelam os pontos que o pregador está afirmando sobre a realidade. A outra preocupação é instar os pregadores a penetrarem profundamente na realidade para a qual as palavras estão apontando. Essas realidades – sejam aspectos da natureza humana, da natureza de Deus, do caminho de salvação, dos horrores do mal ou dos mistérios da providência – são profundas. O alvo da pregação é que nossos ouvintes vejam, por si mesmos, essas realidades *no texto*. A certeza do que veem deve fundamentar-se em verem a realidade *no texto* e não na opinião do pregador. Por isso, a parte 5 lida com “o fator realidade” e tem como alvo iluminar a relação entre atenção rigorosa ao texto e penetração radical na realidade.

### **A visão abrangente de um autor bíblico sobre a realidade**

A parte 6 pergunta mais especificamente: qual é a realidade que pregamos?

É claro que é inadequado respondermos: pregamos a realidade que o texto almeja comunicar. Essa resposta não é errada. Mas não oferece qualquer ajuda em respondermos esta pergunta: que aspectos da visão geral de um autor bíblico sobre a realidade deveriam ser incluídos na exposição do texto? Eu argumento que devemos ter em vista a visão mais ampla de um autor bíblico sobre a realidade (capítulo 12). Do contrário, podemos extrair do texto inferências que não estão lá. Às vezes, a visão mais ampla é comunicada no contexto mais próximo. Às vezes, não.

### **Preocupações bíblicas fundamentais em toda a nossa pregação**

Manter em vista a visão abrangente de um autor bíblico sobre a realidade é essencial; diante disso, como o pregador decidirá que aspectos dessa visão abrangente sobre a realidade ele incluirá em sua pregação? Minha maneira de responder a essa pergunta (parte 6) será fazer três perguntas adicionais baseadas em três suposições. Primeira: eu assumo que quanto mais supremo for o alvo principal do significado de um autor, tanto mais importante é que este significado seja entretido em nossa pregação de textos específicos. Por isso, eu pergunto: qual é o alvo supremo dos autores bíblicos?

Segunda: eu assumo que o conteúdo que o apóstolo Paulo afirma ser indispensável à *sua* pregação, esse mesmo conteúdo deve ser indispensável à *nostra* pregação. Por isso, eu pergunto: o que Paulo afirma ser indispensável à sua pregação?

Terceira: eu assumo que há uma maneira de vivermos a vida cristã que leva à salvação final, e há uma maneira de tentar vivê-la que leva à destruição; e esse entendimento é importante para abordarmos corretamente cada texto. Por isso, eu pergunto: que maneira de viver é necessária para a salvação final?

A resposta que ofereço para a primeira pergunta é: o alvo supremo dos autores bíblicos é a glorificação de Deus (capítulos 13 e 14). A resposta para a segunda pergunta é: Paulo disse que proclamar Cristo crucificado era indispensável à sua pregação (capítulos 15 e 16). E a resposta para a terceira pergunta é: a maneira de viver que é necessária para a salvação final começa em sermos justificados somente pela fé e prossegue por andarmos em amor no poder do Espírito Santo, pela fé. Esta maneira de viver pode ser chamada de “obediência por fé” (Rm 1.5; 16.26) – a santificação – sem a qual o nosso povo não verá o Senhor (capítulos 17 e 18).

Você pode perceber que isso é uma descrição trinitária da realidade que pregamos – viver para glória de Deus, engrandecer o Cristo crucificado, andar pelo Espírito. Tento argumentar que essas três realidades não serão vistas com clareza se pensarmos nelas como separadas das palavras dos textos da Escritura. A pregação que se distancia das particularidades do texto a fim de pregar a realidade da glória de Deus, ou da cruz de Cristo, ou do poder do Espírito, torna-se desconectada de autoridade divina e de poder espiritual. O texto inspirado da Escritura é onde está a nossa autoridade. É também nas próprias palavras do texto inspirado que resplandece a mais vívida, confiável e poderosa revelação destas realidades.

### **Fiéis à inspiração do Antigo Testamento**

Por último, a pergunta que insiste por resposta é se podemos ser fiéis às intenções dos autores do Antigo Testamento – que foram “movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.21) – se extrairmos de seus textos uma ênfase inalterável sobre a glória de Deus, a cruz de Cristo e a obediência por fé. A resposta para essa pergunta é o alvo da parte 7. Minha resposta é sim, podemos ser fiéis às suas intenções. De fato, visto que os autores do Antigo Testamento desejaram mostrar com clareza as implicações futuras de seu ensino (1 Pe 1.10-12), eles julgariam contrário às suas intenções se os mensageiros do Messias pregassem, no século XXI, com base nos seus ensinamentos, como se o Messias não tivesse vindo!

### **Alvo supremo**

Um propósito essencial deu origem à existência, à leitura e à pregação da Escritura cristã. O propósito é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas na adoração eterna e fervorosa da noiva de Cristo, comprada por sangue e formada de pessoas de cada povo, tribo, língua e nação. Na busca desse maior de todos os propósitos, escrevi *Uma Glória Peculiar* para mostrar que podemos saber que a Bíblia é a infalível Palavra de Deus. Com o mesmo propósito, escrevi *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural* para mostrar como podemos descobrir o significado dessa Palavra infalível. Finalmente, o presente volume, *Exultação Expositiva*, almeja mostrar como a pregação se torna e causa a adoração da dignidade e da beleza de Deus, adoração essa comprada por sangue e operada pelo Espírito.

Deus ordenou que, até que seu propósito supremo de adoração fervorosa seja atingido nas reuniões regulares de seu povo, nos sacrifícios de amor



diários e nos prazeres eternos da era por vir, ler a Bíblia de modo sobrenatural e pregar sua realidade pelo Espírito não cessem na terra. O propósito de Deus na terra avançará por meio de igrejas que exaltam a Cristo, são centradas em Deus e transbordam a Bíblia, onde a seriedade e a alegria de adoração eterna são despertadas e repetidas a cada semana, na presença e no poder da exaltação expositiva.

Martin Lloyd-Jones, *Pregação e Pregadores*, 2ª ed. (São José dos Campos, SP: Fiel, 2015), 15.

Citado em Christopher Catherwood, *Five Evangelical Leaders* (Wheaton, IL: Harold Shaw, 1985), 170.

# **PARTE 1 | UM CONTEXTO PARA A PREGAÇÃO | O POVO DE DEUS REUNIDO PARA ADORAÇÃO**

# 1 | A ESSÊNCIA DA ADORAÇÃO COLETIVA

Este é um livro sobre pregação na adoração. Espero mostrar que a pregação é adoração e *serve* à adoração. Reconheci na introdução que nem todos os crentes pensam no ajuntamento semanal do povo de Deus como adoração.<sup>3</sup> Se você é um dos que pensam: “Visto que o Novo Testamento nunca chama de ‘adoração’ ou ‘cultos de adoração’ as reuniões regulares da igreja, então é fútil argumentar que devemos pensar em nossas reuniões semanais desta maneira”; mas, talvez eu possa colocar uma isca provocativa em meu anzol com a esperança de fisgar um pouco mais de sua atenção?

Pode ser que não estejamos querendo dizer a mesma coisa quando usamos a palavra “adoração”. Se eu esclarecer minha opinião sobre adoração, talvez você não faça a mesma distinção entre cultos de “ensino”, ou de “edificação”, ou de “exortação”, por um lado, e de “adoração”, por outro lado.

Minha isca provocativa é dizer que o plano de se reunir semanalmente, digamos, para ensino, mas não para adoração, é semelhante ao plano de casar-se sem haver sexo no casamento. Ou comer sem saborear. Ou descobrir sem deleitar-se. Ou milagres sem admiração. Ou dons sem gratidão. Ou advertências sem temor. Ou arrependimento sem tristeza. Ou resoluções sem zelo. Ou anseios sem satisfação. Ou ver sem desfrutar.

## **A essência da adoração: desfrutar o que vemos de Deus**

Mas, se você crê, como eu creio, que *ver* a beleza espiritual da verdade bíblica sem *desfrutá-la* é pecado, então você provavelmente não se apressará a minimizar a adoração como uma razão para nos reunirmos como igreja – na verdade, esta é a razão suprema. E, sim, creio que desfrutar a glória de Deus é a essência da verdadeira adoração.

Será que você concorda com isso? Concorda que a essência da adoração é desfrutar a glória de Deus em Cristo ou ser satisfeito com tudo que Deus é para você em Jesus? Ou isso é muito subjetivo? Assegure-se de notar que estou usando a palavra *essência* e não *totalidade*. Não estou dizendo que desfrutar o que vemos de Deus é a *totalidade* da adoração – e sim a *essência*, sem a qual a adoração é vazia (Mt 15.8-9).

Portanto, parece que, se devemos provar a validade bíblica da pregação

como parte do plano de Deus para as reuniões regulares do povo de Cristo, a primeira coisa que temos de fazer é sustentar biblicamente o argumento de que deve haver tais reuniões. A força desse argumento está no capítulo 2. Mas ele depende da afirmação de que a *essência* da adoração é a experiência de afeições do coração que exaltam a beleza e a dignidade de Deus. Isso é verdadeiro se entendemos a adoração como a obediência a Cristo na vida diária, ou como os deveres do ministério eclesiástico, ou como as reuniões para adoração coletiva.

Em outra obra, argumentei em detalhes<sup>4</sup> que a adoração no Novo Testamento, comparada com a adoração no Antigo Testamento, se moveu para um foco em algo radicalmente simples e interior, com variadas expressões exteriores na vida e na liturgia que puderam ser adaptadas, no decorrer dos séculos, em muitas culturas diferentes. No Novo Testamento, a adoração assumiu o caráter adequado a uma religião do tipo *ide-anunciai* para todas as nações (Mt 28.18-20), ao contrário dos rituais detalhados prescritos no Antigo Testamento que eram adequados a uma religião do tipo *vinde-vede* (1 Rs 10.1-13). Em outras palavras, o que achamos no Novo Testamento é um grau impressionante de não especificidade para a adoração como uma forma exterior e uma intensificação radical da adoração como uma experiência interior do coração.

### **Indicador bíblico da essência interior da adoração**

Podemos ver indicadores disso. Por exemplo, em João 4.23, onde Jesus disse: “Vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores”. Entendo que “em espírito” significa que a verdadeira adoração é realizada pelo Espírito Santo e está acontecendo principalmente como um evento interior e espiritual, e não como um evento exterior e físico (cf. Jo 3.6). Entendo que “em verdade” significa que a verdadeira adoração é uma resposta a verdadeiras opiniões sobre Deus, sendo moldada e guiada por verdadeiras opiniões sobre Deus.

Por essa e por outras razões, argumento que Jesus rompeu decisivamente qualquer conexão necessária que havia entre adoração e suas associações exteriores e localizadas. A verdadeira adoração é principalmente algo interior e independente de localidade. “Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai” (Jo 4.21). A natureza interior da essência da adoração é o que Jesus tinha em

mente quando disse: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram” (Mt 15.8-9). Quando o coração está longe de Deus, a adoração é vazia, inútil e não existente, por mais corretas que sejam as formas. A experiência do coração é a essência indispensável, vital e definidora da adoração.

Logo, parece que no Novo Testamento a adoração é significativamente não institucionalizada, não localizada e não exteriorizada. A motivação inteira é retirada de cerimônias, tempos, lugares e formas e mudada para o que está acontecendo no coração – não apenas no domingo, mas cada dia, todo o tempo, em toda a vida.

### **A essência da adoração direcionada para Deus**

Esta orientação interior voltada para Deus em toda a vida é o que Paulo tenciona comunicar ao dizer: “Quer comais, quer bebais ou façaís outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10.31); e: “Tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Cl 3.17). Isto é adoração: *agir de uma maneira que mostra a valorização da glória de Deus e do nome de Jesus Cristo por parte do coração*. Ou, como dissemos na introdução, a adoração significa conhecer, desfrutar e mostrar conscientemente a suprema dignidade e beleza de Deus.

Porém, o Novo Testamento usa as maiores de todas as sentenças de adoração (1 Co 10.31 e Cl 3.17) sem fazer qualquer referência a cultos de adoração. Elas descrevem a vida. Mesmo quando Paulo nos chama a sermos cheios “do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (Ef 5.18-20), não faz qualquer referência a um tempo, um lugar ou um culto. De fato, as palavras principais são “sempre” e “por tudo” – “dando *sempre* graças por *tudo*” (cf. Cl 3.17). Isto pode ser o que devemos fazer num *culto de adoração*, mas não é o interesse de Paulo dizer-nos isso. O interesse de Paulo é chamar-nos a uma autenticidade de adoração interior e radical e a uma abrangência de adoração que envolve tudo em nossa vida. Lugar e forma não são da *essência*. Espírito e verdade são cruciais.

### **Experiência interior que permeia toda a vida**

Minha conclusão, portanto, é que o Novo Testamento mostra uma indiferença chocante para com as formas exteriores e os lugares de

adoração. Ao mesmo tempo, há uma intensificação radical da adoração como uma experiência interior e espiritual que não tem restrições e permeia toda a vida. Uma das razões para este desenvolvimento no Novo Testamento é que o Novo Testamento não é um manual detalhado para cultos de adoração. Em vez disso, ele é um livro de ensino sobre como viver a fé cristã entre milhares de culturas, que são livres para acrescentar detalhes à realidade espiritual e moral da adoração que achamos no Novo Testamento. Essa é a razão por que meu argumento mais detalhado quanto a esse ponto de vista da adoração no Novo Testamento se acha em meu livro sobre missões.<sup>5</sup> A mudança radical de formas de adoração detalhadas e exteriores, no Antigo Testamento, para as formas flexíveis que expressam a essência da adoração no Novo Testamento é uma questão missiológica e não teológica.

### **O que é a experiência interior e espiritual de adoração?**

Em lugar do extenso argumento que apresento em *Let the Nations Be Glad!*, (Alegrem-se do povos) desejo oferecer apenas um exemplo bíblico de como a Bíblia revela a essência interior da adoração como o *desfrutar da glória de Deus em Cristo* ou o *ser satisfeito com tudo que Deus é para nós em Jesus*. Admito como verdadeiro o fato de que adoração – ou no ato interior do coração, ou no ato exterior de obediência diária, ou no ato de reunião coletiva da congregação – é uma magnificação de Deus. Ou seja, é um ato que mostra conscientemente quão magnífico Deus é. Eu digo “conscientemente” porque a lua e as estrelas mostram quão magnífico Deus é, mas não estão adorando, visto que não têm consciência. A adoração, porém, é um ato consciente (na exterioridade ou na interioridade) que revela ou expressa quão grande e glorioso Deus é. Adoração é conhecer, desfrutar e mostrar a dignidade de Deus.

Um dos textos que revela mais claramente a essência interior da adoração é o de Filipenses 1.20-23:

Segundo a minha ardente expectativa e esperança de que em nada serei envergonhado; antes, com toda a ousadia, como sempre, também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela *vida*, quer pela *morte*. Porquanto, para mim, o *viver* é Cristo, e o *morrer* é lucro. Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor.

Observe que a paixão na vida de Paulo era esta: o que fizesse com seu



corpo, na vida ou na morte, sempre seria adoração – “será Cristo engrandecido” (v. 20). A pergunta, então, é: Paulo nos diz que tipo de experiência interior exalta a Cristo desta maneira? Sim, ele diz. Paulo mostra o que é pela maneira como o versículo 21 está conectado com o versículo 20.

Observe que “vida” e “morte” no versículo 20 correspondem a “viver” e “morrer” no versículo 21. E a conexão entre os dois versículos é que o versículo 21 nos dá o fundamento de como o viver e o morrer podem exaltar a Cristo. “Segundo a minha ardente expectativa e esperança de que... será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte. *Porquanto* [porque], para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro.”

### **A conexão-chave: lucro de morte, Cristo magnificante**

O versículo 21 descreve a experiência interior que exalta a Cristo e é a essência da adoração. Para vermos isto, tomemos apenas este par “morte” e “morrer”. “Minha expectativa é que Cristo será engrandecido no meu corpo... pela *morte*... Porquanto, para mim... o *morrer* é lucro.” Ou seja, Cristo será magnificado em meu morrer, se meu morrer for lucro. Aí está. A experiência interior que magnifica a Cristo no morrer é experimentar a morte como ganho.

Por que é assim? Por que a minha experiência de morte como lucro magnifica a grandeza de Cristo? O versículo 23 dá a resposta: “Tendo o desejo de partir [ou seja, de morrer] e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor”. Isto é o que a morte faz: leva-nos para estar “com Cristo”, ou seja, leva-nos para uma experiência de Cristo mais completa. Partimos e estamos com Cristo; e, isso, diz Paulo, é lucro. E, quando experimentamos a morte dessa maneira, diz Paulo, magnificamos a Cristo; fazemos Cristo parecer magnificante. Experimentar Cristo como lucro em nosso morrer magnifica a Cristo. É a essência da adoração na hora da morte – e na vida (como mostra Fp 3.8).

### **Lucro significa satisfação plena na perda**

Podemos agora dizer que a essência interior da adoração é estimar Cristo como lucro – realmente, como maior lucro do que tudo que a vida possa oferecer – família, carreira, fama, alimento, amigos. A essência da adoração é experimentar Cristo como maior lucro do que tudo que a vida nos possa dar. É o que tenciono dizer com as palavras *desfrutar Cristo, valorizar Cristo, ser satisfeito com Cristo*. Essa é a essência interior da adoração.

Porque, diz Paulo, experimentar Cristo como lucro – a maior satisfação – na morte é a maneira pela qual Cristo é magnificado na morte.

Gosto de resumir o que chamei de “Hedonismo Cristão” com a frase “Deus é mais glorificado em nós quando somos mais satisfeitos nele”. Se você perguntar de onde consegui esta frase, a resposta é: bem aqui em Filipenses 1.20-21. Cristo é magnificado em minha morte, quando estou satisfeito com ele; quando experimento a morte como lucro porque ganho a Cristo. Outra maneira de dizê-lo é que a essência de louvar Cristo é valorizar Cristo. Ele será louvado em minha morte, se em minha morte ele for valorizado acima da vida. A essência interior da adoração é valorizar Cristo – estimá-lo, magnificá-lo e ser satisfeito com ele.

### **Passo seguinte: cultos de adoração são essenciais?**

Ainda não estabelecemos o fato de que o ajuntamento regular do povo de Deus para adoração coletiva é essencial ou normativo. Mas, se pudermos estabelecer essa importância com base na Escritura, a essência interior da adoração moldará profundamente o que fazemos e o que a pregação se destina a fazer. Na pregação, como em todas as outras partes do culto, devemos “seguir de perto a Deus”, significando isto: devemos seguir de perto a *satisfação* em Deus, seguir de perto a Deus como nosso *prêmio* e como nosso *tesouro*, nosso *alimento da alma*, nosso *deleite do coração*, nosso *prazer do espírito*. Porque sabemos, com base em Filipenses 1.20-21 e 3.8, que experimentar Cristo como nosso ganho supremo magnifica-o, exalta-o e o adora, quer seja nas ruas, quer seja no santuário.

Vamos agora ao passo seguinte no argumento: há um fundamento bíblico para crermos que as reuniões regulares de igrejas cristãs locais para adoração coletiva são essenciais para atingirmos o alvo de Deus para seu povo neste mundo?

David Peterson, que ministrava palestras sobre Novo Testamento no Moore Theological College (Sydney, Austrália), lamentou esse desenvolvimento. Ele notou que, em reação contra a distorção da linguagem de adoração como se referindo *apenas* a um ato litúrgico, e não a toda a vida, “muitos parecem ter abandonado qualquer aplicação da linguagem ao que fazemos na igreja. Com esse desenvolvimento, apareceu uma ênfase em reunião para comunhão e encorajamento mútuo, com pouca expectativa evidente de encontro com Deus”. Acessado em 23 de junho, 2017, [http://sydneyanglicans.net/blogs/ministrythinking/a\\_church\\_without\\_worship](http://sydneyanglicans.net/blogs/ministrythinking/a_church_without_worship).

Ver John Piper, “The Inner Simplicity and Outer Freedom of Worldwide Worship”, em *Let the Nations Be Glad!: The Supremacy of God in Missions*, 3rd ed. (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2010), 239-54. (Alegrem-se os Povos - Editora Cultura Cristã.)

Ver nota 2.

## 2 | ADORAÇÃO COLETIVA | BÍBLICA E LINDAMENTE APROPRIADA

Uma vez que o foco deste livro é a natureza e o método de pregar nas reuniões regulares de cristãos para adoração coletiva, é importante explicar por que essas reuniões são essenciais na vida da igreja cristã. No capítulo anterior, argumentei que a essência interior da adoração é ser satisfeito com tudo que Deus é para nós em Cristo ou desfrutar a glória de Deus em Cristo. Ao referir-me à *essência interior* da adoração, tenciono dizer que há mais na adoração do que a sua essência, não menos. Há raízes nessa essência interior, e há ramos. Ambos são essenciais à adoração coletiva.

Na introdução, defini a totalidade de adoração como conhecer, desfrutar e mostrar a suprema dignidade e beleza de Deus – o Deus trino da Escritura cristã. Conhecer a glória de Deus, suas obras e seus caminhos é a raiz da essência interior da adoração. Valorizar (ou desfrutar) as glórias multiformes assim conhecidas é a essência interior. E todas as maneiras pelas quais mostramos exteriormente esse valorizar interior são os ramos da essência interior.

### Argumento baseado na beleza moral

A pergunta neste capítulo é: por que devem as reuniões regulares para adoração coletiva estar entre as muitas maneiras pelas quais mostramos o supremo valor de Deus, por expressarmos exteriormente, em “cultos de adoração”, o que conhecemos e valorizamos a respeito da sua glória? Minha maneira de responder esta pergunta é argumentar que essas reuniões são lindamente apropriadas. Adoto esta abordagem primeiro por causa do precedente que vejo no Salmo 147.1:

Aleluia!

Como é bom cantar louvores ao nosso Deus!

Como é agradável e *próprio* louvá-lo! (NVI)

A palavra traduzida por “próprio” (*n āw āh*) significa “lindo” ou “amável”, como em Cântico dos Cânticos 1.5 (“Eu estou morena e *formosa*”) e 2.14 (“e o teu rosto, *amável*”, cf. 4.3; 6.4). Mas o significado da palavra se moveu de mera beleza física para beleza moral, como

poderíamos dizer: “Esse foi um *lindo* ato de amor e sacrifício”. E, quando o conceito de beleza se afasta do aspecto físico para incluir a dimensão moral ou espiritual da realidade, o significado de “próprio” se torna evidente. Pois, o que é beleza moral, invisível e suprema, senão que algo é exatamente aquilo que deveria ser? A beleza é consonante com a realidade essencial.

Por isso, essa mesma palavra é usada para falar do que é “conveniente”, ou “apropriado”, ou “adequado”, como em Provérbios 17.7: “Ao insensato não *convém* [nāwāh ] a palavra excelente; quanto menos ao príncipe, o lábio mentiroso!” A palavra excelente pode ser linda em algumas pessoas, mas, na boca do insensato, é inadequada, inconveniente, inapropriada, bizarra. É semelhante ao que diz Provérbios 11.22: “Como joia de ouro em focinho de porco, assim é a mulher formosa que não tem discrição”. Algo não se harmoniza. Não é lindo.

### **Justificativa mais profunda que alguém pode oferecer**

Portanto, argumentarei a favor das reuniões regulares para adoração baseado em sua linda propriedade e não apenas no fato de que há precedente bíblico para isso. Propriedade moral na natureza das coisas é a justificativa mais profunda que alguém pode oferecer para qualquer coisa. Se Deus revela que algo é supremamente *apropriado* , ele diz a coisa mais suprema que poderia dizer: e isto se harmoniza com a natureza e os caminhos dele. Em face do que ele é e da maneira como planejou o universo, esta declaração se harmoniza perfeitamente. É bela. E beleza é isto: a qualidade de estar em perfeita harmonia com a maneira como Deus é.

Esta é uma justificativa mais profunda do que o argumento de que adoração coletiva é ordenada por Deus. Antes de a adoração coletiva ser ordenada, ela é lindamente apropriada. Adoração não se torna linda porque é ordenada. Ela é ordenada porque é supremamente linda, ou seja, está em perfeita harmonia com a natureza de Deus e com a maneira como ele criou o homem.

### **Se é apropriado no Antigo, quanto mais no Novo?**

Há boas razões bíblicas que explicam a tradição milenar da maioria das igrejas cristãs de reunirem-se caracteristicamente pelo menos uma vez por semana para adoração coletiva. E a ampla maioria dessas igrejas não têm contestado o uso da palavra *adoração* para descrever o propósito primário

de seu ajuntamento. Isso também possui boa justificativa bíblica.

Vamos começar nosso argumento em favor da linda propriedade da adoração cristã regular e coletiva com a observação de que, se essa adoração era apropriada nos tempos do Antigo Testamento, quanto mais apropriada ela é nos tempos do Novo Testamento, quando temos uma revelação mais plena da glória de Deus em Cristo. Com base no Antigo Testamento, sabemos que Deus ordenou que ele deveria ser adorado coletivamente, não apenas individualmente. É altamente inconcebível que a adoração coletiva seja considerada menos apropriada para o povo de Deus da nova aliança, que possui um conhecimento muito maior do fato que Deus merece todo o louvor na pessoa de Cristo. Seria uma grande anomalia, se descobríssemos que o Deus revelado no êxodo era manifestamente digno de uma assembleia reunida em seu louvor, mas que o Deus que ressuscitou a Jesus não recebeu essa mesma adoração coletiva e pública.

Os salmistas deixam claro que Deus tenciona que seu povo se reúna para adoração coletiva: “Cantar-te-ei louvores no meio da *congregação* ” (Sl 22.22). “De ti vem o meu louvor na grande *congregação* ” (Sl 22.25). “Dar-te-ei graças na grande *congregação* , louvar-te-ei no meio da *multidão* poderosa” (Sl 35.18). “Proclamei as boas-novas de justiça na grande *congregação* ; jamais cerrei os lábios, tu o sabes, SENHOR ... não escondi da grande *congregação* a tua graça e a tua verdade” (Sl 40.9-10). “Bendizeis a Deus nas *congregações* ” (Sl 68.26). “Exaltem-no também na *assembleia* do povo e o glorifiquem no conselho dos anciãos” (Sl 107.32).

Como vimos, um modo de descrever a razão de Deus para levar seu povo a adorá-lo dessa maneira é que isso é “bom”, “agradável” e “apropriado”. “Louvai ao SENHOR , porque é *bom* e *amável* cantar louvores ao nosso Deus; *fica* -lhe *bem* o cântico de louvor” (Sl 147.1). “Exultai, ó justos, no SENHOR ! Aos retos *fica bem* louvá-lo” (Sl 33.1).

Designar os louvores do povo de Deus como “bons”, “agradáveis” e “apropriados” significa que esses louvores em particular e na “grande congregação” não são aleatórios. Não são arbitrários, nem caprichosos. Deus não faz nada que não seja apropriado. O louvor se harmoniza com a realidade essencial, se harmoniza linda e agradavelmente. Essa é a razão por que é “bom”. Há algo sobre a natureza de Deus e a natureza do coração humano (sozinho e na comunidade) que torna a adoração apropriada – adequada, atrativa, conveniente, própria, jubilosa e linda.

Se era apropriado, bom e agradável o povo de Israel bendizer, louvar e

agradecer a Deus por seus livramentos “na grande congregação”, é muito mais apropriado, bom e agradável os cristãos se reunirem para fazer o mesmo. E isso é o que temos feito por dois mil anos.

### **A glória singular que Deus recebe da adoração coletiva**

Outra razão para a adequação da adoração coletiva unificada do povo de Deus é a glória maior que se eleva para Deus procedente da adoração coletiva unificada, comparada à adoração de indivíduos solitários que o adoram sozinhos. Certamente, Deus é glorificado por cristãos individuais cujos corações egoístas foram libertos para valorizarem a Deus acima de todas as coisas. Cada alma conquistada é um troféu da graça soberana (At 18.27) e destinada por Deus “para louvor da glória de sua graça” (Ef 1.6). Toda árvore boa que produz o fruto de louvor é plantada “pelo SENHOR *para a sua glória*” (Is 61.3).

No entanto, há mais da glória divina a ser desfrutada e mostrada na unidade de coração, mente e ação de um povo diversificado em adoração coletiva. Há duas razões, ou seja, duas maneiras pelas quais o Senhor recebe mais glória da adoração coletiva do que da adoração individual.

#### *Glória de vencer mais obstáculos*

Primeira, essa unidade é mais difícil de ser alcançada do que a glória que vem de indivíduos espalhados que louvam a Deus à sua própria maneira. Todo louvor individual genuíno ao Deus verdadeiro é um milagre divino da graça soberana. Contudo, há outro milagre – um milagre maior – quando esses indivíduos são trazidos não somente da morte para a vida, mas também da *desarmonia* do estado de morte para a *unidade* de vida. Logo, é apropriado que o Senhor receba esse louvor unificado, porque é bom, agradável e belo ele ser honrado por causa do poder maior que exerce para criar essa adoração coletiva unificada.

#### *Glória de um novo tipo de beleza*

Segunda, a adoração coletiva unificada entre seres humanos diferentes traz à existência uma beleza que glorifica a Deus e que não existe na adoração apenas individual. Sabemos isto por causa das analogias com as quais estamos familiarizados na vida comum – música, esporte, exército, etc. Na música, há um tipo de beleza que emerge da harmonia de quatro partes entre cantores que é diferente da beleza de sons poderosos em uníssono. Há um tipo de beleza na sinfonia unificada de instrumentos que é diferente da beleza do solo virtuoso.

No esporte, há beleza numa magnífica performance individual de uma

estrela de basquete, mas há uma beleza diferente nas jogadas executadas pelo time como um todo. Há mais beleza quando o jogo “coletivo” sob a cesta complementa a jogada individual. No exército, proezas de heroísmo individual são belas, mas há outra beleza quando grandes movimentos de tropas são orquestrados com precisão impecável e produzem uma vitória para todo o exército.

Portanto, quando seres humanos de etnias, contextos, gostos, expectativas, desejos, prioridades, temperamentos, admirações e necessidades diferentes unem seu coração, mente, voz e ações em adoração consolidada ao Deus único e verdadeiro por meio de Jesus Cristo, vem ao mundo uma realidade que é lindamente *apropriada* – é condizente com o poder e a dignidade de Deus, cuja glória pode ganhar esses louvores humildes e altruístas de um povo diversificado.

### **Coletividade, figuras do povo de Cristo que glorificam a Deus**

Outra realidade que torna a adoração coletiva e habitual do povo de Cristo *apropriada* é a natureza da igreja revelada nas figuras usadas para descrevê-la no Novo Testamento. Tenho em mente palavras como *corpo*, *família*, *noiva*, *rebanho*, *igreja*, *templo*, *casa*, *sacerdócio*, *raça*, *nação*, *propriedade* e *povo*. Cada uma dessas figuras expressa a natureza coletiva do povo de Deus; e cada uma – algumas mais, algumas menos – mostra quão apropriado é que os cristãos se reúnam para adorar a Cristo.

#### *Corpo*

Os gentios são coerdeiros, membros do mesmo *corpo* e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho (Ef 3.6).

Com o remanescente do verdadeiro Israel (Ef 2.12), os crentes gentios são um mesmo “corpo” em Cristo, pelo Espírito. “Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (1 Co 12.13). Há uma ênfase dupla na figura de “corpo” em referência à igreja. Uma ênfase é que nós somos “membros uns dos outros” (Rm 12.5; Ef 4.25). A outra é que Jesus Cristo é “a cabeça do corpo” (Cl 1.18).

Para Paulo, o fato de o corpo ter uma cabeça significa que Jesus deve ser adorado. Colossenses 1.18 prossegue, dizendo: “Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, *para em todas as coisas ter a primazia*”. Em outras palavras, somos instruídos a deixar que nossa identidade coletiva leve nossa mente à cabeça absolutamente



preeminente, Jesus Cristo. Ser o corpo de Cristo significa ser um povo cuja vida, como corpo, é dependente da preeminência da cabeça e planejada para magnificá-la. Portanto, seria inapropriado se esse corpo, em suas expressões locais (1 Co 12.12, 21), não fizesse qualquer esforço para se reunir, como um corpo, para valorizar e louvar a preeminência de sua cabeça, Jesus Cristo.

### *Família*

Na palavra *família*, estou incluindo as figuras de “filhos de Deus” (Jo 1.12; Rm 8.16) e “filhos e filhas” de Deus (2 Co 6.18) e “irmãos” (Mt 23.8; Hb 2.11).

Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da *família* de Deus (Ef 2.19).

Essa figura expressa não somente a realidade coletiva que resulta de sermos uma família, mas também o relacionamento dessa família com Deus e com Cristo. A família tem um único “Pai” (Mt 23.9). Na família, há um “dono da casa” (Mt 10.25). E a família tem um irmão mais velho que é preeminente como “o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8.29). Cada um desses relacionamentos aponta para uma extraordinária adoração em família.

Primeiramente, há a pressuposição de que um Pai deve ser honrado de maneira singular na família: “Honra a teu pai” (Ef 6.2). “Se eu sou pai, onde está a minha honra?” (Mt 1.6). Há, também, a honra maior devida ao senhor da casa: “Se chamaram Belzebu ao *dono da casa*, quanto mais aos seus domésticos?” (Mt 10.25). A lógica desse argumento depende de o senhor da casa ser digno de mais honra do que os membros. Por causa do que sabemos sobre a distância real entre os membros humanos da família e o senhor divino da casa, a honra devida a ele indica uma adoração familiar.

Semelhantemente, Paulo indica a adoração de Cristo entre “irmãos” em Romanos 8.29, quando diz: “Aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, *a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos*”. O propósito (“a fim de que”) da predestinação de todos os membros da família para serem semelhantes ao único e singular Filho de Deus é “que ele seja o primogênito” (*pr ōtotokon*). As implicações disso são explicitadas em Colossenses 1.18: “Ele é o princípio, o *primogênito* [*prōtotokos*] de entre os mortos, *para em todas as coisas ter a primazia*”.

Em outras palavras, a figura de uma família em referência à igreja mostra não somente sua realidade coletiva, mas também a intenção de Deus de que ele e seu Filho (Pai, Senhor, Primogênito) sejam honrados como o doador e protetor da vida, o possuidor e o senhor de tudo, e como absolutamente preeminente. Essa é outra maneira de dizermos que seria inapropriado se a família não se reunisse para experimentar e expressar sua honra ao Pai, o Senhor, e ao Irmão mais velho preeminente.

### *Noiva*

Jesus não é um polígamo. Ele tem uma noiva:

Então, veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a *noiva*, a esposa do Cordeiro (Ap 21.9).

Isso denota uma singularidade admirável e uma identidade coletiva para o povo de Deus. E fica ainda mais claro quando paramos para compreender quão inapropriado é que cristãos individuais, especialmente homens, falem de Cristo como seu marido. Chamar o povo de Cristo de sua “noiva” não tem o propósito de significar um romance com cristãos individuais, e sim liderança, submissão, reverência e amor sacrificial da parte de todo o corpo, coletivamente.

As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja... Cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido. (Ef 5.22-29, 33).

Ao comparar o relacionamento entre a igreja e Cristo, por um lado, com o de uma mulher e seu marido, por outro lado, Paulo não inverte os papéis. Cristo e a igreja não são intercambiáveis. Essa é a razão por que a analogia funciona. Cristo lidera como cabeça (vv. 22-23). Ele se deu a si mesmo na morte (v. 25) para salvar (v. 23), santificar (v. 26), alimentar (v. 29), prover glória (v. 27) para sua noiva. E tudo isto para que ela se submeta alegremente a ele (v. 22) e o reverencie. A palavra traduzida por “respeite” no versículo 33 é a palavra *ph ōb ētai*, que significa comumente “temer”,

mas deve ser, provavelmente, traduzida por “respeitar” ou “reverenciar” neste contexto. Portanto, na figura da igreja como uma noiva, há indicadores importantes da estima, respeito e submissão coletiva que a igreja demonstra por Cristo.

E, da linguagem de Paulo em Efésios 5, fica evidente o seu desejo que vejamos esse relacionamento como de adoração *jubilosa*. Certamente, há reverência e submissão. Mas, envolvendo tudo isso, há este fato: Cristo ama a igreja, entrega-se por ela, santifica-a, purifica-a, remove cada mancha, imperfeição e ruga (juventude eterna!), nutre a igreja, alimenta-a e apresenta-a diante de si mesmo. Se a igreja se visse realmente dessa maneira, seria apropriado que não houvesse nenhuma reunião da igreja para expressar nossa alegria e antecipação da ceia vindoura das bodas do Cordeiro (Ap 19.9)?

### *Rebanho*

Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas. Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá *um rebanho* e um pastor. Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai (Jo 10.14-18; cf. 1 Pe 5.1-3).

Quando todo o rebanho que está espalhado no mundo (Jo 11.52) ouvir a voz do Pastor e for trazido a Cristo, haverá apenas “um rebanho” (10.16). Essa é a ênfase coletiva da figura. Mas a ênfase recai fortemente sobre o poder e a autoridade impressionantes do Pastor – além do poder de todo pastor comum. As ovelhas já lhe pertencem (v. 14), onde quer que estejam no mundo, antes mesmo que venham a ele. “Conheço as minhas ovelhas.” “Tenho outras ovelhas.” A voz de Cristo é irresistível quando ele chama suas próprias ovelhas (v. 16). “Elas *ouvirão* a minha voz.” Este é o significado de suas palavras: “A mim me *convém* conduzi-las”. A voz de Cristo realiza o “conduzi-las”.

Depois, vêm aquelas palavras inconcebíveis de amor e autoridade incomparáveis: “Dou a minha vida” pelas ovelhas (vv. 15, 17). “Ninguém a tira de mim... Tenho autoridade para... reavê-la” (v. 18). Ora, este não é um pastor comum. E a reação desse rebanho não será uma reação comum da parte das ovelhas. Sé é inconcebivelmente maravilhoso que um grande Pastor reúna suas ovelhas de todo o mundo por morrer em favor delas e

ressuscitar dos mortos, então é supremamente apropriado que esse rebanho, com uma única voz, ressoe seus louvores por causa desse amor, autoridade e poder. Sem dúvida, as ovelhas se reunirão frequentemente nos pastos, incapazes de conter sua admiração por tão grande Pastor.

### *Assembleia, igreja*

No Novo Testamento, a palavra mais comum que identifica o povo de Cristo é *ekklēsia*, que, mais de cem vezes, é traduzida por “igreja”. A palavra em português *igreja* não dá, para a maioria de nós, uma pista quanto ao significado de *ekklesia*.

A palavra *ekklesia* significa apenas “assembleia” – um grupo de pessoas reunidas para propósitos seculares ou religiosos. Em Atos 19, ela é usada três vezes em referência a uma assembleia secular (vv. 32, 39, 41). Por que esta foi a palavra escolhida como a referência mais comum para o povo de Cristo no Novo Testamento?

Talvez porque a tradução grega do Antigo Testamento hebraico (chamada Septuaginta e abreviada LXX) preferiu traduzir por *ekklesia* a palavra hebraica relativa ao povo de Israel reunido (*qahal*). Por isso, nove dos dez usos de *qahal* nos salmos são traduzidos como *ekklesia* na Septuaginta. Por exemplo:

Dar-te-ei graças na grande *congregação* [*ekklesia*], louvar-te-ei no meio da multidão poderosa (Sl 35.18; LXX 34.18).

Proclamei as boas-novas de justiça na grande *congregação* [*ekklesia*]; jamais cerrei os lábios, tu o sabes, SENHOR (Sl 40.9; LXX 39.10).

Aleluia! Cantai ao SENHOR um novo cântico e o seu louvor, na assembleia [*ekklesia*] dos santos (Sl 149.1).

Essa conexão entre a palavra mais comum do Novo Testamento referente ao povo de Cristo (igreja) e a palavra do Antigo Testamento referente ao povo de Israel reunido, incluindo as reuniões para culto, significa pelo menos que as conotações de adoração coletiva não estão ausentes na palavra *igreja* (*ekklesia*).

### *Templo, casa, sacerdócio, raça, nação, propriedade e povo*

Por fim, em nossa consideração das figuras da igreja no Novo Testamento, o apóstolo Pedro nos oferece um conjunto de seis figuras (*casa, sacerdócio, raça, nação, propriedade e povo*) que têm conexão explícita com a adoração coletiva.

Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus

eleita e preciosa, também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados *casa espiritual* para serdes *sacerdócio santo*, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo... Vós, porém, sois *raça eleita*, *sacerdócio real*, *nação santa*, *povo de propriedade exclusiva de Deus*, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois *povo de Deus*, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia (1 Pe 2.4 ... 10).

Essa é provavelmente a conexão mais explícita, no Novo Testamento, entre a existência da igreja e os propósitos divinos de adoração coletiva. Pedro diz que os cristãos estão sendo “edificados *casa espiritual* para serdes *sacerdócio santo*, a *fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo*”. Há uma cláusula de propósito explícita que define a razão por que Deus está edificando uma “*casa espiritual [de pedras individuais]*” – ou seja, a igreja. Ele está fazendo isso *para que* eles ofereçam “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo”. Eu não chegaria ao ponto de limitar esses sacrifícios à adoração coletiva, mas as figuras de casa e sacerdócio tornam inconfundível a dimensão de adoração coletiva.

Em seguida, Pedro afirma novamente esse propósito da igreja, no versículo 9, mas com palavras diferentes. “Vós, porém, sois *raça eleita*, *sacerdócio real*, *nação santa*, *povo de propriedade exclusiva de Deus*, a *fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz*”. Aqui, Pedro conecta nossa realidade coletiva como uma nova raça, nosso sacerdócio real, nossa nova etnicidade santa (“nação” – *ethnos*), nosso *status* como propriedade de Deus – conecta tudo com o nosso propósito: proclamar as virtudes de Deus.

A intenção aqui não é argumentar que a palavra “proclamar” é a única na linguagem de adoração coletiva. De fato, gostaria de preservar a implicação de que Pedro *também* tinha em vista a proclamação das virtudes de Deus com palavras e obras para todo o mundo (ver 1 Pe 2.12). Minha intenção é apenas dizer que essa passagem está carregada de figuras e de propósitos da adoração coletiva. Portanto, na mente de Pedro, a própria existência e natureza da igreja apontam para seu chamado para ser um povo adorador. Seria realmente estranho – inapropriado – se essa “*casa espiritual*”, edificada numa unidade coletiva de pedras vivas individuais, para o propósito de oferecer sacrifícios de louvor, nunca se reunisse para fazer isso.

## Falando uns aos outros quando cantamos a Deus

O apóstolo Paulo nos dá outro vislumbre da linda propriedade da adoração cristã coletiva e usual. Ele a expressa com duas exortações:

E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo (Ef 5.18-20).

Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração. E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai (Cl 3.16-17).

Ambas as exortações ordenam que os cristãos cantem “salmos, hinos e cânticos espirituais” uns para os outros e para Deus: “falando *entre vós* com salmos” e “louvando de coração *ao Senhor* ” (Ef 5.19); “aconselhai-vos *mutuamente* em toda a sabedoria, louvando *a Deus*, com salmos” (Cl 3.16). Esse cantar em duas direções – para o homem e para Deus – é o que dá à *adoração* o aspecto de *coletiva* e o que a torna especificamente *adoração* . Se ficássemos tão fragmentados que não pudéssemos ouvir uns aos outros cantando, a adoração não seria *coletiva* . E, se não cantássemos ao Senhor (ou com referência ao Senhor), não seria *adoração* .

## Reunir para edificação, não para adoração?

Este ponto precisa de ênfase porque é exatamente nele que algumas pessoas se voltam para a afirmação superficial de que as reuniões do povo de Cristo no Novo Testamento não tinham o propósito de adoração, e sim de edificação. Elas dizem que as reuniões nunca foram convocadas para serem “cultos de adoração”, como os chamamos hoje. Por isso, é um equívoco designá-las desta maneira – equívoco porque isso não é o que tais reuniões eram e, também, porque essa não é a razão por que devemos nos reunir.

Chamo tal afirmação de superficial por três razões. Uma é que ela não leva muito a sério as palavras de Paulo em Efésios 5.18-20 e Colossenses 3.16-17. Tais textos descrevem claramente pelo menos parte do que acontece quando os cristãos se reúnem e por que se reúnem. Eles se reúnem, entre outras razões, para cantar. E esse cantar é adoração cristã porque eles cantam “ao Senhor [Jesus]”. Argumentar que esse cantar “ao Senhor” é importante apenas por causa de seu efeito nas pessoas que nos cercam é como dizer que falamos obrigado pelos dons apenas para ensinar gratidão

às pessoas, ou que a única razão por que beijamos nossa esposa é instruir os filhos sobre o significado do casamento.

Paulo não está recomendando hipocrisia. Está recomendando – e ordenando – o desfrutar de coração o próprio Senhor – “louvando *de coração* ao Senhor”. Ao Senhor! De coração! Isto é adoração. E também é coletiva.

*Em que estamos edificando as pessoas?*

A segunda razão por que digo que é superficial afirmar que as reuniões do povo de Cristo no Novo Testamento não eram para adoração, e sim apenas para edificação, é que essa afirmação não penetra profundamente no que a edificação é, e nem em como a edificação se relaciona com um foco vertical em Deus. E se *edificar* (*oikodomeō*, “edificar, construir”) for uma descrição de ser edificado “casa espiritual para serdes sacerdócio santo, *a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus* por intermédio de Jesus Cristo” (1 Pe 2.5)? E se *edificar* tiver o significado de ser construído o tipo de pessoa que faz “tudo para a glória de Deus” (1 Co 10.31)? E se *edificar* tiver o significado de construir a pessoa que faz “tudo... em nome do Senhor Jesus” (Cl 3.17)? Em outras palavras, se *edificar* tiver o sentido de ajudar os outros a serem radicalmente centrados em Deus e exaltadores de Cristo?

Quando a ponderamos biblicamente, não é totalmente óbvio que edificação (*oikodomē*) é uma alternativa para adoração. De fato, não é uma alternativa para adoração. Entendida corretamente, edificação é um *ato* de adoração. Adorar é conhecer, desfrutar e mostrar a glória de Deus. Edificação é uma maneira de *mostrarmos* por que e como *conhecemos* e *valorizamos* a Deus.

O esforço para tornar alternativas a edificação e a adoração coletiva enfraquece ambas. Expressões de louvor e agradecimentos a Deus autênticos, baseados na verdade, sinceros e coletivos terão um efeito edificante nos outros, estimulando-os a verem a verdade e a sentirem o valor que outros crentes veem e sentem. Mas terão esse efeito exatamente porque Deus é o foco, não o homem. Do contrário, o louvor e os agradecimentos são insinceros e manipuladores. É precisamente a intensidade e a alegria desse foco voltado para Deus que têm o efeito (edificante) que muda o coração. Se tentarmos dizer que a edificação exige um foco voltado para o homem, e não um contexto de adoração, haverá uma tendência sutil (ou não muito sutil) de tornar a adoração vertical



centrada em Deus em um relacionamento horizontal; e isso enfraquece a adoração coletiva.

De modo semelhante, a edificação é mutilada se for desconectada da adoração. Essa desconexão significa que o alvo da edificação é algo diferente de adoração. Mas não é. Quaisquer que sejam as virtudes que nossos esforços de edificação almejem produzir nos outros (amor, alegria, paz, paciência, bondade, fidelidade, etc.), estas virtudes não serão cristãs se não forem sustentadas por um zelo pela glória de Deus em Cristo – ou seja, a menos que sejam expressões de adoração. A separação de adoração e edificação arruína ambas.

#### *Louvando, agradecendo e edificando em Corinto*

A terceira razão por que eu digo que é superficial a afirmação de que as reuniões do povo de Cristo no Novo Testamento não eram para adoração, mas apenas para edificação é que tal afirmação não lida cuidadosamente com o ensino de Paulo, em 1 Coríntios 12-14, sobre edificação e adoração nas reuniões.

Claramente, Paulo valoriza altamente o *edificar* (*oikodomē*) como o alvo destas reuniões coletivas:

O que profetiza fala aos homens, *edificando*, exortando e consolando (1 Co 14.3).

O que fala em outra língua a si mesmo se edifica, mas o que profetiza *edifica* a igreja (1 Co 14.4).

Quem profetiza é superior ao que fala em outras línguas, salvo se as interpretar, para que a igreja receba *edificação* (1 Co 14.5).

Assim, também vós, visto que desejais dons espirituais, procurai progredir, para a *edificação* da igreja (1 Co 14.12).

Porque tu, de fato, dás bem as graças, mas o outro não é *edificado* (1 Co 14.17).

Seja tudo feito para edificação (1 Co 14.26).

Isso é muito claro. “Seja tudo feito para edificação.” Mas seria superficial concluir disso que o alvo é a edificação e *não* a adoração. Isso é verdade não somente por causa do que já vimos sobre a própria natureza da edificação como uma expressão de adoração, mas também por causa do que Paulo diz explicitamente sobre a relação entre edificação e adoração. Considere 1 Coríntios 14.15-17:

*Cantarei [psallō]* com o espírito, mas também cantarei com a mente. E, se tu *bendisseries* [*eulogēs*, louvar, bendizer] apenas em espírito, como dirá o indouto o amém depois da tua

*ação de graças [eucharistia ]? Visto que não entende o que dizes; porque tu, de fato, das bem as graças, mas o outro não é edificado [oikodomeitai ].*

Aqui, temos um vislumbre da relação entre adoração vertical e edificação horizontal, como Paulo a entende – na verdade, como ele a experimentou. Aquelas reuniões em Corinto incluíam vários tipos de discurso – “a palavra da sabedoria... conhecimento... profecia... variedade de línguas e capacidade para interpretá-las” (1 Co 12.8-10); “de revelação, ou de ciência, ou de profecia, ou de doutrina” (1 Co 14.6). Qualquer dessas formas de discurso incluía louvor e agradecimentos. Isso é o que Paulo diz em 1 Coríntios 14.15-16. Depois, ele pergunta: se você ou eu louvamos e agradecemos a Deus de maneira ininteligível, como alguém dirá “Amém” e como será “edificado” (vv. 16-17)?

Uma coisa é bastante clara aqui. Na mente de Paulo, as causas da edificação incluem expressões verticais de adoração a Deus. “Porque tu, de fato, *das bem as graças* , mas o outro não é *edificado* [se você está falando de maneira ininteligível].” Isso significa que, na mente de Paulo, paixão autêntica por Deus e expressa de maneira inteligível na adoração coletiva, edifica as pessoas; o que, como já vimos, é a coisa mais natural no mundo, se o significado de edificação é conduzir pessoas em direção a uma vida de adoração autêntica, centrada em Deus e exaltadora de Cristo. Pessoas são levadas a serem verdadeiros adoradores por estarem ao redor de verdadeiros adoradores. Isso é verdadeiro até a respeito de incrédulos que vão às reuniões cristãs: “Tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, *adorará a Deus* , testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós” (1 Co 14.25).

### **Adoração coletiva é lindamente apropriada**

De tudo o que vimos neste capítulo, concluo que é lindamente apropriado o povo de Cristo se reunir *regularmente para adoração coletiva* . Por “adoração”, quero dizer uma experiência de *conhecer* , *valorizar* e *expressar* a glória de Deus por meio de Cristo, radicalmente centrada em Deus e exaltadora de Cristo. Há inúmeros bons efeitos que advêm a uma igreja que segue essa prática. Mas esses efeitos advêm precisamente porque não são, eles mesmos, o foco supremo. A adoração deixa de ser adoração onde pastores tentam motivar a adoração para obter outros bons efeitos. Ela terá. Mas não se esses efeitos forem o foco. Os bons efeitos ocorrem quando o foco do culto de adoração é o infinito valor da glória de Deus.

## Quão frequentemente devemos nos reunir para adoração?

Não tenho sido específico a respeito de quão frequentemente a igreja deve se reunir para adoração coletiva, ou por quanto tempo, ou se toda reunião da igreja tem o mesmo e radical foco vertical. Vou apenas tocar nesse assunto, à medida que chegarmos ao final deste capítulo.

Parece que a igreja primitiva se reunia pelo menos uma vez por semana no primeiro dia da semana, o domingo, porque foi neste dia que Jesus ressuscitou dos mortos. “No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade” (1 Co 16.2). A referência a uma coleta para os pobres no primeiro dia da semana aparece na descrição do culto semanal feita no século II por Justino Mártir, que viveu de aproximadamente 100 a 165 d.C. A descrição sugere que aqui Paulo não está falando de um ato privado, e sim de um ato coletivo como parte de uma reunião de adoração. Justino escreveu:

E, no dia chamado domingo [τῇ τοῦ Ἡλίου λεγομένη ἡμέρᾳ ], todos que vivem nas cidades ou na zona rural se reúnem num mesmo lugar, e as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos, até quando o tempo permite. Depois, quando o leitor acaba, o presidente instrui verbalmente e exorta os ouvintes à imitação dessas boas coisas. Em seguida, todos se levantam juntos e oram; e, como dissemos antes, quando terminamos a oração, pão, vinho e água são trazidos, e o presidente oferece, de maneira semelhante, orações e ações de graça, de acordo com sua capacidade; e o povo concorda, dizendo: Amém. Há, então, a distribuição para cada pessoa e a participação naquilo que foi alvo das ações de graças; e aos ausentes são enviadas porções por meio dos diáconos. E aqueles que são prósperos e estão dispostos ofertam o que cada um acha conveniente; e o que é coletado é confiado ao presidente, que socorre os órfãos, as viúvas, aqueles que, por doença ou qualquer outra causa, estão em necessidade, aqueles que estão em prisões e os estrangeiros que peregrinam entre nós. Em resumo, ele cuida de todos os que estão em necessidade.<sup>6</sup>

## Tradição justificada

Portanto, eu diria que dois mil anos de tradição cristã têm sido justificados e que o padrão para as nossas reuniões deve ser pelo menos uma vez por semana, com toda a igreja reunida para focalizar-se intensamente na adoração a Deus por meio de Jesus Cristo. Em tempos de grande despertamento espiritual na história da igreja, a frequência dessas reuniões aumentou. E, além das reuniões de todas as pessoas da igreja para adoração, o Novo Testamento sugere implicitamente reuniões menores em que todos os membros podem se envolver para cumprir os mandamentos de reciprocidade da Escritura. Eu colocaria Hebreus 10.24-25 nesta categoria:

Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima.

É claro que há a expectativa de que não somente em reuniões formais, pequenas ou grandes, mas também na interação diária, os cristãos devem exortar uns aos outros constantemente. “Exortai-vos mutuamente *cada dia*, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado” (Hb 3.13).

### **Apelo por seriedade e alegria voltadas para Deus**

Parece-me que o Novo Testamento deixa amplo espaço para diversidade e flexibilidade em relação à frequência, ao tempo na semana, à duração e ao lugar de reuniões da igreja. Isso é, sem dúvida, intencional, porque há milhares de culturas diferentes ao redor do mundo nas quais Deus quer que a sua igreja seja nativa. Meu apelo é que, entre os objetivos para os quais uma igreja se reúna, ela priorize reunir-se pelo menos semanalmente para adoração coletiva e que esta reunião – pequena ou grande – seja intensamente focalizada na glória de Deus.

Há 168 horas na semana. A maioria dessas horas é gasta focalizando buscas horizontais. Portanto, a maioria das pessoas está desacostumada ao tipo de seriedade jubilosa que torna o foco em Deus espiritualmente possível e profundamente emocionante. Alegria mesclada com seriedade – o peso de glória – é estranha para a maioria das pessoas modernas, a não ser que tenham sofrido muito. Acredito, porém, que este é o nosso alvo – conhecer, valorizar e mostrar a dignidade e a beleza de Deus e seus caminhos. E fazemos isso juntos. Fazemos coletivamente. Porque, em vista da grandeza de Deus, da maravilha de seus caminhos, da natureza de seu povo eleito e das possibilidades de alegria insondável em sua presença, é lindamente apropriado que façamos isso.

### **Da beleza da adoração para os benefícios da pregação**

Agora, voltamo-nos da natureza e propriedade da adoração coletiva para a pergunta: o que é pregação e por que ela deve ser uma parte essencial da adoração coletiva? Como a proclamação das boas-novas no mundo tem seu lugar na adoração realizada pelo povo de Deus? Esse é o foco do capítulo 3, o primeiro capítulo da parte 2.

Justin Martyr, “The First Apology of Justin”, cap. 67, em *The Apostolic Fathers with Justin Martyr and Irenaeus*, ed. Alexander Roberts, James Donaldson e A. Cleveland Coxe, vol. 1, *The Anti-Nicene Fathers* (Buffalo, NY; Christian Literature Co., 1885), 185-86.

**PARTE 2 | POR QUE A  
EXULTAÇÃO EXPOSITIVA É  
INTEGRAL À ADORAÇÃO  
COLETIVA? | PROCLAMAÇÃO,  
HISTÓRIA E TRINDADE**

# 3 | COMO PAULO INTRODUZIU A PROCLAMAÇÃO NA CASA DE DEUS

Se é lindamente apropriado que os cristãos se reúnam para adoração coletiva, o que há na pregação que a torna tão importante para essa reunião? Minha resposta é que a pregação é, ela mesma, adoração e foi designada por Deus para despertar e intensificar a adoração. A pregação faz isso por meio de proclamar a realidade comunicada nas palavras da Escritura, que foram escritas para criar e sustentar a adoração.

Em outras palavras, o pregador *explica* o significado da Escritura e, ao mesmo tempo, *exulta* na realidade que glorifica a Deus existente na Escritura. Exultação sem explicação não é pregação. Explicação sem exultação não é pregação. Portanto, a pregação – *exultação expositiva* – é peculiarmente adequada à adoração cristã coletiva, porque *adoração* significa conhecer, valorizar e mostrar a suprema dignidade e beleza de Deus. A pregação ajuda as pessoas a adorarem na medida em que ela mesma é um ato de adoração. A pregação mostra a suprema dignidade de Deus ao tornar o significado da Escritura conhecido e ao, ao mesmo tempo, por magnificar e expressar as glórias de Deus reveladas nesse significado bíblico.

## O que significa exposição?

A expressão que uso para denotar pregação é *exultação expositiva*. Direi mais sobre o significado de *expositiva* nos capítulos seguintes. Mas pode ser bom oferecer uma breve definição nesta altura. Eis a sua essência nas palavras de John Stott, e isto é o que quero dizer por *exposição*:

Meu argumento é que toda verdadeira pregação cristã é pregação expositiva. Sem dúvida, se por sermão “expositivo” queremos significar uma explicação versículo por versículo de uma longa passagem da Escritura, essa é realmente a única maneira possível de pregar, mas seria um uso errado da expressão. Falando corretamente, “exposição” tem um significado mais amplo. Refere-se ao conteúdo do sermão (verdade bíblica) e não a seu estilo (um comentário sequencial). Expor a Escritura é trazer para fora do texto *o que está lá e expô-lo à visão*. O expositor abre o que parece estar fechado, torna claro o que parece obscuro, desembaraça o que está emaranhado e desenrola o que está fortemente enrolado. O oposto de exposição é “imposição”, que é impor ao texto o que não está lá. Mas o “texto” em questão poderia ser um

versículo, ou uma sentença, ou mesmo uma única palavra. Poderia ser, igualmente, um parágrafo, ou um capítulo, ou um livro inteiro. O tamanho do texto é irrelevante, contanto que seja bíblico. O que importa é o que fazemos com ele. Se é longo ou curto, nossa responsabilidade como expositores é abri-lo de tal maneira que comunique sua mensagem com clareza, nitidez, exatidão e relevância, sem acréscimo, subtração ou falsificação.<sup>7</sup>

Esta definição de *exposição* deixa muito espaço para maneiras diferentes de fazermos o que Stott diz que devemos fazer: “Trazer para fora o que está lá e expô-lo à visão”.

### **Duas qualificações da definição de Stott**

Quero fazer dois esclarecimentos. Um é que o texto não somente pode ser de qualquer extensão, mas também pode ser de qualquer número manuseável. Pode haver mais do que um texto para um sermão. Em outras palavras, a exposição pode ser feita temática e topicamente. Um sermão expositivo pode ser a respeito de morte, ou amor, ou esperança, ou casamento. O que o torna expositivo não é que há um único texto, e sim que a pregação é realmente de textos bíblicos e que seu verdadeiro significado seja “trazido para fora e exposto à visão”.

O outro esclarecimento que desejo fazer é que o conteúdo da mensagem, em sua essência, não é o texto bíblico (que, apesar disso, permanece indispensável em todos os seus detalhes), e sim *a realidade* que o texto está comunicando. Quando Stott diz que o conteúdo do sermão é a “verdade bíblica”, quero assegurar que a palavra “verdade” não se refere apenas às proposições históricas e gramaticais, e sim à realidade que está sendo referida – sua natureza, seu valor e suas implicações para a vida real agora.

Se o texto é “Deus é amor”, o sermão “traz para fora e expõe à visão” a realidade de Deus, a realidade do amor e a realidade do relacionamento entre Deus e o amor expresso pela palavra “é”. A pregação mostra o que essas realidades são, quão valiosas elas são e por quê. A pregação exige as implicações dessas realidades. Tenta mostrar com clareza o valor que tais realidades têm para a vida. Na parte 5, falarei mais sobre o relacionamento entre texto e realidade, mas, neste momento, basta que eu dê uma ideia do que pretendo dizer por *exposição*.

### **Exposição e exultação inseparáveis**

O foco deste capítulo está não em pregação como exposição, e sim em pregação como exultação – ou seja, pregação como adoração – tendo em mente que exposição e exultação nunca são separadas na verdadeira



pregação. É possível alguém fazer exposição de textos nos quais não crê, tampouco exulta. Por isso, não considero a exposição por si mesma como marca definidora da pregação. O Diabo pode fazer exposição bíblica – até mesmo afirmar proposições verdadeiras sobre o significado do texto. Mas o Diabo não pode exultar na glória divina do significado da Escritura. Ele odeia essa glória. Por isso, o Diabo não pode *pregar* – não da maneira como estou definindo pregação.

É claro que entusiastas negligentes que ignoram completamente o significado dos textos podem exultar enquanto pregam, mas não no verdadeiro significado do texto, nem na realidade que está por trás do texto. Portanto, a exultação por si mesma não é marca definidora de pregação. Mas juntas – *exposição*, que deixa claro o que as Escrituras realmente significam, e *exultação*, que valoriza abertamente as glórias divinas desse significado – elas se combinam para tornar a pregação o que ela é.

### Vocabulário de pregação

Para oferecer um fundamento bíblico para a afirmação de que a pregação é *exultação* expositiva, começaremos com o vocabulário de pregação no Novo Testamento.

A palavra *pregar* ocorre muitas vezes no Novo Testamento. Na maioria das vezes, ela traduz as palavras gregas *euangelizomai* (“pregar boas novas”<sup>8</sup>) ou *k ēryss ō* (“pregar” ou “proclamar”). Ambas as palavras se referem mais frequentemente à proclamação pública de uma mensagem para o mundo, não somente para a igreja reunida para adoração.

### Proclamando no mundo – e na igreja

Por isso, Gordon Hugenberger escreve:

“Pregar” é um termo um tanto incorreto como tradução desses dois grupos de palavras. “Pregar” comunica com exatidão a natureza tipicamente pública e autoritária dos vários atos de discurso intencionados por essas palavras, no grego; mas é uma tradução enganosa porque a linguagem comum usa a palavra “pregar” para se referir à entrega formal de sermões dirigidos aos fiéis, enquanto o Novo Testamento usa tanto *k ēryssō* quanto *euangelizomai* para se referir primariamente (embora não exclusivamente) a atividade evangelística dirigida a não cristãos.<sup>9</sup>

Minha resposta a esta observação é mista. Sim, *pregar* se refere hoje a sermões na igreja (e é assim que a usamos); e, sim *k ēryssō* e *euangelizomai*, no Novo Testamento, se referem mais frequentemente à fala pública dirigida a não crentes. Por outro lado, algo sobre o discurso peculiar

envolvido em *kēryssō* e *euangelizomai* pode torná-lo especialmente adequado para a obra de pastores cristãos em levar a Palavra de Deus a seu povo.

Observe atentamente as palavras de Hugenbergger citadas antes entre parênteses – “embora não exclusivamente”. “Tanto *kēryssō* quanto *euangelizomai* para se referir primariamente (embora não exclusivamente) a atividade evangelística dirigida a não cristãos.” Essa concessão é importante, por isso argumentarei que Paulo exemplificou e ordenou realmente o tipo de discurso implícito em *kēryssō* e *euangelizomai* no contexto da igreja reunida, não somente na tarefa pública de pregação evangelística.

O fato de que, no Novo Testamento, *pregar* traduz principalmente *kēryssō* e *euangelizomai* sugere que a pregação é uma forma peculiar de discurso que deriva seu caráter, pelo menos parcialmente, destes atos públicos de proclamação. A pregação não era uma conversa comum. Não era idêntica a ensinar. Tanto *euangelizomai* (“pregar boas novas”) quanto *kēryssō* (“pregar” ou “proclamar”) têm a qualidade de *anúncio*. E, visto que o conteúdo cristão específico do anúncio é as boas novas da obra salvadora de Cristo, com todas as suas raízes e ramificações, a qualidade do anúncio não era reprovação ou indiferença, e sim aclamação e conformação.

Em outras palavras, o fato de que na história da igreja o discurso regular dirigido ao povo de Deus na adoração coletiva tem sido chamado de “pregação” pode, afinal de contas, não ser enganoso ou infeliz. Pode resultar do fato de que as dimensões cruciais de *kēryssō* e *euangelizomai* são essenciais à mensagem sobre as glórias de Deus dirigidas ao povo de Deus em adoração coletiva.

#### *Conotações de euangelizomai*

O tipo de falar implícito em *euangelizomai*, por exemplo, é que o falante é animado não por notícias monótonas, tristes ou desinteressantes, e sim, pelo contrário, por “boas novas”. Captamos o espírito desse tipo de comunicação em textos como estes:

O anjo, porém, lhes disse: Não temais; eis aqui vos trago boa-nova [*euangelizomai*] de grande alegria, que o será para todo o povo: é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor (Lc 2.10-11).

O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar [*euangelisasthai*] os pobres; enviou-me para proclamar [*kēryxai*] libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar [*kēryxai*] o ano aceitável do Senhor

(Lc 4.18-19).

E como pregação, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que *anunciam coisas boas* ! [*euangelizomen ōn* ] (Rm 10.15).

### *Conotações de kēryssō*

O tipo de falar implícito em *kēryssō*, em seu uso geral no século I, era derivado não do foco em boas notícias, e sim da urgência de ser uma comunicação de grande significado da parte de uma autoridade importante. Esta é a suposição que está por trás da pergunta retórica de Paulo: “Como pregação [*kēryx ōsin* ], se não *forem enviados* ?” (Rm 10.15) – ou seja, se não tiverem alguma autoridade importante por trás deles?

Eis novamente o resumo da pesquisa de Hugenberg:

Em seu uso mais amplo e mais geral (embora não o mais comum), *kēryssō* descreve o fazer um barulho alto para ganhar a atenção ou o fazer um anúncio público oral. Por isso, ela pode ser traduzida simplesmente por “proclamar”. Um exemplo bíblico ocorre em Sofonias 3.14 (LXX), onde Israel é ordenado a “gritar” (*kēryssō*) seu jubiloso louvor ao Senhor (cf. também Êx 32.5; Os 5.8; Jl 2.1; Zc 9.9; Ap 5.2).

Um *kēryx* [um arauto] entrega sua mensagem da parte de um rei. A Bíblia oferece inúmeros exemplos deste uso mais restrito do grupo da palavra *kēryssō* (cf., e.g., na LXX, Êx 36.6; 2 Rs 10.20; 2 Cr 36.22; Dn 5.29).<sup>10</sup>

### **Uma maneira incomum de falar**

Portanto, tanto *euangelizomai* quanto *kēryssō*, como as principais palavras que estão por trás do verbo “pregar” no Novo Testamento, descrevem um tipo de discurso que envolve mais do que a transferência de informação ou explicação da verdade que procede de outra fonte. Ambas significam um tipo de discurso que se harmoniza com boas notícias, significado relevante e autoridade importante.

Poderíamos dizer que em ambas existem alegria e severidade. A alegria está em *euangelizomai*; e a severidade está em *kēryssō*. Ambas são sérias. Ambas são importantes. Nenhuma delas é frívola, simplista ou trivial. Se o mensageiro desse a impressão de que suas notícias eram triviais, estaria falando em desarmonia com sua função. Estaria contradizendo seu chamado como alguém comissionado para esse tipo de falar (*euangelizomai* e *kēryssō*).

### **Uso de ensinar em relação a *euangelizomai* e *kēryssō***

Isso é confirmado e esclarecido quando examinamos a relação entre os dois

tipos de falar, por um lado, e *ensinar* (*didaskō/didaskalia*), por outro lado. O que achamos é que pregar (proclamar, anunciar, apregoar) não é idêntico a ensinar. Porém, quanto mais nos focalizarmos no papel da pregação na igreja reunida, tanto mais entrelaçados esses dois tipos de falar parecerão.

Quando ensinar é mencionado com *kēryssō* e *euangelizomai*, é considerado como algo, pelo menos em alguma medida, distinto e adicional a esses dois tipos de falar. Por exemplo:

#### *ensinar* + *kēryssō*

Percorria Jesus toda a Galileia, *ensinando* nas sinagogas, *pregando* [*kēryssōn*] o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo (Mt 4.23).

Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a *ensinar* e a pregar [*kēryssein*] nas cidades deles (Mt 11.1).

Por dois anos, permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara, onde recebia todos que o procuravam, *pregando* [*kēryssōn*] o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, *ensinava* as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo (At 28.30-31).

Para isto fui designado *pregador* [*kēryx*] e apóstolo (afirmo a verdade, não minto), *mestre* dos gentios na fé e na verdade (1 Tm 2.7).

#### *ensinar* + *euangelizomai*

Num daqueles dias, estando Jesus a *ensinar* o povo no templo e a *evangelizar* [*euangelizomenou*], sobrevieram os principais sacerdotes e os escribas, juntamente com os anciãos (Lc 20.1).

E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de *ensinar* e de *pregar* [*euangelizomenou*] Jesus, o Cristo (At 5.42).

Paulo e Barnabé demoraram-se em Antioquia, *ensinando* e *pregando* [*euangelizomenoi*], com muitos outros, a palavra do Senhor (At 15.35).

Talvez seria artificial traçarmos uma distinção precisa entre pregar e ensinar nos exemplos que acabamos de mencionar, embora sejam mencionados separadamente. Digo isso por causa da natureza da realidade da comunicação. Um arauto que cumpre o papel de pregoeiro da cidade pode anunciar com admiração que o rei está oferecendo anistia a todo traidor que se arrepender e jurar fidelidade ao rei. E, quando o arauto diz isso, ele pode dar-se conta, pela expressão na face das pessoas, que tem de explicar o que *anistia*, *traidor* e *fidelidade* significam. Em outras palavras, proclamar e ensinar podem estar necessariamente entrelaçados, ainda que, em geral, os textos que citamos os tratem, em alguma medida, como

distintos.

### Paulo leva a proclamação para a igreja

Essa realidade entrelaçada se torna mais clara quando perguntamos: o Novo Testamento retrata e ordena o “pregar” no contexto da igreja reunida? Pregar – o tipo de discurso implícito em *kēryssō* e *euangelizomai* – deve ser parte do que a igreja faz quando se reúne para adoração coletiva? Se isso é verdade, então, como pregar se relaciona a ensinar?

O apóstolo Paulo pega três palavras que denotam pregar e proclamar em público e aplica-as às reuniões regulares da igreja. Além de *euangelizomai* e *kēryssō*, Paulo considera *katangellō* (traduzido por “anunciar” em várias das suas ocorrências no Novo Testamento) como um tipo de discurso dirigido aos crentes, não somente ao mundo mais amplo de incrédulos. No restante deste capítulo, focalizaremos três passagens em que Paulo faz isso.

*katangellō* : “*Eu anuncio*”

Começamos com *katangellō* – “Eu anuncio”. Paulo diz em Colossenses 1.27-28:

Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória; o qual nós anunciamos [*katangellomen*] , advertindo [*nouthountes*] a todo homem e ensinando [*didaskontes*] a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.

Observe que *anunciar* é o verbo principal, que é, depois, modificado pelos dois participios, *advertindo* e *ensinando*. Isso significa que anunciar não é completamente distinto de ensinar. Em vez disso, ensinar é um aspecto do anunciar de Paulo. Também significa que anunciar era o que Paulo fazia entre os crentes que ele procurava levar à maturidade, não somente entre incrédulos que ele procurava converter.

Isso está implícito nas palavras “nós *anunciamos* ... *ensinando* ... a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo”. Em outras palavras, o alvo é levar crentes à maturidade em Cristo, não somente convertê-los. Nesse texto, o ato principal para realizar o processo de amadurecimento é *proclamação*. *Katangellō* é o verbo principal. Os outros dois verbos (*advertir* e *ensinar*) caracterizam aspectos de como a proclamação é feita. O fato de que estes três verbos (*anunciar*, *advertir* e *ensinar*) estão todos no tempo presente no texto grego original ressalta a obra contínua e incessante entre os crentes.

Esse foco na igreja reunida é confirmado em Colossenses 3.16 pelo uso

das mesmas duas palavras (*didaskontes* e *nouthountes* ) para descrever a maneira de permitirmos que a palavra de Cristo “habite” ricamente em vós [cristãos] – por “instruí-vos e aconselhai-vos [*didaskontes kai nouthountes* ] mutuamente”. E não somente isso, mas Colossenses 1.28 e 3.16 usam a expressão “em toda a sabedoria” para descrever como o ministério da Palavra é feito. Com base nisto, entendo que a obra de Paulo de “anunciar” continuamente, que incluía ensinar e admoestar com “toda a sabedoria”, é pelo menos uma das maneiras que ele acreditava devia empregar ao se dirigir aos cristãos em suas reuniões.

*euangelizomai : “Prego o evangelho”*

Paulo também pega a palavra que significa comumente o anúncio público das boas novas (*euangelizomai* ) e aplica-a ao seu ministério para os crentes dentro da igreja. Nós o vemos em Romanos 1.13-15:

Não quero, irmãos, que ignoreis que, muitas vezes, me propus ir ter convosco (no que tenho sido, até agora, impedido), para conseguir igualmente entre vós algum fruto, como também entre os outros gentios. Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes; por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho [*euangelisasthai* ] também a vós outros, em Roma.

*Que fruto Paulo esperava conseguir?*

É possível que, ao dizer no versículo 13 que esperava “ter entre vós algum fruto, como também entre o resto dos gentios” (tradução minha), Paulo queria dizer que esperava ter alguns gentios convertidos. Mas, dos dez outros usos da palavra *fruto* nas cartas de Paulo, ela nunca se refere a seus convertidos. Há o *fruto* que leva à santificação (Rm 6.22), o *fruto* do Espírito (Gl 5.22), o *fruto* de justiça (Fp 1.11) e o *fruto* de contribuição generosa (Fp 4.17), mas nunca o fruto de convertidos.

Paulo dissera nos versículos imediatamente anteriores: “Muito desejo ver-vos, a fim de repartir convosco algum dom espiritual, para que *sejais confirmados* , isto é, para que, em vossa companhia, reciprocamente *nos confortemos* por intermédio da fé mútua, vossa e minha” (Rm 1.11-12). Seria muito natural entendermos o “fruto” que Paulo esperava conseguir “entre vós” como o fruto de fé mais forte com todos os seus resultados numa vida transformada.

*Como Paulo procurou conseguir este fruto?*

Como Paulo esperava que esse fruto aparecesse? Ele disse no versículo 15: “Estou pronto a anunciar o evangelho [*euangelisasthai* ] também a vós outros, em Roma”. Observe que Paulo estava pronto para anunciar as boas



novas “a vós” (*humin* , dativo), ou seja, aos crentes. Essa seria uma das maneiras pelas quais Paulo esperava “conseguir algum fruto” entre eles.

Paulo pensava sobre o evangelho entre os crentes exatamente isto – a aplicação contínua do evangelho por meio de *anunciar o evangelho* (*euangelizomai* ) era uma tarefa continuamente necessária para transformar e fortalecer os crentes, não apenas para convertê-los. Por exemplo, Paulo escreveu aos Filipenses: “Vivei, acima de tudo, *por modo digno do evangelho de Cristo* ” (Fp 1.27). Em outras palavras, exortação e instrução sobre o modo como o evangelho transforma os cristãos são necessárias para ajudar os crentes a viverem de “modo digno do evangelho”. De modo semelhante, quando Paulo viu, em Antioquia, que a conduta de Pedro não era “*segundo a verdade do evangelho* ”, teve de infundir novamente a Pedro as realidades do evangelho (Gl 2.14).

Portanto, para Paulo, o “fruto” da vida cristã é o modo de viver “*digno do evangelho de Cristo*”. E produzir esse fruto exige não somente *conversão* por meio do evangelho, mas também *pregação incessante dirigida aos crentes a respeito de como o evangelho opera* . Por isso, Paulo disse aos “irmãos” em Roma: “Estou pronto a anunciar o evangelho também *a vós outros* ”.

### **Pregar as boas-novas pertence à igreja**

Portanto, seria incorreto afirmar que, porque no Novo Testamento a palavra *euangelizomai* se refere geralmente à pregação evangelística em público, ela não deve fazer parte de como um pastor procura “conseguir fruto” entre os santos. Pelo contrário, Romanos 1.15 e Colossenses 1.28 apontam na outra direção. Há algo no discurso peculiar envolvido em *euangelizomai* e *katangellō* que faz parte da pregação de pastores dirigida a seu povo já convertido.

Kēryssō : “*Eu proclamo*”

Lembre-se de que *kēryssō* era usada comumente para se referir a uma proclamação pública, em nome de alguém que detinha autoridade significativa sobre um assunto de grande importância. Não era um tipo de comunicação que simplesmente transferia informação ou explicava obscuridades. Era comunicação com um comportamento que sinalizava a importância de seu conteúdo e a autoridade de seu autor. Um arauto (*kēryx* ) que comunicasse por seu comportamento que não honrava seu rei ou que considerava sua mensagem sem valor estava se aproximando de traição. Falar como um arauto era comunicar não somente a verdade, mas também o



valor da mensagem e a majestade da autoridade por trás dela.

### **Pregar é ordenado**

Agora, Paulo usa pela terceira vez essa palavra (*kēryssō*) – com todas essas conotações – para descrever a maneira pela qual a igreja deve ser abordada. Na verdade, desta vez ele não está descrevendo, e sim ordenando. Segunda Timóteo 4.2 é a única passagem do Novo Testamento em que *pregar* (expresso como *kēryssō*, *euangelizomai* ou *katangellō*) é *ordenado* à comunidade de cristãos reunidos. Portanto, esta passagem é singularmente importante para assimilarmos (1) o contexto, (2) o conteúdo, (3) a natureza e (4) a importância da pregação.

Para esclarecer esses quatro aspectos da pregação, o contexto imediatamente mais relevante é 2 Timóteo 3.16-4.4:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra. Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas.

#### *1. O contexto da pregação*

O mandamento de pregar se acha no começo de 2 Timóteo 4.2: “Prega a palavra” (*kēryxon ton logon*). Paulo já havia exortado Timóteo a fazer o possível para manejar “bem a palavra da verdade” (2.15), à semelhança de um guia que *abre um caminho reto* para o viajante (*orthotomounta* – ver usos em Pv 3.6; 11.5). A audiência na mente de Paulo são “os eleitos” (2 Tm 2.10), ou seja, a igreja.

*Pregar a verdade* é uma das maneiras pelas quais Timóteo manejaria “bem a palavra da verdade”. Preparando Timóteo para o mandamento de pregar (em 4.2), Paulo lembra-o de quão confiáveis são as “as sagradas letras”, ou seja, as Escrituras do Antigo Testamento que lhe haviam sido ensinadas desde a infância (3.15). Estas Escrituras “podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus”.

Paulo está dando a Timóteo a razão por que tais Escrituras são eficazes em torná-lo sábio e levá-lo à salvação pela fé em Cristo: elas são inspiradas por Deus.

*Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra (2 Tm 3.16-17).*

Embora a expressão “homem de Deus”, com o pano de fundo de 76 ocorrências no Antigo Testamento, talvez coloque o foco no próprio Timóteo como beneficiário da obra da Escritura em aperfeiçoar e habilitar, a implicação clara é que, se Timóteo manejar corretamente essas Escrituras, não somente ele, mas também o seu povo será transformado. Quando as Escrituras tiverem seu efeito de aperfeiçoar e habilitar em Timóteo, ele será capaz de *abrir um caminho reto* (2.15) para os colegas viajantes em sua igreja.

Portanto, podemos inferir que, ao ordenar a Timóteo: “Prega a palavra” (4.2), o contexto na mente de Paulo é a igreja reunida. Neste ponto, Paulo não está dizendo a Timóteo que faça “o trabalho de um evangelista” (4.5). Está dizendo-lhe que tome as Escrituras e pregue-as para o povo de Deus.

*Pregar para uma igreja vagante.* A audiência da pregação necessita de correção, repreensão, exortação e ensino paciente (4.2b). Aqui é uma referência não a encontros públicos com incrédulos, e sim a encontros regulares com cristãos que precisam de ensino paciente. Depois, nos versículos 3 e 4, Paulo oferece outra razão para Timóteo pregar fielmente a Palavra: aqueles que agora são receptíveis à sã doutrina talvez não o sejam sempre:

Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas.

Paulo não diz que a sua ordem para pregar a Palavra é por causa de multidões de incrédulos que se desviaram para as fábulas. Em vez disso, ele diz que Timóteo deve pregar a Palavra porque a igreja está em perigo de afastar-se da verdade da Palavra de Deus e desviar-se para as fábulas. Pregar tem a finalidade de proteger a igreja.

Concluo, portanto, que o *contexto* para essa pregação é o povo de Deus reunido para ouvi-la. Paulo escolheu uma palavra grega referente à pregação (*k ēryss ō*) que significa comumente proclamar a verdade importante da parte de autoridade elevada no mundo, usando-a para significar o tipo de discurso que a igreja necessita – “prega a palavra”.

## *2. O conteúdo da pregação*

Paulo ordena: “Prega a palavra ” (2 Tm 4.2). O termo *palavra* (*logon* ) não é, nos escritos de Paulo, um termo técnico que se refere a apenas uma coisa. Nas Epístolas Pastorais (1 e 2 Timóteo e Tito), Paulo a usa 20 vezes, referindo-se, por exemplo, a afirmações dignas de aceitação (1 Tm 1.15), “palavras da fé” (1 Tm 4.6), “palavras de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Tm 6.3), ao “padrão das sãs palavras” (2 Tm 1.13), à “palavra de Deus” (2 Tm 2.9) e à “palavra da verdade” (2 Tm 2.15).

Seria incorreto afirmar que “prega a palavra” se referia a qualquer outra coisa, exceto a palavra *da Escritura* mencionada dois versículos antes. A separação de capítulos entre esses versículos é enganosa. Sem a separação, o texto diz: “Permanece naquilo que aprendeste... as sagradas letras... Toda a Escritura é inspirada por Deus... Conjuro-te... prega a palavra” (2 Tm 3.14-4.2). Isto quer dizer: prega a *Escritura* . Toda a Escritura. Ela é totalmente inspirada. É completamente proveitosa. Pode nos tornar sábios para a salvação em Jesus. Conduz a igreja às boas obras.

A *palavra está escrita*. Enfatizando o que é óbvio, mas facilmente esquecido: isso significa que a Palavra a ser pregada veio até nós numa forma escrita – num livro. Na frase “Toda a Escritura é inspirada por Deus”, a expressão “toda a Escritura” (*pasa graphē* ) se refere a todos os *escritos* – as “sagradas letras” (*hiera grammata* ) – aludidos no versículo anterior, ou seja, as Escrituras judaicas, o Antigo Testamento. Isso significa que a preparação para a pregação será, em grande medida, um trabalho num livro. Devemos achar o conteúdo de nossa pregação num livro.

É claro que a pregação não deve ser morta. Não deve ser livresca. Mas tem de ser derivada de um livro. Fiel a um livro. Saturada de um livro. Equilibrada com um livro. Como veremos no devido tempo, a pregação tem de ser dada pelo Espírito, moldada pelo Espírito, guiada pelo Espírito e entregue no Espírito. Mas o Espírito Santo inspirou um livro específico – o Livro –, e se preocupa com o Livro, e vive para exaltar o Cristo do Livro (Jo 16.14). Portanto, o conteúdo de nossa pregação nunca é menos do que uma interpretação fiel desse Livro.

A *palavra inclui o Novo Testamento*. Na passagem, há uma indicação de que a palavra que pregamos não é simplesmente o Antigo Testamento, mas também o Novo Testamento. Observe no versículo seguinte (2 Tm 4.3) a razão que Paulo dá para pregarmos a Palavra: “Haverá tempo em que não suportarão a *sã doutrina* ”. Pregue a Palavra porque a *sã doutrina* não será sempre amada. Ao que se refere essa “sã doutrina”?

O texto de 2 Timóteo 1.13 nos dá a resposta: “Mantém o padrão das *sãs palavras* que de mim ouviste com fé e com o amor que está em Cristo Jesus”. “Sã doutrina”, em 2 Timóteo 4.3, refere-se ao “padrão das *sãs palavras*” transmitidas a Timóteo pelo apóstolo Paulo. “Mantém o padrão das *sãs palavras* que *de mim* ouviste.”

Duas expressões em 2 Timóteo 1.13 contêm implicações enormes para o conteúdo da pregação: “padrão das *sãs palavras*” e “de mim”. Há um padrão de *sã doutrina*. Isso significa que na igreja primitiva havia um corpo desenvolvido e fixo de doutrina (ou ensino) sob o cuidado dos apóstolos; e esse corpo de doutrina estava sendo passado adiante, fielmente, para as igrejas. Isso é o que “de mim” significa em 2 Timóteo 4.3. Paulo e os outros apóstolos eram os guardiões autorizados do “padrão das *sãs palavras*” dadas às igrejas.

*Bom depósito, sãs palavras, forma de doutrina, todo o desígnio.* Podemos ver este corpo de doutrina em várias outras passagens, em diferentes expressões. Em 1 Timóteo 6.20 e 2 Timóteo 1.14, Paulo aconselha a Timóteo: “Guarda o *bom depósito* [t ēn kal ēn parath ēk ēn ]”... “que te foi confiado”. Em Romanos 6.17, Paulo diz: “Graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à *forma de doutrina* [t úpon didach ēs ] a que fostes entregues”. Em Atos 20.26-27, Paulo disse aos presbíteros da igreja de Éfeso: “Estou limpo do sangue de todos; porque jamais deixei de vos anunciar *todo o desígnio de Deus* [pasan tēn boulēn tou theou ]”.

As quatro expressões (“bom depósito”, “padrão das *sãs palavras*”, “forma de doutrina” e “todo o desígnio de Deus”) apontam para um corpo emergente e unificado de doutrina que Jesus prometera seria dado às igrejas: “O Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.... ele vos guiará a toda a verdade” (Jo 14.26; 16.13). Este corpo de doutrina fixo e unificado, dado pelo Espírito, Paulo o chamou de “sabedoria de Deus” em 1 Coríntios 2.7, e disse que ela foi comunicada às igrejas por meio dos apóstolos “em palavras... ensinadas pelo Espírito” (1 Co 2.13).

Este é o corpo coerente de verdade que foi reunido no livro que chamamos de Novo Testamento.<sup>41</sup> Junto com as Escrituras do Antigo Testamento, às quais Paulo se referiu em 2 Timóteo 3.16, o Novo Testamento forma a Palavra completa, à qual Paulo, por implicação, estava se referindo quando disse: “Prega a palavra”.

### 3. A natureza da pregação

A justaposição da palavra que denota “proclamar” em 2 Timóteo 4.2-3 (“prega a palavra”, *k ēryxon ton logon* ) com a referência à “sã doutrina” (*hugiainous ēs didaskalias* ) no versículo seguinte, revela algo crucial sobre a natureza da pregação. “*Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não... com... doutrina [didachē]*. Pois haverá tempo em que não suportarão a *sã doutrina* .” Não devemos ignorar o significado e as diferentes implicações de cada uma destas palavras: “prega” (*kēryxon* ) e “doutrina” (*didaskalias* ).

Faz parte da própria natureza do caso que a proclamação da palavra da Escritura tenha de envolver procedimentos de ensino significativos.<sup>12</sup> As realidades proclamadas precisam ser iluminadas. Os textos bíblicos que usamos têm de ser explicados. Também faz parte da própria natureza do caso – e do vocabulário que Paulo usa (*katangell ō, k ēryss ō, euangelizomai* ) – que essa doutrina venha regularmente na forma de proclamação, ou seja, pregação.

A mensagem do pregador, o arauto, não é meramente um conjunto de fatos a serem entendidos. É uma constelação de glórias a serem valorizadas. É, às vezes, uma tempestade de horrores da qual se deve fugir. Qualquer pensamento de que a mensagem de um pregador deve ser entregue como uma explicação desconexa falha em compreender o significado da frase de Paulo: “*Proclame a palavra!*”, ou: “*Pregue as boas novas!*”, ou: “*Proclame Cristo*”. Pregar é tanto ensinar com exatidão quanto proclamar de coração. É *exultação expositiva* .

### A importância da pregação

Até agora nosso exame de 2 Timóteo 3.16-4.4 considerou a parte mais admirável da passagem. Digo “mais admirável” porque não há outra semelhante a ela em nenhum outro lugar na Escritura. Estou me referindo a 2 Timóteo 4.1, que forma a introdução para a ordem “prega a palavra”. Não conheço qualquer outra ordem bíblica que possua uma introdução tão extensa, tão exaltada e tão intensificadora como essa (embora 1 Timóteo 5.21 se aproxime<sup>13</sup> ).

Paulo introduz a ordem – “prega a palavra” – no versículo 2 com cinco intensificadores que a antecedem. Cada um deles foi escolhido para fortalecer, aprofundar e acentuar a importância da ordem de pregar. Duvido que alguém tenha exagerado a seriedade que Paulo está procurando

despertar nesta passagem:

Conjuro-te,  
perante Deus e Cristo Jesus,  
que há de julgar vivos e mortos,  
pela sua manifestação e pelo seu reino:  
prega a palavra.

### *Introdução incomparável*

1. “*Conjuro-te...*” A palavra é *testificar* com um prefixo que a intensifica e acrescenta importância (*diamarturomai*). Devemos lembrar que Paulo está introduzindo uma ordem de pregar. Mas ele usa a expressão “testifico solenemente” em sua exortação. O que significa “testifico solenemente... prega a palavra”? Observe que ele não diz: “*Ordeno* solenemente... prega a palavra”. A palavra *testifico* parece dar a entender que ele está falando num ambiente de tribunal e que há coisas sublimes em risco. *Testifico* sugere que Paulo viu e ouviu algo e que não está simplesmente expressando sua opinião. Ele está testificando de algo que viu e ouviu. E esse encontro de ver e ouvir o deixou tão solene e realista que essa lista de intensificadores é o resultado.

2. “*perante Deus...*” “Conjuro-te [testifico solenemente] *perante Deus* .” Agora, obtemos um vislumbre da mente de Paulo quanto ao ambiente no qual ele dá esta ordem-testemunho: “Prega a palavra”. Ele está na presença de Deus. Está ciente da atenção especial e íntima que Deus está dando ao seu testemunho. A implicação é que Deus foi aquele que autorizou essa ordem. É um testemunho porque vem com a autorização direta da parte de Deus. Paulo está testificando sobre o fato de que Deus está por trás da ordem. Deus está observando de perto para ver que ela está sendo entregue. Não há uma autorização mais elevada, nem um observador mais elevado da entrega deste testemunho: “Testifico a você *na presença de Deus* .”

3. “*e Cristo Jesus...*” “Testifico a você na presença de Deus e de *Cristo Jesus* ...” Acrescentar Cristo Jesus aos que estão presentes à entrega do testemunho solene de pregar a palavra não torna maior a autoridade. Não há autoridade mais elevada do que Deus. Entretanto, multiplica realmente as pessoas que têm um papel importante naquilo que está sendo pregado. Deus é o autor da Palavra que deve ser pregada. E Jesus Cristo é o centro da história da Palavra. Se você quer deixar Timóteo solene quando lhe ordena a pregar a Palavra, diga-lhe que a ordem está sendo dada na presença do *autor* e do *assunto* de toda a pregação – na verdade, de toda a realidade.

4. “*que há de julgar vivos e mortos...*” “Testifico a você na presença de Deus e de Cristo Jesus, *que há de julgar vivos e mortos.*” Das centenas de coisas que Paulo poderia ter dito sobre Jesus, ele disse isto: Jesus há de julgar vivos e mortos. Por quê? A razão parece ser que, no âmbito da pregação, os riscos são mais elevados do que quaisquer recompensas ou ameaças nesta vida. Na pregação, estamos lidando com pessoas e realidades que são amplamente maiores do que este mundo. A existência, as recompensas e as punições das pessoas transcendem esta vida. Cristo está ativo neste mundo, governando o viver. Cristo é – e sempre será – ativo além deste mundo, lidando com justiça para com os que morreram. Essa pessoa gloriosa é inevitável na vida e inescapável na morte. Mais cedo ou mais tarde, todos se encontrarão com ele como juiz. Esses são os grandes assuntos da pregação. Paulo quer que sintamos este fardo.

5. “*pela sua manifestação e pelo seu reino...*” “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, *pela sua manifestação e pelo seu reino ...*” Cinco das seis ocorrências da palavra *manifestação* (*epiphaneian*) no Novo Testamento estão nas Epístolas Pastorais. Referem-se pelo menos uma vez ao aparecimento histórico de Jesus na encarnação (2 Tm 1.10) e pelo menos duas vezes à futura segunda vinda de Cristo (1 Tm 6.14; Tt 2.13). As outras duas poderiam se referir a uma ou outra das anteriores, incluindo este texto (2 Tm 4.1, 8). Talvez a ambiguidade seja intencional. Você ama a manifestação de Jesus (passada e futura, 1 Tm 4.8)? E sente a importância, para a pregação, da manifestação de Deus mesmo na história (passada e futura)?

É o mesmo que dizer isto: “Pregador, guarde isto em mente, você proclama a mensagem da vinda do rei do universo” – aquele que veio uma vez não para julgar, mas para salvar (Jo 3.17), e virá outra vez, para julgar. Nestes dias, quando você é chamado a pregar (entre as duas manifestações de Cristo!), ele pode parecer distante porque ainda não veio. Mas estou lhe dizendo que deve pregar sabendo isto – e nunca esquecendo isto – ele já se manifestou e se *manifestará* de novo.

Quando Cristo retornar, será rei, e seu reino será estabelecido publicamente. Ele não dirá mais: “O meu reino não é deste mundo” (Jo 18.36). Ele reinará abertamente e sem oposição. Todos os seus adversários serão lançados nas trevas exteriores (Mt 22.13; 25.30). Eles não serão mais um fator a ser levado em conta. E toda a verdade que você tiver pregado será vindicada publicamente. E todos aqueles que a rejeitaram por causa de



coceira nos ouvidos serão envergonhados.

Portanto, Timóteo, uma vez mais, “eu testifico solenemente na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: pregue a palavra”. Esse tipo de introdução extensa, exaltada, intensificadora à ordem de *pregar a Palavra* é extraordinário. Portanto, pregar – esclarecer e proclamar, *exultação expositiva* – é de importância extraordinária.

*Nenhuma reunião é semelhante à adoração cristã*

No capítulo anterior, argumentei com base na Escritura que é lindamente apropriado os cristãos se reunirem regularmente para adoração coletiva – ou seja, que se reúnam para *mostrar* coletivamente que *conhecem* o Deus trino e o *valorizam* acima de todas as coisas. Neste capítulo, focalizei a natureza da pregação tendo em vista mostrar por que este tipo de discurso é tão importante nas reuniões regulares para adoração coletiva. Mais especificamente, o foco esteve na maneira como o apóstolo Paulo levou um tipo público de comunicação – proclamar, anunciar, apregoar – para dentro da igreja e o tornou um servo do ministério da Palavra em benefício dos crentes.

Por que isto aconteceu? Minha resposta é que Paulo foi atraído a moldar a pregação desta maneira pela propriedade e harmonia interior da pregação com a natureza de Deus, a natureza da Escritura e a natureza da adoração coletiva. *Deus* é supremamente belo e valioso. A *Escritura*, como a Palavra inspirada de Deus, tem o alvo de despertar e sustentar o verdadeiro conhecimento de Deus, para que possamos desfrutar dele e exibi-lo ao mundo. E a *adoração coletiva* é uma expressão visível e unida desse conhecimento, desfrute e exibição.

Quando estas realidades transformaram o apóstolo Paulo, ele percebeu que o tipo de discurso apropriado à igreja reunida em adoração era singular. Não havia no mundo nenhuma outra reunião como esta: um povo de propriedade exclusiva de Deus (1 Pe 2.9), eleitos antes da fundação do mundo (Ef 1.4), destinados a serem semelhantes ao Filho de Deus (Rm 8.29), comprados com sangue divino (At 20.28), inocentados e aceitos diante do tribunal do céu (Rm 5.1; 15.16), uma nova criação na terra (2 Co 5.17), habitados pelo Criador do universo (1 Co 6.19), santificados pelo corpo de Jesus (Hb 10.10), chamados à glória eterna (1 Pe 5.10), herdeiros do mundo (Rm 4.13; 1 Co 3.21-23), destinados a reinar com Cristo (Ap 3.21) e julgar os anjos (1 Co 6.3). Nunca tinha havido uma reunião semelhante a essa. Era

incomparável na terra.

Não somente a reunião era singular. O Livro também era. Toda a verdade gloriosa sobre o povo de Cristo reunido foi preservada e revelada num livro e num “depósito” apostólico que se tornaria a completude do Livro. O Deus, o Livro e o povo congregado sob a autoridade do Deus revelado no Livro eram incomparáveis. Não havia nenhum Deus, nenhum Livro, nenhum povo como este. Paulo viu e reconheceu que o ajuntamento deste povo seria marcado por um tipo de comunicação que não era como qualquer outra comunicação. Isso incluía pregação.

*Nenhuma comunicação é semelhante à pregação*

Quando Paulo anunciou as insondáveis riquezas de Cristo, declarou as boas novas de grande alegria e proclamou a mensagem reconciliadora do Rei supremo, percebeu que esse tipo de proclamação, anúncio e apregoação não podia ser descartado quando aquele povo extraordinário, em sujeição ao Deus extraordinário, revelado no Livro extraordinário, se reunisse para adoração. As riquezas da glória, a bondade das novas, a importância da verdade e a autoridade por trás de tudo isso não se tornavam menos relevantes, porque estavam sendo faladas no meio daquele povo reunido. Pelo contrário, se tornavam mais relevantes.

Portanto, Paulo não somente *foi um modelo* de proclamar Cristo e anunciar as boas novas para o povo de Deus, mas também *ordenou* que as Escrituras inspiradas por Deus fossem proclamadas na igreja: “Prega a palavra” (2 Tm 4.2). Mas estou enfatizando que essa ordem (testemunho) não foi arbitrária, e sim constrangida pela propriedade e harmonia que Paulo sentiu entre a natureza de Deus, a Escritura e a adoração, por um lado, e o tipo de falar exigido, por outro lado.

Paulo viu que a qualidade de proclamação, anúncio e apregoação do seu falar público em favor do Cristo ressurreto continha uma dimensão de celebração, afirmação exuberante e maravilha. Incluía um reconhecimento humilde de que a mensagem se originava não com o arauto, e sim com o seu Rei. A autoridade por trás de sua mensagem não era dele mesmo, e sim de seu Soberano. E a glória e o valor da mensagem eram diretamente proporcionais à glória e ao valor do Rei. Portanto, o mensageiro não poderia ser indiferente à mensagem sem ser indiferente ao Rei. Isso era tão inconcebível como o não valorizar um tesouro infinito.

*Pregar também é lindamente apropriado*

Portanto, nada era mais apropriado do que o fato de que a apresentação, a

explicação, a contemplação e a aplicação da mensagem do Rei entre seu povo viesse com *exultação*. Essa propriedade está por trás da transposição de Paulo da proclamação ao mundo para a pregação na adoração. Ele percebeu que a pregação como *exultação expositiva* é peculiarmente apropriada à adoração cristã coletiva. Porque a adoração coletiva é o visível e unificado conhecer, valorizar e mostrar a suprema dignidade e beleza de Deus. A pregação se harmoniza com esse ajuntamento, porque isso é o que a pregação é. A pregação mostra a suprema dignidade de Deus por abrir a Escritura para tornar conhecidas as glórias de Deus, enquanto estima-as como supremamente valiosas. Exultação expositiva serve à adoração coletiva por adorar Aquele que ela mostra ser digno de adoração.

#### *Mais profundo do que Paulo*

Este capítulo focalizou as implicações do uso do vocabulário de Paulo referente a pregação (*katangellō*, *kēryssō*, *euangelizomai*). Paulo deu expressão imperativa à convicção, na igreja primitiva, de que o caráter de anúncio e o caráter de proclamação dessas palavras devem ser introduzidos na casa de Deus. Vimos que a proclamação da Palavra de Deus envolve medidas de ensino significativas. Os textos bíblicos usados têm de ser explicados. As realidades anunciadas têm de ser iluminadas. Mas a mensagem do pregador nunca é um simples corpo de fatos que devem ser esclarecidos. É uma constelação de glórias que devem ser valorizadas. O pensamento de que a mensagem de um pregador pode ser entregue como uma explicação desconexa falha em compreender o significado do uso que Paulo fez da frase “*Pregue a palavra!*”, ou “*Pregue as boas novas!*”, ou “*Proclame Cristo!*” Pregar é tanto ensinar com exatidão quanto proclamar com o coração. É exultação expositiva.

As raízes da pregação como um ato de adoração são mais profundas do que os usos que Paulo fez de *katangellō*, *kēryssō* e *euangelizomai*. Penetram na providência de Deus na história e na maneira como Deus planejou que a Escritura, a fé e a glória criem um povo à imagem de seu Filho. São raízes que se estendem até à natureza trinitária e eterna de Deus. A essas raízes nos voltaremos nos dois capítulos seguintes.

John Stott, *Between Two Worlds: The Art of Preaching in the Twentieth Century* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1982), 125-26; ênfase acrescentada.

A ESV traduz *euangelizomai* por várias expressões, incluindo “pregar” (e.g., At 5.42; 1 Co 9.18), “anunciar o evangelho” (e.g., Lc 9.6; Rm 1.15), “pregar as boas novas” (e.g., At 8.12; Rm 10.15) e “trazer boas novas” (e.g., Lc 1.19; 2.10).

G. P. Hugenberger, “Preach”, em *The International Standard Bible Encyclopedia*, rev. ed., ed. Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979-1988), 941.

Ibid., 942.

Quanto a uma consideração mais ampla a respeito de “Quais livros e palavras compõem a Escritura cristã”, ver a seção com esse título em John Piper, *Uma Glória Peculiar: Como a Bíblia se Revela Completamente Verdadeira* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2017), 51-115.

É claro que outras palavras, além de *doutrina*, são usadas nas Epístolas Pastorais para descrever como o pastor fala ao seu povo. O pastor deve exortar (1 Tm 5.1), recomendar (2 Tm 2.14), declarar (Tt 2.15), repreender (1 Tm 5.20), ajudá-los a aprender (Tt 3.14) e mais. Não estou fazendo qualquer afirmação de que essas ações devem ser diminuídas ou negligenciadas. Estou argumentando em favor da importância da pregação e não da irrelevância de outras exortações bíblicas. Essas têm seu lugar ao lado da pregação e como parte dela.

“Conjuro-te, perante Deus, e Cristo Jesus, e os anjos eleitos, que guardes estes conselhos, sem prevenção, nada fazendo com parcialidade” (1 Tm 5.21).

# 4 | QUATRO RAÍZES DA LINDA PROPRIEDADE DA EXULTAÇÃO EXPOSITIVA NA ADORAÇÃO

O argumento do capítulo anterior não foi simplesmente que o apóstolo ordenou a pregação como parte da adoração coletiva da igreja, mas também que ele fez isso por causa de uma subjacente adequabilidade ou harmonia entre a pregação, por um lado, e a natureza de Deus, a sua Palavra e a adoração, por outro lado. Se o argumento mais profundo em favor da adoração coletiva apresentado no capítulo 2 foi que “aos retos *fica bem* louvá-lo” (Sl 33.1), então o argumento mais profundo em favor da pregação foi, no capítulo 3, que a pregação *fica bem* à adoração.

A ordem de pregar não torna a pregação lindamente apropriada. A beleza da adequação cria o mandamento. “Prega a palavra” (2 Tm 4.2) não é uma exortação arbitrária. Ela ordena a pregação nas reuniões do povo de Deus porque a pregação é um aspecto *apropriado* da adoração coletiva. É uma propriedade que flui da natureza de Deus e do homem, da maneira como Deus governa o mundo e da maneira como ele transforma seu povo.

O alvo deste capítulo é prover mais apoio a essa afirmação. Focalizarei quatro raízes da propriedade da pregação na adoração cristã. Primeiramente, há as raízes históricas da pregação cristã no Antigo Testamento e no culto da sinagoga. Em seguida, vem a propriedade que emerge das relações entre (2) a pregação e a Escritura, (3) a pregação e a fé, (4) a pregação e a transformação humana.

## 1. Raízes históricas da pregação cristã

Como a maioria dos arranjos de Deus no mundo, a presença da pregação na adoração coletiva dos primeiros cristãos não emerge do nada, como se harmonia e propriedade fossem a única causa. Raízes e precedentes históricos prepararam o caminho. De fato, é *apropriado* que seja assim, visto que Deus é não somente o Deus que penetra na história através de Jesus Cristo, mas também o Deus que prepara as circunstâncias para essa penetração por meio de sua providência na história. O que apresentamos em seguida é uma descrição simplificada das raízes históricas da pregação cristã na adoração.

### *Esdras, exposição e adoração*

Conforme Neemias 8.5-8 demonstra, já no Antigo Testamento aparece um tipo de exortação baseada na Escritura em um contexto de adoração do povo de Israel reunido.

Esdras abriu o livro à vista de todo o povo, porque estava acima dele; abrindo-o ele, todo o povo se pôs em pé. Esdras bendisse ao SENHOR , o grande Deus; e todo o povo respondeu: Amém! Amém! E, levantando as mãos; inclinaram-se e adoraram o SENHOR , com o rosto em terra.... e os levitas ensinavam o povo na Lei; e o povo estava no seu lugar. *Leram no livro* , na Lei de Deus, claramente, *dando explicações* , de maneira que entendessem o que se lia.

Vemos aqui um “livro” divinamente autorizado (v. 5), a “Lei” (v. 7). Em seguida, vemos que os levitas auxiliaram Esdras: “Leram no livro” (v. 8). Depois, eles deram “explicações” do que leram e ajudaram o povo a entender (v. 8). Por fim, vemos que tudo aconteceu no contexto de adoração: Esdras bendisse a Deus; o povo disse: “Amém! Amém!; levantaram as mãos e inclinaram-se com o rosto em terra (v. 6).

### *Importância da sinagoga*

Como um exemplo isolado de leitura das Escrituras, seguida de explicação, no contexto de adoração, este não seria relevante ao nosso propósito. Mas este exemplo não é isolado. Tornou-se o padrão na emergente adoração na sinagoga judaica durante os quatro séculos entre o Antigo e o Novo Testamento. Edwin Charles Dargan, em sua obra *A History of Preaching* , ressalta isto:

A voz da profecia ficou calada por muitos anos, esperando a vinda do Prometido, o alvorecer de uma nova era. Durante aquele período, a adoração dos judeus teve um desenvolvimento muito importante, um desenvolvimento especialmente significativo na história da pregação. Foi a exposição exortativa das Escrituras Sagradas em conexão com os cultos da sinagoga... Vemos, assim, que houve uma base claramente definida para a pregação cristã no discurso sagrado daquele povo do qual, na ordenação divina dos eventos, o cristianismo se originou.<sup>14</sup>

De acordo com isso, quando o Novo Testamento começa, encontramos Jesus entrando na sinagoga no início de seu ministério e seguindo o mesmo padrão de leitura e “explicação” da Escritura:

Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito:

O Espírito do Senhor está sobre mim,  
pelo que me ungiu

para evangelizar os pobres;  
Enviou-me para proclamar libertação aos cativos  
e restauração da vista aos cegos,  
para pôr em liberdade os oprimidos,  
e apregoar o ano aceitável do Senhor.  
Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele. Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir (Lc 4.16-21).

### *Padrão em Atos*

O mesmo padrão se acha em Atos dos Apóstolos. Por exemplo, Atos 15.21 diz: “Porque Moisés tem, em cada cidade, desde tempos antigos, os que o pregam [*kēr ýssontas aut òn* ] nas sinagogas, onde é lido todos os sábados”. Aqui temos não somente a leitura de Moisés, mas também a sua *proclamação* na sinagoga. Esse é um precedente admirável para o que Paulo ordenou à igreja com a mesma palavra especializada (*k ēr ýss ō*). “Prega [*k ēr ýxon* ] a palavra” (2 Tm 4.2).

Depois, vemos o próprio Paulo usando o padrão da sinagoga para apresentar Jesus como o Messias. Em Antioquia da Pisídia, de acordo com Atos 13.14-16:

Mas eles... [Paulo e Barnabé] indo num sábado à sinagoga, assentaram-se. Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da sinagoga mandaram dizer-lhes: Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação para o povo, dizei-a. Paulo, levantando-se e fazendo com a mão sinal de silêncio, disse: Varões israelitas e vós outros que também temeis a Deus, ouvi.

Esse era o padrão com o qual, sem dúvida, Paulo crescera em Tarso e do qual fez uso repetidas vezes em sua pregação itinerante, à medida que ia de cidade em cidade. A Escritura é lida, e uma palavra de explicação e aplicação é dada. E isso era feito regularmente no sábado como parte das reuniões normais de adoração dos judeus (At 13.14; 18.4).

Portanto, eu concludo, com Dargan, que o padrão cristão de exposição da Escritura no contexto da adoração coletiva usual tem suas raízes no padrão da sinagoga judaica, cujas raízes são ainda mais profundas no Antigo Testamento. A leitura das Escrituras e a *proclamação* de Moisés (At 15.21) no culto comum da sinagoga não deve surpreender-nos, porque as glórias do cristianismo não procedem originalmente de Jesus e dos apóstolos. Estas práticas têm suas raízes no Antigo Testamento. Deveríamos, portanto, esperar que algo como a *exultação expositiva* surgisse na sinagoga e em suas ramificações cristãs.



### *Providência, história e pregação*

Usando novamente as palavras de Dargan: “Houve uma base claramente definida para a pregação cristã no discurso sagrado daquele povo do qual, na ordenação divina dos eventos, o cristianismo se originou”.<sup>15</sup> Em outras palavras, a providência de Deus na história de Israel e na igreja cristã é a explicação suprema do surgimento da pregação cristã tanto historicamente arraigada quanto lindamente apropriada à adoração cristã. Mas essa propriedade da pregação para adoração coletiva tem suas raízes mais profundas do que os providencialmente ordenados precedentes históricos da sinagoga. Agora, voltemo-nos para essas raízes.

## **2. A pregação e a Escritura**

Vimos no capítulo anterior que, quando Paulo ordenou a Timóteo: “Prega a palavra” (2 Tm 4.2), o vocábulo “palavra” se referia a nada menos do que a toda Escritura, incluindo, por implicação, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento.<sup>16</sup> Paulo acabara de dizer: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil” (2 Tm 3.16). A sentença seguinte culmina com “Prega a palavra” (2 Tm 4.2).

Em exortar o pregador, desta maneira, a *proclamar as Escrituras*, Paulo sugere que os pregadores devem se tornar porta-vozes de Deus em realizar o propósito para o qual Deus inspirou e preservou a Bíblia. Em *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural*, argumentei que a própria Escritura mostra que seu alvo supremo para o leitor e o pregador é que a dignidade e a beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna por parte noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação. E, sem dúvida, “adoração” aqui não está limitada a cultos de adoração, como argumentei na introdução deste livro. Adoração inclui todas as maneiras, no tempo e na eternidade – individual, coletiva e cosmicamente – pelas quais essa nova humanidade em Cristo conhece, desfruta e mostra a beleza e a dignidade de Deus.

### *O alvo da Escritura é o alvo da pregação*

Visto que Paulo nos ordena pregar a Escritura, a natureza e o alvo da Escritura ditam, portanto, a natureza e o alvo da pregação. Tanto a Escritura quanto a pregação almejam a adoração e são adoração. Tanto a Escritura quanto a pregação *ensinam* a verdade da glória e da dignidade de Deus. E ambas reverberam com mais do que ensino, ou seja, com o *valorizar* a Deus. O coração do pregador e o coração do Autor e dos autores da

Escritura transbordam com o valor infinito do que revelam. A Escritura comunica a *explicação* da beleza e da dignidade de Deus, bem como a *exultação* de seus autores ao perceberem essa dignidade e beleza. A Escritura é sempre verdadeira; jamais é neutra.

Portanto, a pregação – cujo alvo é a mesma adoração suprema que a Escritura almeja – *explica* a glória e a dignidade de Deus, *exultando* na glória e na dignidade de Deus. A pregação procura ser sempre verdadeira e nunca se permite ser neutra a respeito de realidades estupendas. O pregador fala como um agente humilde e autêntico da Escritura. O pregador almeja se tornar o que a Escritura almeja produzir. O pregador tem o alvo de ser um exemplo tangível da adoração que a Bíblia procura (Jo 4.23). E, depois, ele procura abrir sua boca e tornar a glória de Deus na Escritura tão clara e tão bela quanto ele puder. Pela graça que lhe é dada pelo Espírito Santo, o pregador se dedica à exultação expositiva.

*A Escritura e a pregação têm o alvo de adoração e realizam adoração*

Portanto, é claro que a pregação se encaixa perfeitamente na adoração coletiva. A pregação é adoração e busca a adoração porque é fiel à Escritura. A Escritura é inspirada por Deus a fim de gerar, nutrir e levar à consumação final a adoração fervorosa por parte da noiva de Cristo, comprada por sangue e formada de pessoas de cada povo, língua, tribo e nação. A pregação é planejada por Deus para proclamar as Escrituras e promover seu propósito. Logo, o alvo da pregação é adoração – ou seja, a pregação almeja trazer à existência e sustentar um povo que conhece, desfruta e mostra a glória e a dignidade de Deus.

A pregação não contradiz seu próprio alvo tornando-se indiferente às glórias da Escritura. A pregação almeja a adoração por ser ela mesma um ato de adoração. Visto que a pregação esclarece a verdade, ela preza o valor da verdade. Enquanto explica, ela exulta. O pregador estremece ante a perspectiva de ser acusado com as palavras de Jesus: este pregador “honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Mt 15.8). O coração do pregador não está longe do fogo da verdade de Deus. Está tão próximo que é inflamado. Ele é uma lâmpada que arde e ilumina (Jo 5.35).<sup>17</sup> Arde com exultação. Ilumina com exposição.

### **3. A pregação e a fé**

Outra maneira de mostrar que a pregação tem um lugar perfeito na adoração é que seu alvo é a fé, que é tencionada por Deus para manifestar a sua

glória. A fé é a exigência primária da aliança de Deus exatamente porque nos humilha e intensifica a confiabilidade e a suficiência plena de Deus.

Repetidas vezes, Paulo associa a pregação – em especial a palavra *proclamação* (*kērygma*) – à *fé* como seu alvo. Por exemplo:

E como *crerão* naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem *pregue* [*kēryssontos* ]?... Assim, a *fé* vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo (Rm 10.14, 17).

Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que *creem* pela loucura da *pregação* [*kērygmatos* ] (1 Co 1.21).

A minha palavra e a minha pregação [*kērygma* ] não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa *fé* não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus (1 Co 2.4-5).

Portanto, seja eu ou sejam eles, assim *pregamos* [*kēryssomen* ] e assim *crestes* (1 Co 15.11).

E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação [*kērygma* ], e vã, a vossa *fé* (1 Co 15.14).

*Por que a fé é o alvo da pregação?*

Sem dúvida, podemos dizer, com base nestas passagens, que o alvo da pregação é gerar e sustentar a fé em Deus e em Jesus Cristo. Se perguntamos por que a fé é tão proeminente no plano de Deus para seu povo, a resposta é fácil de ser achada. Devemos *viver* pela fé (Gl 2.20) – ou seja, fazer tudo na dependência de Deus para tudo o que necessitamos – porque a confiabilidade e a plena suficiência de Deus são magnificadas desta maneira. Agir com fé atrai a atenção para o poder, a misericórdia, a bondade e a sabedoria de Deus. A fé glorifica a Deus. Isso é evidente em toda a Escritura.

Paulo ressalta o fato, por exemplo, em relação à fé exercida por Abraão em Romanos 4.20: “Não *duvidou* , por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela *fé* , se fortaleceu, dando *glória* a Deus”. Quando confiamos em Deus para fazer o que não podemos fazer (como ter um filho quando o homem está com 100 anos de idade e sua esposa é estéril), glorificamos a Deus. Quando confiamos em Deus para ser o poder determinante por trás de toda a nossa obediência (como no caso de todos os santos listados em Hebreus 11, que obedeceram “pela fé”), magnificamos a grandeza de Deus.

Este é o ensino de Pedro em 1 Pedro 4.11: “Se alguém serve, faça-o *na força que Deus supre* [ou seja, por confiar em Deus quanto ao seu agir decisivo em e por meio de nosso servir], *para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo* ”. Em outras palavras, Deus é

glorificado quando servimos pela fé em seu poder sempre presente. Esta é a razão por que a fé é essencial em nosso relacionamento salvífico com Deus. Ela o glorifica. A fé nos faz vê-lo como ele realmente é – digno de confiança, forte, gracioso e sábio. A fé é a raiz essencial da adoração.

#### *O que a incredulidade diz sobre Deus*

Essa verdade é salientada na Escritura por mostrar as implicações do oposto da fé, a incredulidade. Por exemplo, em Números 14.11 Deus fala a Moisés: “Até quando me *provocará* este povo e até quando *não* crerá em mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio dele?” Em outras palavras, não crer, não confiar em Deus, apesar de todas as evidências de seu favor e poder, equivale a desprezá-lo. Isso é o oposto de glorificá-lo.

Ou, novamente, Deus falou a Moisés e a Arão: “Não *crestes* em mim, para me *santificardes* diante dos filhos de Israel” (Nm 20.12). Em outras palavras, não crer na promessa de Deus é o mesmo que profanar sua santidade. É o oposto de glorificá-lo. Poucas coisas que podemos dizer a alguém são mais desonrosas ou mais ofensivas do que “Eu não confio em você”. Isso é especialmente verdadeiro em relação a Deus.

Ao explicar por que os líderes judeus não podiam crer nele, Jesus disse: “Como podeis *crer* , vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?” (Jo 5.44). Em outras palavras, a fé é totalmente contrária a preferirmos a glória do homem acima da glória de Deus. Um amor pela glória de Deus e a experiência de fé autêntica e salvadora surgem juntos no coração. Amar a glória de Deus e confiar nele são inseparáveis. A fé é a fonte da adoração.

#### *A fé é mais do que confiar em Deus para obter bênçãos*

De fato, o âmago da fé salvadora é uma percepção espiritual e valorizadora da beleza da glória de Deus em Cristo. A fé vê e, imediatamente, experimenta – percebe e, no mesmo instante, valoriza – a verdade e a beleza supremas de Cristo no evangelho. Eis como Paulo afirmou isto: “O deus deste século [Satanás] cegou o entendimento dos *incrédulos* , para que lhes *não resplandeça* a luz do evangelho da *glória* de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2 Co 4.4). Mas, quando Deus resplandece “em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4.6), a fé acontece. Há uma percepção que valoriza a glória de Cristo no evangelho. Vemos e, ao mesmo tempo, experimentamos. Conhecemos e amamos. Contemplamos e abraçamos.

Em João 6.35, esta foi a maneira como Jesus descreveu: “Eu sou o pão da

vida; o que *vem* a mim jamais terá fome; e o que *crê* em mim jamais terá sede”. Observe a correspondência entre *vir* para satisfazer a fome e *crer* para satisfazer a sede. Fome e sede referem-se ao mesmo vazio da alma. Crer e vir são o mesmo ato da alma. *Crer* em Jesus significa *vir* a ele para saciar a sede e a fome de nossa alma. A fé em Cristo significa ficar satisfeito com tudo que Deus é para nós em Jesus.

*Pregar visando a fé é pregar visando a adoração*

Eis o propósito da pregação: Paulo deixou claro que a pregação tem como alvo despertar, sustentar e fortalecer a fé. A essência da fé é ver, desfrutar e ficar satisfeito com tudo que Deus é para nós em Jesus. Quando nós, pregadores, experimentamos a essência da fé *na* pregação, e nosso povo a experimenta *por meio da* pregação, nós e eles magnificamos a preciosidade e a dignidade de Deus. Essa fé glorifica a Deus. E isso é adoração – adoração da parte do pregador e da parte do povo. E todas as ações que essa fé desperta, sustenta e guia se tornam adoração em todas as áreas da vida.

Isso é o que a pregação visa despertar e sustentar. O alvo da pregação – em qualquer assunto, em qualquer texto – é esse tipo de fé. A pregação almeja despertar na alma uma satisfação com tudo que Deus é para nós em Jesus, porque esta satisfação magnifica a glória toda-suficiente de Deus, e isso é adoração. Portanto, a pregação é apropriada quando o povo de Deus se reúne para adoração.

#### **4. Pregação e transformação**

Quando o pregador tem como alvo despertar e nutrir fé vibrante para a glória de Deus, ele está ciente de que a fé é o grande meio pelo qual Deus muda os crentes em pessoas amáveis e abnegadas. Eis como Paulo fez a conexão entre crer em Cristo e amar pessoas: “Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor” (Gl 5.6). Primeiro, há a fé salvadora que nos justifica e nos une a Cristo. Depois, essa fé, no poder do Espírito Santo, nos liberta do medo e da cobiça que matam o amor. A fé “atua pelo amor”.

Este comportamento altruísta, amoroso e sacrificial é a linda conduta que Jesus e Pedro dizem que levam outras pessoas a verem e glorificarem a Deus (Mt 5.16; 1 Pe 2.12). Portanto, a fé não somente glorifica a Deus por mostrá-lo como digno de confiança, sábio e poderoso; também glorifica a Deus por atuar “pelo amor”, e isso leva as pessoas a verem e admirarem a glória de Deus. Por conseguinte, a pregação, cujo alvo é a fé, também visa às manifestações públicas da glória de Deus na nova conduta dos cristãos.

### *Tornando-se glorioso por contemplar a glória*

Mas o objetivo desta seção é apresentar uma maneira diferente pela qual Paulo viu a conexão entre a pregação e a transformação moral do viver cristão. Esta maneira diferente de ver a conexão entre a pregação e a transformação também está vinculada à glória de Deus e deixa ainda mais claro que o ato de pregar é, em si mesmo, uma maneira de adorar e uma parte importante da adoração cristã coletiva.

Estou pensando aqui na pregação como o retrato de Cristo com palavras tão vívidas, que Paulo falou sobre os efeitos dessas palavras como o *ver* a própria glória de Cristo – um ver tão poderoso que transforma aquele que vê. A passagem-chave é 2 Coríntios 3.18, e o contexto é crucial para notarmos a conexão com a pregação.

Paulo escreveu: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2 Co 3.18). Logo veremos isto mais de perto. Primeiramente, observe que esta não é a única passagem em que Paulo enfatizou o efeito transformador de *ver* a Cristo.

#### *“Ante cujos olhos” Cristo foi crucificado!*

Em Gálatas 3.1, Paulo disse: “Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, *ante cujos olhos* foi Jesus Cristo exposto como crucificado?” Paulo os chamou de insensatos porque pareciam estar se afastando do evangelho. O fato de que Paulo ficou perplexo – deviam estar enfeitiçados – mostra quão profundamente ele acreditava que *ver* a Cristo crucificado transforma as pessoas. Em minha *pregação*, disse Paulo, vocês viram, diante de seus olhos, Cristo crucificado!

Richard Longenecker está correto em dizer: “A expressão ‘Cristo crucificado’ era, nos lábios de Paulo, uma forma abreviada do evangelho (cf. 1 Co 1.23; 2.2; também 1 Co 1.13; 2.8; 2 Co 13.4)”.<sup>18</sup> Este era o âmago da pregação de Paulo: “Nós pregamos [*kēryssomen*] a Cristo crucificado” (1 Co 1.23). “Decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Co 2.2). Por isso, quando Paulo disse em Gálatas 3.1: “Ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado”, ele queria dizer que isso acontecia quando ele pregava “Cristo crucificado”. A pregação tem o alvo de apresentar a Cristo de uma maneira que um “ver” espiritual aconteça – um ver tão poderoso que os expectadores-ouvintes sejam “transformados” na própria imagem de Cristo.



### *Pregando e contemplando a glória*

No contexto de 2 Coríntios 3.18, a ligação com a pregação está em 2 Coríntios 4.5. Perceber essa ligação é crucial. Lembre-se que as divisões de capítulo não são originais e, muitas vezes, são enganosas. Isso é verdadeiro aqui. A sentença que segue 2 Coríntios 3.18 diz: “Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos” (2 Co 4.1). “Este ministério” refere-se ao ministério sobre o qual ele estava falando desde o começo de 2 Coríntios 3 – o “ministério do Espírito” (v. 8) e o “ministério da justiça” (v. 9). “Este ministério” vem com “maior glória” (v. 8) do que a glória que a aliança mosaica tinha – e “em muito maior proporção” (v. 9).

Parte dessa glória superior é “a glória do Senhor” que contemplamos em 2 Coríntios 3.18, a glória que nos transforma quando a vemos. Por isso, 2 Coríntios 4.1 não é o começo de um novo tema. É sobre o “ministério do Espírito” que vem com “maior glória” – a glória do Senhor, que transforma quando contemplada (3.18). O que Paulo enfatiza em 2 Coríntios 4.1-3 é que, ao lidar com a “palavra de Deus” concernente a esta glória, ele não a adultera. Em vez disso, Paulo é totalmente aberto e sincero com ela. A “palavra de Deus” é uma “manifestação da verdade” (v. 2).

É o Diabo, e não Paulo, quem oculta as coisas: “Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século [o Diabo] cegou o entendimento dos incrédulos” (2 Co 4.3-4). A paixão de Paulo é revelar a glória de Cristo em sua pregação. A paixão de Satanás é ocultá-la. O alvo de Paulo é que seus ouvintes possam contemplar “a glória do Senhor” (2 Co 3.18).

A conexão com a pregação é mostrada com clareza em 2 Coríntios 4.4-5:

Nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da *glória de Cristo*, o qual é a imagem de Deus. Porque não nos pregamos [*kēryssomen*] a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.

Podemos observar as conexões entre 2 Coríntios 3.18 e 4.4. Ambos os versículos se referem a ver, ou contemplar, a glória de Cristo, ou do Senhor. Em 2 Coríntios 3.18, Paulo está labutando para revelá-la; e, em 4.4, Satanás está ocultando-a. Duas coisas deixam claro que o esforço de Paulo para revelar a glória de Cristo é por meio de sua pregação. A primeira é a referência ao “evangelho” em 4.4. Paulo se refere a “resplandeça a luz do *evangelho da glória de Cristo*”. Em outras palavras, a glória de Cristo é



vista na história do evangelho. Quando o evangelho é pregado, a glória de Cristo é “exposta” (Gl 3.1) publicamente na crucificação e na ressurreição.

A outra observação que mostra a ligação entre a pregação de Paulo e a revelação da glória de Cristo é a palavra explícita que se refere à proclamação em 2 Coríntios 4.5. A glória que o Diabo procura ocultar, nós proclamamos, nós *pregamos*. “Não nos *pregamos* [proclamamos, *kēryssomen*] a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor.” Aqui Paulo usa de novo a palavra mais importante em referência a *proclamar*. O Cristo crucificado é o Senhor ressuscitado. Nós o proclamamos!

Portanto, com base no fluxo do pensamento de Paulo em 2 Coríntios 3.18-4.5, concluo que a afirmação crucial sobre transformação em 3.18 é uma descrição do que Deus tenciona que aconteça por meio da pregação: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”. Paulo inclui a si mesmo (“Todos nós”), porque ele também tinha de ver a glória do Senhor para ser transformado. Entretanto, a maneira de Paulo estender aos outros a sua própria experiência de *contemplar* é expondo Cristo crucificado (Gl 3.1) e pregar a Cristo como Senhor (2 Co 4.5).

#### *Pregando, contemplando, adorando*

O que estou tentando argumentar aqui é que a pregação é supremamente apropriada à adoração coletiva, porque é singularmente adequada por Deus para revelar a glória de Cristo com o propósito de transformar pessoas mediante essa glória. Adoração autêntica sempre envolve certa medida dessa transformação. Do contrário, somos hipócritas. Portanto, a adoração autêntica sempre envolve a revelação da glória de Deus em Cristo.<sup>19</sup> A proclamação da “palavra de Deus” com uma “manifestação da verdade” (2 Co 4.2) foi a maneira como Paulo realizou essa revelação e como ele ordenou que o façamos: “Prega a palavra” (2 Tm 4.2).

#### *O ver que desperta adoração*

Mais uma observação crucial é necessária antes de deixarmos esta seção. Contemplar “a glória do Senhor” (2 Co 3.18) não pode significar apenas ver o que o olho natural pode ver ou o que os olhos do Diabo podem ver. Paulo disse que, se os poderosos deste século tivessem visto verdadeiramente a glória do Senhor, “jamais teriam crucificado o Senhor da glória” (1 Co 2.8). Paulo explicou em seguida: “O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque

elas se discernem espiritualmente” (1 Co 2.14).

“Elas se discernem espiritualmente” significa que sua verdadeira beleza e valor são discernidas com a ajuda do Espírito Santo. O “homem natural” pode ver muitas coisas admiráveis sobre Jesus. Judas certamente as viu. Mas o homem natural não pode “discernir” a beleza e a dignidade atraentes de Jesus. O evangelho de Cristo é loucura para o homem natural e não a sua maior riqueza. Para ele, Cristo não é o tesouro oculto no campo pelo qual vendemos tudo para obtê-lo (Mt 13.44); não é a pérola de grande valor (Mt 13.46). Cristo não é a “sublimidade” que, por comparação, faz todas as outras coisas parecerem refugio (Fp 3.8). Sobre esse “ver”, Jesus disse: “Vendo, não veem” (Mt 13.13).

Mas, quando Paulo fala sobre contemplar “a glória do Senhor” para que sejamos transformados por ela, de glória em glória, ele está se referindo ao discernimento espiritual de 1 Coríntios 2.14. Está se referindo a ver com os olhos do coração (Ef 1.18). Está falando sobre saber como nos convém saber (1 Co 8.2). Está falando sobre o milagre de “compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento” (Ef 3.18-19). Paulo quer dizer, como Pedro disse, não apenas servir a Cristo, mas experimentá-lo – “se é que já tendes a *experiência* de que o Senhor é bondoso” (1 Pe 2.3). Paulo diz que isso é “pelo Senhor, o Espírito” (2 Co 3.18). Isso é um milagre.

#### *Pregação tem de ser adoração*

O caráter sobrenatural de ver a glória do Senhor significa que a pregação cujo alvo é transmitir este contemplar miraculoso e transformador deve ter, ela mesma, contemplado a glória. Não podemos ter como alvo aquilo que nem mesmo podemos conceber. Mas o homem natural não tem concepção do contemplar espiritual da glória de Cristo. Portanto, a pregação tem de ser espiritual – “pelo Senhor, o Espírito”. E isso significa que o pregador deve ter desfrutado essa glória. Deve saber como convém saber (1 Co 8.2). Precisa discernir espiritualmente. O pregador deve considerar tudo mais como refugio. Ele tem de renunciar tudo pelo tesouro e pela pérola (Lc 14.33). Isso significa que, ao pregar sobre o tesouro, ele está entesourando. Quando exhibe a pérola, está valorizando. Quando convida outros para o banquete, está saboreando a refeição. Se não fosse assim, ele seria um “homem natural” hipócrita e inadequado para o ministério.

Portanto, “pregue a palavra” significa mostre a glória de Deus como

supremamente valiosa, para que as pessoas possam contemplá-la, valorizá-la e sejam transformadas. Isso significa que o *alvo* do pregador deve ser a adoração e que ele deve *viver* a adoração. Ele deve exibir e experimentar o valor de Cristo. O pregador tem de explicar e exaltar. Ele deve tomar sobre si o jubiloso fardo da exultação expositiva.

### **Presente para o povo de Deus**

O que vimos neste capítulo é que a ordem de Paulo “pregue a palavra” (2 Tm 4.2) não é arbitrária. Está arraigada na linda adequação da exultação expositiva como parte da adoração cristã. Na providência de Deus que sempre é sábia, a pregação cristã se desenvolveu do culto na sinagoga, onde Moisés era proclamado todos os sábados (At 15.21). No magnífico desígnio de Deus a respeito de como a sua igreja deve conhecer, crer em e ser semelhante ao Filho de Deus, Deus ordenou que a pregação abra a Escritura, desperte a fé e revele a glória de Deus. Em cada um desses objetivos, o resultado planejado é adoração. A pregação é um presente precioso para a igreja – um presente lindamente apropriado para o povo adorador de Deus.

Em seguida, veremos aquilo que talvez seja a razão mais admirável por que a pregação é lindamente apropriada ao alvo supremo do universo, ou seja, que Deus seja adorado pelo que ele é. Veremos as raízes trinitárias da exultação expositiva.

Edwin Charles Dargan, *A History of Preaching*, vol. 1 (New York: Hodder & Stoughton, 1905), 20-21.

Ibid.

Ver cap. 3.

Quanto a uma meditação sobre João 5.35 e as implicações de “arder” e “iluminar” para a pregação, ver Jonathan Edwards, “The True Excellency of a Minister of the Gospel”, em *Sermons and Discourses*, 1743-1758, ed. Wilson H. Kimnach and Harry S. Stout, vol. 25, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 2006), 82-102.

Richard N. Longenecker, *Galatians*, vol. 41, World Biblical Commentary (Dallas: Word, 1998), 101. Às vezes, Paulo se refere à glória de Deus na face de Cristo (2 Co 4.6) e, às vezes, à glória de Cristo que é a imagem de Deus (2 Co 4.4). Esta é uma única glória, não duas, e podemos, às vezes, fazer referência a ela como a glória de Deus e, outras vezes, como a glória de Cristo.

## 5 | AS RAÍZES TRINITÁRIAS DA EXULTAÇÃO EXPOSITIVA

Temos mais um passo a dar na recomendação da linda propriedade da pregação na adoração coletiva. Com este passo, mostramos que as raízes da exultação expositiva derivam-se das insondáveis riquezas do ser do Deus trino e sua existência eterna. Estou sugerindo aqui que a razão suprema por que a pregação é apropriada na adoração é que sua singularidade como forma de comunicação se harmoniza com a natureza de Deus que *conhece* e *desfruta* a si mesmo na Trindade, desde toda a eternidade.

Embora talvez não seja correto dizer que Deus *adora* a si mesmo, porque a palavra denota geralmente um ser menor exultando em um ser maior, as raízes da adoração humana se acham na maneira como o Pai, desde toda a eternidade, *conhece* o Filho extensivamente e à maneira como eles *desfrutam* um ao outro supremamente. Em última análise, nós adoramos da maneira como o fazemos por conhecermos a verdade e valorizarmos a beleza e a dignidade, porque Deus conhece e valoriza a si mesmo desta maneira. E, conforme penso, isso estaria implícito nas palavras de Jesus, se pudéssemos penetrá-las até o fundo, quando ele disse que o Pai está buscando pessoas para adorá-lo em *espírito* e em *verdade* (Jo 4.23).

### Como Jonathan Edwards entendia a Trindade

Penso que a concepção de Jonathan Edwards sobre a Trindade é biblicamente correta e maravilhosa. Acho suas implicações convincentes para a propriedade da pregação na adoração. Posso apenas apresentar alguns de seus pensamentos aqui, mas recomendo que todo pastor leia o seu “Ensaio sobre a Trindade”. Essa não é uma recomendação irrealista, visto que o ensaio tem apenas 30 páginas<sup>20</sup> e pode ser achado gratuitamente online. Podemos ficar surpresos com os textos bíblicos que Edwards arregimentou para essa concepção reconhecidamente filosófica. Começemos onde ele termina – um sumário de suas conclusões.

Isto, eu suponho, é aquela bendita Trindade sobre a qual lemos nas Escrituras sagradas. O *Pai* é a Deidade subsistindo na maneira mais elevada, não originada e mais absoluta ou a Deidade em sua existência direta. O *Filho* é a Deidade gerada pelo entendimento do Pai, ou tendo uma ideia de Si mesmo, e subsistindo nessa ideia. O *Espírito Santo* é a Deidade subsistindo em ato, ou a essência divina fluindo e sendo soprada no infinito amor de Deus para e em deleite de Si

mesmo. E, eu creio, toda a essência divina subsiste verdadeira e distintamente tanto na ideia divina quanto no amor divino e que, portanto, cada um deles são pessoas propriamente distintas.<sup>21</sup>

## **Geração eterna do Filho**

Em outras palavras, o Filho existe eternamente em Deus “tendo uma ideia de Si mesmo” – um conhecimento de si mesmo que carrega uma tal plenitude do ser divino que a ideia se manifesta como uma Pessoa divina em si mesma, plenamente Deus. Visto que isso parece totalmente estranho e inadequado para muitas pessoas, ouçamos o esforço de Edwards para ajudar-nos a compreendê-lo:

Se um homem pudesse ter uma ideia absolutamente perfeita de tudo que se passou em sua mente, de todas as séries de ideias e exercícios perfeitos, em cada aspecto, quanto a ordem, grau, circunstâncias, etc., em referência a qualquer espaço específico de tempo passado – suponha a última hora – ele seria realmente, em todos os intentos e propósitos, de novo, o que foi na última hora. E, se fosse possível a um homem, por meio de reflexão perfeita, contemplar tudo que está em sua própria mente em uma hora, como realmente é e ao mesmo tempo que está lá, em sua existência inicial e direta; se um homem tivesse um reflexo perfeito ou uma ideia contemplativa de cada pensamento no mesmo momento ou momentos em que o pensamento existiu e de cada exercício em e durante o mesmo tempo que o exercício aconteceu, e isso durante uma hora inteira, esse homem seria realmente dois. Seria duplo. Seria dois ao mesmo tempo: a ideia que ele tem de si mesmo seria ele mesmo de novo.<sup>22</sup>

Portanto, quando Deus, com perfeita clareza, plenitude e força, entende a si mesmo, vê sua própria essência (na qual não há distinção de substância e ato, mas é totalmente substância e totalmente ato), essa ideia que Deus tem de si mesmo é absolutamente ele mesmo. Essa representação da natureza e essência divina é a natureza e a essência divina novamente. De modo que, por meio do pensar de Deus na Deidade, [a Deidade] tem certamente de ser gerada. Por meio disso, há uma nova pessoa gerada; há um outro infinito, eterno, todo-poderoso, santíssimo e mesmo Deus, a própria e mesma natureza divina.<sup>23</sup>

E esta pessoa é a segunda pessoa da Trindade, o Filho de Deus unigênito e muito amado do Pai. Ele é a ideia eterna, necessária, perfeita, substancial e pessoal que Deus tem de si mesmo. E o fato de que é assim mesmo me parece ser confirmado abundantemente pela Palavra de [Deus].<sup>24</sup>

Alguma estranheza quanto a esse ponto de vista pode ser diminuída se lembrarmos textos como estes:

Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser (Hb 1.3).

Este é a imagem do Deus invisível (Cl 1.15).

Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus (Fp 2.6).

A luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus (2 Co 4.4)

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (Jo 1.1).

Em determinado sentido, o Filho de Deus é o reflexo de Deus, o Pai. Desde toda a eternidade, Deus tem uma ideia perfeitamente clara e plena de todas as suas perfeições. Ele tem uma “imagem do Deus invisível”. Essa imagem de Deus é tão completa e perfeita, que é, de fato, a manifestação de Deus, o Filho, como uma pessoa por si mesmo.

Portanto, o Filho de Deus não é criado ou feito. É coeterno com o Pai. É, portanto, dependente do Pai como a imagem original, mas não inferior em qualquer atributo divino, porque ele é uma imagem completa e viva das perfeições do Pai. Isto é, sem dúvida, um grande mistério – como uma ideia, ou reflexo, ou imagem do Pai pode realmente ser uma pessoa por si mesmo. Não presumo que eu seja capaz de tornar o infinito exaustivamente compreensível.

### **Processão eterna do Espírito**

A terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo, tem existido eternamente porque o Pai e o Filho sempre amaram um ao outro e se deleitaram um no outro em grau tão elevado e de tal maneira, que o Espírito, que procedeu deles e entre eles, têm sempre existido como uma pessoa por si mesmo. Eis a explicação de Edwards:

Sendo a Divindade assim gerada por ter o Pai uma ideia de si mesmo e se manifestar numa subsistência ou pessoa distinta nessa ideia, procede ali um mais puro ato e uma energia infinitamente santa e doce entre o Pai e o Filho; porque o amor e a alegria deles são mútuos em amarem um ao outro e se deleitarem reciprocamente um no outro. Provérbios 8.30 diz: “Dia após dia, eu era as suas delícias, folgando perante ele em todo o tempo”. Este é o ato eterno e mais perfeito e essencial da natureza divina, pelo qual a Divindade age num grau infinito e da maneira mais perfeita possível. A Deidade se torna totalmente ato; a essência divina flui, como se fosse soprada em amor e alegria. Assim, a Divindade se manifesta em outra maneira de subsistência e procede a terceira pessoa na Trindade, o Espírito Santo.<sup>25</sup>

Em outras palavras, o amor entre o Pai e o Filho é tão perfeito, tão constante e contém tão completamente tudo que o Pai e o Filho são em si mesmos, que este amor se manifesta como uma pessoa por si mesma.

C. S. Lewis tentou expressar isto numa analogia concebível – apenas uma analogia:

Sabemos que entre os seres humanos, quando se reúnem numa família, ou num clube, ou numa empresa, pessoas falam sobre o “espírito” dessa família, desse clube ou dessa empresa. Falam sobre seu espírito porque os membros individuais, quando estão juntos, desenvolvem realmente maneiras específicas de falar e comportar-se que não teriam se estivessem separados. É como se um tipo de personalidade comunal viesse à existência. É claro que não é uma pessoa real: é como se fosse uma pessoa. Mas essa é apenas uma das diferenças entre Deus e nós. Aquilo que procede da vida conjunta do Pai e do Filho é uma Pessoa real; é, de fato, a Terceira das três Pessoas que são Deus.<sup>26</sup>

Esses são grandes mistérios. Mas, a fim de conhecermos e amarmos a Deus, acho proveitoso ter em minha mente pelo menos alguma concepção viável, quando afirmo que há apenas um único Deus e que ele existe em três pessoas. É nosso dever e deleite adorar nosso grande Deus. E ele não é honrado por adoração ignorante, porque tal adoração pode ser apenas uma paródia. Adoração de Deus como Trindade tem de ser baseada em algum conhecimento. Do contrário, não é Deus mesmo quem adoramos.

### **A Trindade como fundamento da exultação expositiva**

Como esta definição da Trindade se relaciona com a pregação como *exultação expositiva* ? O que temos visto é que, antes da criação, Deus se relacionou consigo mesmo de duas maneiras: Deus *conheceu* a si mesmo, Deus *amou* a si mesmo, ou seja, estimou a si mesmo e deleitou-se em si mesmo. Em conhecer a si mesmo, Deus gerou o Filho, a imagem perfeita, total e completa de si mesmo. Em Deus amar a si mesmo, o Espírito Santo procedeu do Pai e do Filho.

Portanto, não é surpreendente que, ao criar os seres humanos à sua própria imagem, Deus nos tenha dado capacidades de conhecer e amar e que a função mais elevada de nosso conhecer e de nosso amar seja conhecer e amar a Deus. Não seria surpreendente se, quanto mais clara e profundamente o conhecêssemos, tanto mais autêntica e intensamente o amaríamos, tanto mais o glorificaríamos como a soma de toda verdade e beleza.

O que emerge, então, da vida trinitária de Deus é a verdade profunda de que nossas capacidades para conhecer e amar a Deus estão arraigadas na própria natureza da Trindade. Visto que nos foram dadas as capacidades de conhecer e amar a Deus para que o glorifiquemos, nosso alvo deve ser usar ambas as capacidades – conhecer e amar – tão plenamente quanto pudermos para magnificarmos a verdade, a beleza e a dignidade de Deus.



## Deus é glorificado por ser conhecido e desfrutado

Eis como Edwards explica a maneira de conhecermos e amarmos a Deus na forma que o glorifica:

Deus glorifica-se a si mesmo para com as criaturas também em duas maneiras: 1. Por aparecer ao... entendimento delas; 2. Em comunicar a si mesmo ao coração delas, bem como em desfrutarem as manifestações que ele faz de si mesmo; e regozijarem-se e deleitarem-se nessas manifestações... *Deus é glorificado não somente por sua glória ser vista, mas também por nos regozijarmos nela*. Quando aqueles que veem a glória de Deus se deleitam nela, Deus é mais glorificado do que se eles apenas a vissem. A glória de Deus é, então, recebida por toda a alma, tanto pelo entendimento quanto pelo coração.<sup>27</sup>

Em outras palavras, Deus recebe glória de suas criaturas em adoração por nosso *conhecê* -lo verdadeiramente e por nosso *desfrutá* -lo devidamente. Onde o conhecimento de Deus é deficiente, sua glória será diminuída em nosso conhecimento deficiente. Onde o deleite em Deus é restringido, obstruído ou desestimulado, sua glória será diminuída em nosso desfrute diminuído. Ver a Deus com clareza e desfrutá-lo com amor é essencial no glorificarmos a Deus.

## O que líderes de adoração fazem, incluindo o pregador

As implicações disto para a vida e a adoração são imensuráveis. Tal realidade nos toca em tantos níveis e de tantas maneiras, que ninguém jamais será capaz de descrever todas as implicações. Mas, para o nosso propósito neste livro, uma implicação é clara. Quando os cristãos se reúnem para adoração, o alvo daqueles que lideram deve ser exibir para a *mente* dos adoradores as visões de Deus mais claras e mais verdadeiras possíveis, para despertar no *coração* dos adoradores as emoções mais puras e mais convenientes para com Deus.

Eu digo “emoções convenientes” para me referir a todas as emoções que somos capazes de produzir e que correspondem apropriadamente à verdade sobre Deus que está sendo apresentada à mente, como, por exemplo, alegria (Fp 4.4), contentamento (Hb 13.5), deleite (Sl 37.4), amor fraternal ardente (1 Pe 1.22), esperança (Sl 42.5), temor (Lc 12.5), paz (Cl 3.15), zelo e fervor (Rm 12.11), luto (2 Co 7.10) tristeza (Tg 4.9), desejo (1 Pe 2.2), compaixão (Ef 4.32), gratidão (Ef 5.19-20) e humildade (Fp 2.3).

Onde as emoções são fortes, mas não têm alguma verdade a fundamentá-las, chamamos isso de “emocionalismo” e não o valorizamos. E, onde a verdade linda e valiosa sobre Deus é clara e há pouca resposta do coração,

Deus é desonrado. Ou, como Edwards disse: “Quando aqueles que veem a glória de Deus se deleitam nela, Deus é mais glorificado do que quando eles apenas a veem”. E, onde Deus é menos glorificado porque o coração não acompanha a mente, a adoração é colocada em risco.

### **Elevando as afeições com a verdade**

Edwards expressou as implicações da pregação mais poderosa e cuidadosamente do que qualquer pessoa que eu conheço. Ele disse:

Não penso que os ministros devem ser culpados por elevarem demais as afeições de seus ouvintes, se aquilo com que são afetados é digno de afeição, e se as afeições deles não são elevadas acima da importância ou da dignidade da afeição. Eu devo pensar que é meu dever elevar as afeições de meus ouvintes tão alto quanto possível, contanto que sejam afetados apenas com a verdade e com afeições que não sejam contrárias à natureza daquilo com que são afetados.<sup>28</sup>

É “dever” do ministro, diz Edwards, elevar as afeições de seus ouvintes tão alto quanto possível. Em si mesmo, isso pode soar como incitar as emoções da multidão com luz, fumaça, música e inúmeras técnicas artísticas. Mas Edwards acrescenta: “Contanto que sejam afetados apenas com a verdade e com afeições que não sejam contrárias à natureza daquilo com que são afetados”. Ele apresenta duas qualificações quanto a elevar as afeições. Uma é que a verdade é o agente. E a outra é que as afeições devem ser conformáveis ao conteúdo específico da verdade.

Assim, a verdade sobre o inferno, dependendo do ângulo específico da mensagem, deve suscitar a emoção de temor, ou de tristeza, ou de compaixão, ou de ira, mas não de felicidade e, certamente, não de jocosidade. E o chamado à glória eterna (1 Pe 5.10) deve suscitar emoções de esperança, alegria, dedicação e amor, mas não de tédio e, certamente, não de rejeição. A emoção que glorifica a Deus tem de ser uma resposta a visões verdadeiras e claras da realidade que está relacionada a Deus; e a natureza da emoção que glorifica a Deus tem de ser conformável à natureza da realidade que desperta a emoção.

### **Exultação expositiva e a natureza de Deus**

Concluo, portanto, que a pregação, como *exultação expositiva*, está arraigada no ser trinitário de Deus. Ele conhece a si mesmo e existe como Pai e Filho. O Pai e o Filho se deleitam um no outro e existem como Pai, Filho e Espírito Santo. Conhecer e deleitar-se são essenciais a quem Deus é. Os seres humanos têm estas mesmas capacidades: conhecer e deleitar-se.

Os propósitos supremos de Deus em dar-nos tais capacidades são que reflitamos e magnifiquemos sua beleza e sua dignidade, por conhecê-lo e deleitar-nos nele. Adoração é isto: conhecer verdadeiramente a Deus, desfrutá-lo devidamente e, assim, mostrar sua dignidade e sua beleza.

Portanto, a reunião do povo de Deus para adoração exige, por sua própria natureza, um tipo especial de comunicação cujo alvo é tornar clara a verdade de Deus e tornar amados a dignidade e o valor de Deus. O Novo Testamento identifica este tipo especial de comunicação como “pregação” (ver 2 Tm 4.2). É mais do que ensinar. É mais do que estimulação emocional – porque o ser trinitário de Deus consiste não de *conhecer* ou de *deleitar-se*, e sim de *ambos*. Ele conhece e se deleita desde toda a eternidade ou, do contrário, não é Deus. Experimentamos ambas as ações ou, do contrário, não estamos adorando – não somos aquilo para o que fomos criados. E a pregação incorpora ambas as ações ou, do contrário, não é pregação. Quando incorpora ambas, eu a chamo de “exultação expositiva”. Incorpora a verdade pela exposição. Incorpora alegria pela exultação. A pregação é singularmente apropriada à adoração coletiva do povo de Deus porque desperta adoração e é adoração.

### **Pregando um milagre**

Uma das implicações da parte 2 é que a adoração não é mera ação litúrgica. E a pregação, como parte da adoração, não é mera performance humana. Tanto a adoração quanto a pregação estão além do que é humanamente possível. Agora, nas partes 3 e 4, consideramos a pergunta: como a pregação se torna um meio do milagre de adoração? A parte 3 focalizará como o pregador experimenta o poder sobrenatural do Espírito Santo na pregação. A parte 4 focalizará como o pregador usa todos os seus poderes naturais de pensar e falar sem prejudicar os resultados sobrenaturais da pregação.

Jonathan Edwards, *Writings on the Trinity, Grace, and Faith*, ed. Sang Hyun Lee and Harry S. Stout, vol. 21, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 2003), 113-31.

Ibid., 131 – ênfase acrescentada.

Ibid., 116.

Ibid.

Ibid., 117.

Ibid., 121.

C. S. Lewis, *Beyond Personality* (New York: Macmillan, 1948), 21-22.

Jonathan Edwards, The “Miscellanies”, ed. Thomas Schafer, vol. 13, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 1994), 495, Miscellany 448; ênfase acrescentada. Ver também Miscellany 87, pp. 251-252; Miscellany 332, p. 410; Miscellany 679 (não no volume de

New Haven).

Jonathan Edwards, *The Great Awakening*, ed. Harry S. Stout and C. C. Goen, rev. ed., vol. 4, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT; Yale University Press, 2009), 387.

**PARTE 3 | COMO A PREGAÇÃO SE  
TORNA UM MEIO DO MILAGRE DE  
ADORAÇÃO –  
SOBRENATURALMENTE? |  
EXULTAÇÃO  
EXPOSITIVA NO PODER DO ESPÍRITO  
SANTO**

# 6 | EXULTAÇÃO EXPOSITIVA | UM ATO HUMANAMENTE IMPOSSÍVEL COM UM EFEITO HUMANAMENTE IMPOSSÍVEL

O alvo deste capítulo e do seguinte é esclarecer por que a adoração e a pregação são humanamente impossíveis, e o que o pregador pode fazer para participar no milagre de ambas.

## **Beleza da adoração coletiva**

É lindamente apropriado que os cristãos se reúnam para adoração coletiva toda semana. Quando fazem isso, dão expressão unida de seu conhecimento autêntico do Deus trino e de suas afeições profundas por tudo que Deus é para eles em Jesus. Viram com os olhos do coração (Ef 1.18) a beleza suprema de Deus e de seus caminhos. E chegaram a amar o valor supremo deste tesouro (Mt 13.44; Fp 3.8). E, quando completam sua exaltação coletiva das glórias de Deus, continuam essa adoração em milhares de tarefas diárias nas quais a suprema dignidade de Cristo governa suas vidas. Isto é o que significa ser um cristão.

## **Por que precisamos de ajuda na adoração**

Mas isso não é como se os cristãos experimentassem uma plenitude constante e inabalável que está pronta a cada domingo para transbordar em louvores jubilosos, quando se reúnem para adoração. Deus é glorificado em adoração não somente por aqueles que vêm cheios, mas também por aqueles que vêm profundamente necessitados e firmam todas as suas esperanças no encontro com Deus. O mesmo coração de adoração que diz: “Eu te agradeço” e: “Eu te louvo”, quando está cheio, também diz: “Eu preciso de ti, anseio por ti; tenho sede de ti”, quando está vazio. É o mesmo desfrutar, e o mesmo valorizar.

Adoração coletiva não é reunir-se apenas para transbordar. O cheio pode transbordar. Isto é adoração. O sedento vem para beber na fonte da Palavra de Deus que dá vida. Isto também é adoração. Magnifica a necessidade e o anseio por Deus. A alma faminta vem para comer na ceia que está preparada com os ricos suprimentos da Escritura. Isto também é adoração.

Ai do pastor que repreende seu povo por “vir para receber” e não para dar! Se o que as pessoas famintas estão vindo receber é Deus, a sua fome magnifica a dignidade da beleza de Deus que satisfaz a alma. Se retornam, semana após semana, para buscar entretenimento, é melhor que o pastor procure a causa em si mesmo e não nas pessoas.

Em face dessa necessidade normal de cristãos verdadeiros, Deus planejou que dependamos de outros humanos para despertar, sustentar e fortalecer nossa adoração – nosso conhecer e valorizar a Deus. Isto é evidente de muitas considerações no Novo Testamento.

### **O desígnio de Deus: corações sustentados por humanos**

Primeira, Deus planejou que haja pastores e mestres na igreja (Ef 4.11). E exige que eles sejam aptos “para ensinar” (1 Tm 3.2). Isso significa que Deus tenciona que sejamos ajudados por outros ministros da palavra, seres humanos, e não somente por nossa leitura e oração particulares.

Segunda, com base no exemplo de Paulo em fortalecer as igrejas que ele começou, é claro que precisamos de outros ministros:

Voltaram para Listra, e Icônio, e Antioquia, *fortalecendo a alma* dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus (At 14.21-22).

Deus não planejou que os cristãos sejam fortes na fé e fervorosos na adoração sem outros ministros cristãos que fortaleçam sua alma.

Terceira, é claro que nossa perseverança em santidade e adoração jubilosa e fiel depende de outros cristãos que nos exortam repetidas vezes com a verdade da Palavra de Deus:

Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado (Hb 3.12-13).

Escapar do endurecimento de coração e perseverar em fé alegre e mortificadora do pecado dependem da exortação de outros crentes. Não fomos planejados para sobreviver sem o ministério da Palavra realizado por outros crentes.

Quarta, é claro que temos necessidade de outros que ministrem para nós, porque Deus planejou o corpo de Cristo dessa maneira, e Paulo disse que precisamos uns dos outros:



Mas Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe aprouve. Se todos, porém, fossem um só membro, onde estaria o corpo? O certo é que há muitos membros, mas um só corpo. Não podem os olhos dizer à mão: *Não precisamos de ti* ; nem ainda a cabeça, aos pés: *Não preciso de vós* (1 Co 12.18-21).

Com base no uso que Paulo fez do verbo *precisar* em 1 Coríntios 12.21, é evidente que ele não via a dependência recíproca dos cristãos como um tropeço em nossa dependência de Deus. Dependência total da graça de Deus não significa independência dos meios de graça de Deus. Se Deus quer que nossa dependência dele seja, às vezes, direta e não mediada e, às vezes, indireta e mediada, isto significa que não somos menos dependentes dele em qualquer dos casos. Nossa vida física depende de Deus *e* do alimento que ele nos dá. Nossos recursos emocionais de paciência dependem do Espírito *e* do sono revigorante que ele nos dá. Nossa força espiritual depende da Palavra de Deus *e* dos ministros que ele nos envia.

Quinta, à luz da Escritura, é evidente que precisamos do ministério da Palavra por parte de outros cristãos, porque Paulo ordenou a Timóteo: “Prega a palavra” (2 Tm 4.2). Essa não é uma ordem sem objetivo. Pregar é ordenado porque a pregação é necessária.<sup>29</sup>

### **A pregação beneficia adoradores esgotados**

Argumentei que, entre todos os outros meios disponíveis ao povo de Deus para ajudarem uns aos outros a perseverarem na fé e levarem vidas de adoração jubilosa, a pregação é designada singularmente para seu papel essencial na adoração coletiva. Como povo reunido para dar expressão do seu *conhecimento* de Deus e de seu *amor* por Deus, a pregação é planejada distintamente por Deus para ser modelo deste amor por sua *exultação* e para beneficiar tanto o conhecimento quanto o amor por sua *exposição* .

A necessidade dessa assistência da pregação, quando nos reunimos para adoração, torna-se evidente também de nossa experiência pessoal e do que vemos em todos os cristãos ao nosso redor. O viver cristão diário se esgota. Não somos destinados a viver das misericórdias de ontem.

As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; *renovam-se cada manhã* . Grande é a tua fidelidade (Lm 3.22-23).

Cada dia tem seus problemas extenuantes (Mt 6.34), e cada dia tem suas misericórdias restauradoras (Lm 3.23). Quando Davi disse: “Refrigera-me a alma” (Sl 23.3), deu a entender que sua alma precisava frequentemente de restauração. Por isso, nós clamamos: “Restitui-me a alegria da tua

salvação” (Sl 51.12); “Restaura-nos, ó Deus; faze resplandecer o teu rosto, e seremos salvos” (Sl 80.3); “Restabelece-nos, ó Deus da nossa salvação, e retira de sobre nós a tua ira” (Sl 85.4).

Essa experiência é universal entre os cristãos. Deve-se, parcialmente, ao fato de que somos *pecadores*. Nossa velha natureza guerreia contra a alma e tenta levá-la à ruína (Gl 5.17; Cl 3.5; 1 Pe 2.11). Parte dessa guerra é esgotamento. Outra parte de nossa necessidade por revigoramento da parte de outros humanos se deve ao fato de que somos *criaturas*. Sempre seremos criaturas e, portanto, sempre precisaremos da graça de Deus. Até santos perfeitos e glorificados se beneficiarão do ministério de outros santos na era vindoura, quando não haverá mais pecado. Do contrário, relacionamentos significativos não existiriam. Por conseguinte, quer pensemos de nós como pecadores, quer como criaturas, precisamos de ajuda para manter um coração de adoração.

A pregação é designada singularmente por Deus para ser uma parte central de ajuda na adoração coletiva. *Exultação expositiva* corresponde à natureza da adoração coletiva. Seu conteúdo e sua conduta são adequados, pelo desígnio de Deus, para restaurar e ampliar nosso *conhecimento* de Deus (expositiva) e para restaurar e ampliar nossa *paixão* por Deus (exultação). A exultação expositiva faz isso *não* por ficar de fora da experiência de adoração, como um técnico fica na lateral do gramado durante o jogo, ou como um diretor fica nos bastidores durante uma peça de teatro, e sim por ser *parte* da própria experiência de adoração. A pregação serve à adoração como adoração.

### **O que a nossa pergunta é, e o que ela não é**

O alvo deste capítulo é mostrar mais especificamente como a exultação expositiva ajuda os cristãos a adorarem de maneira autêntica – tanto durante o culto de adoração quanto depois, na vida diária; ambas as ocasiões são designadas por Deus para serem demonstrações de sua dignidade e beleza (1 Co 10.31; Rm 12.1-2).

O assunto é importante porque adoração autêntica – tanto na liturgia quanto na vida – é um milagre e não um efeito de causas meramente naturais. Não perca de vista o que eu disse no capítulo 1 sobre a essência da adoração genuína. “Cultos de adoração” como meras performances podem ser o efeito de causas meramente naturais. Mas isso não ocorrerá se a essência da adoração estiver acontecendo nos adoradores. Seremos satisfeitos com tudo que Deus é para nós em Jesus – que é minha definição

da essência da adoração – não é o efeito de causas meramente naturais.

Então, o que estamos perguntando não é: quais são as coisas naturais que um pregador pode fazer para aumentar o conhecimento natural e o sentimento natural? Não tenho nenhum interesse nessa pergunta. A pregação não é uma subcategoria da retórica natural. Não é um meio de usar a linguagem para persuadir a mente natural a agir de modo diferente. A retórica pode mover a mente natural de maneiras formidáveis. Movimentos inteiros na sociedade podem ser despertados por essa habilidade retórica. Mas esse efeito na mente pode não ter nenhum gosto pela beleza e dignidade de Deus. A pregação não tem qualquer interesse em tal persuasão. O seu alvo é produzir uma visão espiritual das glórias de Deus em Cristo. A pregação almeja despertar e sustentar o “gosto” espiritual de que Deus é supremamente belo e satisfatório. Sucessos retóricos que ficam aquém disso são fatais – especialmente na igreja.

### **A pregação e seus alvos não são possíveis por pessoas “naturais”**

No capítulo 4, vimos que “o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 Co 2.14). “As coisas do Espírito de Deus” referem-se ao conteúdo da verdadeira pregação. São as glórias de Cristo crucificado, ressuscitado e reinante e de tudo que Deus é para nós em Cristo. Paulo havia acabado de se referir ao que ele comunicava por meio da pregação:

A palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus (1 Co 1.18).

Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação (1 Co 1.21).

Decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado (1 Co 2.2).

Disto também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais (1 Co 2.13).

Esses textos falam daquilo que o “homem natural” não pode assimilar. São aquelas coisas que “se discernem espiritualmente”. É o que os dominadores deste século não perceberam quando mataram o Filho de Deus: “Nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória” (1 Co 2.8).

Portanto, o alvo final e supremo da pregação – levar pessoas a verem, desfrutarem e mostrarem a glória de Cristo e tudo que Deus é para nós em Cristo – é um alvo que não pode ser realizado por um pregador que é um “homem natural”. Não pode acontecer em pessoas que são “naturais”. A retórica pode realizar coisas admiráveis pela incitação e pela persuasão. Mas esse não é o alvo da pregação. O que torna a pregação singular é que ela é um milagre que visa ser o agente de milagres. E o principal milagre que a pregação almeja experimentar e realizar é a visão espiritual e o desfrutar espiritual da glória de Deus revelada na Escritura.

### **Almejando o “espiritual”, não o “místico”**

A palavra *espiritual*, em 1 Coríntios 2.14 (“se discernem espiritualmente”, *pneumatikōs anakrinetai*) não significa “religioso”, “místico” ou “transcendental”. Significa originar pelo Espírito Santo ou ter a qualidade do Espírito Santo. Podemos ver isso em Romanos 8.7-9, que descreve o “homem natural” de 1 Coríntios 2.14 como tendo uma inclinação para a carne, com o mesmo resultado, ou seja, dureza contra a gloriosa supremacia de Deus e uma incapacidade para aceitar e agradar a Deus:

O pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele (Rm 8.7-9).

Mas observe que o oposto do “pendor da carne” não é uma espiritualidade vaga, e sim a presença da pessoa do Espírito Santo: “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, *o Espírito de Deus habita em vós*”. O oposto de uma pessoa natural não é uma pessoa mística ou religiosa, e sim uma pessoa que é habitada pelo Espírito Santo, que está realizando o milagre de discernimento espiritual.

### **A pregação e seus alvos são possíveis apenas pelo Espírito**

Portanto, os principais e supremos alvos da pregação são impossíveis sem a obra miraculosa do Espírito Santo. Sem a sua obra sobrenatural, nem o pregador nem as pessoas podem ver ou desfrutar a beleza e a dignidade de Deus. Mas, quando o Espírito opera essa maravilha, ele vivifica os espiritualmente mortos (Ef 2.5). Vai além do que “a carne e o sangue” podem fazer e revela a verdade de Cristo (Mt 16.17). Ele remove a nossa cegueira em relação à glória de Cristo (2 Co 4.4). Ele resplandece “em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face

de Cristo” (2 Co 4.6). Ele ilumina os olhos do coração (Ef 1.18). Ele remove o véu de nosso rosto, mostra a beleza e a dignidade de Jesus e transforma o contemplador. “Somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2 Co 3.18).

Em outras palavras, sem a obra soberana do Espírito de Deus em vivificar, remover a cegueira, iluminar o coração e revelar a glória de sua obra, a pregação, como exultação expositiva, não pode atingir seus alvos – de fato, não pode nem existir. Pregação é adoração buscando adoração. E nenhum desses atos de adoração é menos do que o miraculoso ver e desfrutar a beleza de Cristo, que o homem natural considera loucura. O homem natural não pode ver Cristo pelo que ele realmente é – supremamente belo e valioso.

### **Como um pregador pode se tornar o instrumento de um milagre?**

Portanto, a pergunta que estamos fazendo é: como um pregador pode se tornar o instrumento pelo qual o Espírito Santo opera o milagre de adoração no coração das pessoas? Como ele pode se tornar o meio pelo qual o Espírito Santo concede o ver, o desfrutar e o mostrar a beleza e o valor de Cristo? Em resposta, começarei pela base. Por “base”, quero dizer algo que é tão fundamental que qualquer coisa feita sem ela é edificada na areia. Sem essa realidade-base para sustentar, tudo mais é improdutivo. Não é liberador do Espírito, nem produz adoração. Essa realidade-base precisa estar no lugar antes que outras coisas aconteçam. Do contrário, não são espirituais, nem produzirão realidade espiritual. Sem ela, não há suprimento do Espírito.

### **A base é ouvir com fé**

Na base de como um pregador se torna o meio pelo qual o Espírito Santo realiza o milagre de adoração no coração das pessoas está a *fé* – a fé nas promessas de Deus, compradas por sangue, para ajudar o pregador em qualquer maneira que ele necessite. Meu fundamento está primariamente em Gálatas 3.5: “Aquele que vos *concede o Espírito* e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou *pela pregação [ouvir com] da fé* ?” A pergunta que Paulo está respondendo aqui é como ter um “suprimento do Espírito Santo”. A resposta que Paulo espera para a sua pergunta retórica é: “Deus concede o Espírito pelo nosso *ouvir com fé*”. Portanto, se esperamos por um suprimento do Espírito que realizará

milagres por meio de nossa pregação, Paulo aconselha: “Ouçam com fé”.

Entendo que ao falar de “ouvir”, Paulo queria significar “ouvir a Palavra de Deus” e, em específico, as promessas de Deus de nos dar o que precisamos a cada momento no ministério. No contexto imediato, o ouvir diz respeito principalmente ao evangelho de Cristo. Mas os benefícios do evangelho do sacrifício de Cristo, comprados por sangue, incluem *todas* as promessas de Deus. “Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim” (2 Co 1.20). “Nele” – este é o lugar onde todo cristão está pela fé. É também onde todas as promessas de Deus são o sim.

Outra maneira admirável de dizer isso está em Romanos 8.32: “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele *todas as coisas* ?” Ou, como Paulo o disse em Filipenses 4.19: “O meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, *cada uma* de vossas necessidades”. “Todas as coisas” – “cada uma” de nossas necessidades para fazermos a vontade de Deus e glorificarmos seu nome – foram compradas e garantidas para nós pelo sangue de Jesus.

Voltemos agora a Gálatas 3.5. O Deus que nos concede o Espírito e realiza milagres em nós e por meio de nós (e de nossa pregação) faz isso por “ouvirmos com fé”. Ou seja, o suprimento do Espírito flui por meio da fé nas promessas de Deus, compradas por sangue. Queremos pregar no poder do Espírito Santo? Então, devemos localizar algumas promessas relevantes de Deus e crer nelas, a cada hora, em nossa preparação e quando subimos ao púlpito.

### 3

Poderíamos deixar o assunto aqui. Eu poderia dizer que esclarecemos por que adoração e pregação são humanamente impossíveis. Poderia dizer também que respondemos à pergunta sobre o que o pregador pode fazer para participar no milagre de ambas – ou seja, receber o suprimento do Espírito por confiar nas promessas de Deus. O Espírito que realiza milagres é dado pelo “ouvir com fé”. Mas houve anos em que provei quão frustrante é ouvir uma prescrição como esta – pregue com fé – e não saber como fazê-lo na prática. Por isso, não quero deixar você aqui com frustrações semelhantes. No capítulo seguinte, eu o levarei comigo à experiência de trinta anos de prática dessa prescrição e tentarei ser tão útil quanto puder.

Ver capítulo 3, onde considere em detalhes o contexto de 2 Timóteo 4.2.

# 7 | EXULTAÇÃO EXPOSITIVA PELA FÉ | COMO PERSEGUI O MILAGRE EM MINHA PREGAÇÃO

Na parte 3, estamos procurando esclarecer por que a adoração e a pregação são humanamente impossíveis, e o que o pregador pode fazer para participar do milagre de ambas. No capítulo 6, vimos que a adoração não é uma performance humana que alguém pode realizar à vontade. É o fruto da nova vida sobrenatural em Cristo, e sua essência é ser satisfeito com tudo que Deus é para nós em Jesus. Esse tipo de deleite espiritual pela glória de Deus não é nativo para seres humanos caídos. É um presente. Um milagre da nova vida e de novos deleites espirituais.

Vimos também que a pregação não é uma espécie de retórica natural que persuade a congregação a ter novos pensamentos e a se engajar em grandes proezas. Oradores têm feito isso por séculos sem qualquer capacitação do Espírito Santo. Isso não é exultação expositiva. O alvo da exultação expositiva é tornar-se um instrumento nas mãos de Deus para que, por ver, desfrutar e mostrar as glórias da Escritura, a igreja possa ser sobrenaturalmente despertada a ver, desfrutar e mostrar essas glórias – ou seja, para que possam adorar.

Vimos, com base em Gálatas 3.5, que o segredo para experimentar o suprimento do Espírito que opera milagres é “ouvir com fé”. Por esse meio, podemos ser guiados pelo Espírito, andar no Espírito e produzir o fruto do Espírito. Ou seja, por meio deste “ouvir com fé”, podemos experimentar o milagre de agir de tal maneira que não sejamos meramente nós que estejamos agindo, e sim a graça de Deus por meio de nós (1 Co 15.10). Através desses meios podemos experimentar o milagre de pregação.

## **Como me aproximei do evento de pregação?**

Neste capítulo, tento explicar o milagre da pregação com base em minha própria experiência de trinta e três anos de pregação pastoral em uma igreja. Estou focalizando aqui o próprio ato de pregar, não a preparação da mensagem. A maioria do que tenho dito sobre a preparação – a labuta real com o texto bíblico para discernir seu significado – eu o disse no livro *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural*. [30](#)



No entanto, há uma importante sobreposição em como eu procuro fazer tanto a preparação quanto a entrega da mensagem pelo Espírito. Em ambas eu sigo os passos do acrônimo AOCAA. Este acrônimo me guia em minha busca de pregar pelo Espírito ou de fazer qualquer coisa mais pelo Espírito – viver “no Espírito” (Gl 5.25), ou andar “no Espírito” (Gl 5.16), ou ser guiado “pelo Espírito” (Gl 5.18: ver também Rm 8.14), ou mortificar os feitos do corpo “pelo Espírito” (Rm 8.13), ou adorar “no Espírito” (Fp 3.3).

AOCAA representa *admitir, orar, confiar, agir, agradecer*. Esses são os passos que penso devemos tomar quando procuramos o “suprimento do Espírito” para o ato de pregar. Como isso acontece é um grande mistério. Um ser humano é instruído a fazer algo *por meio de outro*. Devemos pregar *pelo Espírito*. Nós devemos fazê-lo. Mas, apesar disso, *outro* deve fazê-lo por meio de nós. É algo profundamente sobrenatural e maravilhoso. É o grande alvo da vida – vivermos, mas vivermos de tal modo que outro vive em nós e por nós, para que outro receba a glória.

### **Eu preguei, mas não fui eu**

Este “Eu, mas não eu” está entretecido profundamente na maneira como Paulo entendia a vida e o ministério cristão:

Logo, *já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim*; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim (Gl 2.20).

Pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; *todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo* (1 Co 15.10).

Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas *Deus, que dá o crescimento* (1 Co 3.6-7).

Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque *Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade* (Fp 2.12-13).

Este é o precioso mistério da vida cristã e o mistério do pastorado – que significa: o mistério da pregação. “Já não sou eu quem prego, mas Cristo prega em mim.” “Não fui eu quem pregou, e sim a graça de Deus que esteve comigo.” “Eu preguei, mas quem pregou não é coisa alguma, e sim Deus, que dá o crescimento.” “Pregue, porque Deus é quem dá o querer e o realizar da pregação em você.”

Por isso, a maior pergunta para mim em relação a como pregar tem sido: como pode ser que eu estou agindo plenamente, mas, apesar disso, não sou

eu quem prega? Como posso fluir numa mensagem com todos os meus poderes em ação plena e, ainda assim, experimentar o Espírito Santo de tal maneira que não sou eu, mas a graça de Deus comigo? *Como eu me torno o meio pelo qual o Espírito Santo opera o milagre de adoração no coração das pessoas?*

### **Minha experiência com AOCAA na pregação**

Minha resposta é AOCAA. Imagine-me sentado no banco da frente em nosso templo. Um ou dois minutos antes de eu pregar. O texto está sendo lido por um dos presbíteros ou dos aprendizes. Esta não é a primeira vez que aplico AOCAA em preparar-me para pregar um sermão. No entanto, é a mais urgente. Percorro o AOCAA em minha mente, buscando a ajuda de Deus para eu ser tão sincero e solene quanto puder.

*A – Admitir* . Eu digo silenciosamente: “*Admito* , ó Pai, que sou totalmente dependente de ti agora, quando subo ao púlpito. Sem a tua providência, eu não teria vida, respiração ou qualquer outra coisa (At 17.25). Sem a tua ajuda sobrenatural, enquanto prego, ninguém neste recinto será convertido a Cristo. Ninguém será ressuscitado da morte espiritual. Ninguém terá o coração de pedra removido e um coração de carne implantado. Ninguém discernirá o verdadeiro significado deste texto. Ninguém verá beleza espiritual. Ninguém provará de tua dignidade infinita. Ninguém será transformado em tua semelhança”. Eu *admito* isso completa e espontaneamente.

*O – Orar* . Depois, eu oro pela ajuda de que necessito. Posso dizer apenas: “Ajuda-me!” Mas, em geral, estou sentindo alguma preocupação, desafio, fraqueza ou necessidade específica. Por isso, eu oro por ajuda específica. “Pai, dá-me autorrenúncia e humildade. Dá-me clareza de pensamentos e de expressão. Dá-me liberdade de meu manuscrito e não permitas que eu me perca ou me atrapalhe. Dá-me proteção do Maligno e de todas as maneiras pelas quais ele rouba a palavra. Dá-me alegria na verdade que eu anuncio e dá-me as afeições que correspondam com a gravidade ou com a alegria do que o texto diz. Dá-me sentir amor por teu povo e compaixão pelos perdidos e pelos fracos. Torna-me real.”

*C – Confiar* . Este passo é decisivo. *Confiar* . É a ligação com Gálatas 3.5, que examinamos no capítulo 6. “Aquele, pois, que vos concede o Espírito e que opera milagres entre vós, porventura, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?” Deus concede o Espírito e realiza milagres por meio de nossa pregação pelo nosso “ouvir com fé”. O Espírito vem por ouvirmos

uma das promessas de ajuda de Deus, compradas por sangue, e crermos nela.

Neste ponto, penso que muitos de nós perdemos a oportunidade de experimentar a plenitude da bênção de Deus por evadirmos para generalidades vagas. Em vez de nos focalizarmos em cada promessa bíblica concreta e específica, não nos focalizamos em promessa alguma. Pensamos de maneira geral sobre a bondade ou o poder de Deus. Não há nada errado nisso, mas acho que Deus está nos oferecendo algo melhor. Pelo menos é uma prática que tem se mostrado verdadeira para mim. Três práticas se tornaram maravilhosamente habituais no decorrer dos anos.

#### *Praticando o “C” – confiar: primeiro hábito*

A primeira prática é trazer à mente 1 Pedro 4.11 na sala de oração, com outros que estão orando, meia hora antes do culto. Estou certo de que esse versículo tem sido o mais frequentemente citado na reunião de oração antes de nossos cultos de adoração.

Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus; se alguém serve, *faça-o na força que Deus supre*, para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado, por meio de Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!

Amo essa exortação e promessa. Ela me prepara para o que vai acontecer de uma maneira mais urgente e final nos minutos antes de eu pregar. Deixa claro que sou *eu* quem devo falar e ministrar. Também deixa claro que meu falar e meu ministrar devem ser feitos “na força que *Deus* supre”. E, ainda, deixa claro por que isto é importante: “Para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado”. O doador da força recebe a glória pela mensagem. Esse texto já desencadeou centenas de mensagens no decorrer dos anos.

#### *Praticando o “C” – confiar: segundo hábito*

A segunda prática é manter um estoque precioso de promessas em minha memória, que estão prontas para serem cridas exatamente neste ponto do AOCAA – no *confiar*. Estas promessas são de tal amplitude que são sempre relevantes, independentemente do contexto ou do tema da pregação. Três delas são:

Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque *eu sou o teu Deus*; *eu te fortaleço*, e *te ajudo*, e *te sustento* com a minha destra fiel (Is 41.10).

Nem com os olhos se viu Deus além de ti, que *trabalha para aquele que nele espera* (Is 64.4).

*Meu Deus*, segundo a sua riqueza em glória, *há de suprir*, em Cristo Jesus, *cada uma de vossas necessidades* (Fp 4.19).

Estas promessas ficam prontas em minha memória para qualquer desafio de pregação – prontas para serem cridas. E, nessa confiança, elas estão prontas para serem um canal para o suprimento do Espírito. Mas, antes de eu mencionar como eu abraço essas promessas para a pregação, considere a terceira prática.

*Praticando o “C” – confiar: terceiro hábito*

A terceira prática é vasculhar as Escrituras para achar uma promessa especial, dada por Deus, bem cedo na manhã de domingo, em meu tempo particular de oração e meditação. Em outras palavras, à medida que faço minha leitura bíblica habitual para o dia – ou amplio a minha leitura – fico atento a uma promessa específica e apropriada que Deus possa aplicar a mim, de maneira especial e pessoal, como adequada para esta mesma manhã.

Por exemplo, suponha que minha esposa e eu tivemos um conflito sério poucos dias atrás. Sinto-me culpado e desanimado. Tomei os passos para acertar a situação. Mas sinto-me derrotado em minha atitude pecaminosa. Isto se apresenta como um grande obstáculo a que eu pregue com liberdade e alegria. Como serei capaz de pregar? Como serei capaz de contar com a ajuda do Senhor quando me sinto um fracasso?

Quando clamo ao Senhor por ajuda, ele me guia ao Salmo 25, e eu leio:

Bom e reto é o SENHOR , por isso, aponta o caminho aos pecadores. *Guia os humildes na justiça* e ensina aos mansos o seu caminho (vv. 8-9).

O Senhor toma essa promessa (ele faz isto frequentemente) e prega-a para mim. Lembra-me que me guiará enquanto eu pregar, embora eu seja pecador, porque ele “aponta o caminho aos pecadores”. Aí está. Bem aí na Escritura. Uma promessa concreta, específica e apropriada à minha situação. Essa palavra específica de Deus já se provou mais poderosa para mim do que as generalidades sobre a graça que tenho em meus pensamentos (embora sejam gloriosas!). Talvez seja uma fraqueza minha. Talvez não deva ser desta maneira. Mas parece-me que a razão por que Deus tem dado tantas centenas de promessas concretas e específicas na Bíblia sobre diferentes situações é precisamente para que nos dominem e nos deem uma palavra específica para confiarmos.

De fato, há muitas promessas adequadas para o pregador. Se estou ansioso a respeito de não pregar com clareza e poder, Deus pode me dar esta promessa:

Não cuideis em como ou o que haveis de falar, *porque, naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer* (Mt 10.19).

Se estou desanimado pelo pensamento de que parece haver muito pouco resultado de minha pregação, Deus pode me dar esta promessa:

Assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: *não voltará para mim vazia*, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei (Is 55.10-11).

Se sou atacado por pensamentos de que o que tenho a dizer é de pouco valor e provavelmente será desconsiderado pelas pessoas, Deus pode me dar esta promessa:

Os preceitos do SENHOR são retos e alegram o coração; o mandamento do SENHOR é puro e ilumina os olhos. O temor do SENHOR é límpido e permanece para sempre; os juízos do SENHOR são verdadeiros e todos igualmente, justos. *São mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado; e são mais doces do que o mel e o destilar dos favos* (Sl 19.8, 10).

Se estou num ambiente hostil e receio por minha vida na pregação, Deus pode me dar esta promessa:

Não temas; pelo contrário, fala e não te cales; porquanto eu estou contigo, e ninguém ousará fazer-te mal, pois tenho muito povo nesta cidade (At 18.9-10).

Se estou doente, e meu nariz está escorrendo, e tenho uma irritação na garganta que me deixa em risco de tossir, ele pode me dar esta promessa:

A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza (2 Co 12.9).

Se cometo o erro de ler meu e-mail pouco antes de chegar à igreja e vejo que há uma crítica amarga por causa de uma convicção que mantenho, o Senhor pode me dar esta promessa:

Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem. Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu (Lc 6.22-23).

## **O momento antes da pregação**

Então, lá estou eu, sentado no banco da frente, havendo admitido (A) que serei totalmente ineficaz sem ajuda do Espírito, havendo orado (O) pelo tipo de ajuda especial de que necessito e havendo me apropriado de uma promessa em que confio (C). Agora vem o teste real. Nesta hora da

pregação, eu confiarei na promessa de Deus? Paulo não prometeu o suprimimento do Espírito para *A – admitir a necessidade*, nem para *O – orar por ajuda*. Ele o prometeu para *C – confiar* na promessa comprada por sangue. (A razão por que enfatizo “comprada por sangue”, com base em Romanos 8.32, é que isso torna a obra *de Cristo*, e não a minha, o fundamento de minha confiança.)

Eu pego a promessa que escolhi e bem ali, no banco da frente, segundos antes de pregar, recito a promessa para minha própria alma. Digo ao Senhor: “Confio em ti”. Às vezes, digo: “Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé” (Mc 9.24). Afasto a minha mente de mim mesmo – a introspecção nesta altura é uma prática desanimadora, visto que sempre podemos duvidar da suficiência do que vemos em nossa própria alma. Volto-me para a promessa e digo-a novamente para mim mesmo, geralmente enquanto caminho para o púlpito.

Recito a promessa para mim mesmo, como se Deus a estivesse dizendo para mim. Procuro ouvir sua voz falando comigo. Tenho afeição especial pela própria Palavra de Deus falada pessoalmente a mim nestes momentos. Ecoo Charles Spurgeon quando exultava nas promessas pessoais de Deus. Em seu sermão “O Arco-Íris”, com base em Gênesis 9.16, Spurgeon disse:

Ó queridos amigos, o nosso coração se regozija em pensar nestas poderosas *promessas* de Deus – estes pilares inabaláveis que nem a morte nem o inferno podem abalar – as *promessas* de Deus. <sup>31</sup>

Por isso, eu digo com base nas palavras de Deus na Escritura: “Eu o ajudarei”. “Eu o fortalecerei.” “Eu o sustentarei.” “Eu lhe darei o que você precisa dizer.” “Eu o protegerei do Maligno.” “Eu tornarei suas palavras eficazes.” “Eu te amo.” “Eu te chamei.” “Você é meu.” “Já o ajudei centenas de vezes, não ajudei?” “Agora, vá! Seja forte. Tenha bom ânimo. Estou com você. Estou com sua boca.” Digo realmente estas palavras para mim mesmo ou palavras semelhantes, enquanto caminho para o púlpito. Não conheço nenhuma outra maneira de experimentar a alegria de dizer, como o apóstolo Paulo: “O Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida” (2 Tm 4.17).

### **O ato de pregar é agora**

*A – agir*. Este é o grande paradoxo: *agir*. Paulo disse: “Desenvolvi a vossa salvação... porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o

realizar” (Fp 2.12-13). Você trabalha porque Deus está produzindo o realizar. Ele *cria* o milagre do falar sustentado pelo Espírito. Você *realiza* o milagre.<sup>32</sup> Jonathan Edwards expressa o paradoxo desta maneira:

Não somos meramente passivos nisto; não ocorre também que Deus faz alguma coisa e nós fazemos o resto: Deus *produz* tudo, e nós *fazemos* tudo. Deus *produz* tudo, e nós *realizamos* tudo. Porque isto é o que ele produz, os nossos próprios atos. Deus é o único *autor* e fonte; somos apenas os *atores*. Em diferentes aspectos, somos totalmente passivos e totalmente ativos.<sup>33</sup>

Ainda que eu esteja confiando na promessa de que Deus será o poder decisivo nesta pregação, uso minha mente para discernir o momento, uso minha vontade para decidir agora ir ao púlpito, uso meus músculos e pernas para me levarem lá, uso minha mente, vontade e garganta para dizer: “Vamos orar”. Estou agindo. E, pela fé nas promessas de Deus, creio que estou servindo “na força que Deus supre” (1 Pe 4.11).

Enquanto estou pregando, raramente meus pensamentos retornam à promessa que tomei para mim quando subi ao púlpito. Estou tão focalizado no texto e na exposição que raramente tenho a liberdade mental de olhar para outro texto, enquanto estou pregando. Mas isso acontece. Às vezes, é um momento de confusão, quando me sinto perdido e estou tentando me reorientar. A promessa resplandece em minha mente, apenas por uma fração de segundos, e ministra seu encorajamento a mim. Mas, em geral, dedico minha atenção totalmente à tarefa que tenho diante de mim, descansando na *realidade* da promessa, se não na *consciência* dela. Isso também é um mistério – descansar numa realidade que não está em sua consciência imediata.

Embora eu volte rara e conscientemente à promessa inicial, enquanto estou pregando, é bastante comum que minha mente tenha liberdade para sussurrar orações enquanto estou pregando. São orações muito curtas, pedidos de ajuda de um ou dois segundos, talvez gerais ou específicos, porque não posso lembrar algo ou porque vejo alguém no auditório que parece como se necessitasse do toque de Deus. Acho que essas orações são simplesmente o transbordamento da fé em que estou naquele momento.

### **Pela fé sabemos que Deus está agindo**

Gálatas 3.5 me assegura que, por meio de minha fé, o Espírito Santo está agindo. Isto é tão importante que vale a pena ser citado de novo: “Aquele, pois, que vos *concede o Espírito* e que *opera milagres* entre vós,



porventura, o faz pelas obras da lei ou pela *pregação da fé* ?” Isto é o milagre da pregação. É o ponto em que a realidade sobrenatural acontece. Podemos sentir algo incomum na “unção sagrada” ou podemos não sentir. Arrepios não são prometidos, mas apenas que o Espírito Santo será dado e realizará suas maravilhas. Às vezes, podemos ver imediatamente evidências do agir do Espírito em nosso povo. Geralmente, é melhor não presumirmos ser espiritual aquilo que vemos. Há muitas respostas não espirituais à pregação ungida que parecem significativas, mas não o são. E há milagres que não podemos ver. É melhor confiarmos que Deus está agindo e nos tornarmos disponíveis para falar depois com qualquer pessoa que gostaria de conversar ou de orar conosco.

### **Quando a mensagem acaba**

A – *agradecer* . Por fim, a mensagem acaba; eu saio do púlpito. Cantamos. Ministro a bênção. E permaneço disponível para falar ou orar com pessoas. Durante o cântico de encerramento, meu coração diz: “*Agradeço-te* , Senhor!” E, quando falo com pessoas, às vezes sussurro: “Obrigado, Senhor”. E, quando estou indo para casa, digo frequentemente, em voz alta, na ponte da Avenida 11: “Obrigado. Obrigado.”

Não sei todas as coisas que Deus fez ou fará por meio da mensagem. Mas sei realmente que estou vivo. Não estraguei completamente a mensagem. Senti o favor e a liberdade do Espírito – às vezes, mais; às vezes, menos. Vi coisas novas no texto, enquanto pregava. Senti a doçura da verdade do texto mais intensamente quando o abri do que quando o estudava. Ouvi várias expressões sinceras de pessoas que foram ajudadas. Sinto, agora mesmo que escrevo isto, o privilégio incalculável de ser um embaixador do Rei do universo. E, por isso, digo novamente: “Obrigado, Senhor!”

### **Pregar no Espírito por causa do adorar no Espírito**

Tenho procurado pregar no Espírito Santo para que meu povo seja ajudado a adorar – agora e para sempre – pelo Espírito. Não estou interessado em entreter meu povo ou apenas persuadi-los de verdades doutrinárias. O Diabo é mais hábil em entretenimento e doutrina do que eu. E isso não lhe faz nenhum bem. Ele também não faz bem algum por meio disso. Não quero dedicar a minha vida a fazer o que o Diabo faz, e faz melhor do que eu.

O que o Diabo não pode fazer é ver a glória de Cristo como supremamente bela e supremamente valiosa. Ele não pode desfrutar essa beleza acima de

todas as coisas. E não pode viver para torná-la conhecida. Mas isso é a razão por que o universo existe, porque a igreja existe, por que a adoração coletiva existe, por que a pregação existe. Sem a obra sobrenatural do Espírito, o propósito da adoração e da pregação fracassará. Portanto, Deus designou que na adoração coletiva a atividade humana de pregar seja feita no poder do Espírito Santo. Como tal, a pregação se torna adoração e desperta adoração. Pelo Espírito, a pregação vê e afirma as gloriosas verdades da Escritura. E, pelo Espírito, a pregação desfruta e celebra as glórias dessas verdades. Aqueles que ouvem são ajudados, por meio da pregação, a ver e desfrutar para fazerem a mesma celebração. Assim, a pregação, como exultação expositiva, promove a adoração por adorar – no Espírito.

### **Viva o milagre**

Na parte 3, focalizamos a dimensão sobrenatural da pregação e o que acontece na congregação. A pregação do pastor e a adoração das pessoas são um milagre. Tentei considerar com você o ensino bíblico sobre como a pregação acontece “no Espírito”. E usei minha própria experiência de AOCAA para ilustrar como eu penso que colocamos em prática este ensino bíblico.

Agora, mudamos o nosso foco do sobrenatural para o natural. O pregador usa linguagem humana. Usa lógica. Esclarece a história, a teologia e os caminhos de obediência. Seus alvos são sempre sobrenaturais. Seu objetivo é ajudar pessoas a *verem* com os olhos do coração, *desfrutarem* com deleite espiritual e *mostrarem* com ação formada pelo Espírito a dignidade e a beleza de Deus. Tudo isso é impossível sem a obra sobrenatural do Espírito. O pregador deve, então, colocar todos os seus poderes naturais para trabalharem a serviço deste milagre? Esse é o assunto da parte 4.

John Piper, *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural: Provando e Vendo a Glória de Deus nas Escrituras* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2018).

C. H. Spurgeon, “The Rainbow”, em *The Metropolitan Tabernacle Pulpit Sermons*, vol. 9 (London: Passmore & Alabaster, 1863), 364.

Dedicamos a este paradoxo uma conferência inteira e um livro: John Piper and David Mathis, eds., *Acting the Miracle: God’s Work and Ours in the Mystery of Sanctification* (Wheaton, IL: Crossway, 2013).

Jonathan Edwards, *Writings on the Trinity, Grace, and Faith*, ed. Sang Hyun Lee and Harry S. Stout, vol. 21, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 2003), 251; ênfase acrescentada.

**PARTE 4 | COMO A  
PREGAÇÃO SE TORNA UM MEIO  
DO MILAGRE DE ADORAÇÃO –  
NATURALMENTE? | EXULTAÇÃO  
EXPOSITIVA E O USO DE TODOS  
OS NOSSOS PODERES NATURAIS**

## 8 | EXULTAÇÃO EXPOSITIVA | AMAR PESSOAS COM PENSAMENTO CLARO E LÓGICA VÁLIDA

A adoração autêntica e a pregação que Deus usa para sustentá-la são experiências sobrenaturais. Adorar é ver, desfrutar e mostrar a suprema dignidade e beleza do Deus trino. Pregar é um ato dessa adoração. Mas os seres humanos não podem ver, desfrutar ou mostrar este Deus como seu tesouro supremo à parte da obra sobrenatural do Espírito Santo. Ele é quem revela a glória de Deus (2 Co 4.6), ilumina os olhos do coração (Ef 1.18), abre a mente entenebrecida (Lc 24.45) e dá um vislumbre da glória de Cristo que o “homem natural” não pode perceber (Mt 16.17).

Isso foi o que vimos na parte 3. Visto que a adoração é uma obra de Deus, em resposta à pergunta de como o ato humano de pregar pode despertar adoração, dissemos que o pregador *admite* sua incapacidade, *ora* pelo poder divino, *confia* nas promessas de Deus para a intervenção sobrenatural, *realiza* o ato humano de pregação e, depois, *agradece* a Deus. Isso, dissemos, é um grande paradoxo – o fato de que os alvos da pregação e a experiência de adoração são sobrenaturais, mas, apesar disso, a pregação é um ato de um mero mortal. A pregação não é somente a obra do Espírito Santo; é também o esforço real da razão e da vontade humana.

### **Fazendo o uso mais pleno de nossos poderes naturais**

O foco da parte 4 – este capítulo e o seguinte – não está no poder sobrenatural de Deus, e sim no uso de todos os nossos poderes naturais. Como o natural e o sobrenatural se intersectam no ato de pregar? A ênfase estará no fato de que Deus *tenciona que os pregadores façam uso de seus poderes naturais na pregação*, ainda que o alvo seja despertar e sustentar a adoração que só é possível no poder sobrenatural do Espírito Santo.

Quando falo em *poderes naturais*, estou me referindo a tudo de que o pregador e as pessoas são capazes, apenas por serem humanos e haverem recebido educação básica, além da experiência normal da vida.<sup>34</sup> Por exemplo, o pregador e as pessoas têm o poder natural de ouvir e de falar.

Podem identificar a existência de palavras, frases e cláusulas (ainda que não saibam a definição exata dos termos *frase* ou *cláusula* ). Podem deduzir a intenção do pregador ou a intenção do autor a partir do que ele disse ou escreveu. Do contrário, pessoas comuns não se comunicariam. Elas podem ver as relações entre as diferentes partes do que ouviram. Podem ver conexões entre o que aprendem e outras coisas que já sabem. Podem lembrar coisas que descobriram. Podem dormir, alimentar-se e exercitar-se o suficiente para que seus poderes sejam auxiliados por agilidade mental e vigor físico. E podem buscar ajuda de outras pessoas (em livros ou pessoalmente). E assim por diante. Isto é o que pretendo dizer quando falo em nossos *poderes naturais* .

### **A graça sobrenatural não substitui os meios de graça**

A maneira comum de Deus revelar sua glória aos corações de seu povo não é por evitar os poderes naturais deles, e sim por fazer desses poderes o meio de descoberta sobrenatural. Quando Jesus disse: “Ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11.27), ele não tencionava que pessoas não usassem sua capacidade natural para olharem para ele e ouvirem-no. O milagre de ver a Jesus como o Filho de Deus plenamente satisfatório era um milagre mediado pelo ato natural de ouvir a Jesus e olhar para Jesus. A graça sobrenatural não substitui os meios de graça.

Isso também é verdadeiro no que diz respeito à pregação. Em Lucas 24.45, quando Jesus abriu o entendimento dos discípulos “para compreenderem as Escrituras”, ele não tencionava que este milagre acontecesse sem o conhecimento natural que os discípulos tinham sobre as Escrituras. O entendimento sobrenatural aconteceu *por meio do* uso dos poderes naturais de ler e ouvir. Como Paulo disse em Efésios 3.4: “Quando *ledes* , podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo”. Isso foi uma percepção espiritual. Veio por iluminação divina dos olhos do coração (Ef 1.18). Mas veio por meio de leitura natural.

O esforço humano da mente, da vontade e do corpo direcionado à pregação não é contrário aos propósitos de Deus para realizar efeitos sobrenaturais. E, portanto, meu apelo neste capítulo é que os pastores exerçam todo esforço em pensar,<sup>35</sup> explicar, argumentar e ilustrar, com todos os seus poderes racionais, para tornar clara e convincente a intenção dos autores bíblicos. Faremos isto sabendo que somente a graça

sobrenatural de Deus realizará o ver, o desfrutar e o mostrar da glória de Deus.

### **O pensar humano e a iluminação divina não são alternativos**

A boa pregação e o bom ouvir envolvem o bom pensar. O apóstolo deixa claro que o *esforço* humano de pensar e o *dom* divino de iluminação não são alternativos. Eles se completam. Paulo explicou a Timóteo, em uma única sentença, como as duas obras trabalham juntas: “Pondera o que acabo de dizer, porque o Senhor te dará compreensão em todas as coisas” (2 Tm 2.7). *Nós* fazemos o esforço de pensar. *Deus* dá livremente o entendimento. Um e outro. Não um ou outro.<sup>36</sup>

Alguns pregadores se desviam para um ou outro dos dois lados desse versículo. Alguns enfatizam a primeira parte: “Pondera o que acabo de dizer”. Enfatizam o papel indispensável da razão e do pensar e, em seguida, minimizam a obra sobrenatural de Deus em tornar a mente capaz de ver e abraçar a glória da verdade. Outros enfatizam a segunda parte do versículo: “O Senhor te dará compreensão em todas as coisas”. Enfatizam a futilidade da razão. Então, a pregação deles descamba para manipulação emocional ou misticismo.

### **O dom divino fundamenta o esforço humano**

No entanto, Paulo não ficou dividido entre meditação diligente e iluminação sobrenatural. Para ele, não havia uma ou outra; havia ambas. “Pondera o que acabo de dizer, *porque* o Senhor te dará compreensão em todas as coisas.” Observe a palavra “porque”. Significa que o plano de Deus para o pregador – enquanto se prepara e enquanto prega – é que o dom divino de entendimento seja a base de nosso *esforço* para ganhá-lo enquanto pensamos. O *dom* sobrenatural de Deus não substitui o nosso pensar natural; encoraja-o e apoia-o. “Busque entendimento no pensar, *porque* o Senhor dá entendimento.” Isso é verdadeiro para o pregador quando ele fala e para o povo quando busca entender o que ele diz.

Paulo não diz: “Deus lhe dá entendimento, por isso não perca seu tempo meditando nas Escrituras”. Paulo não nos encoraja a usarmos a fé e a oração como substitutos de pensar, e sim, pelo contrário, nos encoraja a saturarmos nosso pensar com oração e fé. Benjamim Warfield, o grande teólogo no começo do século XX, disse: “Às vezes, ouvimos dizer que dez minutos em seus joelhos lhe dará um conhecimento de Deus mais eficaz,

mais verdadeiro e mais profundo do que dez horas em seus livros. ‘O quê?’ é a resposta apropriada, ‘... mais do que dez horas em seus livros, de joelhos?’”<sup>37</sup>

Por outro lado, Paulo também não diz: “Pense muito no que eu digo porque tudo depende de seus poderes racionais, e Deus não ilumina a mente”. Não. Paulo torna enfaticamente o dom divino de iluminação no *fundamento* de nossa deliberação. Ele define o dom divino de iluminação como a razão de nosso esforço para escaparmos das trevas de não entendimento. “Pondera o que acabo de dizer, *porque* o Senhor te dará compreensão.”

### **Pondere por causa de um povo maduro e pensante**

Portanto, os pregadores devem cultivar em si mesmos e em seu povo o hábito de pensar rigorosamente sobre as Escrituras. A pregação de um pastor deve ser marcada por pensamento claro, e, com o passar do tempo, ele deve atrair seu povo ao hábito de pensar atentamente no significado da Escritura. Quando Paulo disse a Timóteo, como um pastor, para pensar no ensino apostólico (2 Tm 2.7), ele não queria dizer que o povo não deveria fazer o mesmo – como se o trabalho do pastor consistisse em fazer todo o pensar em lugar do povo. Paulo disse a toda a igreja: “Não sejais meninos no juízo; na malícia, sim, sede crianças; quanto ao juízo, sede homens amadurecidos” (1 Co 14.20).

Um povo que tenha poderes de pensar maduro sobre a verdade bíblica é um dos alvos do ministério pastoral. Paulo disse em Efésios 4.12-14 que o alvo dos pastores deve ser o

aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e *do pleno conhecimento do Filho de Deus*, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, *agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina*, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro.

Em outras palavras, uma das marcas do pensar imaturo é instabilidade. As pessoas são agitadas “de um lado para outro” por todo vento de doutrina. Por quê? Porque não foram equipadas para serem maduras no pensar. Por isso, tanto o pregador, em sua preparação e pregação, quanto o povo, em seu ouvir e sua meditação, devem estar pensando atentamente. A mente de todos deve estar engajada em atenção que capta erros de raciocínio e exulta em apresentações claras, persuasivas e logicamente coerentes da verdade.



## Pensar correto é realmente importante

Em apelar por pensamento claro, rigoroso e convincente na pregação, tenho consciência de que estou nadando contra a correnteza cultural que minimiza o pensar e o raciocinar, e favorece espetáculos, impacto visual, frases de efeito, atmosfera musical e persuasão emocional. Em todo o mundo, “lógica em fogo” – a expressão de Lloyd-Jones que definia a pregação – está sendo substituída por fogo – ou chamas – sem lógica. Muitos pregadores fazem pouco esforço mental para realizar o trabalho árduo de escavarem a linguagem de uma passagem da Escritura para descobrirem como ela opera realmente para formular o seu ensino.

Há também uma semelhante negligência do esforço mental para criar uma mensagem que mostre ao povo, com lógica convincente e paixão autêntica, o que o texto significa e como se aplica à vida deles. Esta minimização do esforço racional é parte do ar cultural que respiramos. Nós o temos respirado por muitas décadas. E não ficamos melhores por causa dele.

## Luz de um romance contemporâneo

Daniel Taylor, ex-professor de inglês na Universidade Bethel, escreveu um romance que expõe a tragédia deste miasma contrário à verdade do qual temos respirado. *Death Comes for the Deconstructionist* (A Morte vem para o Desconstrucionista) é um conflito entre Richard Pratt, o professor de inglês pós-moderno e progressista, Daniel Abrahamson, o intelectual judeu antiquado, e Verity Jackson, uma erudita afro-americana e amante de histórias.<sup>38</sup>

Para Pratt, o raciocínio e a verdade são movimentos obsoletos do estabelecimento que abafam os poderes da alma. As palavras são divertimentos – brinquedos nos jogos de linguagem da universidade liberal. Para Abrahamson (com uma memória viva das distorções nazistas da verdade) e Jackson (que sabe que a verdade é, às vezes, o único amigo que os pobres têm), as palavras e a maneira como as usamos são uma questão de vida ou morte.

John Mote – o aluno não graduado se tornou detetive e “herói” da história – tinha suas próprias razões para lamentar a influência de Richard Pratt. Este o havia “libertado” da “Escrita Santa e Razão Santa”. E, com elas, havia desaparecido o “mundo estável e conhecível”. E, na ausência de estabilidade, a mente de Mote foi espiralando rumo a autodestruição. “Sou atraído à fronteira da mente, onde os pensamentos descem ao acaso, e do

acaso ao vazio, e do vazio ao oblívio.”<sup>39</sup> Em outras palavras, quando o apóstolo Paulo disse: “Pondera o que eu disse”, há mais em jogo do que pode parecer à primeira vista.

### **Amar pessoas significa usar lógica clara e convincente**

Pensamento correto, lógica clara, uso válido da razão e o manejo honesto e respeitoso das palavras são totalmente cruciais em amarmos pessoas. São janelas indispensáveis para a verdade, uma fortaleza contra os abusos de poder totalitários, um amigo dos pobres e uma rocha de firmeza na areia movediça de acaso, vazio e esquecimento. A pregação que não realiza o esforço mental de sondar o pensamento dos autores bíblicos e, depois, transformar o significado deles numa mensagem clara, de lógica consistente e urgente à nossa existência, tal pregação desonra esses autores, deprecia a inspiração da Escritura e deixa de equipar os santos para discernirem os erros da doutrina falsa. Atrair pessoas a pensarem corretamente na pregação é realmente importante.

A Bíblia, que é a base de toda a pregação, é um livro. E livros têm de ser lidos para serem entendidos. Boa leitura significa pensar bem.<sup>40</sup> Não podemos evitar isso. Ler para ter entendimento máximo é um trabalho mental árduo. Portanto, a tarefa do pregador envolve grandes esforços de pensar, semana após semana, ano após ano. Quer o façamos bem, quer o façamos mal. Estou apelando aos pregadores que abracem esta tarefa e façam-na muito bem.

### **A paixão de Paulo por declarações claras e francas da verdade**

Paulo era intensamente comprometido com um tipo de comunicação que era transparente, clara, compreensível e livre de artifício, engano e hesitação. Ouça o tipo de comunicador que Paulo era:

*A nossa exortação não procede de engano, nem de impureza, nem se baseia em dolo ; pelo contrário, visto que fomos aprovados por Deus, a ponto de nos confiar ele o evangelho, assim falamos, não para que agrademos a homens, e sim a Deus , que prova o nosso coração. A verdade é que nunca usamos de linguagem de bajulação , como sabeis, nem de intuítos gananciosos . Deus disto é testemunha. Também jamais andamos buscando glória de homens , nem de vós, nem de outros (1 Ts 2.3-6).*

*Nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus ; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus , com sinceridade e da parte do próprio Deus (2 Co 2.17).*

*Pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com*

*astúcia , nem adulterando a palavra de Deus ; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus , pela manifestação da verdade (2 Co 4.2).*

Esta é uma paixão admirável pela verdade, por clareza, sinceridade e compreensibilidade. Paulo era totalmente comprometido com o ser livre de pretexto, bajulação, avareza, agradar a homens, astúcia e adulteração. E tudo isto sob juramento, na presença de Deus e diante de todos os homens. O discurso cristão não é uma linguagem de código fechado. É aberto, público, compreensível e compartilhável. O pregador cristão não tem nada a esconder. O negócio do Diabo é ocultar. O pregador revela. O Diabo obscurece. O pregador esclarece. O Diabo entenebrece a mente e o coração. O pregador brilha e queima. Não se envergonha de nada em sua mensagem. E isto tem tudo a ver com lógica e razão correta.

### **Lógica é universal, não regional**

O pregador submete seu pensamento abertamente ao teste da lógica. Prega com a convicção de que suas frases têm de ser coerentes. Não podem ser contraditórias. Humilha a si mesmo às exigências da coerência lógica, porque acredita que a lógica não é regional, e sim universal. Está arraigada em como Deus é e como ele fez o mundo. Não é uma criação da filosofia ocidental. Não é uma peculiaridade cultural de sociedades que pensam de maneira linear. A própria Bíblia – especialmente Jesus – mostra que a chamada lógica aristotélica não é exclusiva dos gregos ou do pensamento ocidental.

### **Uso seletivo da razão pelos fariseus**

Considere, por exemplo, Mateus 16.1-4. Esta passagem é uma das razões por que não fiquei impressionado com essas distinções:

Aproximando-se os fariseus e os saduceus, tentando-o, pediram-lhe que lhes mostrasse um sinal vindo do céu. Ele, porém, lhes respondeu: Chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está avermelhado; e, pela manhã: Hoje, haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos? Uma geração má e adúltera pede um sinal; e nenhum sinal lhe será dado, senão o de Jonas. E, deixando-os, retirou-se.

O que Jesus está dizendo a estes fariseus e saduceus? No versículo 2, ele diz: “Chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está avermelhado”. O que isso significa? Significa que estes fariseus e saduceus hebraicos (não ocidentais) estão pensando de acordo com o silogismo aristotélico.

Premissa 1: Céu avermelhado à tarde pressagia bom tempo.

Premissa 2: Nesta tarde, o céu está avermelhado.

Conclusão: Portanto, o tempo será bom.

Essa é lógica aristotélica sólida. Jesus respondeu a esse uso de observação acurada e raciocínio correto: “Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu” (v. 3b). Em outras palavras, vocês sabem como usar os olhos e a mente para extrair conclusões corretas no que diz respeito ao mundo natural. Jesus *aprova* o uso que eles fizeram de observação empírica e deliberação racional. De fato, é precisamente essa aprovação que torna válida e poderosa a desaprovação seguinte.

No versículo 3, ele também disse: “*Não podeis* discernir os sinais dos tempos”. Quando Jesus disse: “*Não podeis*”, não estava querendo dizer que eles não tinham as capacidades sensoriais e racionais para fazerem o que precisava ser feito. Ele acabara de mostrar que tinham *realmente* as capacidades sensoriais e racionais para fazerem o que precisava ser feito. Eram bem adeptos de observação acurada e deliberação lógica no que diz respeito a se darem bem neste mundo; a salvarem sua própria pele.

E assim, Jesus usa a base comum de lógica consistente para expor a hipocrisia dos fariseus e saduceus. Mas ele condenou o uso seletivo da lógica que a coloca em bom uso para a segurança pessoal, mas não a utiliza para discernir a verdade espiritual.

### **Entendendo corretamente o precioso uso de “portanto”**

Portanto, não aceito a ideia de que a exigência por lógica sadia é ocidental, restrita e culturalmente relativa. Jesus a reconheceu e a condenou. Ele fez isso nos evangelhos. Lógica sadia, do tipo que Jesus recomendou e esperava, é amplamente crucial para que compreendamos o significado das Escrituras e a tornemos clara e convincente na pregação.

Quando falo em “lógica sadia” – ou poderíamos usar a expressão “razão sadia” – quero denotar, por exemplo, a maneira de pensar que nos capacita a entender como a palavra *portanto* funciona no argumento bíblico – ou em qualquer argumento. O raciocínio correto nos impede de usá-la de modo errado. Por exemplo, quando a lógica sadia, ou a razão sadia, está funcionando bem, não digo coisas como “todos os cachorros tem quatro patas; este cavalo tem quatro patas; *portanto*, este cavalo é um cachorro”. Se você ouvisse isto, diria: “Não, essa conclusão não é verdadeira”. E a razão por que ela não é verdadeira é que a conclusão não resulta, com lógica correta, das premissas. “Todos os cachorros têm quatro patas” não

significa que *somente* cachorros têm quatro patas. Portanto, um cavalo pode ter quatro patas e não ser um cachorro. As premissas não nos levam a crer que um cavalo é um cachorro. Na Bíblia, coisas eternas podem depender de entendermos corretamente o *portanto*.

Que revolução maravilhosa aconteceria em muito da pregação se os pregadores fossem tão resolutamente comprometidos, como Jesus e Paulo o foram, com a atitude de nunca usarem qualquer silogismo inválido e nunca usarem qualquer premissa falsa! Que coisa maravilhosa seria se pregadores fossem tão comprometidos com uma preparação cuidadosa, premissas verdadeiras e lógica válida, que nunca diriam, por exemplo, coisas assim: “A Bíblia diz que somos justificados pela fé sem as obras. *Portanto*, sabemos que a obediência aos mandamentos de Cristo não é exigida para a salvação final”. Qual é o problema nesta afirmação? A conclusão (introduzida por “Portanto”) é claramente *inválida*. O uso do termo *portanto* é inválido. Ele é usado de maneira incorreta. A conclusão *não* resulta logicamente da premissa.

A razão não é que “justificados” na premissa não é idêntico com a “salvação final” na conclusão. Por isso, não podemos inferir legitimamente de a justificação ocorrer “sem as obras” que a salvação final não exige qualquer “obediência aos mandamentos de Cristo”. Esse é um pensamento desleixado e um raciocínio incorreto. Prejudica o povo de Deus. Tais afirmativas são uma falta de amor. A pregação deve rejeitar todo uso negligente dos dons gloriosos da mente humana.

### **Pessoas comuns amam ser tratadas como capazes de raciocinar**

Você pode pensar que estou superestimando a exigência por coerência em nossos sermões, porque a maioria das pessoas comuns não sabe coisa alguma a respeito de conversas sobre lógica e não se importam em saber. Isso é verdade. Elas não sabem. Mas isso não é relevante por duas razões. Uma é que o pregador é responsável primeiro a Jesus e não ao povo. “*Em Cristo é que falamos* na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus” (2 Co 2.17). E vimos que Jesus aprova o bom uso da lógica não somente quando estamos determinando as previsões do tempo, mas também no que diz respeito a questões de importância infinita.

A outra razão por que é irrelevante que a maioria das pessoas não sabe a respeito da linguagem de lógica (não quer conhecê-la, e, eu acrescentaria, não precisa conhecê-la); mas, sabendo ou não, ela está, em sua humanidade;

as pessoas são equipadas por Deus para pensarem de modo lógico quando estão em suas melhores condições. E, com o passar do tempo, chegam a amar (talvez até sem saberem por quê) a força, a solidez, a confiabilidade e o poder de sermões que são coerentes e convincentes pelo uso de lógica.

As pessoas possuem também um senso inquietante de que algo está errado quando há um padrão de pregação em que os pontos não resultam logicamente de premissas verdadeiras. Elas não precisam conhecer a linguagem de premissas, lógica, coerência e não contradição. Estas realidades estão escritas por Deus em sua mente como seres humanos. Sabem intuitivamente que algo não pode *ser* e *não ser* da mesma maneira ao mesmo tempo. Sabem que um cavalo não é um cachorro. Podem farejar silogismos inválidos, ainda que não possam rotulá-los.

### **Amor intuitivo por lógica**

Não precisamos de um curso sobre lógica, nem mesmo saber que lógica existe para amarmos os benefícios da lógica e vivermos por ela todos os dias. Suponha que um policial diga (premissa 1): “Um rapaz de cabelo castanho e jaqueta vermelha roubou uma idosa ontem na Avenida Franklin às sete horas”. E suponha que o seu vizinho diga ao policial (premissa 2) que o seu filho, que tem cabelos castanhos, estava usando uma jaqueta vermelha ontem, quando ele o viu na Avenida Franklin. E suponha que o policial diga (conclusão): “Bem, o seu filho, portanto, deve ser o ladrão”.

Você não precisa ter um diploma de formação em lógica para se alegrar no erro nítido (lógico) do policial. Não, essa conclusão *não* resulta das premissas. É estritamente inválida. E, sem dúvida, não precisamos conhecer qualquer destes termos técnicos para nos alegrarmos nessa conscientização. Nossa mente é equipada para detectar a falácia. Outras pessoas têm jaqueta vermelha. Meu filho sempre caminha pela Avenida Franklin. Mas, acima de tudo, ele estava comigo às sete horas de ontem à noite.

Pregar envolve necessariamente pensar. Ideias e observações estão sendo unidas numa mensagem. São coerentes ou incoerentes. Consistentes ou inconsistentes. Lógicas ou ilógicas. Pensar está acontecendo, ou bem, ou pobremente. Nenhum pregador pode afirmar isenção de pensar. E meu apelo é que preguemos com consistência nítida, convincente e lógica – que nenhuma de nossas premissas sejam falsas, e nenhuma de nossas inferências sejam inválidas.

### **O que a humildade e a autoridade da Escritura exigem**



A humildade diante da verdade da Escritura e da autoridade de Cristo exige submissão à consistência lógica. Se abusarmos da lógica, em que devemos esperar que nosso povo baseie sua anuência? Não podemos responder “na Escritura”, a menos que sejamos comprometidos com explicações logicamente consistentes de que nossas conclusões procedem realmente das Escrituras. A Escritura só terá autoridade em nossa pregação se nosso apelo à Escritura puder ser visto como um apelo válido.

Se extrairmos inferências inválidas da Escritura, não importa quão fortes sejam os nossos protestos de crença na inerrância da Bíblia; não ajudaremos nosso povo a fundamentar sua vida nas Escrituras. Estaremos esperando que nosso povo fundamente sua vida em nossas inferências defeituosas que extraímos da Escritura. Isso não é humilde. É orgulhoso. E compromete a autoridade de Cristo, que fala por meio das inferências verdadeiras e válidas da Escritura.

No entanto, se nos humilharmos e nos submetermos às exigências da consistência lógica, estaremos na melhor das companhias. Se nossas exposições forem isentas de *non sequitur*,<sup>41</sup> e se apresentarmos premissas claras e argumentos válidos para todas as nossas afirmações, nos uniremos a Jesus, que censurou fortemente as estratégias dos fariseus para evadirem-se da verdade. E nos uniremos a Paulo, que não somente argumentou e persuadiu que Jesus é o Cristo (At 17.2, 4; 18.4, 19; 20.8-9, 26; 24.25; 26.28), mas também escreveu suas cartas de uma maneira que pressupõe que usaremos o pensar lógico e claro para identificarmos seus argumentos.<sup>42</sup>

### **Como o natural serve ao sobrenatural**

Depois de toda a ênfase sobre a pregação como pensar e pregar com lógica coerente, você talvez esteja perguntando como tudo isso se relaciona com o efeito sobrenatural de pregar, efeito esse pelo qual oramos. Como o ato natural de pensar se torna ocasião para a experiência sobrenatural de adoração autêntica – ver, desfrutar e mostrar a beleza e a dignidade de Deus? Deixarei o apóstolo Paulo mostrar a resposta.

Em Romanos 5.3-5, Paulo acabara de argumentar que os crentes devem se regozijar no sofrimento. O argumento de Paulo (e observe que é um argumento lógico!) é o seguinte: Nós nos regozijamos nas “tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança produz experiência; e a experiência, esperança, Ora, a esperança não confunde”.

Então, há dois argumentos a favor de por que a esperança não nos



confunde. A relação entre esses dois argumentos possui implicações extraordinárias para a pregação e para a maneira pela qual os *meios naturais*, como pensamento racional e observação histórica, tornam-se ocasião para experiências *sobrenaturais* da beleza e da dignidade de Deus.

Quando eu falo de meios naturais, incluo não somente a argumentação lógica, mas também a observação histórica. O princípio que está por trás de como Deus faz os meios naturais servirem à experiência sobrenatural é o mesmo tanto para a lógica quanto para a história. No argumento de Paulo a favor de por que a esperança não nos confunde, a interseção entre o natural e o sobrenatural é entre observação histórica e a obra do Espírito Santo em dar-nos um senso sobrenatural do amor de Deus.

Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado. Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios (Rm 5.5-6).

### **Experiência sobrenatural do amor de Deus**

O primeiro argumento de Paulo a favor de por que a esperança não nos confunde é que o Espírito Santo está presente em nós (“que *nos foi outorgado*”); e o que ele faz é tornar real para nós o amor de Deus. Isto não é um mero fato que aprendemos da Bíblia. É uma experiência real que temos hoje. “O amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo.” Isto acontece realmente em nosso coração. É um experimentar sentido e seguro do amor de Deus por nós, porque Deus, o Espírito Santo, está em nós dando-nos essa experiência do amor de Deus.

Portanto, o primeiro modo pelo qual Paulo nos mostra por que a esperança não nos confunde é dizer que Deus nos dá uma experiência real e sobrenatural para confirmar nossa esperança. É sobrenatural porque é dada pelo Espírito Santo, que é sobrenatural. Este é o alvo de nossa pregação – genuínas experiências sobrenaturais da beleza e da dignidade de Deus, radicalmente transformadoras e fortalecedoras, incluindo o seu amor por nós. O alvo de nossa pregação não é mera transferência, nem mera persuasão de verdades doutrinárias, nem mera empolgação humana em relação a Deus. Nosso alvo é a autêntica experiência de Deus mesmo, dada pelo Espírito. Neste caso, como Paulo a chama aqui, o derramamento do amor de Deus em nosso coração pelo Espírito Santo (Rm 5.5).

### **Fundamento natural para experiência sobrenatural**

Mas, depois, em Romanos 5.6, Paulo faz algo que tem implicações enormes

para a pregação. Ele apresenta o *fundamento*, ou base, para a experiência sobrenatural. É um fundamento *natural*. Um fundamento histórico. Podemos vê-lo na palavra *porque* (no grego, *gar*) que inicia o versículo 6. “O amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado. *Porque*...” O que torna este fundamento tão impressionante é que ele é uma afirmação de um fato histórico acompanhado de uma interpretação teológica do fato. “O amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado. *Porque Cristo*, quando nós ainda éramos fracos, *morreu a seu tempo pelos ímpios*” (Rm 5.5-6). “Cristo... morreu” é um fato histórico. “Pelos ímpios” é uma interpretação teológica do fato.

Como o natural e o sobrenatural estão relacionados aqui? Há uma experiência sobrenatural do amor de Deus dada pelo Espírito Santo no coração. Há também a declaração da base – do fundamento – desta experiência do amor de Deus na história (“Cristo... morreu”) e na teologia (“pelos ímpios”). A experiência é *sobrenatural* (dada pelo Espírito Santo). O fundamento é *natural* (um fato histórico e uma afirmação teológica com a qual até o Diabo concordaria).

A experiência e o fundamento se relacionam desta maneira: o que significa ser amado por Deus é revelado pela observação histórica e teológica “Cristo morreu pelos ímpios”. O Espírito Santo não dá essa informação ao coração. A Bíblia e o pregador dão essa informação à mente. Não é trabalho do Espírito Santo descrever o amor de Deus para nós. Esse é o trabalho que Deus designou para a história, a Escritura e a pregação.

Nosso povo aprende a natureza e o conteúdo do amor de Deus pela maneira como esse amor agiu na história em Jesus Cristo. Então, o Espírito Santo pega essa verdade natural – proclamada por nós, pregadores, com exultação expositiva – e opera um milagre sobrenatural com ela. O Espírito Santo faz os corações verem o amor de Deus como supremamente lindo e sentirem-no como supremamente precioso. Ele lhes dá a *experiência* real e profunda descrita no versículo 5: “O amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo”.

### **Unindo o natural e o sobrenatural na pregação**

Tanto o fato *natural* da história com sua interpretação quanto a obra *sobrenatural* do Espírito Santo são essenciais. Se fazemos afirmações de que temos *experiências* do amor de Deus sem um fundamento sólido na história e sem o seu significado dado por Deus, nos tornamos religiosos,

emocionalistas e fanáticos. Se afirmamos *entender* o que aconteceu na história e seu significado teológico, mas não *experimentamos* o amor de Deus derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, nos tornamos estéreis, incapazes e intelectualistas.

O lugar da pregação neste processo é ser o porta-voz da verdade histórica e teológica de que “Cristo morreu pelos ímpios”. Falamos todas as coisas maravilhosas sobre a morte de Cristo que o texto e a realidade por trás dele nos dão para falarmos – é a nossa *exposição*. E *exultamos* nela com tanta alegria quanto o Espírito Santo nos concede desfrutar. É a nossa pregação – *exultação expositiva*.

Mas nosso alvo é o que somente o Espírito Santo é capaz de fazer – a experiência sobrenatural do amor de Deus no coração de nossos ouvintes. Nosso alvo é que vejam, desfrutem e mostrem a beleza e o valor desse amor. A glória da pregação é que, embora não possamos fazer isso acontecer por nossos próprios esforços, porque é obra do Espírito Santo, não pouparemos esforços para esclarecer a beleza e o valor dos fatos históricos e das interpretações teológicas. Proclamar essa beleza e esse valor é nossa obra. É uma obra indispensável e gloriosa.

### **Acenda o fósforo**

O foco deste capítulo foi o uso mais pleno de nossos poderes humanos na pregação. O alvo da pregação não é menos *sobrenatural* do que era o alvo nos capítulos 6 e 7, nos quais o foco estava no poder do Espírito Santo. A premissa aqui foi: a graça sobrenatural não substitui os *meios* de graça.

Mais especificamente, o foco esteve na importância do pensar correto em nossa pregação. Meu apelo foi que preguemos com consistência lógica, clara e convincente – que nenhuma de nossas premissas seja falsa e nenhuma de nossas inferências seja inválida. Tentei mostrar que isso é um ato de amor, humildade e submissão à verdade e à autoridade da Escritura. Pessoas são destruídas quando a linguagem pode ser levada a significar qualquer coisa que queiramos que ela signifique. Não se submeter à lógica dos textos bíblicos exalta a nós mesmos e destrona a Deus.

Tentei mostrar, com base em Romanos 5.5-6, como Deus faz o uso natural de nossos poderes servir a seus propósitos sobrenaturais. A experiência *sobrenatural* de provar o amor de Deus em nosso coração se torna possível pelo uso que Paulo fez do fato histórico *natural* da morte de Cristo, e pela afirmação teológica humana de que Cristo o fez pelos ímpios. A pregação faz o uso mais pleno de seus poderes naturais para esclarecer a história e

seu significado teológico. Com essa chama em seu devido lugar, Deus acende o fósforo e pelo seu Espírito o faz queimar no coração de seu povo.

No capítulo seguinte, mudaremos o foco do pensar correto e da elucidação histórica para a composição factual do sermão e para o esforço de escolher palavras que esperamos sejam eficazes em realizar propósitos sobrenaturais. Isso é legítimo? Existe tal coisa como eloquência cristã espiritual na pregação?

Estou ciente de que milhões de pessoas no mundo não têm acesso à educação. Muitos são iletrados. Ajustes precisam ser feitos quando realizamos exultação expositiva nesses contextos. No entanto, mesmo nesses contextos, é possível fazermos exposição das Escrituras. Mas neste capítulo estou pressupondo educação básica e faculdades mentais. Um pastor procurará ter conhecimento dos mentalmente debilitados em sua congregação e quais ajustes ele pode fazer para o bem deles. Acho que devemos ser demorados em pressupor que crianças pequenas e adultos intelectualmente debilitados não podem se beneficiar da exultação expositiva.

Tentei examinar a natureza e os alvos e fundamentos bíblicos do pensar humano a serviço de Cristo em John Piper, *Pense: a Vida da Mente e o Amor de Deus* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2011).

Esta discussão do esforço humano e o dom divino é feita mais amplamente em John Piper, *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural: Provando e Vendo a Glória de Deus nas Escrituras* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2018). Estou usando alguns dos pensamentos que se acham ali (ver pp. 297, ss.).

Benjamin Warfield, “The Religious Life of Theological Students”, em *The Princeton Theology*, ed. Mark Noll (Grand Rapids, MI: Baker, 1983), 263.

Daniel Taylor, *Death Comes for the Deconstructionist* (Eugene, Or: Wipf & Stock, 2015). Minha resenha completa do livro pode ser vista em <http://www.desiringgod.org/articles/who-killed-postmodernism>.

Ibid.

Escrevi um capítulo sobre esse assunto intitulado “Ler é Pensar”, em Piper, *Pense*, 59-82.

Uma *non sequitur* (que em latim significa “não se segue que”) refere-se a uma conclusão que não resulta das premissas ou da evidência. O tipo mais claro de *non sequitur* é estritamente lógico, como: “Todos os cavalos têm quatro patas. Fido tem quatro patas. Portanto, Fido é um cavalo”. Mas inúmeros outros ameaçam a pregação e liderança cuidadosa e humilde, desde logísticos a teológicos: “O Natal acontece no domingo neste ano; *portanto*, não faz sentido ter um culto matutino”. Ou: “Deus controla todos os seres humanos; *portanto*, os humanos não são responsáveis”. Ou: “Os humanos são responsáveis; *portanto*, Deus não pode controlar decisivamente todo o comportamento humano”. Ou: “Deus é bondoso em todos os seus atos; *portanto*, ele não é um Deus de ira”. Ou: “A salvação é pela graça; *portanto*, não pode haver julgamento de acordo com as obras”. Ou: “A poligamia era permitida na Escritura; *portanto*, deveria ser permitida na igreja hoje”. Ou: “Deus promete satisfazer todas as nossas necessidades; *portanto*, um crente nunca passará fome”. Ou: “Os cristãos são ordenados a se regozijarem sempre; *portanto*, é pecado sentir tristeza pelas almas perdidas”. Ou: “Deus é misericordioso; *portanto*, ele não poderia ter levado meu filho”. Ou: “Jesus disse que devemos oferecer a outra face; *portanto*, é errado espancar os filhos”. Ou: “Piper valoriza muito o sermos logicamente coerentes; *portanto*, ele deve pensar que a pregação é apenas um negócio da mente”. E assim por diante. Nenhuma dessas inferências resultam de lógica. São todas *non sequitur*. Oh! Que bênção vem a uma congregação quando o pregador se humilha ante a exigência libertadora: “Nenhum *non sequitur*!”

Meus pensamentos sobre como identificar o argumento de um texto bíblico são explicados nos capítulos 25 a 29 de *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural*.

## 9 | “PARA QUE SE NÃO ANULE A CRUZ DE CRISTO” | OS PERIGOS DA ELOQUÊNCIA CRISTÃ

Na parte 4, estou focalizando o uso que o pregador faz de seus poderes naturais no esforço para responder a pergunta: “Como a pregação se torna um instrumento do milagre de adoração?” No capítulo anterior, argumentei que o pensar correto, a lógica clara e o uso válido da razão na pregação são essenciais para amarmos as pessoas e honrarmos humildemente a autoridade da Escritura. Neste capítulo, prossigo dos poderes naturais de pensar para os poderes naturais de escrever e falar. Devemos usar nossos poderes naturais na escolha de palavras, visando torná-las tão convincentes quanto pudermos? Devemos tentar ser eloquentes?

### “Não com sabedoria de palavra”

Devemos realmente falar sobre *eloquência* na pregação cristã? A pergunta é importante principalmente porque o apóstolo Paulo, escrevendo sob inspiração do Espírito Santo, diz em 1 Coríntios 1.17: “Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; *não com sabedoria de palavra*, para que se não anule a cruz de Cristo”. Cristo enviou Paulo a pregar não com eloquência, para que a cruz de Cristo não fosse anulada. Isso torna esse assunto crucial.

Mesmo citando outras versões da Bíblia, o problema permanece. Há uma maneira de pregar – uma maneira de eloquência, inteligência ou sabedoria humana – que anula a cruz de Cristo. Devemos temer anular a cruz. Precisamos saber o que é esta eloquência, inteligência ou sabedoria de palavra – e evitá-la.

Considere uma afirmação semelhante de Paulo em 1 Coríntios 2.1: “Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz *com ostentação de linguagem ou de sabedoria*”. Ou, na versão NVI: “Não fui *com discurso eloquente nem com muita sabedoria*”. Ou, na versão ARC: “Não fui com *sublimidade de palavras ou de sabedoria*”. Ou, na versão King James: “Não fui com *excelência de discurso* ou de

sabedoria”.

Essas passagens são ameaçadoras para os pregadores. A maioria de nós tenta escolher palavras e dizê-las de uma maneira que terá o maior impacto possível. Devemos realmente fazer isso? Devemos escolher palavras, ou maneiras de reuni-las, ou maneiras de proferi-las, tendo em vista aumentar o seu impacto vivificante, que abate o orgulho, exalta a Deus, magnifica a Cristo, intensifica a alegria, desperta o amor, mobiliza missões e promove a justiça? Estou usurpando o papel da cruz e do Espírito quando faço isso? Paulo está dizendo que a busca de impacto nos outros pela escolha de palavras, arranjo de palavras e pronunciamento de palavras suplanta o poder de Cristo e deprecia a glória da cruz?

### **A Bíblia é eloquente?**

Complicando a pergunta, temos isto: no decorrer dos séculos, a maioria dos eruditos bíblicos têm chamado a atenção para o fato de que a própria Bíblia tem muitas partes eloquentes. Por exemplo, João Calvino disse: “Prestemos atenção ao estilo de Isaías que é não somente puro e elegante, mas também adornado com arte elevada – e disso podemos aprender que a eloquência pode ser de grande utilidade para a fé”.<sup>43</sup>

De modo semelhante, o poeta John Donne falou: “O Espírito Santo, em escrever as Escrituras, se deleita não somente com uma prioridade, mas também com uma delicadeza, harmonia e melodia de linguagem; com força de metáforas e outras figuras, que podem produzir grandes impressões nos leitores”.<sup>44</sup> Em outras palavras, a Bíblia contém linguagem eloquente, e parte de seu impacto nos leitores se deve, em alguma maneira, a essa eloquência.

### **Eloquência guiada pelo Espírito?**

Considere o que Martinho Lutero disse sobre Gálatas 4.6: “O Espírito faz intercessão por nós não com muitas palavras e longas orações, mas somente com um gemido... um pequeno som e um gemido fraco, como ‘Ah! Pai!’... Portanto, esta pequena palavra ‘Pai’... ultrapassa toda a eloquência de Demóstenes, Cícero e da maioria dos retóricos eloquentes que já existiram no mundo”.<sup>45</sup> Lutero disse que o Espírito Santo nos leva, às vezes, a um tipo de eloquência – até em oração.

Se essas observações de Calvino, Lutero e Donne são corretas, o que Paulo quis dizer quando afirmou que renunciava a eloquência por causa da cruz? Calvino, Lutero e Donne se enganaram?



## A eloquência de George Whitefield

Outra maneira de sentir o problema é compararmos o que foi dito sobre dois gigantes do Primeiro Grande Avivamento, George Whitefield e Jonathan Edwards. Esses dois pregadores eram profundamente unidos no que diz respeito à teologia e muito diferentes na maneira como pregavam.

Na primavera de 1740, George Whitefield esteve na Filadélfia, pregando ao ar livre para milhares de pessoas. Benjamin Franklin assistiu à maioria daquelas mensagens. Franklin, que não acreditava no que Whitefield pregava, comentou sobre esses sermões elegantes:

Sua pregação... era tão aprimorada por repetição frequente, que todo acento, toda ênfase, toda modulação de voz, tudo era tão perfeitamente bem executado e tão bem colocado, que, *mesmo não sendo interessado no assunto, um ouvinte não deixaria de sentir prazer no discurso* : um prazer muito semelhante ao que se obtém por ouvir uma excelente peça musical.<sup>46</sup>

Eis uma pregação que é tão eloquente, que uma pessoa não pode deixar de apreciá-la, embora não creia em nada do que ela contém. Isso deve fazer um pregador tremer. A eloquência de Whitefield foi agradável a Benjamin Franklin, que não se importava com nada do que Whitefield tentava comunicar. Franklin apreciou a eloquência de Whitefield, mas rejeitou o seu Salvador. Whitefield estaria anulando a cruz de Cristo?

## Eloquência em nossos dias

Mas seja cuidadoso. Alguns pregadores jovens podem ler isso e pensar que o assunto não os incomoda, porque não apreciam o tipo de eloquência de Whitefield. Eles abandonaram a oratória da mesma maneira como abandonaram o paletó e a gravata. Tenha cuidado. Não é tão simples assim. Há um tipo de “eloquência” que não consiste na tradicional fluência de palavras, e sim na eloquência do moderno, das vestes, da gíria, da esperteza, do casual e da aparência de sinceridade que pode ter, em nossos dias, o mesmo efeito cativante que a eloquência de Whitefield teve em seus dias. Pessoas podem amar a “eloquência” contemporânea e descuidada, ainda que não gostem das verdades que o pregador está tentando comunicar. Em outras palavras, nenhum de nós escapa da urgência dessa pergunta. Todos precisamos de uma resposta.

## Eloquência de Jonathan Edwards

Jonathan Edwards, contemporâneo e amigo de Whitefield, era muito diferente. Edwards não recebeu elogios por sua eloquência dramática. Mas

ele tinha outro tipo de eloquência. Uma testemunha ocular respondeu à pergunta concernente à eloquência de Edwards como pregador:

Se por eloquência você quer dizer o que ela geralmente denota em nossas cidades, ele não tinha pretensões disso. Edwards não tinha variações premeditadas da voz. Nem ênfase forte. Raramente fazia gestos ou se movimentava. E não fazia qualquer tentativa, pela elegância de seu estilo ou pela beleza de suas figuras, para satisfazer o gosto e fascinar a imaginação. Mas, se por eloquência você está falando do poder de apresentar uma verdade importante para uma audiência, com força de argumentação irresistível e com tal intensidade de sentimento, que toda a alma do pregador está presente em cada parte da concepção e da entrega; de modo que a atenção solene de todo o auditório é cativada, do início até ao fim, e são deixadas impressões que não podem ser apagadas, então, o Sr. Edwards era o homem mais eloquente que já ouvi falar.<sup>47</sup>

Em ambos os casos – Whitefield, o orador dramático, ou Edwards, o lógico intenso e quieto – a pergunta permanece: estas formas de eloquência estavam anulando a cruz de Cristo? Estavam eles seguindo o exemplo de Paulo quando ele disse que pregava o evangelho “não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo”?

### **A inesquecível afirmação de Denney**

James Denney (1856-1917), teólogo e pregador escocês, fez uma afirmação que me persegue como pregador. Se estamos falando sobre a eloquência de oratória mais sofisticada ou sobre a eloquência de antioratória inculta, fácil e estilosa, a afirmação de Denney atinge o cerne da questão. Ele disse: “Nenhum homem pode dar a impressão de que ele mesmo é esperto e de que Cristo é poderoso para salvar”.<sup>48</sup> Essa tem sido uma das mais influentes afirmações que já li sobre como pregar. Isto significa que qualquer habilidade ou arte consciente em escrever ou falar eleva o ego e obscurece a verdade de que Cristo é poderoso para salvar?

### **A eloquência como um fim em si mesmo**

Em 2008, Denis Donoghue, professor de Inglês e Letras Americanas na Universidade de Nova Iorque, publicou o livro *On Eloquence* (Sobre a Eloquência). Seu argumento é, provavelmente, uma expressão moderna do tipo de coisa com a qual Paulo estava lidando em Corinto. Donoghue argumenta que a eloquência é um surpreendente e impactante estilo que é um fim em si mesmo. Ele diz, por exemplo:

Uma palestra ou um ensaio pode ser eloquente, mas, se é, a eloquência é incidental ao seu objetivo. A eloquência, como distinta da retórica, não tem alvo: é um jogo de palavras ou

outro meio de expressão... O principal atributo da eloquência é a futilidade.<sup>49</sup>

A eloquência não serve a um propósito ou a um fim em ação... Na retórica, uma pessoa está tentando persuadir alguém a fazer alguma coisa; na eloquência, alguém está descobrindo com deleite os recursos expressivos dos meios à disposição.<sup>50</sup>

Ele concorda com E. M. Cioran em que esta noção de eloquência sem alvo começou com os sofistas, contemporâneos de Paulo, há dois mil anos:

Os sofistas foram os primeiros a se ocuparem com uma meditação nas palavras, seu valor, propriedade e função na conduta de raciocínio; o passo capital em direção à descoberta de estilo, concebido como um alvo em si mesmo, como um fim intrínseco, foi tomado [pelos sofistas].<sup>51</sup>

Eloquência, afirma Donoghue, é um estilo de falar ou de escrever intrinsecamente agradável sem qualquer referência a outros alvos. Não tem alvo algum. É desnecessário. Isso é o que o torna eloquente. Se tivesse algum alvo, a eloquência seria retórica e estaria a serviço de alguma causa ou ideologia.

Donoghue diz que a Bíblia – e Jesus, em particular – se opõe significativamente a este ponto de vista de eloquência como linguagem sem alvo, inútil e agradável.<sup>52</sup> Mas um resenhista cristão, ao contrário disso, foi efusivo a respeito de como o ponto de vista de Donoghue lança luz sobre a maneira como Deus enche o mundo de eloquência fortuita e supérflua:

É muito difícil realmente argumentar em favor da eloquência com termos cristãos? O que poderia ser mais eloquente, mais afortunadamente supérfluo do que a própria criação? Todos os besouros, todas as criaturas não vistas das profundezas, todas as galáxias – tudo desnecessário. Shakespeare foi desnecessário. Meu novo neto, Gus, é desnecessário.<sup>53</sup>

Eu não penso assim. Isto é muito desdenhoso quanto à intencionalidade de Deus. Deus criou este menino chamado Gus, Shakespeare, as galáxias e as milhares de espécies de plantas e animais que ainda temos de descobrir – por capricho ou propositadamente? Se foi propositadamente, eles não são fortuitos. E não são supérfluos. Todas as coisas criadas servem a um propósito mais elevado do que elas mesmas.

### **Sem profundidade suficiente**

O problema com Donoghue e seu resenhista é que eles não foram suficientemente profundos nas implicações, para a eloquência, da existência de um Deus que governa todas as coisas e faz todas as coisas *propositadamente* – na verdade, com o propósito de magnificar a glória de

seu Filho. “Tudo foi criado por meio dele e *para ele*” (Cl 1.16). Galáxias e netos não são fortuitos ou supérfluos. São criados para a glória de Jesus Cristo. Até as galáxias que ainda não vemos servirão para magnificar a grandeza de Cristo. Do ponto de vista de Deus, nada é supérfluo.

O que faremos com todos esses testemunhos variados dos méritos da eloquência em vista da afirmação de Paulo em 1 Coríntios 1.17: “Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o evangelho; *não com sabedoria de palavra*, para que se não anule a cruz de Cristo”. E de 1 Coríntios 2.1: “Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz *com ostentação de linguagem ou de sabedoria*”.

### A eloquência e os sofistas

Existe uma ligação interessante entre a referência de Donoghue aos sofistas e o contexto das palavras de Paulo aos coríntios. Donoghue acha nos sofistas a origem de seu ponto de vista sobre a eloquência. Eles foram os primeiros a tratarem de estilo “como um alvo em si mesmo, como um fim intrínseco”. Uma das obras mais fascinantes sobre o pano de fundo das palavras de Paulo sobre eloquência, em 1 Coríntios, é *Philo and Paul among the Sophists* (Filo e Paulo entre os Sofistas), de Bruce Winter. O argumento de Winter é que os sofistas e sua opinião sobre a eloquência formam o pano de fundo do que Paulo diz a respeito de seu próprio discurso e de como havia ministrado aos coríntios.<sup>54</sup>

Considere comigo as palavras de Paulo em 1 Coríntios para verificarmos se ele nos dá indícios suficientes, os quais nos mostrem o tipo de eloquência que ele rejeitava e o tipo que usava e não rejeitava.<sup>55</sup>

Observe, inicialmente, em 1 Coríntios 1.10-12 que os cristãos de Corinto estavam formando divisões por se alinharem com seus mestres favoritos, e há boa evidência de que as divisões tinham a ver com o tipo de eloquência dos mestres. O versículo 12 afirma: “Refiro-me ao fato de cada um de vós dizer: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo”.

Sabemos, com base em 2 Coríntios 10.10, que os oponentes de Paulo zombavam dele por não ter eloquência. Diziam: “As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, *e a palavra, desprezível* [*ho logos exouthen ēmenos*]”. E sabemos que Apolo, um dos favoritos em Corinto, *era* eloquente, porque Atos 18.24 diz: “Nesse meio tempo, chegou a Éfeso um judeu, natural de Alexandria, chamado Apolo,

homem *eloquente* e poderoso nas Escrituras”. O fato de que ele era de Alexandria é significativo. Filo trabalhou em Alexandria e nos diz quão proeminentes os sofistas eram ali em treinar pessoas para serem eloquentes.<sup>56</sup>

#### *Opondo-se aos sofistas*

Sabemos de, pelo menos, seis fontes que os sofistas também estavam presentes em Corinto.<sup>57</sup> Eles valorizavam muito o estilo e a forma como evidência de educação, poder e sabedoria. E provavelmente influenciaram alguns da igreja para admirarem seu tipo de eloquência e procurarem achá-la em seus mestres cristãos. Apolo talvez se tornou a celebridade deles porque era muito bom em palavras. Bruce Winter diz: “Paulo adota deliberadamente uma postura antissofista e, assim, defende suas atividades de plantação de igreja em Corinto contra um pano de fundo de convenções, percepções e categorias sofistas”.<sup>58</sup>

A maneira de Paulo se opor à eloquência dos sofistas é mostrar que ela anula a cruz. Por quê? Por que este ponto de vista sobre a eloquência anula a cruz?

Parte da razão achamos em 1 Coríntios 1.18: “A palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus”. A cruz não se harmoniza com a eloquência dos sofistas porque é *loucura* para eles – ou seja, a cruz é tão destruidora do orgulho humano, que todas as pessoas que almejam receber louvor humano por meio de “eloquência retoricamente elaborada”<sup>59</sup> e de “um sistema educacional elitista”<sup>60</sup> podem vê-la apenas como loucura. A cruz é o lugar onde nosso pecado é visto como mais horrível e a graça gratuita de Deus brilha mais intensamente. Isto significa que não merecemos nada. Portanto, a cruz destrói o orgulho e exalta Cristo, não nós, e isso a tornava loucura para os sofistas.

Isso é confirmado no versículo 20: “Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século?” – o inquiridor, o homem que é tão ágil com a língua, que pode tomar qualquer dos lados e vencer. Ele é agradável, esperto e verbalmente ágil. Verdade e substância não são importantes; artifício retórico é. Paulo diz no final do versículo 20: “Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?” A sabedoria em vista não é qualquer cosmovisão profunda em contraste com o cristianismo; é o *sofisma de usar a linguagem para vencer debates* e mostrar-se esperto, eloquente e poderoso.

A eloquência que Paulo está rejeitando não é tanto uma convenção de linguagem em particular, e sim a exploração da linguagem para exaltar o ego e menosprezar ou ignorar o Senhor crucificado. Observe novamente o contraste em 1 Coríntios 2.1-2: “Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado”. A atitude de Paulo é esta: “Sempre que me encontro com escribas e inquiridores que fortalecem seu ego com linguagem de competição e deixam a cruz nas sombras, eu a tirarei das sombras e a exibirei totalmente; eu me recusarei a engajar-me em seus jogos de linguagem”.

### *Critério de dois princípios*

Observe uma vez mais neste contexto, que nos oferece o critério de dois princípios para distinguirmos a boa e a má eloquência. Em 1 Coríntios 1.26-29, Paulo subverte o caso de amor dos sofistas com a vanglória.<sup>61</sup>

Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus.

*Primeiro princípio: auto-humilhação.* O desígnio de Deus tanto na cruz quanto na eleição é “que ninguém se vanglorie na presença de Deus”. Esse é o primeiro princípio de nosso critério para distinguirmos a boa e a má eloquência: A linguagem *fomenta o vangloriar-se? Procede de um ego em busca de exaltação por meio de discurso habilidoso?* Se esse é o caso, Paulo rejeita tal eloquência. Depois, ele continua nos versículos 30-31:

Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção, para que, como está escrito: Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.

*Segundo princípio: exaltação de Cristo.* O segundo desígnio de Deus, não somente na cruz e na eleição, mas também na graça soberana da regeneração (v. 30: “Mas vós sois dele”, em Cristo Jesus”) é que todo o gloriar-se seja no Senhor Jesus – aquele que foi crucificado e ressuscitou. “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (v. 31).

Portanto, o segundo princípio de nosso critério para distinguirmos a boa e

a má eloquência é: *exalta a Cristo – em especial, o Cristo crucificado?*

Eis o meu entendimento das denúncias de Paulo sobre a eloquência. Em 1 Coríntios 1.17, ele diz: “... *não com sabedoria de palavra* , para que se não anule a cruz de Cristo”. E em 1 Coríntios 2.1-2, Paulo diz: “... *não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria* . Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado”. O argumento de ambos é este: o uso de palavras que sustenta o orgulho e exalta o ego, a fim de exibir sabedoria humana, é incompatível com acharmos vida e glória na cruz de Cristo. Portanto, que o nosso uso de palavras seja governado por este critério duplo: auto-humilhação e exaltação de Cristo.

Se colocarmos estes dois critérios diante de todos os nossos esforços para causar um impacto por meio da seleção, do arranjo e do pronunciamento de palavras – ou seja, se os colocarmos diante de nossas tentativas em *eloquência* – seremos guardados do uso incorreto da eloquência, que Paulo rejeitou. Agora vejo com mais clareza o que estava por trás da afirmação de James Denney – precisamente, estes dois critérios: “Nenhum homem pode dar a impressão de que ele mesmo é esperto e de que Cristo é poderoso para salvar”.<sup>62</sup> Autoexaltação e exaltação de Cristo não podem andar juntas.

### **A Bíblia é eloquente**

Quando retornamos a Calvino, Lutero e John Donne – os quais disseram que a Bíblia está cheia de eloquência – eu concluo que eles estavam certos. *A Bíblia está cheia de todo tipo de artifício literário para acrescentar impacto à linguagem* : acróstico, aliteração, analogia, antropomorfismo, assonância, cadência, quiasmo, consonância, diálogo, hipérbole, ironia, metáfora, métrica, onomatopeia, paradoxo, paralelismo, repetição, rima, sátira, símile – estão todos lá e mais.

E parece-me que Deus nos convida a nos unirmos a ele nesta criatividade de eloquência. Ele nos chama com palavras tais como:

O homem se alegra em dar resposta adequada, e a palavra, a seu tempo, quão boa é! (Pv 15.23)

Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo (Pv 25.11).

As pernas do coxo pendem bambas; assim é o provérbio na boca dos insensatos (Pv 26.7).

E tudo o que fizerdes, seja em *palavra* , seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai (Cl 3.17).

A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um (Cl 4.6).



Em outras palavras, pense na adequabilidade, oportunidade, conveniência, propriedade e efetividade de suas palavras. E faça todas elas honrarem o nome do Senhor Jesus.

### **Que diferença isto faz?**

Quero considerar uma última pergunta. Se temos permissão de seguir a eloquência (impacto verbal poderoso) – de fato, se somos convidados a, e se a Bíblia é um livro abundantemente eloquente, e se somos guiados em nossa busca deste impacto por meio do critério duplo de auto-humilhação e exaltação de Cristo – qual seria a esperança para nossa pregação se fôssemos bem-sucedidos? Visto que somente o Espírito Santo pode realizar o milagre do novo nascimento e ressuscitar os espiritualmente mortos, e visto que ele pode fazer isso com testemunho comum e monótono do evangelho ou com o testemunho eloquente do evangelho, que diferença faz nos esforçarmos por alguma medida de eloquência ou de maior impacto por meio da linguagem?

### **Cinco esperanças na eloquência cristã**

Eis uma lista inicial de cinco esperanças que aplicamos, sabendo que ao longo do caminho, Deus pode intervir e fazer de nossa pregação instrumento de salvação com ou sem eloquência. Em qualquer domingo, Deus pode tomar a mensagem que julgamos ser péssima e usá-la como o instrumento de um milagre. Se isso acontece, por que dedicarmos tanta atenção a maximizarmos o impacto de nossa linguagem?

#### *1. Mantém o interesse*

Escolhas de linguagem elegante, surpreendente, provocativa e esteticamente agradável (ou seja, eloquência) podem manter as pessoas despertas e focadas por acharem-nas interessante, incomum ou agradável por razões que elas não podem expressar. Quando os discípulos dormiram no Getsêmani, Jesus disse: “O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41). Precisamos ajudar as pessoas quando estão em suas fraquezas.

Isto não é conversão, nem convicção, nem santificação. É um meio solene para esses fins. Pessoas sonolentas ou distraídas não ouvem a Palavra, e a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra. Portanto, a eloquência é como uma boa noite de sono. A eloquência não salva a alma, mas pode manter alguém desperto para ouvir a Palavra, que pode salvar a alma. Portanto, o estilo de um pregador pode manter os ouvintes interessados e atentos para o mesmo

fim.

## 2. *Ganha simpatia*

Linguagem elegante, surpreendente, provocativa e esteticamente agradável pode levar uma mente adversária a uma grande simpatia para com o pregador. Se a linguagem é interessante e bastante agradável, obstáculos podem ser vencidos – apatia, ira, ressentimento, suspeita – e substituídos por respeito, atração, interesse e concentração. Eles não são conversão, nem convicção, nem santificação, mas não repelem uma pessoa como a apatia o faz. De fato, podem atrair uma pessoa para tão perto da luz, que Jesus disse: “Não estás longe do reino de Deus” (Mc 12.34).

Por exemplo, voltemos a George Whitefield e Benjamin Franklin por um momento. A eloquência de Whitefield cativava Franklin. Este não pensava que Whitefield fosse um impostor. E o admirava, e se tornou um de seus amigos mais próximos. Harry Stout, o biógrafo de Whitefield, escreveu: “Franklin se permitia demorar em conversar com Whitefield sobre o assunto de religião, mais do que com qualquer outra pessoa, achando em Whitefield um ouvinte em quem podia confiar – ainda que não concordasse com ele”.<sup>63</sup> Por isso, Whitefield podia conversar com Franklin sobre Cristo como ninguém mais podia fazê-lo. Whitefield se justificou para Franklin, em sua correspondência repleta de Cristo, com uma expressão agradável: “Preciso ter algo de Cristo em todas as minhas cartas”.<sup>64</sup> Quem sabe quão perto Whitefield chegou de ganhar Franklin para a fé? E tudo isso porque a eloquência e a autenticidade de Whitefield venceram, pelo menos em parte, o desdém de Franklin pelo avivamento.

C. S. Lewis escreveu uma carta para uma criança que lhe pedira um conselho sobre como escrever bem.<sup>65</sup> A resposta de Lewis é tão relevante ao assunto de como a pregação ganha um ouvir simpático, que incluirei aqui as cinco sugestões de Lewis:

1. Tente sempre usar a linguagem para deixar bastante claro o que você está querendo dizer e assegure-se de que sua sentença não tenha qualquer outro significado.
2. Sempre prefira a palavra clara e direta à palavra longa e vaga. Não *implemente* promessas, e sim *cumpra* -as.
3. Nunca use substantivos abstratos quando os concretos serão mais apropriados. Se você quer dizer “Mais pessoas morreram”, não diga “A mortalidade subiu”.
4. Ao escrever, não use adjetivos que apenas nos dizem o que você quer que pensemos sobre as coisas que está descrevendo. Ou seja, em vez de dizer-nos que a coisa é “horrível”,

descreva-a para que assim fiquemos horrorizados. Não diga que foi “prazeroso”; faça-nos dizer “prazeroso” quando lermos a descrição. Você percebe, todas essas palavras (apavorante, maravilhoso, detestável, esquisito) são apenas como dizer a seus leitores: “Por favor, façam meu trabalho por mim”.

5. Não use palavras grandes demais para o assunto. Não diga “infinitamente” quando você quer dizer “muito”. Do contrário, não lhe restará palavra alguma quando você quiser falar sobre algo *realmente* infinito.<sup>66</sup>

Penso que esses conselhos quanto a escrever são aplicáveis à pregação.

### *3. Desperta sensibilidade*

Discurso novo, surpreendente, provocativo e esteticamente agradável pode ter um efeito de despertar a mente e o coração de uma pessoa que está longe da regeneração, mas que é importante como um despertar de sensibilidade emocional e intelectual para coisas mais sérias e mais belas. Se uma expressão poética pode levar pessoas a notarem a magnificência do sol, talvez o seu passo seguinte seja verem que os céus proclamam a glória de Deus (Sl 19.1) e, depois, podem chegar a confessar Cristo como o grande sol da justiça (Ml 4.2).

Não foi por isso que Davi, o grande poeta de Israel, disse inicialmente: “Os céus proclamam a glória de Deus” (Sl 19.1) e, em seguida, disse mais poeticamente: “Aí, pôs uma tenda para o sol, o qual, como noivo que sai dos seus aposentos, se regozija como herói, a percorrer o seu caminho” (vv. 4-5)? Por que comparar o sol nascente com um noivo e com um herói? Para ajudar as mentes embotadas a despertarem para a beleza jubilosa do nascer do sol, na esperança de que este tipo natural de despertar possa levar à visão espiritual de que a natureza está relacionada à glória de Deus.

### *4. Fala de maneira memorável*

Certos tipos de eloquência – cadência, paralelismo, métrica, rima, assonância, consonância – podem não somente interessar e despertar o coração, mas também aumentar esse impacto por tornar o discurso memorável, ou seja, mais fácil de ser lembrado e memorizado. Em 2008, proferi uma versão deste capítulo para a Conferência Nacional Desiring God.<sup>67</sup> O título da conferência era “The Power of Words and the Wonder of God” (O Poder de Palavras e a Maravilha de Deus). Sou muito meticuloso no que diz respeito a cadência, consonância e assonância em títulos. Trabalhei neste título da mesma maneira como trabalho em um poema. Queria que o título fosse agradável e memorável. Observe algumas coisas das quais eu estava consciente:

- Primeira é uma *cadência* ou métrica intencional que acho agradável. É chamada iâmbica. A ênfase recai sobre uma a cada duas sílabas, começando com a segunda: “The Pow er of Words and the Won der of God ”.
- Segunda é *consonância* ou aliteração entre os “Ws” em *Words* e *Wonder* . Compare “The Power of Language and the Wonder of God” ou “The Power of Words and the Majesty of God”. Ao meu ouvido, nenhum desses dois títulos produzem o efeito que desejo. Tanto a cadência quanto a aliteração se perdem.
- Terceira é *assonância* . Seis das nove palavras são dominadas pelo som da letra “o”: po wer, o f, wo rds, wo nder, o f, Go d. Contraste: “The Strength of Language and the Marvel of Deity” (A Força da Linguagem e a Maravilha da Divindade).
- Por último, penso que a justaposição de “words”, “wonder” e “God” é incomum, provocativa e atraente.

Tudo isso ajuda as pessoas a lembrarem o título não porque é *des* agradável da maneira como, digamos, a calamidade de 11 de setembro de 2001 é memorável, e sim porque é esteticamente satisfatório. O título da conferência no ano seguinte foi “With Calvin in the Theater of God” (Com Calvino no Teatro de Deus) – pentâmetro iâmbico. Por isso, não pudemos acrescentar a palavra “João” ao nome de Calvino, porque destruiria a métrica. Se você acha que esse tipo de coisa é meticuloso, sugiro que reconsidere. Não é a coisa mais importante na intitulação, mas, se você pode escolher entre algo cativante ao ouvido e algo medíocre, por que não o cativante?

Suponho que o propósito mnemônico de intitular coisas para que sejam agradavelmente memoráveis é a razão porque algumas partes da Bíblia são escritas em acrósticos. Por exemplo, o Salmo 119 tem vinte e duas estrofes de oito versos cada; e cada estrofe começa com uma letra diferente do alfabeto hebraico; e todos os oitos versos em cada estrofe começam com essa letra. Isso não é casual, e sim intencional, artístico e eloquente.

### *5. Aumenta o poder*

A tentativa de elaborar linguagem bonita e impactante torna possível que a beleza da eloquência se una à beleza da verdade e aumente o poder de nossas palavras. Quando temos o cuidado de criar uma maneira primorosa de falar ou de escrever sobre coisas lindas, a eloquência – a beleza da forma – reflete e honra a beleza do assunto, honrando, assim, a verdade.

O *método* e o *assunto* se tornam um, e a totalidade de ambos se torna um testemunho da verdade e da beleza da mensagem. Se a glória de Cristo é, em última análise, sempre o nosso assunto, e se ele criou e sustenta todas as coisas, então, colocar a beleza da forma em harmonia com a beleza da verdade é a maneira mais plena de honrá-lo na elaboração de nossa pregação.

Outra maneira de pensar sobre esta unidade de verdade e forma é esta: se uma pessoa vê e se deleita na beleza de sua linguagem, mas, ainda assim, não vê a beleza do Senhor Jesus, você deu à pessoa não somente um testemunho da beleza de Cristo, mas também um convite. Você disse: “É semelhante a isto, só que melhor. A beleza de minhas palavras é a sombra. Cristo, que criou, sustenta e aceita, misericordiosamente, beleza imperfeita, é a substância. Volte-se para ele. Corra para ele”. Sem dúvida, a minha suposição é que o seu alvo de coração sincero é que sua linguagem exalte não a si mesmo e sim a Cristo. Esse motivo é importante para Deus. E as pessoas discernirão o que está por trás do seu uso da linguagem.

### **Crie eloquência por causa do nome de Cristo**

Sim, a pregação cristã pode ser eloquente. Não é o fator *decisivo* na salvação ou na santificação; Deus é. Mas a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra. Essa palavra na Bíblia é amplamente eloquente – palavras são reunidas de uma maneira que causa grande impacto. E Deus nos convida a criarmos nossas próprias frases eloquentes por causa do nome de *Cristo* e não do nosso. E, no mistério da soberana graça de Deus, glorificaremos a Cristo no coração de outros, às vezes, apesar das palavras que escolhemos e, às vezes, por causa delas. Dessa maneira, ele nos manterá humildes e receberá toda a glória para si mesmo.

### **Escolha palavras cativantes**

O foco da parte 4 está no uso dos *poderes naturais* do pregador na busca do alvo sobrenatural de pregar: adoração autêntica e sincera em toda a vida, para sempre. No capítulo 8, argumentei que o pensar claro, a lógica válida, o uso correto da razão e o manuseio respeitoso e honesto de palavras são totalmente cruciais para pregarmos fielmente e amarmos as pessoas. Neste capítulo, argumentei que a renúncia de “sabedoria de palavra” por Paulo, em 1 Coríntios 1.17, não exclui o uso dos poderes naturais do pregador para escolher palavras que ele acredita compelirão a atenção, esclarecerão a verdade e refletirão a beleza (ou a feiura pecaminosa) da realidade no texto.

Juntando as partes 3 e 4, o quadro que temos é que os alvos de pregar são sobrenaturais. Trabalhamos com afinco e oramos por que se realize no coração das pessoas o milagre que as desapegará dos “prazeres transitórios” do pecado e as encherá de satisfação em tudo que Deus é para elas em Jesus. Para esse objetivo, buscamos pregar no poder do Espírito Santo (parte 3). Precisamos experimentar o milagre que esperamos aconteça em nosso povo. Pregamos *visa à* adoração e é adoração. De maneira paradoxal, buscamos o mesmo alvo sobrenatural da adoração por usarmos nossos poderes naturais de pensar e falar – sempre em dependência do Espírito Santo (parte 4).

A pergunta a que nos voltamos na parte 5 é esta: como se manifestam a nossa dependência do Espírito Santo e o nosso uso de pensar e falar no ato de pregar? A resposta é que se manifestam em rigorosa atenção ao texto da Escritura por causa de penetração radical na realidade. Então, vamos ao assunto.

Benjamin B. Warfield, “Calvin and the Bible”, de *Selected Shorter Writings of Benjamin B. Warfield*, vol. 1, ed. John E. Meeter (Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1970). Originalmente, de *The Presbyterian*, June 30, 1909, pp. 7-8.

John Donne, *The Sermons of John Donne*, ed. George R. Potter and Evelyn M. Simpson (Berkeley, CA: University of California Press, 1953-1962), 6:55.

Martin Luther, *A Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians* (Westwood, NJ: Revell, 1953), 369-70).

Harry Stout, *The Divine Dramatist* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1991), 104; ênfase acrescentada.

Jonathan Edwards, *The Works of Jonathan Edwards*, 2 vols. (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1974; 1:cxv).

Citado em John Stott, *Between Two Worlds: The Art of Preaching in the Twentieth Century* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1982), 325.

Dennis Donoghue, *On Eloquence* (New Haven, CT: Yale University Press, 2008), 3.

*Ibid.*, 148.

*Ibid.*, 136; ênfase acrescentada.

“A mais vigorosa rejeição da eloquência de que tenho ciência é a de Cristo: “Arreda, Satanás”. *Ibid.*, 143.

John Wilson, “Stranger in a Strange Land: On Eloquence”, acesso em 29 de setembro de 2008; [www.christianitytoday.com/bc/2008/001/9.9.html](http://www.christianitytoday.com/bc/2008/001/9.9.html).

“Os sábios, os de nobre nascimento e os poderosos representavam a classe da qual os sofistas tinham vindo e que, posteriormente, os ajudou a se perpetuarem por meio de um sistema educacional elitista que enfatizava a arte da retórica. Visto que o grande pecado do movimento sofista era sua vanglória... Paulo fez uso da proibição de Jeremias contra vangloriar-se de sabedoria, *status* e realizações como um texto primário na crítica do movimento sofista em Corinto.” Bruce Winter, *Philo and Paul among the Sophists: Alexandrian and Corinthian Responses to a Julio-Claudian Movement*, 2nd ed. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2002), 253-54.

Por exemplo, 1 Coríntios 1.25 é eloquente por seu impacto proposital, pois se refere positivamente à “loucura de Deus” e à “fraqueza de Deus”.

“Há... quarenta e duas referências a ‘sofista’ (*sophistes* ) em Filo, além de cinquenta e duas referências a cognatos, e inúmeros comentários sobre o movimento sofista.” Winter, *Philo and Paul* , 7. “Não pode haver dúvida... de que os sofistas e seus alunos eram proeminentes em Corinto e desempenharam um papel importante na vida da cidade.” Ibid., 140.

Winter oferece seis fontes que nos informam do movimento sofista em Corinto. Winter, *Philo and Paul* , 7-9.

Ibid., 141.

Ibid., 144, n16.

Ibid., 253.

“O grande pecado do movimento sofista era sua vanglória.” Ibid.

Citado em Stott, *Between Two Worlds* , 325.

Stout, *The Divine Dramatist* , 228.

Ibid.

C. S. Lewis, *Letters to Children* , carta datada de 26 de junho de 1956, parágrafos 3-7, p. 64, citada em Wayne Martindale and Jerry Root, *The Quotable Lewis* (Wheaton, IL: Tyndale, 1989), 623.

Ibid. 623-24.

Essa palestra foi publicada inicialmente como “Is There Christian Eloquence? Clear Words and the Wonder of the Cross”, em *The Power of Words and the Wonder of God* , ed. John Piper and Justin Taylor (Wheaton, IL: Crossway, 2009), 65-80. Este capítulo é uma versão adaptada dessa palestra.



**PARTE 5 | ATENÇÃO RIGOROSA  
AO TEXTO POR CAUSA DE  
PENETRAÇÃO RADICAL NA  
REALIDADE | MANIFESTANDO A  
CONEXÃO ENTRE O TEXTO E A  
REALIDADE**

# 10 | TEXTO, REALIDADE E SERMÃO | ESCLARECENDO AS CONEXÕES

O alvo da parte 5 é argumentar que a pregação deve dar atenção rigorosa às palavras reais do texto bíblico a fim de penetrar, por meio dessas palavras, na realidade que o texto almeja comunicar. Essa atenção rigorosa não deve acontecer somente durante a preparação da pregação, mas também no próprio ato de pregar. A razão é que as pessoas possam ver as conexões entre o texto e a realidade. Se não virem isto, a autoridade para crerem na realidade muda para longe do texto. Mas, pela vontade de Deus, somente o texto tem autoridade divina. Os efeitos dessa mudança são trágicos para a vida da igreja e sua missão no mundo.

## **O alvo da pregação acontece por meio das palavras da Escritura**

Neste capítulo, tentarei esclarecer esta conexão entre o texto e a realidade e mostrar por que é crucial que os pregadores ajudem seu povo a ver esta conexão. Para nortear este capítulo e o seguinte no escopo mais amplo deste livro, lembro que o alvo supremo da pregação é o mesmo que o alvo supremo da Escritura: *que a dignidade e beleza infinitas de Deus sejam exaltadas através da adoração fervorosa e eterna da noiva de Cristo, comprada por sangue, formada de pessoas procedentes de todo povo, língua, tribo e nação.*<sup>68</sup> Estou me referindo a *adoração* não somente como aquilo que alguém faz nos cultos de adoração, mas também em cada ato da vida nesta era, e na era por vir, que expressa a dignidade e a beleza de Deus como nosso tesouro supremo. Ou podemos dizer que o alvo supremo da pregação é que os ouvintes vejam e desfrutem a beleza e a dignidade de Deus *por meio da Escritura* e mostrem isso em toda a vida, para sempre.

Nessa última sentença, enfatizei a expressão “por meio da Escritura” – “os ouvintes vejam e desfrutem a beleza e a dignidade de Deus *por meio da Escritura*”. Esta é uma expressão monumental. Já argumentei que, quando Paulo disse a Timóteo: “Prega a *palavra*” (2 Tm 4.2), o vocábulo “palavra” se referia a nada menos do que toda a Escritura, incluindo o Antigo e o Novo Testamento.<sup>69</sup> Paulo acabara de dizer em 2 Timóteo 3.16: “*Toda a*

*Escritura* é inspirada por Deus e útil...” De um modo geral, era a isso que Paulo se referia quando disse na sentença seguinte (4.2): “Prega a *palavra*”.

Ao buscar a adoração que transforma a vida de seus ouvintes, a pregação tem por alvo ser fiel à Escritura. A pregação e a Escritura têm o mesmo alvo. O que a Escritura almeja fazer, a pregação também o almeja. O que a Escritura almeja revelar, a pregação também almeja. A pressuposição é que a Escritura é inspirada por Deus, e seu alvo é, portanto, comunicar o que os seres humanos precisam a fim de que os propósitos de Deus sejam realizados por meio da Escritura. A pregação que traz para fora da Escritura o que está realmente lá se une a Deus em cumprir seus propósitos supremos.

Portanto, a pregação é expositiva. No capítulo 3, citei uma definição ampla de John Stott sobre exposição: “Expor a Escritura é trazer para fora do texto o que está lá e expô-lo à visão”. Em outras palavras, o conteúdo da pregação é “o que está lá”. Mas o que realmente está lá? E onde? São as estruturas gramaticais? As ideias na mente do autor? Os eventos históricos? É Deus? É glória? São afeições humanas? E está *no* texto, *por trás* do texto, *por meio* do texto?

Visto que “trazer para fora do texto o que está lá” é ambíguo, esclareci o que pretendo dizer por exposição. Argumentei que o conteúdo da pregação, em sua essência, não é o texto bíblico (que, apesar disso, permanece indispensável em todos os seus detalhes), e sim *a realidade que o texto está comunicando*. Para muitos pregadores que levam a sério o texto da Escritura, isso precisa ser enfatizado. Do contrário, o pregador pode pensar que fez exposição quando apenas explicou os padrões, as estruturas gramaticais e contextuais. O pregador pode achar muita fascinação nas estruturas lógicas e gramaticais no contexto imediato e pode ser tão cativado pelas macroestruturas canônicas de “teologia bíblica”,<sup>70</sup> que pensa haver feito sua exposição quando mostrou estas coisas. E pode confundir sua própria empolgação estética, teológica e intelectual, em identificar estas coisas, com a *exultação* espiritual pela realidade divina que tudo isto almeja comunicar.

Portanto, estou enfatizando o *fator realidade* na tarefa de exposição. Quando Stott diz que o conteúdo do sermão é “a verdade bíblica”, quero assegurar que a palavra “verdade” não se refere meramente a proposições históricas e gramaticais ou a estruturas linguísticas ou temáticas, e sim à

*realidade* que está sendo referida. Se o texto é “Deus é amor”, o sermão “traz para fora e expõe” a *realidade* de “Deus”, a *realidade* do “amor” e a *realidade* do relacionamento entre Deus e o amor expresso pela palavra “é”.

### **A essência da pregação: descortinar a realidade**

Suponha que o pregador vê em seu texto – digamos, 2 Coríntios 6.16 – que Paulo chama a igreja de “santuário do Deus vivo” e que Deus promete: “Habituarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”. Suponha que ele diga para os ouvintes que isto faz parte de um fluxo de revelação antigo que começa no Éden e termina com uma promessa semelhante da presença de Deus nos novos céus e na nova terra. Suponha que ele use dez ou quinze minutos de sua mensagem para destacar quatro ou cinco exemplos desse fluxo em outras passagens da Bíblia. Minha observação é esta: acute-se de pensar que todas essas observações sobre as estruturas e padrões abrangentes, com uma grande dose de empolgação em ver tais coisas, são a essência da pregação. Não são.

A essência é o fator realidade. Que realidade estes textos e estas estruturas e padrões estão comunicando? Qual é a natureza da realidade? Qual é o valor da realidade? Que implicações a realidade têm para as pessoas desta congregação? Deixe a empolgação se aprofundar. Deixe-a penetrar pelas estruturas e pela emoção da descoberta até à própria realidade, ou até o próprio Senhor!

Não é necessário ter vida espiritual para alguém ficar empolgado com a descoberta de relações gramaticais, estruturas linguísticas e padrões canônicos. Esse prazer é real e bom. Mas pode não ser dado pelo Espírito, nem exaltador de Cristo, nem centrado em Deus. Compartilhamos desse prazer com o mundo caído. Mas somente os olhos do coração, dados pelo Espírito (Ef 1.18), podem ver e ficar emocionados com a realidade centrada em Deus e exaltadora de Cristo comunicada por meio dos textos. O alvo dos pregadores não é atrair pessoas à sua empolgação com a forma de janelas literárias, e sim com a realidade vista *pelos* janelas. Almejamos atrair a mente e o coração de nosso povo para o mundo de glória, pela janela das Escrituras. O alvo da pregação é que as pessoas experimentem a realidade permeada de Deus vista pela janela das palavras bíblicas. Acute-se de fazer das estruturas textuais (sejam estruturas microgramaticais, sejam estruturas macrocanônicas) o clímax da pregação. Mantenha sempre diante de si as convocações do *fator realidade*.

## **Atenção rigorosa a palavras, penetrando radicalmente na realidade**

Neste capítulo, o que tentarei esclarecer e defender é que a exposição inclui tanto *atenção rigorosa* às palavras do texto bíblico quanto uma *penetração radical* na realidade que o texto almeja comunicar. O texto provê o caminho para descobrirmos a realidade; por isso, não somos livres para criar a nossa própria realidade e, depois, monopolizarmos o texto para que dê autoridade à nossa realidade. Se não podemos mostrar a realidade por meio das palavras do texto, não temos nenhuma autoridade bíblica para a realidade.

Isso significa que, quando Paulo diz: “Prega a palavra” (2 Tm 4.2), ele quer dizer: “Prega a palavra *por causa da realidade que ela almeja comunicar*”. Uso intencionalmente a palavra *comunicar*, em lugar da palavra *entender*. Para a maioria das pessoas, a palavra *entender* limitaria o alvo da pregação a assimilar as *ideias* do autor. Mas, quando insisto numa *penetração radical na realidade* que o texto quer comunicar, estou falando de algo que é muito mais do que entender ideias. Estou falando de perceber a realidade que dá surgimento às ideias, bem como das emoções despertadas pela realidade que o autor deseja que não somente entendamos, mas também experimentemos.

Quando o apóstolo Paulo diz: “Alegrai-vos no Senhor” (Fp 3.1), sua intenção é que *entendamos* suas palavras e que *experimentemos* alegria. Portanto, pregar em Filipenses 3.1 *por causa da realidade que ele almeja comunicar* significa que a pregação tem o alvo de incorporar e despertar alegria por meio da exposição das palavras do texto. O fator realidade impele o pregador para o seu alvo final – que Deus seja glorificado na experiência de seus ouvintes do que os autores bíblicos tencionam comunicar – neste caso, alegria no Senhor.

## **Atenção rigorosa ao texto por causa da realidade**

Minha pressuposição neste capítulo (que defendi e expliquei em *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural*, capítulo 20) é que a realidade que os autores bíblicos almejam comunicar não está oculta em lugares secretos e separados das palavras e sentenças do texto bíblico. É percebida em e por meio de manejarmos corretamente essas palavras e sentenças. Quando oramos para que Deus nos mostre sua glória na Escritura (“Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei” – Sl 119.18), não estamos pedindo que ele ignore as próprias palavras do texto. O salmista orou: “Permita-me contemplar as maravilhas ‘da tua lei’ [mittōwr ātek ā]”.

De modo semelhante, quando 1 Samuel 3.21 nos diz: “Continuou o SENHOR a aparecer em Siló, enquanto *por sua palavra* o SENHOR se manifestava ali a Samuel”, tomamos a sério a expressão “por sua palavra”. A realidade revelada é o próprio Senhor. Pregador terá o alvo de que as pessoas percebam e reverenciem essa realidade – o próprio Senhor. Mas o Senhor se revela “por sua palavra”. Portanto, o pregador presta atenção à Palavra – as próprias palavras da Escritura.

O pregador não é um médico da mente, um médium ou um adivinhador. Ele não evoca a realidade divina para as pessoas verem à parte das palavras da Escritura. A obra do pregador é manejar “bem a palavra da verdade” (2 Tm 2.15). A ligação entre a realidade divina e o coração dos ouvintes são as palavras da Escritura e a maneira como o pregador lida com elas – no poder do Espírito Santo.

Portanto, em nossa busca por penetrarmos radicalmente na realidade que os autores bíblicos almejam comunicar, oramos não somente pelo milagre de luz sobrenatural; oramos também pela ajuda de Deus em interpretarmos as palavras do texto. A realidade que devemos perceber e experimentar não paira sobre o texto como uma nuvem, para ser adivinhada, de algum modo, à parte do que os autores escreveram. O caminho para ela é o manejar correto das próprias palavras do texto. Isso é verdadeiro quanto à descoberta particular do pregador em seu escritório; é verdadeiro também quanto à sua explanação pública na pregação. O pregador mostra a realidade para seu povo por apontar para as próprias palavras da Escritura e por ajudá-los a verem como essas palavras se harmonizam para revelar essa realidade.

### **Uma de minhas grandes preocupações com a pregação**

Esta é uma de minhas grandes preocupações com a pregação hoje: que os pregadores levem seus ouvintes as próprias palavras da Escritura. Muitos pregadores se esforçam para falar sobre realidades bíblicas sem mostrar claramente para seu povo as palavras exatas por meio das quais eles veem as realidades e como as palavras trabalham realmente juntas para tornarem clara esta realidade. Observe que não estou, neste ponto, lamentando a falha de não chegarem ao conteúdo da pregação a partir dos textos. Isso é um problema ainda mais sério. Estou falando sobre pregadores que fazem realmente um trabalho árduo para acharem o conteúdo de sua pregação em e por meio do texto da Escritura, mas, depois, ao pregarem, não ajudam as pessoas a verem a conexão entre a realidade que estão proclamando e as

próprias palavras do texto.

Vejo a mim mesmo como parte de uma longa tradição de pregação que enfatiza não somente que a realidade sobre a qual pregamos deve vir do próprio texto bíblico, mas também que deve ser claro para os ouvintes que ela vem do texto. Devemos mostrar aos ouvintes como vimos o que vimos por meio do texto. O teólogo holandês Peter Van Mastricht (1630-1706) era o “teólogo favorito” de Jonathan Edwards, de acordo com Douglas Sweeney. Van Mastricht escreveu um ensaio sobre pregação como um apêndice de um livro que “Edwards apreciava mais do que qualquer outro, exceto a Bíblia” – a obra prima de Van Mastricht, *Theoretico-practica Theologia* .

No ensaio, Van Mastricht escreve que, ao formularmos qualquer ponto a partir da Escritura, duas coisas precisam ser observadas:

1. Deve, com certeza, estar no texto ou ser extraído dele por consequência incontestável, para que o pregador não diga apenas qualquer palavra de Deus, mas exatamente a palavra específica que está em seu texto. 2. *Isso deve também ser evidente para seu ouvinte, e a lógica da dedução ou consequência deve ser apresentada tão claramente que os ouvintes não duvidem que a doutrina está no texto* .<sup>21</sup>

Eu costumava pensar que a omissão disso se devia principalmente a um desejo de não parecer pedante ou simplista. Talvez alguns pregadores achem que dizer às pessoas que olhem com eles as próprias palavras e frases do texto, à medida que apresentam seus pontos, é acadêmico e dogmático.

Nota: uma nota parentética de esclarecimento que é importante demais para estar entre as notas de rodapé. Estou ciente de que milhões de cristãos, ao redor do mundo, não têm Bíblias em suas mãos ou em seus smartphones, quando sentam para adoração. Alguns não as têm porque são muito pobres; alguns, porque não sabem ler; alguns, porque não há uma tradução bíblica em seu idioma; alguns, porque aprenderam que devem apenas ouvir e não acompanhar em sua Bíblia. Não estou pressupondo que só podemos fazer exposição séria, como estou propondo, onde as pessoas têm Bíblias diante de si. Estou enfatizando um princípio: mostre ao povo, *em qualquer grau possível* , que sua afirmação de estar proclamando realidades da Palavra de Deus é, de fato, endossada pelo que a Bíblia realmente diz. Isso será feito de maneiras diferentes em contextos diferentes, dependendo das formas em que as Escrituras estão disponíveis. Mas precisa ser feito porque a autoridade de nossa mensagem está na Palavra de Deus e não em nós mesmos.

Agora, voltando ao ponto: alguns pregadores talvez pensem que dizer às pessoas que olhem com eles as próprias palavras e frases do texto tem



cheiro de escola e de palestras que têm conotações monótonas e, por isso, não prende a atenção, nem estimula as afeições, nem contribui para adoração.

Além disso, todos já ouvimos a expressão *texto-prova* sendo usada de modo pejorativo. A crítica do texto-prova tenciona sugerir que o pregador é inexperiente em seu uso da Escritura e não presta muita atenção ao contexto mais amplo. Às vezes, a crítica vem acompanhada da suposição de que a Bíblia não pode realmente ser usada tão exatamente quanto uma citação específica da Escritura sugere, mas pode ser usada apenas como uma coleção de indicadores temáticos para discernimentos gerais. Por trás da hesitação para sermos explícitos e específicos sobre a base de nossos discernimentos nas próprias palavras do texto da Escritura, há uma perda de confiança na própria Bíblia. Ou uma perda da confiança de que a Bíblia pode realmente ser entendida com autoridade e exatidão.

### **Dois problemas não intencionais**

Eu disse que *costumava* pensar que o problema era principalmente um desejo de não parecer pedante ou simplista. Mas cheguei a ver que este não é o único e, talvez, nem mesmo o principal problema entre os pregadores crentes. Essa explicação implica muito esforço autoconsciente para *evitar* referir-se ao texto. No entanto, cheguei a ver que os pregadores que tenho em mente não estão, em geral, fazendo esforços conscientes para evitar referirem-se as palavras do próprio texto durante seu sermão. Pelo contrário, fazer isso não acontece naturalmente; e eles não estão sendo impelidos a fazê-lo por uma forte convicção de que é realmente importante. Estão felizes em formular seus pontos e esperam que seus ouvintes percebam que os pontos procedem do texto, ainda que os pregadores não deem ao povo a ajuda de que necessitam.

Há um problema duplo. Um tem a ver com o *dom pedagógico*. O outro tem a ver com *convicção* sobre a importância de as pessoas verem por si mesmas onde e como o pregador achou seu discernimento sobre a realidade bíblica.

Por “dom pedagógico”, estou falando da capacidade intuitiva para discernir como as pessoas da congregação estão seguindo seu raciocínio e como veem na Escritura o que você vê. Isso é, pelo menos, parte do que Paulo falou quando disse que os ministros da Palavra de Deus na congregação precisam ser hábeis no ensinar (*didaktikon*, 1 Tm 3.2; 2 Tm 2.24), e quando disse que a palavra deveria ser confiada a homens fiéis que

são “suficientes”, “competentes” ou “aptos” para ensinar outros (*kikanoi esontai kai heterous didaxai* , 2 Tm 2.2). O “dom de ensino”, que é uma parte significativa do que a pregação é, inclui a capacidade de discernir como as pessoas assimilam o que você diz, se elas o estão acompanhando e o que você pode fazer para ajudá-las a ver o que você vê.

Nem todos os pregadores são igualmente dotados desta maneira. Meu apelo aqui é que todos nós oremos por uma capacitação maior em nossa habilidade de ajudar as pessoas a verem o que nós vemos por meio dos textos bíblicos. Muitos pregadores supõem que as pessoas os estão seguindo quando, na verdade, estão bem confusas no que estão ouvindo. O pregador proclama um discernimento que achou no texto e supõe que as pessoas ouvem o discernimento e percebem de onde ele vem no texto. Talvez o pregador suponha isto porque o texto foi lido no começo da mensagem, dez, quinze ou trinta minutos antes. Mas posso assegurar a esses pregadores que as pessoas não lembram o texto suficientemente bem, a ponto de saberem como ele está obtendo seus discernimentos do texto.

Às vezes, o pregador até mencionará de que versículo bíblico vem o seu discernimento, mas a referência é tão vaga e tão breve, e o ritmo de sua pregação é tal, que o ouvinte não consegue olhar o versículo e acompanhar o pregador à medida que ele prossegue. O ouvinte se perde em tentar localizar as palavras do texto que apoiam o ponto, enquanto o pregador está prosseguindo para apresentar as implicações de seu ponto.

Os pregadores deveriam orar por esse dom pedagógico para perceberem quando isso está acontecendo. Ou melhor, para entenderem por que acontece e, depois, antes que aconteça, ajudarem os ouvintes por se referirem mais específica e mais precisamente às palavras que tornam o discernimento claro e convincente. E, se você acha que isso sugere uma pregação enfadonha e semelhante a uma palestra, asseguro-lhe: não tem de ser assim. O tom da pregação que mostra para as pessoas a palavra *portanto*, no começo de um versículo, pode ser tão vívido e empolgante como qualquer emoção que acompanha generalizações vagas que nunca citam o texto.

### **Seguindo para a ilustração**

Se isso se deve à fraqueza no dom pedagógico ou à convicção de que não é realmente importante, há uma grande desconexão entre os pontos que o pregador está afirmando e a assimilação que as pessoas têm desses pontos nas próprias palavras da Escritura. Na esperança de ajudar a acabar com a

desconexão, tentarei ilustrar, no capítulo seguinte, o tipo de pregação que tenho em mente. Oferecerei três exemplos de como focalizar-se nas palavras da Escritura por causa da realidade – e de como ajudar as pessoas a verem a conexão.

Isso foi explicado e demonstrado em John Piper, *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural: Provando e Vendo a Glória de Deus nas Escrituras* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2018), parte 1.

Ver capítulo 3.

Os amantes de teologia bíblica podem se sentir incomodados aqui. Não. Sua disciplina não é mais nem menos vulnerável a este problema do que qualquer micro ou macrométodo de achar e descrever o significado na Escritura – incluindo os métodos que eu possa usar. O que eu estou enfatizando é que qualquer *palavra* ou *ideia*, como *amor*, *reino*, *aliança*, *templo*, *glória* ou *Deus*, pode produzir alegria intelectual nas microdescobertas de como elas se encaixam nas cláusulas ou nas macrodescobertas de como elas se encaixam nos padrões de teologia bíblica. Mas essa alegria pode não ser uma apreensão espiritual da realidade do amor, do reino, da aliança, do templo, da glória ou de Deus.

Citado de Douglas Sweeney, *Edwards the Exegete: Biblical Interpretation and Anglo-Protestant Culture on the Edge of the Enlightenment* (New York: Oxford University Press, 2016), 193-94; ênfase acrescentada.

# 11 | MOSTRANDO COMO A REALIDADE BRILHA ATRAVÉS DAS PALAVRAS DA PASSAGEM | TRÊS EXEMPLOS

No capítulo anterior, argumentei que o pregador deve dar atenção rigorosa às palavras da Escritura, não por causa delas mesmas, mas por causa da penetração, por meio delas, na realidade que as palavras têm o propósito de comunicar. As palavras são um instrumento indispensável para a visão espiritual da glória da realidade. Mas a realidade é o alvo. Argumentei que o alvo da pregação é mostrar a conexão entre o texto e a realidade. A palavra-chave foi *mostrar*. As pessoas têm de ver como o texto comunica a realidade. Do contrário, a opinião do pregador substitui a autoridade do texto. A autoridade da pregação está na correspondência evidente entre o sermão e a Escritura. Outra vez, a palavra-chave é *evidente*.

Neste capítulo, quero ilustrar o tipo de pregação que tenho em mente. Meu alvo é ajudar a superar a desconexão entre o ponto que o pregador está afirmando e as palavras do texto como as pessoas as veem. O que apresento em seguida são três exemplos de como focalizar-se nas palavras da Escritura por causa da realidade – e de como ajudar as pessoas a verem a conexão.

## Exemplo 1: Mateus 7.7-12

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem? Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.

Suponha que você esteja pregando sobre o Sermão do Monte e ficou grandemente extasiado com algo que viu enquanto preparava a pregação sobre Mateus 7.7-12. Suponha que seu coração se encheu de alegria pela promessa de Deus de responder nossas orações como um bom Pai, nos versículos 7-11, e pela descoberta de que esta confiança jubilosa é

precisamente o que nos dá liberdade e poder para obedecer ao incrivelmente difícil mandamento no versículo 12 (“Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles”). E suponha que você se demora nesta verdade por dez ou quinze minutos, dando exemplos bíblicos e aplicações pessoais de como a promessa do cuidado paternal de Deus em responder oração nos ajuda a tratar os outros da maneira como gostaríamos de ser tratados.

A isto eu diria: maravilhoso! Faça isso. Mas toda a tese permanece incerta – ou seja, a tese de que Jesus *realmente disse* que a promessa de Deus de responder a oração é a base e o poder para a obediência à regra áurea. Você não mostrou às pessoas a *própria palavra* que deixa isso bastante claro e dá à tese a autoridade e o poder na vida delas. Você afirmou a verdade. Viu-a em sua preparação; e ela está realmente no texto. Mas não ajudou seu povo a ver o que você viu *no texto*. É um problema sério, porque as pessoas ficam procurando alguma razão para crerem no que você diz, além do simples fato de que você o disse. Você quer que elas creiam em você por causa de *sua* autoridade? Ou porque elas veem autoridade na *Escritura* ?

*Mostre-lhes o que está realmente lá*

Estou apelando que o pregador ajude as pessoas a verem a beleza desta verdade nas próprias palavras de Mateus 7.12 – a verdade de que a promessa de Deus de cuidar de nós, por meio de oração respondida, é a *base* de nossa capacidade para cumprir a regra áurea. O versículo 12 começa com *portanto* ou *pois*. “Quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem? Tudo quanto, *pois* [portanto], quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles.”

Isso é o que as pessoas precisam ver! Elas precisam ver. Toda a autoridade de seu discernimento, toda a razão de sua empolgação, depende delas verem. Você não está inventando algo. Jesus realmente disse isso! É admirável. É glorioso! Jesus disse: “*Porque* o vosso Pai vos dá, em resposta a oração, aquilo de que necessitais, *portanto* ... amai os outros da maneira como desejais ser amado. Amai os outros, não importando o custo, *porque* vosso Pai celestial está muito mais comprometido em vos dar o que vos é necessário do que qualquer pai humano está comprometido com seu filho”. Essa realidade gloriosa e admirável está contida na palavra *portanto*, no início do versículo 12! Mostre-a ao seu povo! Assegure-se de que a veem por si mesmos.

Quando digo que as pessoas precisam vê-la, estou querendo dizer que você

deve mostrar-lhes essa realidade. Elas precisam de mais do que uma leitura do texto no início do sermão. Precisam de mais do que ouvirem-no dizer que você viu essa verdade na palavra *portanto* . Isso não é suficiente, porque, enquanto você continua falando sobre as implicações, as pessoas estão (eu espero) tentando vê-la por si mesmas. Mas estão ficando perdidas e desorientadas quando tentam vê-la, enquanto você prossegue. Elas precisam de que você lhes *mostre* a própria palavra que fundamenta seu discernimento e sua alegria.

#### *Leve-as ao texto e mostre-lhes*

Leve-as ao versículo e indique a palavra *portanto* . Pergunte-lhes se a estão vendo. Pergunte-lhes se sabem o que a palavra significa. Ilustre como ela funciona na fala comum. (“Meu pai comprou para mim uma vara de pescar e me ensinou a pescar quando eu tinha sete anos de idade; *portanto* , tenho sido um pescador ávido por toda a minha vida.”) Ore pelo dom pedagógico para intuir se o que é bastante claro para você também é claro para o seu povo ou não. Eles precisam de ajuda sábia e paciente para verem e ficarem admirados com aquilo que o deixou admirado. E isso é admiração. Mostre-lhes. *Mostre* -o para eles. Isso é *exposição* . E você pode fazer isso com *exultação* nesta realidade magnífica do cuidado e do amor de Deus. Não será entediante. O povo de Deus ama ver essas coisas.

Portanto, estou apelando que você não somente diga coisas que estão no texto e diga *que* elas estão no texto, mas, além disso, que você *mostre* às pessoas que estas coisas estão no texto e *como* elas estão no texto. Estou sugerindo que você ore por um dom cada vez maior em intuições pedagógicas sobre como o seu povo ouve e pensa.

### **Exemplo 2. Romanos 5.20-6.1**

Nosso segundo exemplo de quão crucial é mostrar às pessoas seu ponto a partir das próprias palavras e estruturas do texto é mais complexo. É um grande desafio para o pregador que algumas das mais gloriosas realidades são reveladas por meio de alguns dos textos mais complexos. Isso é certamente verdadeiro em partes do livro de Romanos. Consideremos, por exemplo, Romanos 5.20-6.1:

Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor. Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?

Suponha que, em sua mensagem sobre esse texto, você tenha chegado ao ponto em que está ansioso para deixar claro o significado de Paulo ao dizer que a graça reina “*pela justiça* para a vida eterna”. Você já salientou o poder *reinante* da graça (implícito na palavra *reinasse* ), mais poderoso do que o reino da morte. Você já mostrou que este reino da graça nos levará triunfantemente à vida eterna.

Agora, apresente a pergunta a seu povo: o que Paulo queria dizer com a expressão “*pela justiça*”? Você os leva a pensar atentamente sobre isso. O apóstolo inspirado nos deu essa expressão porque desejava que soubéssemos *como* a graça reina para nos levar à vida eterna. Não basta *saber* que a graça nos levará triunfantemente à vida eterna. Paulo desejava que soubéssemos *como* . Essa é a razão por que ele diz que a graça reina “*pela justiça*”. Saber isso será bom para nós. Bom para nosso casamento. Bom para nossa solteirice. Bom para nossas atitudes no trabalho. Bom para nosso lidar com a enfermidade. Bom para nossos filhos. Bom para nossa perseverança na fé até ao fim da vida. Deus não desperdiça palavras. Ele deseja que entendamos *como* a graça reina para nos levar à vida eterna.

*O que “justiça” significa?*

Neste ponto, você sugere à sua congregação dois significados possíveis da palavra “justiça”. Um significado é a justiça que Cristo realizou em sua obediência e morte – o “dom da justiça” mencionado em Romanos 5.17, a justiça de Cristo que é imputada a nós pela fé. E você esclarece como esta justiça é diferente da justiça que realizamos pelas nossas boas obras.

No entanto, depois você salienta que alguns intérpretes entendem a justiça aqui, no versículo 21, como a justiça que *nós* realizamos. Não é legalismo. Não é justiça própria. Mas é o fruto do Espírito Santo. Você explica que isso não é uma falácia. Em outra passagem, Paulo se refere aos cristãos como sendo “cheios do fruto de *justiça* , o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus” (Fp 1.11). Você ressalta que os intérpretes que a entendem dessa maneira concordam que ela é um “dom de justiça” – não a justiça de Cristo contada como nossa, e sim a justiça que Cristo *opera em nós* por meio do Espírito. Mas, em qualquer caso, é um dom gratuito dele.

Em seguida, você retrocede e esclarece, tão intensa e proveitosamente quanto possível, as duas opções:

1. A graça reina para nos levar à vida eterna. Como? “Pela justiça.” Isto significa: *a graça conta a justiça de Cristo como nossa* e assim nos mantém no favor de Deus por causa de Cristo, até que sejamos perfeitos na vida



eterna.

2. A graça reina para nos levar à vida eterna. Como? “Pela justiça.” Isto significa: *a graça produz em nós atitudes corretas e comportamentos corretos* e, assim, garante para nós e em nós a “santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14), levando-nos seguramente à vida eterna.

Agora, o que você faz nesta altura? Muitos pregadores se voltam a padrões doutrinários – uma confissão eclesial, ou alguma tradição protestante, ou algum teólogo respeitado, ou mesmo algum outro texto bíblico – para resolver o problema. Podem tentar estabelecer o assunto como um conflito entre doutrina correta e doutrina errada ou entre ortodoxia e heresia. Mas isso não funcionará, visto que *ambos* os entendimentos de como a salvação acontece são verdadeiros. A graça conta realmente a justiça de Cristo como nossa. A graça produz realmente em nós um comportamento correto. E ambos são necessários para a vida eterna, ainda que não da mesma maneira. Mas somente uma destas interpretações é o que Paulo tenciona *naquele* texto. Isso é o que importa aqui.

*Não se imponha – faça a coisa difícil, mostre-lhes*

Não ouse se impor aqui. Não ouse dizer a seu povo: “Eis a minha opinião” e, depois, seguir em frente como se a opinião fosse verdadeira apenas porque você disse que é. Não. Você precisa *mostrar* às pessoas qual interpretação é verdadeira – qual das interpretações é tencionada por Paulo. Por isso, você diz: “Olhemos o versículo seguinte para notar se ele nos oferece algum esclarecimento sobre o assunto”.

Você menciona a objeção que alguém faz em relação ao versículo 21. Alguém diz: “Muito bem, se a graça nos leva à vida eterna por meio da justiça, vamos todos pecar para que a graça seja abundante”. Paulo se refere a essa objeção em Romanos 6.1: “Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?” (Faça uma pausa. Verifique. Eles leram o versículo 1? Eles veem a objeção que está implícita?)

Em seguida, você pergunta: “Quando o objetor levanta seu protesto (‘se a graça nos leva à vida eterna por meio da justiça, vamos todos pecar para que a graça seja abundante’), que significado da palavra *justiça* ele está pressupondo para dar sentido à sua objeção?” Você admite para seu povo que é algo complicado e pede que eles continuem ali, com você, e pensem os pensamentos de Paulo como ele mesmo estava pensando. Aqui é onde o dom de ensino (espera-se que os pregadores o tenham – 1 Tm 3.2; 2 Tm

2.2, 24) se torna tão importante. Como você pode ajudar as pessoas a seguirem seu raciocínio com base no texto? Você precisa achar uma maneira. Você se dedicará a isso em sua preparação.

Você resolve dizer: “Vamos tentar inserir cada um dos dois significados de justiça na objeção para verificarmos qual dos dois é plausível”. Com certeza, Paulo não levantaria uma objeção que é mera falácia, sem plausibilidade, e que ninguém jamais teria levantado. Então, aqui estão elas. Qual destas objeções o objetor estava realmente levantando?

1. “Se a graça nos leva à vida eterna pela [*imputada*] justiça [*da obediência de Cristo, não a nossa*], vamos todos pecar para que a graça seja abundante!”

2. “Se a graça nos leva à vida eterna pela [*produzindo em nós a nossa própria*] justiça, vamos todos pecar para que a graça seja abundante!”

Você para novamente. Pergunta-lhes: “O segundo significado faz sentido?” Você responde: “Não, simplesmente não faz sentido”. Equivale a isto: se a graça opera em nós para nos tornar justos e nos guardar do pecado, então, vamos todos pecar. Isso não faz sentido. Vamos pecar porque Paulo mostrou que a graça nos guarda do pecado? Em outras palavras, a objeção que está por trás de Romanos 6.1 jamais teria ocorrido a alguém, se ele pensasse que a justiça mencionada no versículo 21 era um triunfo dado pelo Espírito sobre o pecado. Ninguém jamais diria: “Se a graça está nos guardando de pecar, vamos todos pecar para que a graça seja abundante”. Mas, se a graça significa contar a justiça *de Cristo* como nossa, então, alguém poderia realmente levantar a objeção: “Muito bem, vamos todos pecar para que a graça seja abundante”.

*Mostre que todo o raciocínio é importante*

Assim, você conclui (respira profundo, eles ainda estão com você?), portanto, que podemos estar certos de que o que Paulo queria dizer em Romanos 5.21 era que a graça está reinando *pela justiça de Cristo imputada a nós* para nos levar à vida eterna. Este é o significado que faz sentido com base no fluxo de pensamento do apóstolo, à luz do versículo 5.21 até 6.1. E, depois, você passa o resto de sua mensagem investigando a *realidade* da justiça imputada, a *realidade* da graça, a *realidade* de como a justiça de Cristo se relaciona com o poder da graça, a *realidade* da vida eterna e os *aspectos reais* de nossa vida que são afetados profundamente por estas *realidades* estupendas.

Meu objetivo aqui não é persuadi-lo a respeito de qualquer opinião

específica quanto à justificação. Meu objetivo é mostrar que a pregação *dá atenção rigorosa às próprias palavras e cláusulas do texto* como um meio de penetrar na realidade que o texto está comunicando. O pregador tem apenas um acesso definitivo às realidades que são infinitamente importantes – Cristo, graça, justiça, vida eterna – e este acesso são as palavras inspiradas da Escritura. Aqui está o acesso que o nosso povo tem. O pregador não toma o lugar da Escritura. O pregador ajuda as pessoas a verem a realidade que a Escritura almeja comunicar. O trabalho do pregador consiste em ajudar sua congregação a ver e desfrutar a beleza e o valor dessas realidades *por meio da Escritura*.

Compreendo que é um tipo de pregação tão completamente diferente da pregação com a qual muitas igrejas estão acostumadas, que o pregador precisará de muita paciência, grande sabedoria e capacitação pedagógica para segurar tantos ouvintes quanto ele puder. Mas, se o coração dele está cheio de alegria pelo valor prático e eterno do que tem visto e do que está mostrando a seu povo, então aqueles que conhecem a voz do Senhor (Jo 10.4) se regozijarão com o fato de que “a voz” está soando com clareza e poder no púlpito.

### **Exemplo 3: Jó 1-2**

Suponha que se passaram vários meses desde que a nação sofreu um grande terremoto, seguido por um ataque terrorista. Centenas de pessoas morreram pela queda de prédios durante o terremoto e por causa do subsequente ataque terrorista. As semanas de tristeza causaram questionamento bíblico e teológico sério. Durante esse tempo, você, o pregador, foi um exemplo para seu povo do que significa lamentar e entristecer-se com aqueles que ficaram entristecidos (Rm 12.5). Mas agora sua igreja precisa de uma palavra de seu pastor sobre o lugar de Deus nesses desastres.

Você escolhe os dois primeiros capítulos de Jó como seu texto. Você já estudou o livro de Jó por vários anos. Você pregou antes sobre o livro de Jó. Conhece o seu fluxo de pensamento. Mas você passa horas meditando e esperando por uma nova palavra do texto. Sabe, com base em experiência passada, que uma das maneiras mais comuns para se evitar o que esse livro ensina é dizer que a confiança de Jó na soberania de Deus, em meio ao sofrimento, é mal direcionada. Em outras palavras, alguns dizem que as afirmações de Jó sobre a soberania de Deus nessas tragédias não são a verdade que o autor inspirado tencionava comunicar para que creiamos nela – também não devemos crer na péssima teologia dos três amigos de Jó. Jó

estava enganado, eles dizem; não se una a ele em dizer: “O Senhor o tomou”.

Em sua pregação, você pode reconhecer com interesse pastoral sincero que algumas pessoas acham que a experiência de Jó e o ensino do livro são dolorosos, talvez até ofensivos. Você expressa paciência com essa reação, porque sabe como tinha dificuldade com a soberania de Deus quando tinha seus vinte anos. Mas lembrará a seu povo que, no passar dos anos, muitos nesta congregação (estou falando de minha própria experiência aqui) têm descoberto que a bondade e a soberania de Deus são a própria rocha de que necessitavam, quando passaram por alguma tragédia, e que os guardou de naufragarem num mar de falta de significado.

#### *A admirável confiança e adoração de Jó*

Você dedica a primeira parte da exposição na reconstrução da circunstância descrita nos capítulos 1 e 2. Deus. Satanás. A perda das propriedades e dos filhos de Jó. Você lê porções significativas de cada capítulo, enquanto descreve o que aconteceu. Depois, atrai a atenção deles para as duas reações de Jó às ondas de tragédia que lhe sobrevieram. Se muitas pessoas de sua congregação têm Bíblia, você se assegura de que olhem as palavras bíblicas que você está prestes a focalizar. Para aqueles que não têm Bíblia, você lhes diz que ouçam atentamente, porque citará as próprias palavras de Jó.

Você lhes indica mais uma vez o texto específico (Jó 1.20-22). Depois, você lê, em reação à morte dos filhos de Jó:

Então, Jó se levantou, rasgou o seu manto, rapou a cabeça e lançou-se em terra e *adorou* ; e disse: Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; *bendito seja o nome do SENHOR* ! Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma.

Depois, você se dirige aos ouvintes e pede que olhem cuidadosamente as palavras da Bíblia. E lhes diz: “Observem o final do versículo 20”. Você faz uma pausa e deixa que eles achem o texto com os olhos. Não presuma que se lembram do que acabou de ser lido – um erro que muitos pastores cometem. Mostre-lhes de novo. “O final do versículo 20 diz que Jó fez o quê? Ele adorou”.

Depois, na segunda parte do versículo 21 (penso que as expressões “primeira parte” e “segunda parte” são melhores do que dizer “versículo 21a” ou “versículo 21b”, que soa muito acadêmico), lemos o conteúdo da adoração de Jó (você faz uma pausa para ter certeza de que o estão acompanhando na segunda parte do versículo 21): “O SENHOR o deu e o

SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR !” Em seguida, você reafirma o óbvio, porque é tão implausível. Você diz: “Em outras palavras: ‘Deus levou meus dez filhos’”. E expande o tema: “Jó atribuiu a Deus o controle supremo do vento que destruiu a casa e causou a morte de seus filhos. Mas, em vez de expressar ira para com o Senhor, Jó diz [na parte no final do versículo 21]: ‘Bendito seja o nome do SENHOR’”.

Você pode falar mais nesse momento. No entanto, uma pausa significativa pode ser apropriada. Provavelmente, muitos de nossos ouvintes estão se perguntando, nesse momento, a que perdas de sua vida o ensino pode ser aplicado. Então, você pode dizer: “Antes de aplicarmos o ensino à nossa vida, vamos terminar de ouvir Jó, indo a Jó 2.9-10”. Enquanto as pessoas estão seguindo para o texto, você deve lembrar-lhes que Jó foi afligido com tumores horríveis. Esta é a segunda onda de miséria que Satanás havia negociado. De fato, você diz a seu povo: “Antes de lermos as palavras de Jó no versículo 10, vamos observar que, independentemente do papel que Satanás teve na morte dos filhos de Jó, o texto deixa claro que Satanás foi realmente a causa desses tumores detestáveis. O versículo 7 diz [pare e deixe que o vejam]: “Então, saiu Satanás da presença do SENHOR e feriu a Jó de tumores malignos, desde a planta do pé até ao alto da cabeça”. Assim, sabemos que as feridas procederam de Satanás.

#### *Segunda onda de aflição*

Agora, você diz: “Vejam o versículo 9 [pausa]. A esposa de Jó diz: ‘Ainda conservas a tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre’. As calamidades de Jó incluíram não somente a perda de propriedades, a perda dos filhos e a perda da saúde, mas também a perda do apoio da esposa. O que ele dirá? Eis o que ele disse. Vejam o versículo 10 [pausa]: ‘Falas como qualquer doida; temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?’”

Em seguida, você diz: “Observem duas coisas. Primeira, Jó diz que a sugestão de sua esposa para que amaldiçoasse a Deus é uma maneira como uma mulher *insensata* fala. Pode parecer razoável. Mas amaldiçoar a Deus por causa de nossa miséria é *insensatez*”. Então, você diz: “Segunda, observem que a razão por que é insensatez amaldiçoar a Deus não é que ele não tem participação na miséria. Então, por que é insensato ficar irado com Deus? Jó responde por fazer uma pergunta retórica – uma pergunta sem uma resposta, que ele presume nós responderemos de alguma maneira. Jó pergunta: ‘Temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?’ Ele presume que responderemos: ‘Sim, receberemos o mal (o que,

neste contexto, significa, pelo menos, *aflição e dificuldade* ) das mãos do Senhor”’.

*O que o autor tenciona que creiamos?*

Depois, você diz: “O autor deste livro inspirado quer que creiamos que Jó está nos ensinando uma maneira correta e piedosa de reagir ao nosso sofrimento? Ou o autor quer que vejamos a reação de Jó como errada ou mesmo pecaminosa?”

Quero enfatizar aqui como é tremendamente importante que na pregação você seja modelo de fazer boas perguntas e de responder bem essas perguntas. Tenha certeza de que seu povo está fazendo silenciosamente todas as perguntas difíceis que você fazia enquanto estudava o texto. Com o passar do tempo, as pessoas podem se tornar bastante desencorajadas se um pastor não responde às perguntas que elas têm inevitavelmente à medida que leem o texto do sermão. Por outro lado, as pessoas apreciam quando o pastor vê as perguntas que elas têm, faz essas mesmas perguntas e mostra às pessoas como respondê-las à luz do texto. Que tragédia ocorre quando pessoas aprendem do exemplo do pregador que perguntas difíceis não são permitidas na igreja.

As pessoas acham profundamente satisfatório o pastor fazer e responder suas perguntas com bom raciocínio à luz das próprias palavras do texto. E devem achar. Deus lhes deu mentes, que pensam por fazer e tentar responder perguntas. E, em grande parte, pensar é isso. Se não têm sido induzidas a sonolência mental por centenas de sermões que não fazem e não respondem perguntas suscitadas pelo texto, as pessoas de sua igreja estão transbordando de perguntas quando o texto é lido. Nossa tarefa é discernir as perguntas mais importantes que precisam ser respondidas e mostrar às pessoas, por meio de nossa exposição, como respondê-las *com base no texto*.

Agora você diz a seu povo que acredita que Jó estava expressando uma reação piedosa ao sofrimento; diz também que vai mostrar-lhes, com base no texto de Jó, duas razões por que você acredita nisto. Creia em mim: as pessoas querem ver quais são as suas razões.

*Dois razões por que a reação de Jó é piedosa*

Primeiramente, você fixa a atenção do seu povo em Jó 1.22 e lê: “Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma”. Em outras palavras, quando Jó disse: “O SENHOR tomou [meus filhos]” (v. 21), ele não estava atribuindo qualquer “falta” a Deus. Você enfatiza que aquelas *não* são



palavras de Jó. São as palavras do escritor inspirado do livro, que está respondendo à nossa pergunta: devemos entender as palavras de Jó como uma reação piedosa ao sofrimento? Sim, ele diz, devemos.

Depois, você faz a mesma coisa com Jó 2.10. Você pede às pessoas que olhem o final do versículo 10. Você diz: “Jó acabara de dizer: ‘Temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?’” (Pausa.) Em seguida, leia: “Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios”. O escritor inspirado deseja que entendamos que não é pecado crer e dizer que todas as coisas procedem de Deus, tanto boas como más, tanto agradáveis como dolorosas. Tanto deleite quanto desastre.

Então, você diz: “Eu mencionarei mais uma passagem no livro de Jó que deixa claro como o escritor inspirado entende os sofrimentos de Jó”. Você pede às pessoas que vejam Jó 42.11. Você lhes dá tempo. Muitas delas lembram que o destino de Jó teve uma mudança maravilhosa para o bem e que Deus restaurou a riqueza e a saúde de Jó e lhe deu mais filhos. Mas podem ter ignorado um pequeno comentário do escritor bíblico. Por isso, você lê o versículo 11: “Então, vieram a ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs, e todos quantos dantes o conheceram, e comeram com ele em sua casa, e se condoeram dele, e o consolaram de *todo o mal que o SENHOR lhe havia enviado* ”.

Aqui, não é Jó quem está falando. É o escritor inspirado. Você fixa a atenção dos ouvintes na última parte do versículo 11. E diz as palavras lentamente: “*Todo o mal que o SENHOR lhe havia enviado* ”. Você faz uma pausa. Está tão claro que não há necessidade de linguagem áspera nem de críticas severas daqueles que negam o fato. Deixe o texto fazer o seu trabalho.

#### *Do texto à realidade*

Em seguida, você faz um resumo de sua resposta à pergunta mais ampla. “Este livro nos ensina que Deus está no controle decisivo do sofrimento de nossa vida e das coisas que o causam? Sim, o livro ensina. Ainda que Satanás seja real e tenha parte em nossa miséria – o que ele realmente é e faz – ele não está no controle decisivo. Deus está. E Deus é sábio e bom. Devemos dizer com Jó, em face de todas as perdas e sofrimentos: ‘Bendito seja o nome do SENHOR ’”.

Depois, você usará o restante da mensagem para lidar com essa realidade. Não a deixará no nível de ideias que foram ensinadas num livro antigo. Prosseguirá com toda atenção rigorosa ao texto. Prosseguirá até que penetre



na *realidade* do sofrimento e da soberania divina – a realidade nesta igreja e nesta nação. Você usará exemplos e ilustrações para aplicar à vida, às famílias e ao coração de seu povo. Alguns ouvirão e deixarão sua igreja. Outros ouvirão e chorarão de alegria pelo fato de que nada em sua vida é por acaso, ou sem significado, ou sem um propósito no plano soberano e paternal de Deus.

Você não falará da soberania de Deus como se fosse uma mera ideia teológica ou uma inferência textual. Toda a sua conduta será de exultação pessoal, empática e jubilosa na bondade, sabedoria e absoluta soberania de Deus. Você não fará pouco caso do sofrimento de seu povo – ou da nação. Em vez disso, você se gloriará no fato de que a bondade, a graça e a soberania de Deus são a única esperança de ajuda e significado quando tudo na vida está desmoronando.

Seu juramento, sua aliança, seu sangue  
Sustentam-me nas águas transbordantes  
*Quando tudo ao meu redor desmorona*

Ele é toda a minha esperança e amparo.<sup>72</sup>

## **A pregação contra a qual estou apelando**

O objetivo dos três exemplos de pregação foi mostrar como e por que a pregação não deve apenas achar a realidade comunicada pelo texto, mas deve também mostrar às pessoas que ela está realmente lá, ao ajudá-las a verem-na por meio das próprias palavras do texto. A exposição envolve *atenção rigorosa* às palavras do texto bíblico como meio de *penetração radical* na realidade que o texto almeja comunicar.

Estou apelando contra um tipo de pregação bastante difundida que é baseada na Bíblia, mas não é saturada com a Bíblia. Estou apelando contra a leitura de um texto seguida da pregação que elabora seus pontos – às vezes, bons pontos se acham realmente no texto – sem mostrar às pessoas as próprias palavras e frases das quais os pontos são tirados. Estou apelando contra a pregação que não ajuda as pessoas a verem *como* o texto nos leva, de fato, à realidade que é supremamente importante.

## **Por que uma pregação assim?**

Quais são as razões que fundamentam esta convicção de que um pregador deve mostrar às pessoas, com base nas próprias palavras do texto, como elas podem ver por si mesmas a realidade que ele está proclamando?

Discutirei apenas duas.

## 1. A correspondência evidente entre o sermão e a Escritura

Primeiramente, a autoridade da pregação está na correspondência evidente entre o que o pregador está tentando comunicar com suas palavras e o que os autores bíblicos estão tentando comunicar pelas palavras inspiradas da Escritura. A palavra-chave aqui é *evidente*. A correspondência entre os pontos do sermão e o significado das palavras da Escritura deve *ficar evidente*.

Um pregador que não se importa que seu povo creia no que ele diz sobre as grandes questões do mundo é um charlatão. Está brincando com a linguagem num dos lugares mais sagrados do mundo. Suponho que muitos pastores que creem que a Bíblia é a Palavra de Deus não são charlatões. Ou seja, eles levam a sério o chamado para dizerem coisas nas quais as pessoas devem crer. Querem ser cridos. Esperam que seu povo creia no que dizem.

### *Meu primeiro sermão na Bethlehem*

A base para a expectativa admirável é a inspiração divina e a completa veracidade da Escritura.<sup>73</sup> O alvo do pregador cristão é falar a Palavra de Deus. Ele quer ser crido porque está falando o que Deus quer que seja dito. No primeiro sermão que preguei na Igreja Batista Bethlehem, aos trinta e quatro anos de idade, eu disse:

A minha fonte de autoridade neste púlpito não é... a minha sabedoria; também não é uma revelação particular que me foi dada além da revelação da Escritura. Minhas palavras só têm autoridade quando são a repetição, a explicação e a aplicação correta das palavras da Escritura. Tenho autoridade apenas quando permaneço sob autoridade... Minha profunda convicção sobre a pregação é que um pastor tem de mostrar às pessoas que o que ele está dizendo já foi dito ou está implícito na Bíblia. Se isso não pode ser mostrado, não tem qualquer autoridade especial.

Meu coração chora pelo pastor que aumenta seu próprio fardo por tentar aparecer com ideias que deseja pregar para seu povo. Quanto a mim, não tenho nada de valor permanente para dizer a vocês. Mas Deus tem. E sobre esta Palavra, espero e oro que nunca me canse de falar. A vida da igreja depende dela.

### *Diga-nos o que Deus tem a dizer*

Citei W. A. Criswell (1909-2002), que pastoreou a Primeira Igreja Batista em Dallas por quarenta anos. Disse naquele tempo, e creio até hoje, que as palavras dele são uma admoestação a pastores que acho muito apropriada.

## Eu a aceito como um grande desafio:

Quando um homem vai a uma igreja, ouve frequentemente um pregador no púlpito repetir tudo que ele já ouviu nos editoriais, nos jornais e nas revistas. Nos comentários de TV, ele ouve as mesmas coisas repetidas vezes; então, ele boceja, sai e vai jogar golfe no domingo. Quando um homem vem à igreja, o que ele está dizendo realmente a você é isto: “Pregador, eu sei o que o comentarista de TV tem a dizer; eu o ouço todos os dias. Sei o que o escritor de editorial tem a dizer; eu o leio todos os dias. Sei o que as revistas têm a dizer; eu as leio todos os dias. Pregador, o que eu quero saber é: Deus tem algo a dizer? Se Deus tem algo a dizer, diga-nos o que é”.<sup>74</sup>

Isso significa que, se a pregação deve reivindicar autoridade para ser crida, ela precisa corresponder ao que a Escritura ensina. E aqui está o ponto. O desejo do pregador cristão não é que o lugar de repouso da confiança das pessoas mude da Escritura para ele. O pregador quer que as pessoas creiam no que ele diz. Quer ter autoridade nesse sentido. Mas quer que a autoridade permaneça na própria Escritura e não nele e em suas palavras.

E significa, portanto, que a mensagem deve não somente corresponder ao significado da Escritura, mas também *mostrar* que corresponde realmente. A autoridade da pregação está na correspondência *evidente* entre o que o pregador está tentando comunicar, com suas palavras, e o que os autores bíblicos estão tentando comunicar por meio das palavras inspiradas da Escritura. Se não fosse assim, então, em que bases as pessoas deveriam crer que o significado do sermão é o mesmo que o significado da Bíblia? Poderiam descobrir isso sozinhas, sem qualquer ajuda do pregador. Mas por que o pregador desejaria tornar difícil que as pessoas vissem esta correspondência?

*Por que mais pregadores não mostram o significado a partir da Escritura?*

Parece-me que o não mostrarem às pessoas que o significado do sermão está nas palavras da Escritura se deve provavelmente à incompetência, indolência ou presunção. A *presunção* de que suas palavras têm sozinhas autoridade suficiente. *Indolência* porque a pregação exige trabalho árduo para não somente ver o que o texto significa, mas também para construir explicações convincentes que mostrem que o texto bíblico tem realmente este significado. *Incompetência* porque o pregador não tem a capacidade de mostrar como o significado da mensagem corresponde realmente ao significado da Escritura. Essas são características que um pregador não deve ter.

### *Efeitos trágicos sobre a igreja no decorrer do tempo*

Com o passar do tempo, a tragédia que acontece em igrejas cujos pregadores não dão atenção rigorosa às palavras da Escritura para ajudar as pessoas a penetrarem na realidade que ela comunica é que a Palavra de Deus para de exercer seu poder, e as pessoas perdem seu interesse pelas Escrituras. Quando isso acontece, tudo na igreja se afasta de uma orientação jubilosa nas Escrituras. As pessoas deixam de ser um povo guiado pela Bíblia. Sem a saturação da Escritura, elas se tornam cada vez mais vulneráveis aos ventos de falsa doutrina e, mais sutilmente, a se condicionarem a uma sociedade incrédula. As suas expectativas se tornam mundanas e pressionam a liderança da igreja a fazerem mais e mais concessões àquilo que agrada a pessoas não espirituais. O pregador pode se perguntar qual é o problema, mas não precisa ir longe para achá-lo. Ele não valorizou a Palavra de Deus suficientemente para fazer das gloriosas realidades da Escritura o conteúdo de sua mensagem, à medida que mostra às pessoas, à luz das próprias palavras do texto, como elas podem ver por si mesmas estas realidades – e ficarem entusiasmadas.

Essa é a primeira razão para a convicção de que o pregador deve mostrar ao seu povo, com base nas próprias palavras do texto, como eles podem ver, por si mesmos, a realidade que ele está proclamando. Isso mantém a autoridade da Escritura como o fundamento evidente para tudo que é pregado.

## **2. A Escritura é a Palavra de Deus para despertar a fé**

A segunda razão por que um pregador deve mostrar às pessoas, à luz das próprias palavras do texto, como elas podem ver por si mesmas a realidade que ele está proclamando é que o pregador almeja despertar e fortalecer a fé em Cristo, o que as Escrituras se destinam a fazer com maior eficiência do que qualquer mensagem de um homem que silencia as palavras e o significado das Escrituras.

A essência da fé salvadora é ver a suprema beleza de Cristo no evangelho e recebê-lo como Salvador, Senhor e o maior tesouro do universo. Digo isto porque, entre outras razões, está implícito em 2 Coríntios 4.4: “O deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”. Há uma *luz* espiritual que brilha por meio do evangelho; é a *luz da glória de Cristo*. Satanás impede os incrédulos de verem a luz. É por isso que eles não podem crer. Porém, é a luz e a glória de Cristo que uma pessoa tem de

ver para que creia e seja salva. Ela é vista com os olhos do coração (Ef 1.18), quando o Espírito Santo remove o véu de nossa mente (2 Co 3.16).

A pergunta totalmente decisiva que os pregadores têm de responder é esta: como eu pregarei de modo que seja um instrumento deste milagre? Como eu pregarei de modo a despertar a fé por meio de uma visão da glória de Cristo? Minha resposta é que Deus deu à igreja um livro divinamente inspirado, que é *a consumação da demonstração de Deus da beleza e da dignidade de Cristo*. É o retrato divino completo da glória do Filho – o significado de sua obra, de eternidade a eternidade, e suas implicações para a vida humana. O retrato divino de Cristo é o meio ordenado por Deus para criar a fé salvadora. As palavras de Deus são o melhor meio ordenado por Deus para manifestar a glória de Deus.

Portanto, esperamos que a pregação que Deus usará para criar a fé salvadora não presumirá que existe um retrato mais cativante da glória de Cristo que um pregador pode criar, enquanto deixa de lado ou silencia o retrato da Escritura nas palavras da Escritura. Em vez disso, o alvo do pregador será fixar a atenção das pessoas nas palavras da Escritura, e por meio delas revelar a realidade da glória de tudo que Deus é para nós em Jesus. A Escritura é a palavra divina em que a glória resplandece. Nosso alvo é focalizar a atenção das pessoas nessa Palavra de uma maneira que vejam, por si mesmas, a glória. E creiam.

### **Mostre a conexão entre o texto e a realidade**

Argumentei na parte 5 que o alvo da pregação é mostrar a conexão entre o texto e a realidade. A palavra-chave foi *mostrar*. Nosso alvo é que as pessoas vejam, por si mesmas, como o texto comunica a realidade. Do contrário, o texto inspirado deixa de esclarecer e confirmar a realidade. E as pessoas são deixadas a olhar para outras fontes em busca de fundamentos sólidos para sua fé. A pregação tem o alvo de ajudar as pessoas a fixarem atenção rigorosa nas palavras do texto para que, *por meio do texto*, possam ver a realidade que o autor pretende comunicar.

A pergunta que surge agora é esta: o que é essa realidade? É suficiente dizer: “Pregue a realidade que o autor bíblico está tentando comunicar”? A parte 6 explica por que isso não é suficiente.

William Bradbury, “My Hope Is Built: The Solid Rock”, 1836, <http://cyberhymnal.org/htm/m/y/myhopeis.htm>.

Expliquei como podemos saber que a Bíblia é completamente verdadeira em John Piper, *Uma Glória Peculiar: Como a Bíblia se Revela Completamente Verdadeira* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2017).

W. A. Criswell, *Why I Preach That the Bible Is Literally True* , Library of Baptists Classics  
(Nashville, TN: B&H, 1995).

**PARTE 6 | QUE REALIDADE  
PREGAREMOS? | TRÊS ÊNFASES  
QUE PERMEIAM TODA A  
EXULTAÇÃO EXPOSITIVA**



# 12 | PREGANDO À LUZ DA VISÃO ABRANGENTE DE UM AUTOR SOBRE A REALIDADE

O alvo da parte 5 foi argumentar que a pregação deve ter o alvo de penetrar, *por meio do texto*, na realidade que o texto almeja comunicar e ajudar a congregação, por meio de nossa exposição, a experimentar tanto dessa realidade quanto o autor inspirado tenciona. Argumentei que penetrar *por meio do texto* significa que o nosso alvo é revelar essa realidade por meio de atenção rigorosa às próprias palavras do texto. Ou seja, nosso alvo é não somente que o conteúdo da nossa proclamação seja baseado nas palavras dos textos bíblicos, mas também que as pessoas de nossa igreja vejam esse conteúdo por si mesmas. A pregação examina os textos para chegar à realidade que está sendo comunicada e traz a congregação consigo, mostrando-lhes como chegar lá. Agora, o objetivo da parte 6 é responder a esta pergunta: que realidade?

## **Resposta insuficiente**

Não é suficiente responder: a realidade que pregamos é a realidade que o autor bíblico está tentando comunicar por meio do texto. Isso é insuficiente não porque é falso. É, de fato, maravilhosamente verdadeiro. Gloriosamente verdadeiro. Eu oro realmente para que o alvo de cada pregador seja este: por meio de atenção rigorosa às palavras do texto, explicar a realidade que os autores bíblicos comunicam através do que escreveram e exultar nesta realidade. A insuficiência dessa resposta não é que ela é falsa. É insuficiente porque é geral demais e não aborda algumas questões cruciais que o pregador tem de responder a respeito do escopo da realidade e de como proclamá-la.

## **Vendo o texto à luz da visão abrangente da realidade**

Para sabermos que realidade um autor bíblico tenciona comunicar, temos de conhecer não somente as intenções imediatas que ele mostra com clareza no texto, mas também a visão abrangente da realidade que governa a maneira como o autor pensa sobre tudo. Argumentarei que lidar com a realidade da

maioria dos textos bíblicos, de um modo que o autor aprovaria, exige que saibamos a respeito da opinião de vida do autor mais do que está explícita no texto específico do sermão. A única razão por que digo que isso é verdadeiro quanto à “maioria dos textos bíblicos”, em vez de “cada texto bíblico”, é que um pregador pode escolher pregar sobre um texto que é tão extenso (digamos, um livro inteiro da Bíblia), que tudo o que precisamos saber a respeito da visão do autor sobre a realidade está naquele texto. Entretanto, na maioria das vezes, isso não acontece. A maioria das vezes, o autor espera que abordemos sua comunicação imediata à luz de outras coisas cruciais que ele acredita e que não estão explícitas naquele texto específico.

Todos nós escrevemos e falamos dessa maneira. Na verdade, é impossível não ser assim. Não podemos deixar explícito em cada sentença tudo que é relevante ao pleno entendimento da sentença. Nem os escritores da Bíblia podem. Quando temos uma conversa, ou escrevemos um e-mail, há sentenças explícitas, e há outras coisas que presumimos que nossos amigos saibam a nosso respeito. Se eu escrevo para meu filho e digo: “Viva para a coisa mais importante!” Presumo que ele sabe que estou querendo dizer: “Viva para a glória de Deus”. Mas eu não disse isso. Se ele quiser saber a minha intenção, tem de sabê-la de fora do texto imediato. Estou, de fato, presumindo que ele sabe a minha intenção. E, quando ler o texto dessa maneira, entenderá corretamente a minha intenção *no texto*.

Isso acontece com a maioria dos textos bíblicos que os pregadores usam em seus sermões. Há as partes imediatas, proeminentes e explícitas da intenção do autor, e há as partes mais amplas e não faladas que temos de aprender a partir de outras coisas que o autor disse ou de outros autores confiáveis que compartilharam de sua visão sobre a realidade. Estas “outras coisas” podem ser reveladas pelo autor em algumas sentenças pouco depois de nosso texto, ou em alguns capítulos posteriores, ou em outros livros que o autor escreveu. Ou, visto que cremos na unidade essencial das Escrituras,<sup>75</sup> podemos aprender as implicações necessárias, ou as dimensões implícitas do significado de um autor, à luz de outros autores da Escritura.<sup>76</sup>

### **Minha sobremesa favorita**

Para ilustrar esse último ponto sobre aprender de outros autores, suponha que você me escreveu e me perguntou de que sobremesa eu gostaria para meu aniversário, e eu lhe respondi: “Eu gostaria de minha sobremesa

favorita”. Suponha que depois você telefonou para minha esposa e lhe perguntou qual era minha sobremesa favorita. Se, no meu aniversário, você me servisse um Butterfinger Blizzard, eu diria que você interpretou corretamente *meu texto*, embora o texto não tivesse dito nada sobre um Butterfinger Blizzard. Em outras palavras, há aspectos da intenção de um autor que às vezes não estão incluídos explicitamente nas palavras que você está lendo, mas que você precisa saber a fim de interpretá-lo corretamente e que pode aprender de outras partes da Escritura, em especial de outras coisas que o mesmo autor escreveu.

### **Pregando sobre hospitalidade**

Suponha que você esteja pregando sobre Romanos e chegue ao mandamento: “Praticai a hospitalidade” (Rm 12.13). Você acredita que a igreja se beneficiaria de uma mensagem sobre a prática da hospitalidade cristã, não somente porque você sente uma falta de hospitalidade por parte das pessoas (e talvez em si mesmo) e um crescente isolamento na sociedade, mas também porque entende que Jesus colocou um grande valor em hospedar estrangeiros (Mt 25.35), e Hebreus diz que a igreja deve praticar a hospitalidade (Hb 13.2), e Pedro instrui a igreja a fazer isso (1 Pe 4.9), e os presbíteros devem ser caracterizados especialmente por isso (1 Tm 3.2; Tt 1.8).

O contexto imediato de Romanos 12.13 não oferece explicações claras sobre a hospitalidade. O mandamento faz parte de uma lista:

O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apegando-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor; regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes; compartilhai as necessidades dos santos; *praticai a hospitalidade*; abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis (Rm 12.9-14).

O que devemos fazer? Minha ênfase neste capítulo é que não podemos lidar com a realidade da hospitalidade de uma maneira que Paulo aprovaria, se não levarmos em conta sua visão mais ampla e mais abrangente da realidade. Para o apóstolo Paulo, o que estaria incluído nessa visão mais ampla e mais abrangente da realidade? O que Paulo disse que pode moldar a maneira como você prega sobre o dever de hospitalidade cristã?

#### *O contexto mais amplo da hospitalidade*

Aqui estão alguns exemplos do que Paulo disse que moldará como você

pregará sobre a hospitalidade – como ajudará seu povo a obedecer ao mandamento de serem hospitaleiros.

1. Pratiquem a hospitalidade *porque Deus não poupou seu próprio Filho* .

Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? (Rm 8.32).

2. Pratiquem a hospitalidade *pela graça de Deus* .

Mas, pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo (1 Co 15.10).

3. Pratiquem a hospitalidade *como Cristo os acolheu* .

Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus (Rm 15.7).

4. Pratiquem a hospitalidade *como mortos para o pecado e vivos para Deus em Cristo* .

Assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus (Rm 6.11).

5. Pratiquem a hospitalidade *por contemplarem a glória de Jesus* .

E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito (2 Co 3.18).

6. Pratiquem a hospitalidade *como novas criaturas em Cristo* .

Se alguém está em Cristo, é nova criatura (2 Co 5.17).

7. Pratiquem a hospitalidade *pelo Espírito* .

“Andai no Espírito” (Gl 5.16).

8. Pratiquem a hospitalidade *com ações de graça* .

Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco (1 Ts 5.18).

9. Pratiquem a hospitalidade *com oração* .

Orai sem cessar (1 Ts 5.17).

10. Pratiquem a hospitalidade *pela fé* .

Visto que andamos *por fé* e não pelo que vemos (2 Co 5.7).

Esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim (Gl 2.20).

#### 11. Pratiquem a hospitalidade *sem ansiedade* .

Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças (Fp 4.6).

#### 12. Pratiquem a hospitalidade *com alegria* .

Alegrai-vos sempre no Senhor; outra vez digo: alegrai-vos (Fp 4.4).

Regozijai-vos sempre (1 Ts 5.16).

#### 13. Pratiquem a hospitalidade *sem murmuração* .

Fazei tudo sem murmurações nem contendias (Fp 2.14).

#### 14. Pratiquem a hospitalidade *como um ato de amor* .

Todos os vossos atos sejam feitos com amor (1 Co 16.14).

#### 15. Pratiquem a hospitalidade *como um ato de adoração espiritual* .

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional (Rm 12.1).

#### 16. Pratiquem a hospitalidade *como filhos amados de Deus que imitam seu Pai celestial* .

Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados (Ef 5.1).

#### 17. Pratiquem a hospitalidade *em nome do Senhor Jesus* .

Tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus (Cl 3.17).

#### 18. Pratiquem a hospitalidade *para a glória de Deus* .

Quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus (1 Co 10.31).

O pregador está lidando regularmente com mais de um contexto – os contextos distantes que formam sua opinião sobre a visão de Paulo quanto à realidade e o contexto mais próximo de Romanos 12.13, que constitui o texto imediato da pregação. O pregador tem de estar atento a ambos os contextos quando usa o que Paulo disse em *outra passagem* e o aplica a esse *texto específico* do sermão. É possível o pregador usar mal uma passagem ao aplicá-la a outra. Mas, o que eu fiz ao escolher as dezoito

passagens acima foi procurar afirmações que eram tão abrangentes que *incluíam necessariamente* a prática da hospitalidade.

*“Tudo” inclui hospitalidade*

Não há nada arbitrário em dizer que Paulo *tenciona* que pratiquemos a hospitalidade com base no sacrifício que Deus fez de seu Filho, se Deus nos dá graciosamente “*todas as coisas*” com base neste sacrifício (Rm 8.32). Não há arbitrariedade em dizer que Paulo *tenciona* que pratiquemos a hospitalidade com gratidão, se nos diz que devemos dar graças em *todas as circunstâncias* (1 Ts 5.18); ou que pratiquemos a hospitalidade com oração, se ele nos diz que devemos orar *sem cessar* (1 Ts 5.17); ou que pratiquemos a hospitalidade com fé, se *toda a vida* deve ser vivida pela fé (Gl 2.20); ou que pratiquemos a hospitalidade sem murmuração ou ansiedade, se nos exorta a fazermos *todas as coisas* sem murmuração (Fp 2.14) e sem ansiedade (Fp 4.6); ou que pratiquemos a hospitalidade com amor e alegria, se nos instrui a fazermos *todas as coisas* em amor (1 Co 16.14) e alegria (Fp 4.4); ou que pratiquemos a hospitalidade em nome do Senhor Jesus e para a glória de Deus, se nos diz que devemos fazer *tudo* em nome de Jesus (Cl 3.17) e *tudo* para a glória de Deus (1 Co 10.31).

*A visão ampla que Paulo tem da realidade e que molda o sermão*

O que todos esses textos (e centenas de outros) fazem é mostrar-nos a visão ampla que Paulo tem da realidade e como viver à luz dessa realidade. Paulo crê em Deus. Crê no pecado e na necessidade do sacrifício do Filho de Deus, para que pessoas culpadas possam ser abençoadas graciosamente (Rm 8.32). Paulo crê que a graça de Deus dá tanto o perdão do pecado quanto o poder para sermos santos (1 Co 15.10). Crê que Cristo nos recebe quando somos indignos (Rm 15.7) e que em nossa união com ele morremos para o pecado (Rm 6.11). Crê que, como novas criaturas, vivas dentre os mortos (2 Co 5.17), estamos sendo agora transformados por contemplarmos a glória de Cristo como nosso tesouro supremo (2 Co 3.18).

Paulo crê que a transformação, e todo o bem que fazemos como cristãos, é uma obra do Espírito Santo (Gl 5.16) e que, ao orarmos a Deus (1 Ts 5.17) com gratidão (1 Ts 5.18) e fé (2 Co 5.7), o Espírito aquietar nossa ansiedade (Fp 4.6), enche-nos de alegria (Fp 4.4), vence nossa inclinação para a murmuração (Fp 2.14) e nos liberta para realizarmos atos humildes de amor (1 Co 16.14) – como a hospitalidade. Paulo crê que esses atos de amor, feitos pela fé e no poder do Espírito, são atos genuínos de adoração (Rm 12.1) que refletem o caráter de nosso Pai celestial (Ef 5.1), honram o nome

de Jesus (Cl 3.17) e glorificam a Deus (1 Co 10.31).

Por isso, perguntamos novamente: quando o pregador tem como alvo proclamar a *realidade* que o autor bíblico está tentando comunicar por meio do texto (como eu penso que ele deve), que realidade o pregador tem em mente? No que diz respeito a Romanos 12.13 (“Praticai a hospitalidade”), o que o pregador proclamará? Provavelmente incluirá a natureza, a base, o alvo e os meios dessa hospitalidade. Mas tudo isso – tudo que é verdadeiramente cristão e verdadeiramente importante sobre a hospitalidade – o pregador dirá com base na visão mais ampla de Paulo quanto à realidade. E aprenderá essa visão mais ampla dando atenção cuidadosa ao contexto imediato e, nesse caso, especialmente aos contextos mais ou menos distantes que se encontram nos escritos de Paulo.

*Paulo quer que vejamos as próprias palavras à luz da visão mais ampla*

Owen Barfield, um amigo de C. S. Lewis, disse certa vez a respeito de Lewis: “De algum modo, o que Lewis pensava a respeito de tudo estava secretamente presente no que ele dizia a respeito de qualquer coisa”.<sup>77</sup> Quanto mais verdadeiros e abrangentes são os pensamentos de uma pessoa, tanto mais exata é essa afirmação a respeito da pessoa. Os escritos bíblicos são as expressões inspiradas por Deus dos verdadeiros pensamentos deles. Quanto mais, então, será verdadeira aquela afirmação em relação a eles: “O que pensavam a respeito de tudo estava secretamente presente no que diziam a respeito de qualquer coisa”? Isso é realmente importante para a pregação. Conhecer a visão mais ampla de um autor sobre a realidade guiará o pregador em lidar com textos específicos de maneiras que não são contrárias à intenção do autor.

Estou pressupondo que Paulo ficaria desapontado se tirássemos seu mandamento “praticai a hospitalidade” do contexto de sua visão geral da realidade e o fizéssemos servir a uma visão contrária à dele. Paulo não ficaria contente se usássemos esse mandamento como parte de uma “campanha de moralidade e costumes” secular; ou se o usássemos como parte de uma cruzada ecumênica para mostrar como hindus, muçulmanos e cristãos estão, todos, realmente vivos da mesma maneira, porque todos praticam a hospitalidade; ou se o colocássemos a serviço de uma seita legalista que ensina o merecimento de nossa salvação por meio de boas obras. Em outras palavras, estou sugerindo que Paulo *tenciona* que nós vejamos todas as suas exortações e observações específicas à luz de sua visão mais ampla da realidade.



*Sem a visão mais ampla, distorceremos o texto*

Portanto, não basta dizer (por mais verdadeiro que seja) que o alvo da pregação de Romanos 12.13 (“Praticai a hospitalidade”) é proclamar *a realidade que o autor bíblico está tentando comunicar por meio do texto*. O escopo da realidade que orienta esse mandamento específico é vasto. O que Paulo deseja que levemos em conta em obedecer ao mandamento e proclamá-lo é maior do que a simples prática de abrir nossos lares para os outros. De fato, a realização meticulosa dessa prática poderia contradizer profundamente a intenção de Paulo. Não fazê-la com fé, não fazê-la pelo Espírito, não fazê-la em nome de Jesus, não fazê-la para a glória de Deus – tudo isso seria, na mente de Paulo, um fracasso em ver, desfrutar e mostrar as realidades que são mais importantes. Não seria fiel à sua intenção.

### **Dois erros a serem evitados**

Como, então, respondemos à pergunta: que realidade devemos pregar quando temos um texto limitado e específico diante de nós? Antes de prosseguir para a resposta, permita-me antecipar dois erros que são frequentemente cometidos na pregação de textos como “praticai a hospitalidade”.

O primeiro erro é: Faça-o!

O segundo erro é: Você não pode fazê-lo, mas Cristo o fez perfeitamente. Então, converta-se do seu fazer para o que Cristo fez e desfrute a justificação pela justiça imputada.

#### *1. Pregação moralista*

O primeiro erro (“Faça-o!”) minimiza a visão mais ampla e mais abrangente de Paulo a respeito de *como* e *por que* fazer isso. Lida com a hospitalidade em termos moralistas e limitados, sem referência a qualquer de suas *raízes* profundas na graça, em Cristo e na fé, e sem referência a qualquer de seus *ramos* elevados na glória de Deus. “Faça-o!” pode parecer útil para alguns pregadores por pensarem que a hospitalidade pode fornecer aprimoramentos em como viver bem no mundo, ou pode ganhar alguns pontos com Deus, ou pode tornar a igreja mais agradável para que mais pessoas a frequentem, ou pode inculcar alguns traços de graciosidade e generosidade, ou trazer algumas recompensas inesperadas se você receber uma pessoa rica em sua casa. Essa não é pregação fiel. Ignora a visão mais ampla de Paulo quanto à realidade: graça, Cristo, Espírito, fé, alegria e a glória de Deus.

#### *2. Pregação doutrinária reducionista*

O segundo erro (“Você não pode fazê-lo, mas Cristo o fez perfeitamente. Então, converta-se do seu fazer para o que Cristo fez e desfrute a justificação pela justiça imputada”) minimiza a seriedade do mandamento, remove a atenção da necessidade real do imperativo, leva a um tipo de pregação que simplifica a urgência e a complexidade da obediência cristã e transforma cada sermão num crescendo soteriológico previsível que treina as pessoas a se desligarem e se prepararem para sair do local de culto. Silencia as riquezas específicas do texto por suplantarem-nas com aplicações desnecessárias de doutrina correta.

#### *Ambos os erros silenciam o texto*

Ambos os erros têm sua própria maneira de silenciar o que Paulo tenciona comunicar. O primeiro erro silencia a realidade do texto por um moralismo vazio. O segundo erro silencia a realidade por fazer cada texto se enquadrar no padrão de ortodoxia mal-usada. Com certeza, a justificação somente pela fé com base na justiça imputada de Cristo é uma verdade gloriosa e preciosa. Mas Paulo não a usa de uma maneira que diminui a necessidade de obediência prática.

Paulo não adota uma interseção artificial de lei e evangelho que considera todo imperativo como uma maneira de exibir a impotência humana que só pode ser remediada pela minimização da obediência e pela maximização da imputação divina. Quando Paulo escreve às igrejas, ele considera seus imperativos como obrigações genuínas que devem ser obedecidas *porque* somos justificados, *porque* somos amados por Deus, *porque* temos o Espírito Santo, *porque* a graça é um poder transformador, não apenas um perdão, e *porque* a fé justificadora atua pelo amor. Portanto, a doutrina da justificação é relevante – infinitamente relevante! – mas, não de uma maneira que minimiza o interesse imediato na hospitalidade cristã.

#### *Preocupações teológicas*

Minha preocupação com esses dois tipos de erro concernentes à pregação é tanto teológica quanto homilética. As preocupações teológicas são mais sérias. Todavia, as preocupações homiléticas podem ser trágicas. No aspecto teológico, ambos os erros colocam em risco a salvação. O erro moralista (“Faça-o!”) não leva à salvação, porque o comportamento moral substitui o evangelho de Cristo crucificado e ressuscitado em favor de pecadores. E não leva em conta o único poder que tornaria o comportamento moral aceitável a Deus, ou seja, o poder do Espírito Santo apropriado pela fé nas promessas de Deus compradas por sangue.

O segundo erro (“Você não pode fazê-lo, mas Cristo o fez perfeitamente. Então, converta-se do seu fazer para o que Cristo fez e desfrute a justificação pela justiça imputada”) coloca em risco a salvação por dar às pessoas a impressão de que a fé sem obras é *viva* – que ela pode realmente salvar (em contrário a Tg 2.17). Enfatiza a obediência de Cristo como um *substituto* de nossa obediência, em vez de mostrar que a obediência dele é uma *capacitação* da nossa. E, assim, tende para o erro de Romanos 6.1: “Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?” Deixa as pessoas totalmente incertas para compreenderem que há uma santidade real e prática, “sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14; também Gl 5.21; 1 Co 6.9). Essa maneira de pregar, eu temo, será amaldiçoada no dia do julgamento por aqueles que ouvirão o Senhor Jesus dizer: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus... nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade” (Mt 7.21, 23).

#### *Preocupações homiléticas*

Minhas preocupações homiléticas são que o primeiro tipo de pregação (“Faça-o!”) treina as pessoas a não verem o que está realmente na Bíblia. Reduz a Bíblia a um manual de boa moralidade e bons costumes aprovados por Deus. Marginaliza o evangelho. Como resultado, esses pregadores não removem fardos, mas, como Jesus disse: “Atam fardos pesados [e difíceis de carregar] e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los” (Mt 23.4). Portanto, a pregação deles leva ao desespero ou ao orgulho. Um pouco de sucesso moral leva ao orgulho. Um pouco de fracasso moral leva ao desespero. A graça não está ali como um alicerce. A glória de Deus não está ali como um alvo. A pregação murcha e se torna uma conversa estimulante sobre pensamento positivo. Por isso, a pregação deixa de ser *exultação* expositiva. Não é mais parte da adoração.

Minhas preocupações homiléticas a respeito da segunda maneira de pregar (“Você não pode fazê-lo, mas Cristo o fez perfeitamente. Então, converta-se do seu fazer para o que Cristo fez e desfrute a justificação pela justiça imputada”) são que ela simplesmente não leva a sério as próprias palavras do texto e, por isso, ensina à congregação maus hábitos sobre como ler a Bíblia. É controlada por um esquema teológico que, em vez de iluminar as riquezas que estão residentes no texto, impede a descoberta dessas riquezas. Há alguns tipos de convicções teológicas que obscurecem as particularidades de um texto, e há alguns que nos impelem a aprofundar-nos

nas particularidades (lidarei com elas nos capítulos 13-18). Por fim, esse tipo de pregação tem o efeito lamentável de abafar a esperança de descoberta da congregação, porque, em vez de achar novas particularidades no texto, uma monótona “descoberta” da doutrina da justificação pela fé, sem as obras, é feita vez após vez. O resultado trágico é que uma das verdades mais gloriosas no mundo se torna trivialidade em nome de pregar a Cristo.

### **Como um pregador deve fazer sua escolha na amplitude da visão de um autor?**

A pergunta que estamos tentando responder neste capítulo é: que realidade os pregadores devem proclamar, quando fazemos exposição do nosso texto? Já dissemos que não é suficiente responder: “Proclame a realidade que o autor bíblico está tentando comunicar por meio do texto”. Isso é insuficiente não porque é falso, e sim porque é muito geral. Não deixa claro que quase todo texto de sermão exige que saibamos algo da visão abrangente e mais ampla do autor sobre a realidade, para podermos lidar com a revelação limitada da realidade no texto. Uma vez que admitimos isso, perguntamos a nós mesmos: *que aspectos dessa visão mais ampla eu devo incluir no meu sermão?*

O escopo da visão mais ampla dos autores bíblicos é tão vasto e tão multifacetado, que o pregador não pode proclamá-lo totalmente em um sermão, mas tem de fazer escolhas. No exemplo que dei acima sobre pregar a respeito de Romanos 12.13 (“Praticai a hospitalidade”), citei dezoito aspectos da visão mais ampla de Paulo que moldam a maneira como ele quer que pessoas sejam hospitaleiras. Há muito mais do que dezoito. Como o pregador decidirá que aspectos da visão de Paulo sobre a realidade devem moldar o seu sermão específico a respeito de hospitalidade?

### **Três perguntas discernentes**

Recomendarei três abordagens para responder essa pergunta. Ou, em outras palavras, proporei três perguntas que oferecem discernimento sobre como o pregador decide que aspectos da intenção do autor ele proclamará. (1) Qual é o alvo supremo do autor bíblico no texto do sermão? (2) Como o texto do sermão se relaciona com Jesus Cristo e sua obra salvadora? (3) Qual é o caminho de vida que leva à salvação final e não à destruição?

Essas três perguntas correspondem às três pessoas da Trindade, porque a resposta da primeira focalizará principalmente a glória de Deus, o Pai; a

resposta da segunda focalizará a obra salvadora de Deus, o Filho; e a resposta da terceira focalizará a aplicação capacitadora da obra de Cristo por Deus, o Espírito Santo. Descobriremos que as respostas dessas três perguntas são entrelaçadas. Ou seja, se as respondermos corretamente, cada resposta incluirá as respostas das outras duas.

À medida que tento mostrar por que essas três perguntas são biblicamente proveitosas em guiar o pregador, usarei os escritos do apóstolo Paulo para ilustrar. Quais são as respostas de Paulo para essas três perguntas e como tais respostas nos ajudam a pregar com base em seus escritos e no restante da Escritura? Os capítulos 13 a 18 lidam com essas três perguntas, uma de cada vez.

Quanto à minha razão para crer nisso, implícito na inspiração divina da Escritura, ver John Piper, *Uma Glória Peculiar: Como a Bíblia se Revela Completamente Verdadeira* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2017).

Quanto à minha discussão sobre “implicações necessárias” da intenção de um autor como parte do significado de um autor, ver John Piper, *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural: Provando e Vendo a Glória de Deus nas Escrituras* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2018), 414-15. A seção relevante é intitulada “Um autor humano podia querer dizer mais do que estava ciente?”

Owen Barfield, “Preface”, em *The Taste of the Pineapple*, ed. Bruce L. Edwards (Bowling Green, OH: Popular Press, 1988), 2.

# 13 | EXULTAÇÃO EXPOSITIVA E A GLÓRIA DE DEUS, PARTE 1 |

## COMO O ALVO SUPREMO DE TODAS AS COISAS

Vimos no capítulo 12 que os autores bíblicos pretendem que levemos em conta sua visão ampla da realidade, quando interpretamos e aplicamos textos específicos deles. Portanto, o pregador sempre se depara com esta pergunta: quanto e que partes da visão mais ampla do autor devem ser incluídas num sermão sobre qualquer texto específico?

Sugeri três perguntas que penso oferecem discernimento sobre como o pregador decide que aspectos da intenção do autor ele proclamará. (1) Qual é o alvo supremo do autor bíblico no texto do sermão? (2) Como o texto do sermão se relaciona com Jesus Cristo e sua obra de salvação? (3) Qual é o caminho de vida que leva à salvação final e não à destruição? Neste capítulo, abordaremos a primeira pergunta.

### **Qual é o alvo supremo do autor bíblico?**

Por “alvo supremo”, quero dizer o alvo ao qual todos os outros alvos tencionam levar. Então, pode haver uma cadeia de causa e efeito que tenha dez mil elos, mas o último elo, além do qual não há alvos mais elevados, este é o “alvo supremo” – ao qual o autor pretende que tudo mais conduza. A razão por que levanto a pergunta sobre o alvo supremo do autor é que os autores bíblicos escrevem dessa maneira, especialmente Paulo (que usa a palavra grega *hina* – “a fim de” – que geralmente significa “propósito para atingir um alvo”, 246 vezes). Centenas de vezes, os autores bíblicos nos incentivam, por sua linguagem, a observarmos propósitos que levam a alvos e, por fim, ao alvo supremo.

### **A glória de Deus é suprema**

De fato, os autores bíblicos apontam tão frequentemente para a glória de Deus como o alvo supremo de todas as coisas, que cheguei à conclusão, décadas atrás, quando minha vida de pregação estava começando, que nenhum texto bíblico é distorcido se dissermos que parte da intenção do autor é ajudar-nos a gozar e manifestar a glória de Deus. Se isso é

verdadeiro – se o alvo supremo de toda a Escritura (e de cada texto) é que Deus seja glorificado – terá um efeito significativo em como um pregador escolhe o que dizer sobre o seu texto. Minha suposição é que, quanto mais supremo for o alvo, tanto mais importante é que nosso povo veja, desfrute e busque. Portanto, se a glorificação de Deus é o alvo supremo, a pregação buscará ser tão eficaz quanto puder em *esclarecer* o entendimento das pessoas quanto à glória de Deus e em *inflamar* o coração delas para amá-la.

### **Fundamentos para pensarmos que a Glória de Deus é o alvo supremo de cada texto**

Essa é uma afirmação sublime. Oferecerei algumas bases bíblicas para ela. Quanto ao argumento mais convincente, recomendo-lhe o ensaio de Jonathan Edwards intitulado “The End for Which God Created the World” (O Fim para o Qual Deus Criou o Mundo). Li este ensaio quando eu estava no início dos meus vinte anos e o achei totalmente convincente, teologicamente revolucionário e homileticamente explosivo. O ensaio tem uma parte filosófica, que é impressionante (mas não decisiva), e uma parte bíblica, que para mim é extraordinária (e decisiva). Depois de citar texto após texto sobre a glória de Deus, Edwards conclui:

Tudo que é dito na Escritura como um fim supremo das obras de Deus está incluído nesta única expressão, *a glória de Deus* ... A refulgência brilha sobre e na criatura, sendo refletida de volta ao luminar. Os raios de glória vêm de Deus, são algo de Deus e são restituídos à sua origem. De modo que tudo é de Deus, e em Deus, e para Deus; e Deus é o começo, o meio e fim neste assunto.<sup>78</sup>

Não tenho espaço, nem tempo para reproduzir a manifestação dessa verdade que Edwards viu em toda a Bíblia. Mas pode ser proveitoso que tenhamos um vislumbre da visão de Paulo sobre a glória de Deus como o alvo supremo de todas as coisas. Eis uma amostragem não exaustiva de como ele pensava sobre a glória de Deus.

- A essência do mal de todos os humanos sem a graça salvadora de Deus é que mudamos “a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem” (Rm 1.23).
- É assim que Paulo define o pecado: “Todos pecaram e carecem da [literalmente, “não têm”, porque trocamos a] glória de Deus” (Rm 3.23).
- Mesmo quando o povo da aliança mente sobre Deus, “fica em relevo a verdade de Deus para a sua glória” (Rm 3.7).
- A fé exercida por Abraão é apresentada como um modelo porque, “pela



fé, se fortaleceu, dando glória a Deus” (Rm 4.20).

- Por causa da justificação somente pela fé, “gloriamo-nos na esperança da glória de Deus” (Rm 5.2).
- O ponto final de nossa adoção na família de Deus é que sejamos “coerdeiros com Cristo; se com ele sofrermos, também com ele seremos glorificados” (Rm 8.17; cf. v. 30; 1 Co 2.7).
- A glória que um dia veremos face a face e para a qual seremos levados é tão grande, que supera todo o sofrimento neste mundo, “porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Rm 8.18; cf. 2 Co 4.17).
- Deus mostra seu poder e ira “a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão” (Rm 9.23).
- Toda a glória será dada a Deus porque ele é a fonte, o sustentador e o alvo de todas as coisas: “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém! (Rm 11.36).
- “Cristo nos acolheu para a glória de Deus” (Rm 15.7).
- Cristo se tornou servo para o povo judeu não somente para confirmar a fidelidade de Deus para com os patriarcas, mas também “para que os gentios glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia” (Rm 15.9).
- A razão final por que você tem um corpo como uma criação física de Deus é para que você “glorifique a Deus no vosso [seu] corpo” (1 Co 6.20).
- Glorificar a Deus é a razão por que tudo deve ser feito: “Quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10.31).
- Visto que todas as promessas de Deus têm o seu “sim” em Cristo, “também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio” (2 Co 1.20).
- O âmago do evangelho é “a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (2 Co 4.4; cf. v. 6).
- O evangelho é propagado para que “a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graças por meio de muitos, para glória de Deus” (2 Co 4.15).
- Paulo expressa várias doxologias que parecem apontar para a glória de Deus como seu grande alvo: “A quem seja a glória pelos séculos dos

séculos. Amém!” (Gl 1.5). “A nosso Deus e Pai seja a glória pelos séculos dos séculos. Amém!” (Fp 4.20). “A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém!” (2 Tm 4.18). “A ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!” (Ef 3.21).

- Somos predestinados para adoção “para louvor da glória de sua graça” (Ef 1.6).
- Em Cristo, obtivemos uma herança, havendo sido predestinados segundo a vontade de Deus, “a fim de sermos para louvor da sua glória” (Ef 1.12).
- O Espírito Santo é “o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória” (Ef 1.14).
- Paulo orou em favor de que os crentes fossem “cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus” (Fp 1.11).
- Deus exaltou sobremaneira a Cristo e lhe deu “o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.9-11).
- Cristo retornará um dia para “ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram” (2 Ts 1.10).

Observe que na lista acima estão apenas as palavras *glória* e *glorificar* ; ela não inclui qualquer um dos muitos textos que causam o mesmo impacto usando as palavras *nome* , *honra* ou *louvor* . Também não tomei tempo para indicar as várias maneiras pelas quais a glória de Deus é não apenas mencionada, mas também incluída realmente na estrutura do pensamento de Paulo, para deixar explícito o fato de que a glória de Deus é o alvo supremo da sua obra (e.g., Rm 11.36; Ef 1.6; Fp 1.11; 2.11 e outros). Concluo, portanto, que, para Paulo, o alvo supremo em tudo que Deus *faz* e tudo que Deus *diz* (cada texto da Escritura entendido de acordo com a visão da realidade do autor da Escritura) é que a glória de Deus seja vista, desfrutada e mostrada como a maior beleza e o maior tesouro do universo.

### **Outros candidatos para o alvo supremo**

Se alguém perguntasse se há outras dimensões da grandeza de Deus, além de sua glória, que poderiam ser mostradas como o alvo supremo, minha resposta seria esta: cada um desses candidatos será visto, à luz de análise cuidadosa, como *parte* da glória de Deus ou como realizados *por causa da* glória de Deus.

Por exemplo, certa vez fui desafiado com a afirmação de que *o amor e a misericórdia de Deus* são mais supremos do que a glória de Deus. Afinal de

contas, “Deus é amor” (1 Jo 4.8). Minha resposta foi citar Romanos 15.8-9, onde Paulo diz que Cristo veio “para que os gentios *glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia*”. A misericórdia não é suprema; a glória é. Paulo diz explicitamente que a misericórdia é mostrada por causa de um alvo mais elevado – que os gentios glorifiquem a Deus.

No entanto, não estou desejoso de traçar uma distinção precisa entre o amor de Deus e a glória de Deus. Isso pode ser semelhante a traçar uma distinção precisa entre maçãs e fruta. Sinto-me feliz por afirmar que a glória de Deus consiste na beleza de todo o âmbito das perfeições de Deus. Não tenho nenhum desejo de minimizar qualquer dos atributos de Deus. Todos eles são facetas no diamante que é a glória de Deus. Se Deus perdesse qualquer de seus atributos divinos, ele seria menos glorioso – na verdade, não seria Deus. A glória de Deus é a maneira bíblica abreviada de referir-se à realidade da grandeza, da beleza e da dignidade de Deus. A beleza e a dignidade de tudo que ele é, resplandecendo por meio da criação (Sl 19.1), da história de seus atos salvadores (Sl 79.9) e de sua palavra inspirada (1 Sm 3.21; 2 Co 4.4), é a sua glória.

### **O que significa glorificar a Deus?**

Há um assunto concernente à glória de Deus que ainda não consideramos e que exige esclarecimento nesta altura. Até agora falei em pelo menos três maneiras sobre o alvo supremo da intenção de Paulo nos textos bíblicos. Às vezes, chamei esse alvo de “a glória de Deus”. Mas, outras vezes, disse que o alvo supremo é “glorificar a Deus”. E ainda, outras vezes, fui mais específico e disse que o alvo supremo é que esta glória “seja vista, desfrutada e mostrada como a maior beleza e o maior tesouro do universo”. Por que esta multiplicidade e imprecisão?

A razão é que a própria Bíblia fala em todas essas maneiras sobre o alvo supremo da realidade. A Bíblia diz: “Fazei tudo para *a glória* de Deus” (1 Co 10.31). Diz que o Senhor Jesus está vindo “para *ser glorificado* ... naquele dia” (2 Ts 1.10). E descreve a satisfação da alma nessa glória: “Uma coisa peço ao SENHOR , e a buscarei... para contemplar *a beleza* do SENHOR ” (Sl 27.4). “Eu amo, SENHOR... o lugar onde *tua glória* assiste” (Sl 26.8).

As expressões abreviadas do alvo (“para a glória de Deus” e “que o Senhor seja glorificado”) são ambíguas. Essa é a razão por que a Bíblia diz muito mais sobre *como* isto acontece. A ambiguidade é que “para a glória de Deus” e “que ele seja glorificado” não deixam claro se *glorificar*

significa “tornar” glorioso ou “manifestar” como glorioso. A diferença é uma questão de vida ou morte. Se pensamos que as coisas que fazemos *tornam* Deus glorioso, cometemos blasfêmia. Se, nas coisas que fazemos, almejamos *manifestar* a glória de Deus, nós adoramos.

### **Que respostas do coração glorificam a Deus?**

É por isso que a Bíblia deixa claro o tipo de resposta do coração que manifesta a glória de Deus pelo que ela realmente é, ou seja, infinitamente bela e preciosa. O Diabo e todo o mundo de seres humanos impenitentes servirão um dia para glorificar a Deus pela justa e santa ira divina que sofrerão (Rm 2.4; 9.22), mas a resposta do coração deles não verá nem celebrará a beleza e a dignidade de Deus.

No entanto, esse tipo de glorificação involuntária de Deus não é o alvo supremo de todas as coisas. De fato, Paulo deixa isto claro ao dizer que a glória, revelada em sua ira, serve a um propósito mais elevado. Ele “suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão” (Rm 9.22-23).

Portanto, em definir o alvo supremo dos autores bíblicos no que escrevem, não basta dizer: “O alvo é a glória de Deus”, nem mesmo dizer: “O alvo é glorificar a Deus”. Temos de *mostrar* como isso acontece. Devemos nos unir à Bíblia em afirmar que o alvo é glorificar a Deus por *vê-lo*, *desfrutá-lo* e *mostrá-lo* como a maior beleza e o maior tesouro no universo. A palavra *ver* envolve uma percepção ou um conhecimento correto da glória que Deus revela. A palavra *desfrutar* envolve todas as afeições positivas do coração cheio do Espírito em resposta à beleza e à dignidade de Deus (louvor, admiração, deleite, amor, satisfação, alegria, maravilha, desejo, temor e mais). A palavra *mostrar* envolve a transformação de vida profunda e visível que este ver e desfrutar produzem para Deus, os homens e os anjos verem, agora e para sempre.

### **Glorificamos a Deus por gozá-lo**

As implicações do entendimento de glorificar a Deus são incalculavelmente grandes para a vida e a pregação. Eleva o coração e as afeições ao lugar de importância essencial em glorificar a Deus. Significa, como tentei mostrar em várias obras,<sup>79</sup> que Deus é mais glorificado em nós quando somos mais satisfeitos nele. Significa que, quando o Catecismo de Westminster diz que

o principal alvo do homem é “glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”, a palavra *e* pode ser esclarecida pela palavra *por*. O principal alvo do homem é “glorificar a Deus *por* gozá-lo para sempre”. O catecismo não diz: “Os principais *alvos* do homem...”, e sim: “O principal *alvo* do homem...” Glorificar e gozar são um, porque o glorificar acontece por meio do gozar. Jonathan Edwards disse:

Deus é glorificado não somente por sua glória ser vista, mas também *por ser desfrutada*. Quando aqueles que a veem *se deleitam nela*, Deus é mais glorificado do que se ela fosse apenas vista. A glória de Deus é, então, recebida por toda a alma, tanto pelo entendimento quanto *pelo coração*.<sup>80</sup>

Se isto é verdadeiro, nenhum pregador pode se contentar em informar a mente sobre a glória de Deus. A pregação que é fiel ao alvo supremo da Escritura deve também procurar, pelo poder do Espírito, despertar e sustentar a profunda e inabalável satisfação do coração na glória de Deus. Isto não é secundário ou periférico. Não é um atrativo extra no cristianismo ou na pregação. É o âmago e a essência do que glorifica a Deus.

### **Ver, amar e mostrar a glória de Deus**

Nos capítulos 13 e 14, estou tentando responder à primeira das três perguntas que visam oferecer discernimento sobre como um pregador decide que aspectos da intenção de um autor bíblico – incluindo a visão abrangente e mais ampla da realidade – devem moldar um sermão específico. A pergunta é: qual é o alvo supremo do autor bíblico no texto? Minha pressuposição é que, quanto mais supremo for um alvo, tanto mais importante é que nosso povo o veja, desfrute-o e busque-o.

Para responder à pergunta, focalizei o apóstolo Paulo e sua visão ampla da realidade. Meu entendimento da unidade da Escritura me leva a crer que o alvo supremo de Paulo é o alvo supremo do restante da Escritura. Portanto, concluo que o alvo supremo de toda a verdade bíblica e, conseqüentemente, de cada texto é que Deus seja glorificado por nosso *vê-lo*, *desfrutá-lo* e *mostrá-lo* como a maior beleza e o maior tesouro no universo.

Portanto, a pregação procurará ser tão eficiente quanto puder em clarificar a *visão* que as pessoas têm da glória de Deus e em inflamar o coração delas para *amá-la*, de modo que o povo de Deus seja profunda, penetrante e completamente transformado para *mostrar* a suprema beleza e dignidade de Deus.

Agora desejo ser mais específico. Como este alvo de pregar para glorificar

a Deus, em harmonia com os textos da Escritura, molda a nossa pregação de textos específicos? No capítulo seguinte, oferecerei seis respostas para essa pergunta.

Jonathan Edwards, *The Dissertation Concerning the End for Which God Created the World*, ed. Paul Ramsey, vol. 8, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 1989), 526, 531.

Já argumentamos sobre isso no cap. 4. A explicação e a defesa mais completa se acha em John Piper, *Desiring God: Meditations of a Christian Hedonist*, rev. ed. (Sisters, OR: Multnomah, 2011); *When I Don't Desire God: How to Fight for Joy*, rev. ed. (Wheaton, IL: Crossway, 2013); *Deus É o Evangelho: Um Tratado sobre o Amor de Deus como Oferta de Si Mesmo* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2006); e *God's Passion for His Glory: Living the Vision of Jonathan Edwards* (Wheaton, IL: Crossway, 2006).

Jonathan Edwards, The "Miscellanies", ed. Thomas Schaffer, vol. 13, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 1994); Miscellany #444, 495; ênfases acrescentadas. Ver também Miscellany 87, pp. 251-252; Miscellany 332, p. 410; Miscellany 679.

# 14 | EXULTAÇÃO EXPOSITIVA E A GLÓRIA DE DEUS, PARTE 2 |

## COMO A GLÓRIA DE DEUS MOLDA CADA SERMÃO

No capítulo 13, conclui que o alvo *supremo* de toda a verdade bíblica e, portanto, de cada texto é que Deus seja glorificado por nosso *vê-lo*, *desfrutá-lo* e *mostrá-lo* como a maior beleza e o maior tesouro no universo. Isso significa que a pregação procurará ser tão eficiente quanto puder em esclarecer a *visão* que as pessoas têm da glória de Deus e em inflamar o coração delas para *amá-la*. A expectativa bíblica é que ver e desfrutar a glória de Deus desse modo se manifestará em maneiras de viver do povo de Deus que mostram a suprema beleza e dignidade de Deus.

O propósito deste capítulo é oferecer seis sugestões que mostram como o alvo de glorificar a Deus, com base em cada texto da Escritura, molda nossa pregação de textos específicos.

### 1. Seja confiante em achar a glória de Deus em cada texto

Devemos ter uma forte confiança de que trazer à luz a realidade da glória de Deus, por meio do texto que pregamos, não é arbitrário e sim aprovado biblicamente. A afirmação simples, mas abrangente, de 1 Coríntios 10.31 deve nos dar um grande zelo para isto: “Fazei tudo para a glória de Deus”. Se toda a vida é para a glória de Deus, quanto mais toda a pregação. Com o passar do tempo, o nosso povo deve ter facilidade em ver e desfrutar a glória de Deus em toda a Escritura.

### 2. Incorpore autenticamente a glória de Deus em exultação expositiva

A presença da realidade da glória de Deus em nossa pregação é uma das principais razões por que nossa pregação será *exultação* expositiva. Causaremos muito dano se inserirmos a glória de Deus em nossas mensagens sem qualquer manifestação de alegria ou admiração. Apresentar a glória de Deus de uma maneira que comunique que o pregador lhe atribui um baixo valor é difamação contra Deus. Comunica uma mentira – que Deus não é supremamente belo e valioso. Certamente, como argumentamos



nas partes 4 e 5, a *exposição* racional de cada texto é essencial. Entretanto, igualmente essencial é um espírito de alegria séria e autêntica que enche o culto, o sermão e o pregador no púlpito e fora dele.

Se para as pessoas a glória de Deus parece ser um tema, um slogan, um artifício retórico ou mera tradição do pregador, nenhum recurso de oratória será capaz de ocultar a hipocrisia. A própria natureza de toda essa beleza e valor abrangentes significa ou que resplandecerão pelo que são por meio da pregação ou parecerão um slogan vazio. Exultação expositiva é uma *elucidação* e *incorporação* autêntica da glória de Deus.

### **3. Almeje ver e mostrar a glória para incentivar atenção aos detalhes**

Ver o texto de um sermão à luz de seu propósito supremo de glorificar a Deus não silenciará os detalhes concretos e as intenções específicas dos textos. Não desviará o interesse nem a atenção da análise textual rigorosa que perscruta as realidades específicas do texto. Em vez disso, reflexão, análise e observação cuidadosa e detalhada são encorajadas, porque as riquezas da glória de Deus não pairam sobre ou fora das realidades do texto, mas são achadas em e por meio delas.

Adverti, no capítulo 12, sobre convicções teológicas que trazemos para os textos e que podem obscurecer, em vez de esclarecer, as suas particularidades. Adverti contra interposições teológicas artificiais que silenciam as realidades específicas do texto, por fazer cada passagem da Escritura se enquadrar num padrão rígido de doutrina mal-usada.

Presumivelmente, a glória de Deus nas mãos de um pregador descuidado, imprudente ou falso poderia ser usada dessa maneira. A minha experiência, porém, durante quatro décadas de pregação, é que a ampla e abrangente beleza e dignidade de Deus não me dissuadiram, nem me afastaram da mais rigorosa atenção aos detalhes e às intenções do texto bíblico. Pelo contrário, saber que toda nuance de significado e toda realidade recém-descoberta me oferecem outro vislumbre da glória de Deus tem sido uma motivação para eu não poupar esforços de análise no estudo ou esforços na exposição.

### **4. Atente ao fato de que a glória de Deus amplia e ilumina tudo**

Manter a glória de Deus em mente, como o alvo supremo de toda verdade bíblica, não resulta em reducionismo, e sim em *superducionismo* (criando um vocábulo). Reducionismo vem de *reduzir*, que vem do latim *re* (trás) + *ducere* (levar) – levar para trás. A ideia no reducionismo é que a

maravilhosa diversidade, especificidade e concretude de centenas de passagens da Escritura podem ser reduzidas (levadas para trás) a um esquema teológico insípido que lhes rouba a particularidade e as substitui por uma abstração monótona. Fujo disso como de uma praga. Amo a concretude e a especificidade e detesto abstrações vagas e entediantes.

Mas reducionismo *não* é o que acontece quando vemos realidades específicas e concretas em relação à glória de Deus. O que acontece é *superducionismo*. Realidades concretas e específicas não levam para *trás* ou para *baixo*; levam *para frente* e *para cima*. *Superducionismo* não condensa as coisas; em vez disso, ele as expande. Elas se tornam maiores, não menores; mais claras, não mais obscuras; mais nítidas, não mais opacas; mais brilhantes, não mais escuras. A refulgência divina não torna a realidade opaca. A glória de Deus faz toda concretude, toda especificidade e toda trivialidade se tornarem radiantes com a grandeza de Deus.

Portanto, a pregação que coloca hábil, sábia e lindamente realidades textuais em conexão com a glória de Deus amplia e ilumina tudo. Coisas que antes julgávamos pequenas e insignificantes na vida assumem uma beleza e uma preciosidade que não tinham antes de serem tocadas pela glória de Deus. No processo, o coração das pessoas na congregação é dilatado. “Correrei pelo caminho dos teus mandamentos, quando dilatares o meu coração” (Sl 119.32 - ARC). As pessoas são feitas para sentirem que andam entre maravilhas – no mundo de Deus e na Palavra de Deus. Isto terá um efeito direto em como elas veem o chamado para praticarem, por exemplo, a hospitalidade (que focalizamos no capítulo 12) e cada outro mandamento bíblico (como veremos em seguida).

## **5. Tenha em vista que pregadores trabalham para a alegria em Deus**

A pregação que mantém em vista o alvo supremo de todos os textos bíblicos como ver, desfrutar e mostrar a beleza e a dignidade de Deus estará sempre procurando despertar o gozo da glória de Deus. Essa pregação nunca se contentará em informar ou persuadir. Buscará incessantemente a alegria das pessoas em Deus. Em *Deus*. Esse é o segredo. Muitos pregadores dizem que almejam a alegria de seu povo. Mas há um mundo de diferença entre a alegria que valoriza *Deus mesmo* acima de todas as coisas e a alegria que vem de um culto de entretenimento e de um pregador agradável.

Pregar para a glória de Deus entende que Deus não é glorificado no

coração de pessoas que se deleitam em seus dons mais do que nele mesmo. Isto é, em última análise, a razão por que a alegria dos cristãos era uma prioridade apostólica elevada. Paulo disse: “Não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vossa alegria” (2 Co 1.24). Ele também escreveu: “Estou certo de que ficarei e permanecerei com todos vós, para o vosso progresso e *gozo da fé*” (Fp 1.25). Alegria em Deus era a razão da vida e do ministério de Paulo. Na Bíblia, a alegria não é secundária. É um meio essencial de glorificar a Deus. Portanto, se cada texto almeja a glorificação de Deus, cada texto é um convite para acharmos a mais plena satisfação em Deus em relação ao assunto do texto. A plena satisfação em Deus está entretida na maneira como Deus criou o mundo e em como ele o está salvando.

## **6. Mostre a glória de Deus pela pregação porque ela é o meio de Deus para transformar os cristãos**

Por fim, a pregação que espera, almeja e ora pela glorificação de Deus em cada exposição de cada texto se regozija no fato de que revelar a glória de Deus, por meio de sua Palavra, é o instrumento pelo qual as congregações são conformadas à imagem de Cristo. A pregação nunca esquece as necessidades das pessoas. Essas necessidades são milhares de vezes mais diversas e mais complexas do que jamais poderíamos imaginar. Portanto, não podemos abordar específica e diretamente todas essas inúmeras necessidades.

Mas Deus não planejou que a igreja experimente transformação por meio da abordagem explícita de cada necessidade de cada membro – nem pelo pregador, nem por qualquer outra pessoa. É impossível. Nem mesmo sabemos as inumeráveis necessidades que nós mesmos temos. Portanto, nem nós nem qualquer outra pessoa poderia abordá-las, todas, especificamente. Em vez disso, Deus planejou que *algumas* de nossas necessidades sejam abordadas especificamente por pregadores ou outros crentes, mas que a *maioria* de nossas necessidades seja atendida de maneiras que jamais planejamos ou, com frequência, antes mesmo de sabermos que as temos.

Uma maneira de descrever como Deus planejou que seu povo seja mudado à imagem de Cristo é dizer que eles são mudados por verem a glória de Deus revelada na leitura e na pregação de sua Palavra. Em *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural* (capítulos 3-5), discuti como isso funciona.<sup>81</sup> Os três

capítulos juntos são chamados “Lendo para ver dignidade e beleza supremas”. Tudo que disse lá se aplica a como o pregador vê a glória de Deus na Escritura e como ajuda as pessoas a verem-na por meio de sua pregação.

O texto mais importante que mostra esse plano de Deus pela leitura e pela pregação é 2 Coríntios 3.18:

E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito.

O ponto principal é que a necessidade de transformação das pessoas é satisfeita por contemplar “a glória do Senhor”. Argumentei em *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural* que o contemplar acontece por meio da Escritura iluminada pelo Espírito. E agora eu acrescentaria, pelas mesmas razões: por meio da pregação das Escrituras, com a unção do Espírito.

Isso significa que um pastor que ama seu povo, quer satisfazer as necessidades deles e levá-los para mais perto da santidade de Cristo não cometerá o erro comum de se tornar menos centrado em Deus e mais pragmático. Essa estratégia causa o efeito contrário ao esperado. Tem um apelo de vida curta porque as pessoas gostam dele – a princípio. Parece coçar onde elas desejam. Mas a maioria das pessoas não compreende que a coceira é um sintoma e não a doença. Parte da doença é que não sabemos a natureza dela. Mas Deus sabe. E as realidades de sua Palavra são o remédio. E Paulo diz que isto significa ver a glória de Deus *por meio da Palavra*, como mostramos pela conexão entre 2 Coríntios 3.18 e 4.4-6.<sup>82</sup>

### **Pregando a glória de Deus em relação à hospitalidade**

Visto que no capítulo 12 introduzi o desafio de pregar sobre hospitalidade, com base em Romanos 12.13 (“Praticai a hospitalidade”), pode ser proveitoso retornar àquele assunto e terminar este capítulo por sugerir como a glória de Deus liberta as pessoas para mostrarem hospitalidade e como a glória de Deus se torna mais visível por meio da hospitalidade.

Ao preparar-nos para pregar, tentamos pensar nos tipos de obstáculos que estão entre o texto e a obediência. Neste caso, quais são os obstáculos à hospitalidade? À luz das Escrituras, de conversas com pessoas e de nosso próprio coração, sabemos que estes obstáculos incluem: (1) ter pessoas para jantar custará dinheiro extra, e o orçamento está apertado. (2) Nossa casa ou nosso apartamento não é muito bom, em comparação com o que algumas

pessoas têm. (3) Estamos tendo problemas conjugais, e parece desonesto fingir que tudo está bem. (4) A conversa pode ficar morosa, e isso será realmente desagradável. (5) Isso exigirá muito mais trabalho de limpar a casa, fazer compras e cozinhar.

A pregação pragmática pode considerar todos os cinco pontos de uma vez e oferecer uma palavra motivacional inteligente e divertida sobre como superar os obstáculos. O suposto alvo é ajudar as pessoas a se sentirem bem a respeito de si mesmas e entrarem na vida de outras pessoas. À medida que o tempo passa, esse tipo de pregação começa a parecer superficial. Porque é realmente. Pessoas discernentes começam a se perguntar qual é a diferença entre essas reuniões e outras conferências motivacionais, até mesmo conferências cristãs.

Mas o que estou sugerindo no capítulo 13 e neste capítulo é que o alvo supremo de cada texto, incluindo o mandamento específico de mostrar hospitalidade (Rm 12.13), é manifestar a glória de Deus como supremamente bela e satisfatória. Compreendemos que as pessoas precisam ver a glória de Deus como seu tesouro plenamente satisfatório. Contemplar a glória do Senhor dessa maneira as transformará. Por isso, em nosso sermão, decidimos relacionar a glória de Deus aos cinco obstáculos à hospitalidade. Um esboço de cinco pontos pode ser o seguinte:

Obstáculo 1: ter pessoas para jantar custará dinheiro extra, e o orçamento está apertado.

Levamos as pessoas a Filipenses 4.19: “O meu Deus, *segundo a sua riqueza em glória*, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades”. Destacamos o contexto de Filipenses 4, onde Paulo estava agradecendo aos filipenses por lhe mostrarem um tipo de hospitalidade à distância. Os filipenses enviaram dádivas a Paulo, por meio de Epafrodito, para ajudar a satisfazer às suas necessidades. Ele os encorajou a não se preocuparem com o fardo que aquela generosidade poderia ter colocado sobre eles financeiramente, porque as riquezas da glória de Deus garantiam que ele supriria cada necessidade que viessem a ter. Assim, Paulo mesmo coloca a glória de Deus em conexão com a generosidade hospitaleira do povo de Deus e com a prontidão de Deus para cuidar deles.

Obstáculo 2: nossa casa ou nosso apartamento não é muito bom, em comparação com o que algumas pessoas têm.

Aqui poderíamos levá-los a João 5.44, onde Jesus repreende o povo por buscarem a glória dos homens acima da glória de Deus. O temor do homem

e sua desaprovação de nossa casa estão arraigados em não nos satisfazermos na aprovação que temos em Cristo e na glória que desfrutamos em Deus.

Ou poderíamos levá-los a Romanos 15, que começa dizendo: “Cada um de nós agrade ao próximo no que é bom para edificação” (v. 2). Em outras palavras, tire os olhos de si mesmo e busque o bem das pessoas que você convida à sua casa. Busque como abençoá-las com seus encorajamentos.

Depois, Paulo estimula esta atitude acolhedora no versículo 7: “Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu *para a glória de Deus*”. Em outras palavras, tire os olhos de suas pequenas preocupações e pense na acolhida gloriosa que você possui em Cristo e que esta acolhida foi para *glorificar a Deus*. Cristo lhe ordena que se junte a ele nesse ministério de acolher para a glória de Deus.

Obstáculo 3: estamos tendo problemas conjugais, e parece desonesto fingir que tudo está bem.

Pode parecer contraproducente, mas você pode dizer isto a seu povo: “Talvez uma das razões porque vocês têm problemas no casamento é que seus olhos estão muito focados em vocês mesmos, e talvez a coisa mais animadora que poderiam fazer agora é dar uma pausa e tentar servir aos outros, enquanto colocam seus problemas conjugais em espera. A hospitalidade não diz respeito a vocês, diz respeito aos outros. Então, de maneira paradoxal, pode ser que Deus apareça com recursos surpreendentes para a *cura de vocês mesmos*, enquanto gastam suas energias em servir aos outros. Jesus disse: ‘Mais bem-aventurado é dar que receber’ (At 20.35). Talvez parte dessa bênção virá a seu casamento quando vocês se afastarem de seus próprios fracassos e olharem para os recursos plenamente satisfatórios e gloriosos do Senhor. Além disso, o maior propósito do casamento é mostrar *a glória da fidelidade de Cristo cumpridora da aliança* em relação à sua igreja. Essa aliança – entre Cristo e sua igreja – é frequentemente perturbada. Realmente perturbada. Mas Cristo continua a mostrar sua paciência gloriosa e sua suficiência plena. Portanto, vão em frente e exibam-no em meio às fraquezas de vocês”.

Obstáculo 4: a conversa pode ficar morosa, e isso será realmente desagradável.

Talvez você possa lembrar a seu povo que Moisés se opôs a ser servo no Egito porque não conseguia falar bem. “Ah! Senhor! Eu nunca fui eloquente, nem outrora, nem depois que falaste a teu servo; pois sou pesado

de boca e pesado de língua.” É totalmente admirável o que Deus falou a Moisés. Deus levou a conversa para um novo nível e descreveu sua absoluta (*gloriosa!*) soberania sobre todas as enfermidades e deficiências. O Senhor disse: “Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o SENHOR?” E, depois desse ponto impressionante de poder soberano, ele disse: “Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar” (Êx 4.10-12).

(5) Isso exigirá muito mais trabalho de limpar a casa, fazer compras e cozinhar.

Falta de disposição é uma das razões mais comuns por que os cristãos não fazem as boas obras que mostrariam a glória de Deus. Nós nos sentimos cansados demais para assumir qualquer outra coisa. Deus vem frequentemente a seu povo que está cansado e lhe dá coisas para fazerem, mas baseia sua ordem na sua própria força, e não na deles. A razão que Pedro oferece para isso é que traz mais glória para Deus. “Se alguém serve, faça-o na força que Deus supre, *para que, em todas as coisas, seja Deus glorificado*” (1 Pe 4.11).

### **A prioridade da glória de Deus**

Tentamos responder à pergunta “que realidade os pregadores proclamam a seu povo com base em qualquer texto?” Embora seja uma resposta verdadeira, não basta dizer: “Pregamos a realidade que o autor bíblico está tentando comunicar por meio do texto”. Isso é inadequado porque, como vimos, a realidade que o autor bíblico tenciona que levemos em conta é tão ampla e diversa, que não poderíamos apresentar toda essa realidade em um único sermão. Portanto, temos de escolher, com base nesta visão geral e abrangente da realidade, que aspectos dela aplicaremos às particularidades deste texto.

Então, a nossa pergunta se torna: “como um pregador decide que aspectos da visão de um autor sobre a realidade ele trará ao sermão para lançar luz sobre o texto presente?” Além das exigências imediatas e explícitas das palavras do próprio texto, sugeri três perguntas que ajudam a discernir como o pregador decide que aspectos da visão ampla de um autor sobre a realidade ele proclamará: (1) qual é o alvo supremo do autor bíblico no texto do sermão; (2) como o texto do sermão se relaciona com Jesus Cristo e sua obra salvadora; (3) qual é o caminho de vida que leva à salvação final e não à destruição?

Os capítulos 13 e 14 propuseram uma resposta para a primeira pergunta.



Minha pressuposição é que, quanto mais supremo for o alvo, tanto mais importante será que o nosso povo o veja, desfrute-o e busque-o. Conclui que o alvo supremo de toda verdade bíblica e, portanto, de todo texto é que Deus seja glorificado por nosso vê -lo, *desfrutá* -lo e *mostrá* -lo como a maior beleza e o maior tesouro do universo. Portanto, a pregação buscará ser tão eficiente quanto possível em esclarecer a glória de Deus ao entendimento das pessoas e em inflamar seu coração para amarem-na e mostrarem-na. E tentei descrever, nos seis passos referidos acima, como essa prioridade da glória de Deus na pregação se desenvolve na prática.

Nos dois capítulos seguintes, continuaremos nossa tentativa para ajudar a explicar como o pregador decide que aspectos da intenção de um autor ele proclamará. A segunda pergunta que nos ajuda nesse ponto é: como o texto do sermão se relaciona com Jesus Cristo e sua obra salvadora?

John Piper, *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural: Provando e Vendo a Glória de Deus nas Escrituras* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2018), 79-119.

John Piper, *Lendo a Bíblia de modo Sobrenatural: Provando e Vendo a Glória de Deus nas Escrituras* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2018), Ver capítulo 4, pp. 99-101 (lidando com 2 Co 3.18 e como a pregação está implícita em 4.5).

# 15 | EXULTAÇÃO EXPOSITIVA E CRISTO CRUCIFICADO, PARTE 1: GLORIANDO-SE APENAS NA CRUZ EM CADA SERMÃO

Na tentativa de discernir que realidade devemos pregar, voltamo-nos agora da pergunta do capítulo anterior (qual é o alvo supremo do autor bíblico no texto do sermão?) à pergunta: “Como o texto do sermão se relaciona com Jesus Cristo e sua obra salvadora?” Há uma razão para apresentarmos esta pergunta, como havia uma razão para a primeira pergunta. Ambas resultam de uma pressuposição. A pressuposição por trás da primeira pergunta foi que, quanto mais supremo for o alvo do significado de um autor, tanto mais importante será que nossa pregação priorize esse alvo. A pressuposição por trás da segunda pergunta é esta: aquilo que o apóstolo disse ser indispensável à sua pregação, isso também deve ser indispensável à nossa.

## **Trinitário: alvo, base, meio**

Estou tentando responder a pergunta principal “qual é a realidade que pregaremos?” Em busca da resposta, estou fazendo três perguntas subordinadas, que se relacionam primariamente, embora não exclusivamente, a cada uma das pessoas da Trindade. Primeira, qual é o alvo supremo do autor bíblico no texto do sermão? Isso se relaciona com a glória de Deus, o Pai. Segunda, como o texto do sermão se relaciona com Jesus Cristo e sua obra salvadora? Isso se relaciona, é claro, com Deus, o Filho. Terceira, qual é o caminho de vida que leva à salvação final e não à destruição? Isso se relaciona ao Espírito Santo e como ele nos capacita a abraçarmos e obedecermos à Escritura de uma maneira salvífica. Assim, as nossas perguntas norteadoras se relacionam ao *alvo*, à *base* e ao *meio* da existência cristã – e, portanto, da pregação.

## **Jesus Cristo: crucificado, ressuscitado, cheio de riquezas**

Como nos capítulos 13 e 14, deixaremos o apóstolo nos guiar. Paulo não nos deixa incertos quanto à pergunta “que realidade pregaremos?” O alvo supremo da vida é a glorificação de Deus. Cada refeição que comemos, cada copo de água que bebemos, cada texto que pregamos é para a glória de

Deus. Ignorar essa realidade na pregação é como uma espaçonave destinada a Marte que erra o alvo e fica vagando no espaço vazio. Neste e no capítulo seguinte, outra realidade ocupa o foco da atenção – Jesus Cristo, crucificado, ressuscitado e cheio de riquezas para seu povo.

As afirmações do apóstolo Paulo que governam meu pensamento neste capítulo e no seguinte são mais específicas do que a sua afirmação ampla em 2 Timóteo 4.2: “Prega a palavra”. Como argumentei no capítulo 3,<sup>83</sup> “Prega a palavra” não nos diz que aspectos da visão geral de um autor sobre a realidade devem ser proeminentes em nossa pregação. No entanto, Paulo faz pelo menos cinco afirmações que elevam uma realidade a uma proeminência central em sua pregação – e nossa:

Aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória; *o qual nós anunciamos*, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo (Cl 1.27-28).

A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de *pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo* e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus, que criou todas as coisas, para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais (Ef 3.8-10).

Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas *nós pregamos a Cristo crucificado*, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus (1 Co 1.21-24).

Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque *decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado* (1 Co 2.1-2).

Mas *longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo*, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo (Gl 6.14).

Condensando essas passagens em afirmações mínimas de foco na pregação:

- “O qual [Cristo] nós anunciamos” (Cl 1.28).
- Pregamos “as insondáveis riquezas de Cristo” (Ef 3.8).
- “Nós pregamos a Cristo crucificado” (1 Co 1.23).
- “Decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1

Co 2.2).

- “Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6.14).

As duas últimas (1 Co 2.2; Gl 6.14) são aquelas que têm implicações mais surpreendentes e mais impressionantes para a pregação. As outras três não dizem explicitamente que Cristo crucificado era o que Paulo pregava *sempre e somente*. Mas isso é o que Gálatas 6.14 e 1 Coríntios 2.2 parecem dizer.

O que Paulo tencionava dizer ao afirmar que decidiu *nada saber* entre os coríntios, *senão a Jesus Cristo e este crucificado*? E o que queria dizer ao afirmar que não se gloriava em nada, *senão na cruz* de nosso Senhor Jesus Cristo? Juntas com as outras três afirmações, o que estas duas afirmações abrangentes significam para nossa pregação?

### **Estratégia de pregação para todas as igrejas**

A afirmação de Paulo sobre sua pregação de Cristo – de que decidira nada saber “entre vós”, exceto a Jesus Cristo crucificado (1 Co 2.2) – poderia ser entendida como uma estratégia especial de pregação para Corinto que não devemos generalizar como uma regra para toda pregação. Mas duvido que esse seja o caso. O problema de orgulho e vanglória que afetou a igreja em Corinto e desencadeou a ênfase de Paulo no “Senhor da glória” (1 Co 2.8) crucificado e destruidor de orgulho não é exclusivamente de Corinto. É um problema humano, não um problema dos coríntios.

Há outra razão por que não devemos restringir a ênfase de Paulo no Cristo crucificado à situação em Corinto – ou a qualquer outra situação. Paulo diz essencialmente a mesma coisa em Gálatas 6.14, e sabemos que a carta de Paulo aos gálatas era uma carta circular dirigida a várias igrejas. Paulo disse que estava escrevendo “às igrejas da Galácia” (Gl 1.2). Para *todas* estas igrejas, ele escreveu, como sua maneira resoluta de viver e pregar: “Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo” (Gl 6.14). Portanto, precisamos saber o que Paulo quis dizer com esta ênfase admirável em “nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Co 2.2) e em gloriar-se apenas “na cruz” (Gl 6.14). Precisamos entender a implicação dessa afirmativa para a nossa pregação.

### **Gloriar-se apenas na cruz**

A afirmação negativa de Paulo em Gálatas 6.14 pode ser afirmada de modo

positivo: “Gloriar-me apenas na cruz de Jesus Cristo”. A palavra traduzida por “gloriar-se” (*kauchasthai*) pode ser traduzida por “exultar em” ou “regozijar-se em”. *Exultar* apenas na cruz de Cristo. *Regozijar-se* apenas na cruz de Cristo. A afirmação é chocante por duas razões.

Uma razão é que isso é semelhante a dizer: “Glorie-se apenas na cadeira elétrica”. “Exulte apenas na câmara de gás.” “Regozije-se apenas na injeção letal.” “Que a sua única glória, alegria e exultação seja a corda de linchamento.” Ainda não foi inventado nenhuma forma de execução mais cruel e mais agonizante do que ser pregado numa cruz. Era horrível. Provavelmente nunca teríamos sido capazes de vê-la – sem lamentar, sem arrancar os cabelos e sem rasgar as vestes. Seja *essa* a sua única glória!

A outra coisa chocante na afirmação de Paulo é a palavra implícita única. Que a cruz de Cristo seja a sua única jactância. “Longe esteja de mim gloriar-me, *senão* na cruz.” Que o Cristo crucificado seja a sua única jactância, sua única exultação, sua única alegria. O que Paulo quis dizer? Nenhuma outra ufania? Nenhuma outra exultação? Nenhuma outra alegria, exceto a cruz de Jesus – a morte de Jesus?

O principal problema aqui é que Paulo usa várias formas desta mesma palavra (*kauchasthai*) para dizer que se gloriava ou exultava em outras coisas.

- “Gloriamo-nos na esperança da glória de Deus” (Rm 5.2).
- “Também nos gloriamos nas próprias tribulações” (Rm 5.3).
- “De boa vontade... me gloriarei nas fraquezas” (2 Co 12.9).
- “Quem é a nossa esperança, ou alegria, ou coroa em que exultamos... Não sois vós?” (1 Ts 2.19).

Portanto, se Paulo podia se gloriar (ou exultar, ou se alegrar) em todas essas coisas, o que ele quis dizer quando afirmou que não se gloriava, “*senão* na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”?

### **Que todo gloriar-se seja um gloriar-se na cruz**

Paulo não era incoerente. Não era culpado de linguagem falsa. Tinha uma razão profunda para dizer que toda exultação, todo regozijar-se, todo gloriar-se em qualquer coisa deveria também ser um regozijar-se na cruz de Jesus Cristo. Eu entendo ser isto o que ele estava dizendo: que, para o cristão, qualquer outro gloriar-se deve ser também um gloriar-se na cruz. Toda exultação em qualquer outra coisa deve ser também exultação na cruz. Se você exulta na esperança da glória, deve estar exultando na cruz de Cristo. Se você exulta na tribulação, porque a tribulação produz esperança,

deve estar exultando na cruz de Cristo. Se você exulta em sua fraqueza ou no povo de Deus, deve estar exultando na cruz de Cristo.

A pregação tem de afirmar isto; tem de ser baseada nisto: todo sermão que oferece alguma coisa boa aos crentes em Cristo, ou que os ajuda a verem que Deus tornará em bem toda coisa má na vida deles, deve ser um sermão que exulta em Cristo crucificado.

### **Lógica do céu – Romanos 8.32**

Por que todo sermão cristão deve exultar explicitamente em Cristo crucificado? Por esta razão: para pecadores redimidos, toda coisa boa – e toda coisa má que Deus transforma em bem – foi garantida para nós pela cruz de Cristo. Toda respiração espiritual que o crente tem foi comprada pelo sangue de Cristo. O que poderia ser mais extensivamente significativo na pregação? Em Romanos 8.32, Paulo dá o fundamento para esta afirmação: “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” Romanos 8.32 é um dos versículos mais importantes na Bíblia, tanto para vivermos quanto para pregarmos.

O que coloca Romanos 8.32 numa classe única é a lógica que dá surgimento à promessa e a torna tão firme e tão inabalável quanto o amor de Deus por seu Filho infinitamente admirável. Eu a chamo de lógica do céu. Romanos 8.32 contém um fundamento – uma garantia – que é tão forte, tão sólida e tão segura que não há absolutamente nenhuma possibilidade de que a promessa seja quebrada. Por maiores que sejam os abandonos, por maiores que sejam os desapontamentos, por maiores que sejam os fracassos, a promessa é tão abrangente que nunca falhará.

### **Lógica celestial, parte 1**

Romanos 8.32 tem duas partes: o fundamento e a promessa. A primeira parte é o fundamento: “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou...” Se o fundamento é verdadeiro, diz a lógica do céu, então Deus muito certamente dará *todas as coisas* àqueles pelos quais ele deu seu Filho. Deus não poupou seu próprio Filho. Ele o entregou à morte. Muitos em nossa época – como em cada dia – zombam da verdade de Deus que ordenou a morte de seu próprio Filho. Eles qualificam este ato como primitivo, pagão, abuso infantil divino, etc. A Bíblia o chama de amor. E a Bíblia deixa claro que a morte de Cristo foi a vontade do Pai.

“Sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus”

(At 2.23). “Nós o reputávamos por aflito, *ferido de Deus* ... Todavia, ao SENHOR [seu Pai] agradou moê-lo, fazendo-o enfermar” (Is 53.4, 10). “A quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação” (Rm 3.25).

*Por que Deus “não poupou o seu próprio Filho”?* A resposta é dada na própria afirmação: Deus “não poupou o seu próprio Filho, antes, *por todos* nós o entregou”. Por nós. Em outra epístola, Paulo diz: “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5.21). Ou, como Isaías viu centenas de anos antes que acontecesse:

Mas ele foi traspassado *pelas nossas transgressões*  
e moído *pelas nossas iniquidades* ;  
o castigo *que nos traz a paz*  
estava sobre ele, e pelas suas pisaduras *fomos sarados* .  
Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas;  
cada um se desviava pelo caminho,  
mas o SENHOR fez cair sobre ele  
*a iniquidade de nós todos* (Is 53.5-6).

Deus não poupou seu próprio Filho porque essa era a única maneira pela qual ele poderia *nos* poupar e ainda ser o Deus totalmente santo e justo que ele é. A culpa de nossas transgressões, a punição de nossas iniquidades e a maldição de nossos pecados nos teriam levado inevitavelmente à destruição do inferno. Exceto por causa de Cristo crucificado.

Mas agora começa a lógica do céu. Paulo raciocina assim: *visto que* Deus não poupou seu próprio Filho, *então* , certamente ele deve nos dar e nos dará, com ele, gratuitamente todas as coisas. Por que é assim? Como funciona esta lógica tão importante? O nome técnico para esse tipo de raciocínio é *a majori ad minus*, que se refere a um argumento “do maior para o menor”.

Suponha que duas tarefas são motivadas pelo mesmo desejo, uma, porém, é mais improvável porque o custo é muito elevado; e a outra, é mais provável porque o custo é menor. Se eu tivesse o desejo de cumprir ambas as tarefas e, de algum modo, conseguisse realizar a de custo mais elevado, então é quase certo que a de custo menor será realizada. Vencer os obstáculos maiores garante que eu vencerei os menores. Esse é um argumento *a majori ad minus* .

Paulo está raciocinando em Romanos 8.32 do impossivelmente difícil para o relativamente fácil ou do maior para o menor. Deus não poupou seu



próprio Filho, antes o entregou – essa é a coisa difícil, a coisa maior, a coisa impensável. A razão por que ela é a coisa maior é que Deus amava *infinitamente* seu Filho. Seu Filho não merecia ser morto. Seu Filho era digno da adoração de toda criatura. Ele não merecia ser cuspidor, açoitado, zombado e torturado. Entregar “o Filho do seu amor” (Cl 1.13) era a coisa incomparavelmente maior.

## **Lógica celestial, parte 2**

Em fazer essa maior e mais difícil de todas as coisas, Deus mostrou que muito certamente ele daria *todas as coisas* às pessoas pelas quais entregou seu Filho. Dar-nos “todas as coisas” talvez nos pareça uma coisa estupidamente grande. É realmente. Mas, comparado a não poupar seu próprio Filho, é uma coisa relativamente fácil, na mente de Deus. Impressionante. Essa é a lógica do céu. “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?”

A grande promessa, garantida na lógica de Romanos 8.32, é que Deus nos dará “todas as coisas”. O que isso significa? Num contexto que inclui Romanos 8.36 (“Somos entregues à morte o dia todo”), entendo que isto significa que Deus nos dará tudo que é bom para nós e que tornará em bem todas as coisas más de nossa vida – como sermos mortos por causa de Cristo.

John Flavel, um pastor puritano de mais de 300 anos atrás, exultou em Romanos 8.32:

Certamente, se Deus não quis poupar este seu próprio Filho de um golpe, uma lágrima, um gemido, um suspiro, uma circunstância de miséria, jamais podemos imaginar que ele deveria, à luz disto, negar ou reter de seu povo, por quem Cristo sofreu tudo isto, quaisquer misericórdias, quaisquer consolos, quaisquer privilégios, espirituais ou temporais, que sejam bons para eles.<sup>84</sup>

## **Toda bênção requer o gloriar-se na cruz**

Agora podemos ver por que Paulo disse que todo o seu gloriar-se, toda a sua exultação, toda a sua alegria estava na cruz. Entendo que ele estava dizendo que toda bênção na vida cristã, incluindo as dificuldades que Deus usa para o bem de seu povo, se deve à cruz. Esta é uma de “todas as coisas” que Romanos 8.32 diz ter sido garantida por Deus pelo fato de não poupar seu próprio Filho. É também a razão por que eu disse que cada sermão que oferece qualquer coisa boa aos crentes em Cristo, ou que os ajuda a verem

que Deus tornará em bem toda coisa má em suas vidas, tem de ser um sermão que exulta em Cristo crucificado.

Não pode haver qualquer benefício, oferecido a nós como filhos queridos de Deus, à parte da cruz de Cristo. Mas *todo* sermão oferece algum benefício aos filhos de Deus. *Cada* texto, diz Paulo, é “útil” (2 Tm 3.16). E a cruz é a única maneira pela qual qualquer coisa “útil” pode chegar a um ser humano caído e merecedor do inferno. Portanto, todo benefício, toda bênção, todo dom, toda promessa, toda advertência graciosa e todo vislumbre proveitoso da glória de Deus, em cada sermão, são comprados por sangue. Devem-se à cruz – a Cristo crucificado. Gloriar-se, exultar ou regozijar-se em qualquer benefício, oferecido em qualquer sermão, será também um gloriar-se na cruz. Pois sem a cruz não teríamos coisa alguma, senão ira.

### **Nada senão Cristo crucificado**

Para confirmar que estamos andando com o apóstolo Paulo, considere de novo 1 Coríntios 2.2: “Decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado”. Sabemos, com base no restante de 1 Coríntios, que Paulo não tencionava dizer que não falaria sobre outros assuntos. É claro que ele sabia e falava realmente sobre muitos assuntos: divisões na igreja (1.10-17; 3.1-4), disciplina eclesiástica (5.1-5), imoralidade sexual (6.12-20); litígios (6.1-11), casamento e solteirice (cap. 7), comida oferecida a ídolos (8.1-6), véus (11.1-16), dons espirituais (caps. 12-14) e mais. Se Paulo não quis dizer, em 1 Coríntios 2.2, que sabia e falava apenas sobre Cristo crucificado, o que ele quis dizer quando falou que decidira “nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado”?

Minha resposta é que Paulo queria dizer que as coisas que ele sabia, falava e fazia, ele as sabia, as falava e as fazia em relação a Cristo crucificado. Paulo fazia tendas à sombra da cruz. Pregava à sombra da cruz. Contendia com oponentes à sombra da cruz. Cristo crucificado estava relacionado a tudo que Paulo fazia e dizia, porque qualquer bem que Paulo pudesse fazer por alguém, em obras ou palavras, era possível somente por causa da morte de Jesus. Sem Cristo crucificado, Paulo não tinha nada esperançoso a oferecer a alguém. Ou, afirmando de modo positivo, todo bem que Paulo fazia ou quaisquer boas novas que ele pregava se deviam a Cristo crucificado. Portanto, ele pensava (sabia) as coisas somente dessa maneira. Paulo pregava somente com essa pressuposição.

## **Cristo garantiu todo bem**

O que temos visto até aqui é que anunciar a Cristo (Cl 1.28), ou pregar com o alvo de gloriar-se somente na cruz (Gl 6.14), ou pregar com o alvo de saber apenas Cristo crucificado (1 Co 2.2), ou pregar as insondáveis riquezas de Cristo (Ef 3.8) é pregar cada realidade bíblica em relação à morte de Jesus. Mais especificamente, saber apenas Cristo e ele crucificado, em nossa pregação, significa deixar claro que toda coisa boa oferecida ao povo de Deus, em cada texto (seja uma advertência, uma repreensão, um atributo de Deus, um mandamento ou uma promessa), é garantida para eles pelo sangue de Jesus. À parte da cruz, toda bondade divina constituiria a nossa condenação merecida (Rm 2.4). Portanto, a cruz é o fundamento, em cada sermão, de todo bem oferecido em cada texto.

Agora, no capítulo 16, nos voltamos à pergunta “Como, então, pregaremos com este entendimento de gloriar-nos apenas na cruz e saber apenas Cristo e ele crucificado?”

Ver capítulo 3, o aspecto 2 da pregação: *O conteúdo da pregação*

John Flavel, *The Works of John Flavel*, vol. 6 (Edinburgh: Banner of Truth; repr. 1988), 418. Nos parágrafos anteriores, adaptei partes do cap. 8 de John Piper, *Future Grace: The Purifying Power of the Promises of God* (Colorado Springs, CO: Multnomah, 2012), 109-16.

# 16 | EXULTAÇÃO EXPOSITIVA E CRISTO CRUCIFICADO, PARTE 2: “VIVAMOS PARA A JUSTIÇA”

No capítulo anterior, quando consideramos a admirável afirmação de Paulo de que se gloriava apenas na cruz de Cristo (Gl 6.14), concluímos que isso não significava que Paulo não se gloriava em mais nada, e sim que em qualquer outro gloriar-se ele estava se gloriando, fundamental e supremamente, em Cristo. Cristo possibilitava todo gloriar-se legítimo e, portanto, tornava-se parte deles. E, quando consideramos a afirmação de Paulo de nada saber, exceto Cristo e ele crucificado (1 Co 2.2), concluímos que isso não significa que Paulo nunca discutia outros tópicos, e sim que a morte de Cristo garantia tudo que era proveitoso que Paulo tinha a dizer sobre outros tópicos. Sem Cristo crucificado, não havia nada proveitoso que Paulo pudesse oferecer a alguém. Quaisquer boas novas para o povo de Deus que Paulo pregava sobre qualquer tópico se devia a Cristo crucificado.

## **Impacto na pregação pode não ser o que você pensa**

Entender desta maneira o foco de Paulo em Cristo crucificado tem um efeito na pregação que é diferente do que alguns têm pensado. O efeito é encorajar o pregador a tomar com grande seriedade todos os detalhes de seu texto e gastar tempo estudando o significado e a aplicação deles com toda a especificidade que as palavras comunicam. Quando eu digo desta maneira, estou fazendo distinção entre este tipo de pregação e aquele tipo que lida superficialmente com os detalhes do texto, apenas para seguir adiante e falar sobre a obra expiatória do Cristo crucificado. Estou oferecendo uma alternativa para aqueles que pensam que “pregar Cristo” significa reconhecer o assunto do texto e, depois, seguir para o interesse real por terminar cada sermão com uma recitação do que Cristo fez na cruz.

Não penso que isso é o que “pregar Cristo” significa no trabalho semanal do pregador entre o povo de Deus reunido. Eu o digo por várias razões. Primeiramente, há as razões *secundárias* : (1) esse tipo de pregação tende a enfraquecer as expectativas das pessoas com um método homilético previsível. (2) Tende a lidar com as palavras, frases e lógica real do texto como tendo menor importância, por dar a impressão de que não necessitam

ser tratados com cuidado e profundidade, mas somente como preparação para a ênfase crescente do Cristo crucificado. (3) Tende a treinar as pessoas em maus hábitos de como ler sua Bíblia, por diminuir o rigor e o empenho com o qual devem meditar nas palavras da Escritura. (4) Tende a enfraquecer a seriedade dos imperativos bíblicos sobre como viver a vida cristã, por inserir a expiação vicária em momentos cruciais, quando a ênfase deveria estar na urgência da obediência.

No entanto, há a razão *primária* para minha preocupação com a maneira de entender “pregar Cristo”. Eu disse antes que estou tentando oferecer uma alternativa a uma maneira de “pregar Cristo” que trata superficialmente os detalhes do texto e, depois, segue para o interesse real ao terminar com uma recitação do que Cristo fez na cruz. Mas eu pergunto: o que Cristo *fez* na cruz em relação à realidade deste texto específico do sermão? Considere, por exemplo, 1 Pedro 4.7-9:

Ora, o fim de todas as coisas está próximo; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações. Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados. Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração.

O que Cristo fez na cruz em referência à realidade deste texto? Ele morreu por pecadores para que este texto sobre autocontrole, sobriedade, amor, hospitalidade e murmuração esteja na Bíblia apenas para nos lembrar que ele morreu pelos pecadores? Ou ele morreu pelos pecadores exatamente para tornar este texto, em toda sua impressionante especificidade, possível para os redimidos? Ele morreu por nós para que, ao chegarmos a este texto, examinemos profundamente os detalhes deste tipo de vida comprada por sangue e de como vivê-la? Quando Pedro disse que Cristo carregou “ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, *mortos para os pecados, vivamos para a justiça* ” (1 Pe 2.24), ele quis dizer: “Glorie-se no poder da cruz e no método de Deus, por meio da cruz, que dá poder aos cristãos para fazerem o que os textos bíblicos os chamam a fazer”?

#### *Linha reta para a cruz*

Quando pregamos o texto de 1 Pedro 4.7-9, nossa mentalidade deve ser: faça alguns comentários gerais sobre os detalhes e, depois, trace “uma linha reta para a cruz”? Essa expressão vem de uma citação atribuída (por centenas de pessoas) a Charles Spurgeon: “Pego o meu texto e traço uma linha reta para a cruz”. Pelo que sei, ninguém jamais citou o lugar em que Spurgeon disse tal coisa, e aqueles que o conhecem melhor parecem não ser

capazes de mostrar que ele disse isso.<sup>85</sup> Mas a citação tem sido usada para cultivar um tipo de pregação que estou desencorajando.

Na verdade, a citação em si mesma não precisa ser enganosa, assim como Paulo não estava enganando quando disse que nada sabia, exceto Cristo crucificado. Mas a citação pode enganar pregadores. Então, voltando à minha pergunta: quando lemos e pregamos o texto de 1 Pedro 4.7-9, nossa mentalidade deve ser a de oferecer alguns comentários gerais e, depois, seguir diretamente para uma descrição da morte e ressurreição de Jesus, com uma grande ênfase de que Cristo morreu por nossos pecados? Isso é o que significa pregar as “insondáveis riquezas de Cristo” (Ef 3.8), quando pregamos 1 Pedro 4.7-9?

### **Subvertendo o alvo da cruz**

Não penso assim. De fato, acho que essa mentalidade subverte a cruz e as realidades reveladas na Escritura. O que Cristo fez na cruz em relação à realidade deste texto? Ele comprou a vida cristã descrita e ordenada neste texto. Permita-me dizer outra vez: quando Cristo morreu por nós na cruz, ele obteve para nós a glória da obediência, permeada de Cristo, às palavras de 1 Pedro 4.7-9. As realidades reveladas e ordenadas neste texto não existem por causa da cruz. A cruz existe por causa dessas realidades!

Esta é a glória da cruz. A cruz leva a este tipo de vida de amor. Não é o contrário. A cruz comprou isto. Cristo morreu por isto – ou seja, para que, com todos os nossos pecados perdoados, desfrutemos a presença e o poder do Cristo vivo que opera em nós amor, sobriedade, autocontrole e hospitalidade sem murmuração, comprados por sangue.

Portanto, a razão *primária* para rejeitarmos a pregação que “traça uma linha reta para a cruz” (como descrevemos) é que ela *diminui* a glória da cruz. E pensa que está fazendo exatamente o oposto. Pensa que a cruz é mais exaltada por levar o sermão a uma ênfase crescente com a celebração da expiação vicária, toda semana. Essa não é a maneira de exaltar as glórias da cruz. Assegure-se de que a congregação saiba os detalhes do maior evento na história – a morte e ressurreição de Jesus. Mas, depois, gaste maior parte do seu tempo pregando as gloriosas *conquistas* da cruz, que encham as páginas da Escritura.

E o que temos visto é que toda coisa benéfica na Bíblia – toda bênção, todo dom, toda promessa, toda advertência graciosa, todo vislumbre da glória de Deus em cada sermão – é comprada por sangue. Deve-se à cruz –

a Cristo crucificado. Todo benefício não merecido – toda graça – expresso em qualquer texto da Bíblia (seja uma beleza ou uma feiura revelada, uma advertência ou uma promessa) é uma graça comprada por sangue, incluindo todas as que estão no Antigo Testamento (Rm 3.25; 2 Co 1.20).

### **Linha reta a partir da cruz**

Na Bíblia, a linha reta é na direção contrária. Cristo morreu para que traçássemos uma linha reta *a partir da cruz* para a ressurreição, para o derramamento do Espírito Santo, para a concessão da Escritura, para o milagre do novo nascimento, comprado por sangue, para o mistério de *Cristo em vós, a esperança da glória*, para as belezas de autocontrole, sobriedade, amor e hospitalidade permeadas de Cristo e exaltadoras de Cristo.

Isso significa que, se você quer glorificar a cruz em sua pregação, ofereça uma exposição primorosa das maravilhas de autocontrole, das raras belezas e benefícios de sobriedade, da preciosidade e abnegação do amor fraternal, das graças poderosas em operação na hospitalidade prática e da raridade impressionante de uma pessoa que nunca murmura. E crie em seu povo uma constante e alegre consciência de que cada um deles – o ver toda a verdade, o desfrutar de toda glória e a obediência a todo o mandamento – é uma dádiva que exalta a Cristo e foi comprada por sangue.

### **Árvore boa glorificada por seus frutos**

Uma árvore boa produz fruto bom. Cristo morreu para que seu corpo – a igreja – seja a árvore em que se desenvolve esse fruto belo e saboroso. Magnificaremos o sucesso do sacrifício de Cristo se traçarmos em cada texto uma linha reta para as realidades concretas, específicas e detalhadas que o texto está abordando, tais como realmente são e como chegam a acontecer pelo poder do Espírito desencadeado pelo sangue de Jesus. Jesus não morreu para que a Bíblia fosse escrita com milhares de páginas descrevendo apenas o Calvário. Ele foi ao Calvário para que milhares de glórias sejam descritas na Bíblia para que as vejamos, desfrutemos e mostremos por meio de uma vida crucificada.

### **Cristo morreu para nos dar riquezas de desfrutar Deus em toda a vida**

Permita-me tentar dizer isso de outra maneira. Escrevi um livro intitulado *Deus é o Evangelho: Um Tratado sobre o Amor de Deus como Oferta de Si*



Mesmo <sup>86</sup> Eis a chave para o que estou dizendo sobre a pregação e a cruz: “Também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito” (1 Pe 3.18). Perdão, justiça imputada, escape da ira divina, resgate do inferno, ressurreição do corpo, vida eterna – estas são as conquistas gloriosas de Cristo crucificado. Mas não são o principal dom do amor de Deus – não são o dom supremo que Jesus comprou com seu sangue. Todas elas são meios, não o fim. O fim é vermos a Deus em toda a sua beleza, gozarmos amizade pessoal com ele e sermos transformados à sua semelhança em cada maneira que maximiza nosso gozo e reflexo de sua grandeza; Cristo morreu principalmente por isto.

Todas as Escrituras foram escritas para fomentarem essa experiência com Deus. Toda revelação do caráter e dos caminhos de Deus, toda descrição de Cristo, toda palavra que ele falou, toda reprovação de nosso pecado, toda promessa de sua graça, todo mandamento prático para andarmos em amor e santidade, toda advertência contra a impiedade – todas estas coisas são meios, comprados por sangue, de andarmos em prazerosa comunhão com Deus. Foi por isso que Jesus morreu.

Portanto, pregar Cristo crucificado, como Paulo indicou em 1 Coríntios 2.2 e Gálatas 6.14, não é transformar cada sermão numa mensagem que culmina com uma narrativa da expiação. Em vez disso, é tratar com seriedade e cuidado cada palavra, cada cláusula e toda conexão lógica no texto, a fim de mostrar como Cristo – crucificado, ressuscitado e presente pelo Espírito – capacita e molda o novo caminho de vida descrito no texto.

### **Pregando as “insondáveis riquezas de Cristo”**

Paulo se mostrou admirado com o fato de que Deus o chamara para “pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo” (Ef 3.8). Não seremos bem-sucedidos em glorificar estas “insondáveis riquezas de Cristo” em nossa pregação, se treinarmos nosso povo a se afastar da atenção rigorosa e detalhada aos textos bíblicos, a fim de seguirmos diretamente para os fatos bem conhecidos sobre a expiação (por mais gloriosos que sejam!). Veja o contexto de Efésios 3.8. Eis a razão por que Paulo pregava as insondáveis riquezas de Cristo:

Manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus, que criou todas as coisas, para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais (Ef 3.9-10).

Pregar Cristo. Expor o mistério de Deus para o mundo. Criar por seu poder um novo povo de Deus chamado “a igreja”. E, por meio desse povo – como eles chegam a existência, adoram e vivem – mostrar aos anjos e demônios a multiforme sabedoria de Deus, a sabedoria de como Deus cria um povo por meio da cruz. A sabedoria gloriosa da cruz é vista na igreja. E Deus deu à igreja um livro cheio de ensinamentos concretos e específicos. Estes são os instrumentos que o Espírito usa para moldar a igreja numa presença exaltadora de Cristo no mundo.

Pregar se apropria desses ensinamentos concretos e específicos e extrai deles cada gota de sabedoria maravilhosa e transformadora da vida. Não se desculpe por lidar com os detalhes do texto e incuti-los no coração das pessoas. Não seja impaciente para deixar o texto e achar mais textos que falam explicitamente da cruz. Você já deixou claro para seu povo repetidas vezes: a cruz está ali. Sempre está. É o fundamento de tudo. Sem a cruz, não há nenhum bem. Então, escavemos profundamente as belezas do fruto de vida e de adoração, pois é uma das conquistas da morte de Cristo. Isso é pregar as insondáveis riquezas de Cristo.

### **“O qual nós anunciamos”**

Vemos a mesma coisa por um ângulo diferente em Colossenses 1.27-28:

Aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, *Cristo em vós, a esperança da glória; o qual nós anunciamos*, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.

“O qual nós anunciamos.” Sim! Depois da afirmação de Paulo “o qual nós anunciamos”, está “Cristo em vós, a esperança da glória”. Proclamar Cristo significa tornar gloriosamente claras e lindas todas as implicações da realidade, comprada por sangue, de Cristo em vós *agora*. A morte de Cristo, dois mil anos antes de nós existirmos, comprou a presença de Cristo em nós hoje. Textos que abordam como experimentamos este Cristo vivo e como somos transformados por ele nos comportamentos e atitudes específicos de vida estão na Bíblia não para nos mandarem numa linha direta para a cruz. A cruz está na Bíblia para nos mandar numa linha direta para esses textos e descobrirmos as maravilhas compradas por sangue, para nos dar uma vida obediente em Cristo. Isso não acontece por abordarmos esses textos rápida e superficialmente, e, então, seguirmos para uma pregação de Cristo crucificado.

Então, no outro lado da afirmação de Paulo “o qual nós anunciamos”, está a elaboração de Paulo quanto ao que está envolvido nesta proclamação: “Advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, *a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo*”. O alvo da pregação de Cristo é maturidade no viver Cristo. Isso envolve advertências, ensinamentos e sabedoria. Estes são os tipos de coisas que enchem as páginas da Escritura. “Anunciar Cristo” não significa volver-nos das advertências, ensinamentos e sabedoria específicos e detalhados da Escritura para repetirmos a história do evangelho. Em vez disso, “anunciar Cristo” não poupa esforços para ver profundamente o que está realmente ali no texto – todas as maravilhas de verdade e vida que Cristo comprou com sua morte para tornar nossas.

### **A realidade unificadora da glória de Deus e da obra do Filho**

Mencionei no capítulo 12 que as três respostas à nossa pergunta geral “Que realidade devemos pregar” são: (1) a glória de Deus, o Pai; (2) a obra salvadora de Deus, o Filho, e (3) a obra de santificação e de preservação de Deus, o Espírito. Aqui vemos a inter-relação da glória do Pai e do Filho.

Pregar Cristo, de acordo com o apóstolo Paulo, inclui não somente proclamar sua aquisição sacrificial de toda coisa boa que os crentes experimentam e o poder transformador de sua presença em nossa vida; inclui também o alvo de glorificar a Cristo por causa de sua obra por nós e em nós. É verdade que a glória do Pai tem um tipo de supremacia. Vemos isso em Filipenses 2.11, onde o Pai exalta o Filho acima de todo nome, para que “toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, *para glória de Deus Pai*” (Fp 2.11). No entanto, a glória do Pai e a glória do Filho são uma só. A glória de Cristo que procede de sua cruz, da ressurreição e de sua obra em favor de seu povo – esta glória é a própria glória de Deus. Em 2 Coríntios 4.4-6, é dito mais claramente:

Nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho *da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus*. Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus. Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento *da glória de Deus, na face de Cristo*.

Paulo argumenta de modo claro e explícito. Logo que se refere à glória de

*Cristo* , ele diz que Cristo é a imagem de *Deus* . Logo que menciona a glória de *Deus* , Paulo diz que essa glória está na face de *Cristo* . Em outras palavras, não são duas glórias. A glória de Cristo é a glória de Deus.

Não surpreendentemente, Paulo faz da glória de Cristo o alvo da criação e o alvo da vida cristã. “Este é a imagem do Deus invisível... Tudo foi criado por meio dele e *para ele* ” (Cl 1.15-16). Ou seja, todas as coisas foram criadas para a glória de Cristo. Portanto, quando pregamos Cristo, nosso alvo é mostrar a sua glória.

Esse é o alvo de toda pregação, porque a fé e o poder dos crentes que Cristo obteve por sua morte e que procuramos despertar pela pregação existem para a glória de Cristo. Isso foi o que Paulo disse em 2 Tessalonicenses 1.11-12: “Não cessamos de orar por vós, para que o nosso Deus vos torne dignos da sua vocação e cumpra com poder todo propósito de bondade e obra de fé, *a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós* ”.

### **Desfrute o Cristo vivo**

Respondemos até agora duas de nossas perguntas destinadas a mostrar que realidades bíblicas devem ser entretidas em toda a nossa pregação.

1. Qual é o alvo supremo do autor bíblico no texto do sermão? Respondemos: a glorificação de Deus. Nosso povo deve ver todas as coisas com brilho ainda maior, por causa de sua relação com a glória de Deus. A glória de Deus brilha não apesar do que está no texto, e sim em e por meio das realidades concretas do texto. Quanto mais rigorosamente atentarmos ao que Deus colocou no texto, tanto mais radiantemente a sua glória brilhará a partir do texto.

2. Como o texto do sermão se relaciona com Jesus Cristo e sua obra de salvação? Respondemos: anunciar Cristo (Cl 1.28), ou pregar com o alvo de gloriar-se somente na cruz (Gl 6.14), ou pregar com o alvo de saber apenas Cristo crucificado (1 Co 2.2), ou pregar as insondáveis riquezas de Cristo (Ef 3.8) é pregar a realidade que o sangue de Cristo comprou para seu povo. Pregamos exalta a glória dessa compra não por deixar o texto e traçar uma linha reta para a cruz, e sim por traçar uma linha reta *a partir da* cruz, que provê todas as coisas, para os detalhes de cada texto e as maravilhas de adoração e obediência, compradas por sangue, saturadas de Cristo e exaltadoras de Cristo. Assim, Cristo crucificado se torna o fundamento de cada sermão. Nada haveria para oferecer na pregação, se Cristo não tivesse morrido por pecadores.

Ao terminar este capítulo, permita-me esclarecer uma vez mais que chamar a cruz de “fundamento” de toda bênção comprada por sangue nunca deve obscurecer, e sim magnificar, a verdade de que a maior de todas essas bênçãos é Cristo mesmo em toda a sua glória. Cristo em nós. Cristo acima de nós. Cristo diante de nós. Cristo por trás de nós. Cristo nos apoiando, nos sustentando e nos satisfazendo com sua presença gloriosa. A glória de Cristo que a cruz nos capacita a desfrutar é a glória de seu amor, em sofrimento, revelado na cruz, a glória de sua justiça, em misericórdia, revelada na cruz, a glória de seu poder, em fraqueza, revelado na cruz.

Portanto, a cruz não é o “fundamento” da maneira como os blocos em sua casa são fundamento – fora da vista, fora da mente. A cruz é o fundamento da maneira como o fogo é o fundamento da luz. Da maneira como a pintura é o fundamento de retratos. Da maneira como o amor é o fundamento de relacionamentos. Da maneira como as flores são o fundamento do aroma que enche o ar. Da maneira como o sacrifício é o fundamento da canção eterna do Cordeiro. A glória deste “fundamento” está em tudo que ele garante e sustenta. Cristo crucificado não comprou obediência que se esquece de Cristo, e sim obediência que o estima e o exalta.

Uma vez que Cristo é também o clímax de todas as bênçãos compradas por sangue, a experiência do povo de Deus, almejada em todo sermão, é incompleta sem o desfrute do Cristo vivo. Portanto, todo sermão busca glorificar a Cristo na obediência jubilosa, moldada pelo texto e exaltadora de Cristo por parte de seu povo.

Nos dois capítulos seguintes, trataremos da nossa terceira pergunta: qual é o caminho de vida que leva à salvação final e não à destruição? Isso também nos leva a uma realidade que moldará cada sermão.

“Christian George e uma equipe de amigos na faculdade também dedicaram, durante o verão, algum tempo a acharem essa citação. E também saíram de mãos vazias. Se eles não puderam achá-la, não sei se qualquer outra pessoa pode achá-la.” Joel Littlefield, “I Can’t Believe Spurgeon Didn’t Say That”, The Blazing Center website, acessado em 14 de março de 2017, <https://theblazingcenter.com/2016/08/i-cant-believe-spurgeon-didnt-say-that.html>.

John Piper, *Deus é o Evangelho: Um Tratado sobre o Amor de Deus como Oferta de Si Mesmo* (São José dos Campos, SP: Fiel, 2006).

# 17 | EXULTAÇÃO EXPOSITIVA E A OBEDIÊNCIA POR FÉ, PARTE 1 | O CAMINHO DE AMOR QUE LEVA À VIDA

Sugeri três perguntas que nos guiam em como resolver que aspectos da visão mais ampla de um autor bíblico devemos incluir em nossa pregação de textos específicos: (1) qual é o alvo supremo do autor bíblico no texto do sermão (capítulos 13 e 14). (2) Como o texto do sermão se relaciona a Jesus Cristo e sua obra salvadora? (capítulos 15 e 16). (3) Qual é o caminho de vida que leva à salvação final e não à destruição? (O capítulo atual e o seguinte).

Neste capítulo, lidaremos com a terceira pergunta, pressupondo que, se existe uma maneira de seguir a santidade (e a vida eterna) que é bem-sucedida e uma maneira que fracassa, a pregação deve deixar clara a maneira que conduz à vida e a maneira que fracassa. Pressuponho também que o coração humano pode responder a *qualquer* texto de uma maneira que leva à destruição ou à glória. Portanto, independentemente do texto, a pregação deve apontar para o caminho da vida e da glória.

Um modo de vermos as relações entre essas três perguntas é que a primeira lida com a glória de Deus como o *alvo* da vida cristã, a segunda lida com a cruz como o *fundamento* da vida cristã, e agora a terceira lida com a *maneira* como vivemos a vida cristã – a única maneira possível que leva à salvação final. Se a pregação tiver sucesso em deixar claro o alvo e o fundamento, mas fracassar em deixar claro o caminho entre eles, ela fracassa totalmente. Jesus disse: “Estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela” (Mt 7.14). A tarefa de pregar é ajudar as pessoas a seguir esse caminho e permanecer nele.

## **Pregação e perseverança**

É possível alguém saber o alvo e o fundamento da vida cristã, mas, apesar disso, perecer. Judas sabia todos os mesmos ensinamentos que Pedro sabia. Os fariseus gastavam mais tempo com a Escritura do que qualquer outro grupo,

mas, ainda assim, eram cheios de morte (Mt 23.27). Antes de sua conversão, Paulo era tão perito na lei de Deus, que podia ser chamado “irrepreensível”, mas era tão cego e morto que perseguiu a igreja (Fp 3.6). Pedro disse que havia cristãos meramente professos para os quais “melhores fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça” (2 Pe 2.21). E o livro de Hebreus diz que é possível usar mal “o conhecimento da verdade”, de uma maneira que “já não resta sacrifício pelos pecados” (Hb 10.26).

Apesar desses vislumbres esclarecedores na Escritura, há uma opinião sobre a vida cristã que minimiza a necessidade de perseverança na fé e na santidade. Ela não tem lugar para a exortação: “Procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição” (2 Pe 1.10). Essa opinião entende a nossa profissão de fé inicial como que transmitindo um tipo de segurança que não precisa de confirmação permanente por meio de fé perseverante e santidade.

Há um tipo de pregação que acompanha essa opinião sobre a salvação. O seu alvo é levar as pessoas a fazerem a primeira profissão de fé, e, depois disso, a salvação nunca está em jogo na congregação. Para crentes meramente professos, esse tipo de pregação não tem implicações para a sua vida eterna. Perseverança na fé e santidade não são essenciais à segurança deles. E, por isso, a pregação constante da Palavra de Deus não é essencial para sustentar a fé para a vida eterna.

Essa é uma opinião perigosa sobre a salvação, que tem um efeito destrutivo na profundidade e urgência da pregação. A verdade bíblica é que perseverança na fé e santidade são realmente exigidas para a salvação final; e a pregação é um dos meios da graça de Deus para assegurar que isso aconteça para todos os que são dele. Portanto, cada semana, na adoração coletiva, a salvação está em jogo – não somente porque há incrédulos que precisam da salvação, mas também porque o plano de Deus é preservar seu povo para a salvação final pelo ministério da Palavra. Nada me deixou mais preocupado, em meus trinta e três anos de ministério pastoral, do que o conhecimento de que eu era instrumento de Deus em ajudar pessoas a chegarem com segurança ao lar.

### **Cada sermão destinado a salvar santos**

Pregadores devem fixar esse assunto em sua mente para entenderem sua vocação e sentirem a urgência de cada sermão. Tenho ouvido muitas pessoas falarem sobre a urgência criada pela possível presença, na congregação, de uma pessoa incrédula que pode morrer antes de ouvir o



evangelho novamente. Mas parece que poucas pessoas falam de uma urgência semelhante criada, toda semana, não por uma *possível* situação, e sim por uma situação *real* : qualquer dos cristãos meramente professos, presentes na congregação, pode perecer se não prosseguir na fé e na obediência. E sua pregação naquele domingo específico pode ser o instrumento de Deus para resgatá-lo, na semana vindoura, da apostasia em face de algum sofrimento horrível. Toda semana, seu sermão se destina a capacitar alguma pessoa a escapar da tentação que, do contrário, poderia ser o passo decisivo para um caminho de impiedade irreversível. Cada sermão é um sermão de salvação para cada cristão.

### **Santidade sem a qual ninguém verá o Senhor**

Você precisa fixar isso em sua mente. Fará uma grande diferença na urgência com que você prega. Considere as implicações das seguintes passagens da Escritura. À medida que as lê, pergunte: estas passagens ensinam que a santidade real, prática e vivencial é o único caminho que leva à salvação final?

*Se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas] , tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas (Mt 6.15).*

Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, *os que praticais a iniquidade (Mt 7.22-23).*

Aquele, porém, que *perseverar até ao fim* , esse será salvo (Mc 13.13).

Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: *os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida* ; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo (Jo 5.28-29).

A vida eterna aos que, *perseverando em fazer o bem* , procuram glória, honra e incorruptibilidade (Rm 2.7).

Venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois salvos, *se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão* (1 Co 15.1-2).

Se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, *se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis* (Rm 8.13).

O que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna. E não nos cansemos de fazer o bem, *porque a seu*

*tempo ceifaremos [vida eterna], se não desfalecermos* (Gl 6.8-9).

Agora, porém, [Cristo] vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis, *se é que permaneceis na fé*, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes (Cl 1.22-23).

Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para *a salvação, pela santificação* do Espírito e fé na verdade (2 Ts 2.13).

Cristo, porém, como Filho, em sua casa; a qual casa somos nós, *se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia* e a exultação da esperança (Hb 3.6).

Porque nos temos tornado participantes de Cristo, *se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança* (Hb 3.14).

Nós, porém, não somos *dos que retrocedem para a perdição*; somos, entretanto, da fé, para a conservação da alma (Hb 10.39).

Segui a paz com todos e *a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor* (Hb 12.14).

Bem-aventurado o homem que suporta, com perseverança, a provação; porque, *depois de ter sido aprovado, receberá a coroa da vida*, a qual o Senhor prometeu aos que o amam (Tg 1.12).

Assim, também a fé, *se não tiver obras, por si só está morta* (Tg 2.17).

*Se, porém, andarmos na luz*, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado (1 Jo 1.7).

Aquele que diz: Eu o conheço e *não guarda os seus mandamentos é mentiroso*, e nele não está a verdade (1 Jo 2.4).

Nós sabemos que já passamos da morte para a vida, *porque amamos os irmãos*; aquele que não ama permanece na morte (1 Jo 3.14).

*Sê fiel até à morte*, e dar-te-ei a coroa da vida (Ap 2.10).

Se este fosse um livro a respeito da santificação e perseverança, eu precisaria me demorar em todos esses versículos e mostrar seu significado e implicações no contexto.<sup>87</sup> Mas este é um livro sobre pregação, e meu alvo aqui não é defender essa opinião sobre a salvação, e sim mostrar suas implicações para a pregação. Para fazer isso, tenho pelo menos de esclarecer os assuntos bíblicos.

Esses textos ensinam que há uma santidade – um caminho de vida real, filial, dependente de Cristo e glorificador de Deus – que leva à vida eterna e

sem a qual pereceremos. Ou, em outras palavras, a fé salvadora é de tal natureza que é autenticada numa vida de santidade. Não perfeição, e sim uma mudança real de coração, atitude e ação que mostra que Cristo se tornou o Salvador, Senhor e tesouro da vida da pessoa.

### **Santidade e segurança eterna**

A necessidade de santidade não destrói a nossa certeza ou a nossa segurança eterna, porque Deus se comprometeu a sustentar todos aqueles que são dele. Somos seguros não porque a perseverança é opcional, e sim porque o Deus onipotente e guardador da aliança é aquele que a faz acontecer decisivamente. Isso significa que as passagens seguintes são tão importantes quanto as que mencionamos acima. São passagens que mostram o compromisso total de Deus em preservar nossa fé e santidade:

*Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim (Jr 32.40).*

*As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão . Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar (Jo 10.27-29).*

*E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou (Rm 8.30).*

*O qual também vos confirmará até ao fim , para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é Deus, pelo qual fostes chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor (1 Co 1.8-9).*

*Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus (Fp 1.6).*

*Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus (Fp 3.12).*

*Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles (Hb 7.25).*

*Que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé , para a salvação preparada para revelar-se no último tempo (1 Pe 1.5).*

*Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco ; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos (1 Jo 2.19).*

*Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória, ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor*

nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém! (Jd 24-25).

## **Confirmar a vossa vocação e eleição**

Deus prometeu ser o nosso guardador. Até ao fim. Nada pode arrancar-nos das mãos de Deus. Portanto, sabemos que, quando a Bíblia nos diz: “Procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição” (2 Pe 1.10), isto não significa que *nossa* ação de confirmação é decisiva em nos preservar para o céu. A ação de preservação por parte de Deus é decisiva. Nossa ação é dependente e essencial. A ação de Deus é fundamental e causal. Nossa perseverança na fé é um milagre sobrenatural. Deus causa o milagre. Nós praticamos o milagre.<sup>88</sup> Ambos são essenciais. Isto é evidente nas seguintes passagens.

Pela graça de Deus, sou o que sou; e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo (1 Co 15.10).

Para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim (Cl 1.29).

Como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade (Fp 2.12-13).

Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém! (Hb 13.20-21).

Assim, a segurança de nosso povo, como filhos eleitos, chamados e adotados por Deus não está em questão. Eles perseverarão. Se alguém não persevera, ele mostra, em primeiro lugar, que não pertence a Deus. Isso é o que 1 João 2.19 deixa claro: “Se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco”. Mas o pregador deve especialmente clarificar o fato de que Deus sustenta seu povo – preserva a fé e a obediência deles – *pela atuação de sua Palavra*. A pregação da Palavra para o povo de Deus é uma maneira pela qual ele usa a Palavra para salvar seu povo.

## **A pregação salva os salvos**

Isso significa, por mais estranho que pareça, que a tarefa do pregador é salvar os salvos. Não é um exagero retórico sem sentido. É exatamente a

verdade. Deus pode salvar seu povo da maneira que lhe agrada. E a maneira pela qual ele salva seu povo é, primeiramente, por convertê-los a Cristo (At 18.27; Ef 2.5, 8) e, depois, por operar em nós, seu povo, “o que é agradável diante dele” (Hb 13.21). E faz ambas as coisas por meio de sua Palavra. A conversão acontece pela Palavra – “A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). A fé e a obediência permanentes acontecem pela Palavra de Deus – “Tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus... a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes” (1 Ts 2.13).

Portanto, não devemos ficar surpresos com o fato de Paulo descrever a imparável Palavra de Deus como o meio pelo qual ele *salva os eleitos* : “A palavra de Deus não está algemada. Por esta razão, tudo suporto *por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação* que está em Cristo Jesus, com eterna glória” (2 Tm 2.9-10). Isso é o que o pregador faz toda semana: proclama a imparável Palavra de Deus “por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação” – não apenas a conversão inicial, mas a salvação final na consumação do tempo.

### **Salvação pela santificação**

Agora, a pergunta é esta: se eles já são salvos, como a pregação os ajuda a atingir a salvação final? O que o povo de Deus precisa ouvir, semana após semana, a fim de experimentar o milagre da “santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14)? Como o pregador ministra a fim de sustentar a fé salvadora e realizar a santificação pela qual seu povo será salvo? Certamente, o pregador sabe, com base em 2 Tessalonicenses 2.13, que seu povo é salvo “*pela santificação do Espírito e fé na verdade*”. Esta é a missão do pregador: ser um instrumento de Deus para salvar seu povo *pela santificação* e pela *fé* perseverante operadas pelo Espírito.

Como, então, a santificação e a fé são fortalecidas e sustentadas pela pregação?

### **Santidade e amor**

Primeiramente, vamos esclarecer que a essência da santificação é amor genuíno, sacrificial e exaltador de Cristo – amor a Deus e às outras pessoas. Não limite a santificação, ou a santidade, a atos pessoais de devoção ou a abstinência pessoal de comportamento errado. Isso é santificação, mas não é a sua essência. A essência da santificação é ser liberto de velhos poderes de egoísmo para o serviço de amor aos outros.

Vemos a conexão entre santidade e amor em 1 Tessalonicenses 3.12-13: “O Senhor vos faça crescer e aumentar no *amor* uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco, *a fim de que* seja o vosso coração confirmado em *santidade*”. O âmago da santidade cristã é sermos tão radicalmente distinto dos velhos caminhos de autoexaltação e da velha servidão aos prazeres corruptores, que somos livres para ter em vista “cada qual o que é dos outros” (Fp 2.4) – ou seja, livres e capacitados para amar.

### **Santidade e justificação**

Em seguida, asseguremo-nos de que estamos de acordo no que diz respeito à justificação somente pela fé. Poucas coisas são mais importantes para a vida do pregador e para a pregação do que ter clareza sobre a realidade da justificação somente pela fé e suas relações bíblicas com a santificação. Toda congregação precisa ter clareza sobre a justificação pela fé. E toda congregação precisa ter clareza sobre como a justificação se relaciona com uma vida de fé e santidade. Este é um dos grandes alvos da pregação: manter a congregação ciente, com clareza, quanto a essas coisas.

Nada do que eu disse sobre a necessidade de santidade para a salvação final sugere que somos justificados com base na fé *mais* as obras. Somos justificados com base apenas na fé, somente pela fé, sem as obras. “*Por meio da obediência de um só*, muitos se tornarão justos (Rm 5.19)”. “Concluímos, pois, que o homem é justificado *pela fé, independentemente das obras* da lei” (Rm 3.28). Não “das obras”, mas para as obras, como Paulo mostra em Efésios 2.8-10:

Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.

Aqui, Paulo deixa maravilhosamente claro como as “obras” estão relacionadas à nossa primeira experiência de salvação (incluindo a justificação): não é um resultado “*de obras*”; em vez disso, aconteceu “*para* boas obras”. A justificação não *depende de* boas obras; ela *resulta em* boas obras.

Vimos que as obras dessa nova criação são *essenciais* para a salvação final, porque “a fé sem obras é morta” (Tg 2.26). Mas as obras não são a *base* de nossa justificação. Cristo é a base (Rm 5.9, 18-19; 2 Co 5.21) – seu sangue e sua justiça. As boas obras também não são o *instrumento* ou o *meio* pelo qual essa base se torna nossa. O meio é tão somente a fé.

“Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e sim *mediante a fé em Cristo Jesus*, também *temos crido em Cristo Jesus*, para que fôssemos justificados *pela fé em Cristo* e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado” (Gl 2.16).

### **Toda árvore boa produz fruto bom**

Mas, embora as “boas obras” não sejam a base nem o instrumento de nossa justificação, elas são o *fruto* necessário da fé justificadora. Toda árvore boa produz fruto bom (Mt 7.17). Esse versículo significa que a justificação e a santificação sempre andam juntas. A Confissão de Fé de Westminster diz, no capítulo 11:

A fé, recebendo e dependendo de Cristo e de sua justiça, é o único instrumento de justificação; mas não está sozinha na pessoa justificada, é sempre acompanhada de todas as outras graças salvadoras; não é fé morta, mas atua por amor.

Assim, os autores de Westminster acreditavam que a fé salvadora “atua por amor”. Ou seja, a fé é de tal natureza que produz uma vida nova de amor. Este é o ensino de Gálatas 5.6: “Em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas *a fé que atua pelo amor*”. É assim que eu entendo Tiago 2.22 (“Vês como a fé operava juntamente com as suas obras [de Abraão]; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou”). Ou seja, a fé atinge o seu alvo em produzir boas obras. Do contrário, a fé é morta e não nos une a Cristo e, portanto, não nos salva.

### **A fé salvadora é fé santificadora**

Quando Paulo diz que o alvo de sua pregação é a “obediência”, ele a chama “obediência por fé”, que significa, conforme meu entendimento, a obediência *que vem da fé* (cf. Rm 15.18; 16.26). E, quando Paulo relaciona a nossa “obra de amor” à fé, ele a chama “obra de fé” (1 Ts 1.3; 2 Ts 1.11). Isso significa que as obras que Paulo almejava produzir por meio de sua pregação são as obras de amor que procedem de um coração de fé. Paulo disse isto explicitamente em 1 Timóteo 1.5: “O intuito da presente admoestação [nossa pregação!] visa ao *amor* que procede de... *fé* sem hipocrisia”. Portanto, a razão por que o Catecismo de Westminster diz que a fé salvadora é “sempre acompanhada de” boas obras de amor é que o apóstolo Paulo ensinou isso. Produzir amor faz parte da própria natureza da fé salvadora – “a fé que atua pelo amor” (Gl 5.6).

### **A essência da fé salvadora: sermos satisfeitos em Deus**



Mas o pregador pergunta: por que a fé produz amor? Ou seja, o que há na fé que produz inevitavelmente obras de amor? O pregador quer saber, porque vê que isso tem um efeito imenso em como ele prega a fim de desenvolver amor e santidade sem a qual seu povo não chegará ao céu. Escrevi o livro *Future Grace: The Purifying Power of the Promises of God* (Graça Futura: O Poder Purificador das Promessas de Deus) para responder essa pergunta. A resposta que eu vejo nas Escrituras é esta: a razão por que a fé produz amor é que a essência da fé salvadora é *sermos satisfeitos em tudo que Deus é para nós em Jesus*, e esta satisfação superior em Deus corta a raiz do pecado e busca se expandir por incluirmos outras pessoas em nossa alegria em Deus, ainda que custe nossa vida. Chamamos de *amor* este impulso para expandir nossa alegria por incluirmos outros na alegria de amar.

Outra maneira de dizer isso é que a fé significa receber Cristo (Jo 1.12) não simplesmente como Salvador e Senhor, mas também como Salvador *precioso* e Senhor *precioso* (Mt 13.44; Fp 3.8). Ou, em palavras simples, a fé significa abraçar tudo que Deus é para nós em Cristo como nosso tesouro supremo. Isso significa recebê-lo alegremente – recebê-lo como a satisfação mais profunda de nossa alma. A satisfação da alma vence os prazeres enganosos do pecado com o poder de um prazer superior. Esta alegria é o segredo para amar.

A implicação que isso tem na pregação é que o pregador busca constantemente mostrar, com base em cada texto, que Deus em Cristo é suprema e eternamente satisfatório. Este é o alvo de sua *exposição*. É a base de sua *exultação*.

### **Alegria em Deus produz amor**

No capítulo seguinte, meu alvo é ilustrar a maneira como a satisfação em Deus produz o tipo de amor que é necessário para a salvação final. Minha esperança é que pregadores sejam fortalecidos e encorajados, por essas ilustrações, em sua resolução de pregar para a alegria de seu povo – uma alegria em Deus que faz surgir o amor e, assim, confirma a fé e a eleição. Ou seja, eu desejo que estas ilustrações nos capacitem a pregar a grandeza e a graça *plenamente satisfatórias* de Deus.

Ver John Piper, *Future Grace: The Purifying Power of the Promises of God* (Colorado Springs, CO: Multnomah, 2012).

Ver John Piper and David Mathis, *Acting the Miracle: God's Work and Ours in the Mystery of Sanctification* (Wheaton, IL: Crossway, 2013).

# 18 | EXULTAÇÃO EXPOSITIVA E A OBEDIÊNCIA POR FÉ, PARTE 2 | A BUSCA DE ALEGRIA, AMOR E VIDA ETERNA

O ponto principal deste capítulo e do anterior é que, entretida em toda a nossa pregação, deve haver a iluminação resoluta do caminho de vida que leva à salvação final, buscando sempre prover proteções contra o caminho de vida que leva à destruição. Especificamente, estou procurando mostrar que há uma santidade sem a qual nosso povo não verá o Senhor (Hb 12.14). Paulo a chama de “obediência por fé” (Rm 1.5). É urgente que nosso povo veja a necessidade de como esta obediência é mantida. Eles precisam ver como a obediência se relaciona com a justificação somente pela fé e como a fé perseverante, no poder do Espírito Santo, produz uma vida de amor sacrificial.

Argumentei que a razão por que a fé produz amor (Gl 5.6; 1 Tm 1.5) é que a essência da fé salvadora é a *satisfação da alma em tudo que Deus é para nós em Jesus*. Essa satisfação superior em Deus destroniza as seduções enganosas do pecado. Não somente isso, mas a satisfação em Deus procura expandir-se por incluir outras pessoas nela. Chamamos isso de *amor*.

Visto que o pregador sabe que esse amor é necessário para a salvação final (1 Jo 3.14), ele será vigilante em toda a sua pregação para apresentar Deus em Cristo como supremamente satisfatório à alma de seu povo. Ou seja, ele procurará despertar e sustentar a fé. O alvo deste capítulo é oferecer ilustrações específicas, com base na história e nas Escrituras, de como achar deleite em Deus é essencial a nos tornarmos santos e por que o alvo da pregação deve ser esse deleite.

## **O que Brainerd descobriu ao pregar para os índios**

Começo com um encontro repentino que tive com a pregação de David Brainerd para os índios americanos nos anos 1740. Esse encontro resultou numa descoberta admirável sobre a maneira de pregar que dá origem à contrição e ao arrependimento genuíno. Isso é relevante à nossa pergunta porque contrição é o começo de toda obediência, santidade e amor

genuínos. A maneira como a contrição surge é crucial à maneira como o amor surge.

David Brainerd foi um missionário na América colonial. Jonathan Edwards publicou o *Diário* de Brainerd, que se tornou um clássico sobre missões. Enquanto eu lia algumas porções do diário de Brainerd, fiquei maravilhado com o efeito de sua pregação nos índios americanos. Em 9 de agosto de 1745, ele pregou em Crossweeksung, New Jersey, e fez esta observação:

Enquanto eu pregava, houve muitas lágrimas entre eles, embora ninguém tivesse chorado em voz alta. Mas alguns mostraram-se muito comovidos com algumas palavras ditas a eles de maneira poderosa, que fez as pessoas clamarem em angústia de alma, *embora eu não houvesse dito qualquer palavra ameaçadora, mas, pelo contrário, apresentei-lhes a plenitude e a suficiência dos méritos de Cristo*, bem como sua disposição para salvar todos os que viessem a ele, compelindo-os assim a que viessem sem demora.<sup>89</sup>

Ele havia dito antes, em 6 de agosto, “eu me surpreendia ao perceber como seus corações pareciam traspassados pelos ternos e comoventes convites do evangelho, mesmo que nenhuma palavra aterrorizante lhes fora dita”.<sup>90</sup>

De novo, em 30 de novembro, ele pregou sobre Lucas 16.19-22, o texto concernente ao rico e Lázaro:

A Palavra exerceu um poderoso efeito sobre muitos dentre a assembleia, especialmente quando falei sobre a felicidade de Lázaro no seio de Abraão [Lucas 16.22]. Pude perceber que isso os afetou muito mais do que quando falei sobre as misérias e os tormentos do rico; e assim tem acontecido costumeiramente... *Parece que os índios se comovem muito mais com as verdades consoladoras do que com as verdades ameaçadoras da Palavra de Deus*. O que mais afligira muitos deles, sob convicção, é que chegavam a querer *a felicidade dos justos*, sem poder adquiri-la.<sup>91</sup>

Isso aponta para algo notável sobre a causa espiritual da verdadeira contrição, que é o começo de toda obediência aceitável. Mas, antes de analisarmos o que é esta causa espiritual, consideremos um exemplo bíblico semelhante à experiência de Brainerd com os índios americanos.

### **A graça quebrantou o coração de Pedro**

A mesma dinâmica parece ocorrer em Lucas 5.1-10. Depois de ensinar as multidões, estando em um barco junto ao lago de Genesaré, Jesus disse aos pescadores que adentrassem o mar e lançassem as redes para pescar. Simão protestou: “Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas sob a tua palavra lançarei as redes” (v. 5). As redes se encheram de tanto

peixe que começaram a se romper. Ambos os barcos ficharam cheios e começaram a afundar por causa da pesca.

A resposta de Pedro foi admirável, muito diferente de nossa resposta moderna e egoísta à graça:

Vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, retira-te de mim, porque sou pecador. Pois, à vista da pesca que fizeram, a admiração se apoderou dele e de todos os seus companheiros (vv. 8-9).

O que é admirável aqui é que um milagre da graça, não uma mensagem de julgamento, quebrantou o coração de Pedro e o trouxe à contrição e ao arrependimento. Foi a mesma coisa que aconteceu com os índios de Crossweeksung, sob a pregação de Brainerd.

### **Experimentar a bondade de Deus causa tristeza por sua falta**

A contrição genuína pelo pecado é *uma tristeza por não ter santidade*. Mas precisamos ter cuidado aqui. Nem toda tristeza pelo pecado é tristeza piedosa. É possível alguém chorar por não ter santidade *não* porque ama a Deus e quer desfrutar de tudo que ele é para nós em Cristo, e sim porque teme a punição que resulta de não ter santidade. Muitos criminosos choram quando sua sentença é lida, não porque chegaram a amar a justiça, e sim porque lhes foi tirada a liberdade para cometerem mais impiedade. Esse tipo de choro não é verdadeiro arrependimento. Não leva à obediência e ao amor dados pelo Espírito.

A única tristeza verdadeira por não ter santidade vem de um *amor* por santidade, não de um temor da consequência de não ter santidade. Ou, uma maneira mais precisa de expressar é esta: o verdadeiro remorso por não ter santidade é remorso por não desfrutarmos a Deus como nosso tesouro supremo e não vivermos pelo impulso dessa alegria. Chorar por causa da punição que alguém receberá pelo erro praticado não é evidência segura de odiar o erro. Pode ser um sinal apenas de odiar o sofrimento. Para que o choro e a contrição sejam reais, devem resultar de *sentimentos de um coração consternado pela falta de uma vida de alegria em Deus*, não apenas de sentimentos temerosos de ser ameaçado com sofrimento. A verdadeira contrição é ficar cheio de tristeza por ter considerado Deus como entediante e insignificante para nós.

Mas, agora, pense no que isso significa. Para você chorar por não ter algo, precisa realmente *querer* tê-lo. E, quanto mais o *quer*, tanto mais sente tristeza por não tê-lo. Isto significa que a verdadeira contrição, o verdadeiro

arrependimento, tem de ser precedido de apaixonar-se por Deus – pelo surgimento de um anseio por sua glória. Para você chorar verdadeiramente por não ter santidade, precisa ter anelo por santidade. Para chorar verdadeiramente por não possuí-la, a santidade tem de ser atraente para você.

Talvez você veja quão estranho isto parece a princípio: Deus e seu caminho de santidade têm de tornar-se nossa *alegria* antes de começarmos a *chorar* por não tê-los. Precisamos apaixonar-nos antes que o distanciamento machuque verdadeiramente. Nossos olhos têm de ser abertos para o tesouro supremo que Deus é, antes de sermos contristados pelo fato de que por muito tempo nós o desprezamos como sem valor.

### **Pregação que leva à verdadeira contrição – e amor**

Que tipo de pregação é necessária para produzir esse arrependimento genuíno – tanto para incrédulos como para cristãos errantes? Brainerd descobriu que uma mensagem sobre a encantadora atratividade de Deus produziu mais quebrantamento de coração do que uma mensagem de advertência. A advertência tem valor em estimular-nos para levar tão a sério as glórias da santidade e do céu que, talvez, cheguemos a vê-las pelo que realmente são e nos deleitemos nelas. Mas é o deleite nelas que causa a verdadeira tristeza quando não as temos. Ninguém chora pela falta do que não *quer* ter.

No milagre da pescaria, Pedro teve um vislumbre de quão valioso, extraordinário e magnífico Jesus era. Viu uma pessoa tão maravilhosa que foi tomado pelo senso de como sua vida estava fora de sintonia com tão grande tesouro. Esta não é a sua experiência? É a minha. Se em Jesus há tão grande poder e tão grande bondade para aqueles que confiam nele, quão diferente deveria ser minha vida se eu cresse verdadeiramente! Quão radical seria minha obediência! Que espontaneidade eu sentiria em viver para esse Cristo! Que liberdade de queixas insignificantes e de prazeres transitórios eu desfrutaria!

O que eu vi na pregação de Brainerd foi que a verdadeira contrição – e toda a santidade e todo o amor que procedem dessa fonte – chegam à existência pelo surgimento de satisfação com tudo que Deus é para nós em Jesus. Até que Deus seja o nosso tesouro, não lamentaremos por estarmos aquém de satisfeitos nele. Isso significa que estaremos em servidão aos prazeres enganosos deste mundo.

## **A pregação atrai com a beleza de Deus**

Portanto, a pregação que tem o alvo de produzir verdadeira contrição evangélica tem de almejar fazer que Deus e sua santidade pareçam irresistivelmente atraentes, para que, pela obra do Espírito, pessoas venham a se deleitar nelas de tal maneira que sintam grande tristeza por estarem aquém desse deleite. Isso é o começo de toda verdadeira santidade e amor. Dizendo-o em outras palavras: devemos pregar de uma maneira que desperte alegria na glória de Deus, se esperamos produzir verdadeira tristeza por não desfrutarmos a glória de Deus.

No entanto, não estamos interessados apenas em contrição. Queremos que o botão se abra na flor de santidade e amor. O que o pregador descobre é que o mesmo deleite da glória de Deus que causa tristeza por não nos satisfazermos nele também produz uma vida de santidade e amor, quando esse deleite se desenvolve (ou explode) numa profunda satisfação em Deus.

## **Retirando a linguagem de alegria do poço dos Salmos**

Quando o pregador vê, à luz da Escritura, que santidade e amor fluem de uma profunda satisfação da alma em Deus, ele sabe que dali em diante cada sermão, inclusive aqueles que abordam os males do pecado e os horrores do julgamento, deve apresentar Deus e tudo que ele é para nós em Cristo como supremamente satisfatório. O pregador descerá seu balde no poço dos Salmos e retirará a linguagem de satisfação da alma. E essa linguagem começará a permear seus sermões, embora pareça estranha para seu povo.

Ó Deus, tu és o meu Deus forte;  
eu te busco ansiosamente;  
a minha alma tem sede de ti;  
meu corpo te almeja,  
como terra árida, exausta, sem água...  
Como de banha e de gordura *farta-se a minha alma* ;  
e, com júbilo nos lábios, a minha boca te louva (Sl 63.1, 5).

Fartam-se da abundância da tua casa,  
e na torrente das tuas delícias *lhes das de beber* (Sl 36.8).

Eu, porém, na justiça contemplarei a tua face;  
quando acordar, *eu me satisfarei com a tua semelhança* (Sl 17.15).

*Sacia-nos de manhã com a tua benignidade* ,  
para que cantemos de júbilo e nos alegremos todos os nossos dias (Sl 90.14).



Pois *dessedentou a alma sequiosa*  
e fartou de bens a alma faminta (Sl 107.9).

O pregador beberá deste poço – do rio de deleites de Deus – até que sua *exposição* da Palavra de Deus transborde de *exultação* em todas as glórias plenamente satisfatórias de Deus. Essas glórias estão em cada texto. O pregador compreenderá que está sempre lidando com a Palavra de *Deus*, a própria Palavra *de Deus*. Se uma palavra está na boca de Deus, não pode ser vulgar. Não pode ser entediante. Não pode ser insignificante. Não pode ser monótona, fatigante ou obscura. O próprio fato de que ela procede da boca do Criador do universo torna-a admirável. A alma de nosso povo não vive somente de pão. Vive desta admirável Palavra de Deus, que vivifica e satisfaz a alma. Tocar o fogo desta Palavra com *exposição* é ser inflamado com *exultação*.

### **Todo amor santo flui de alegria em Deus?**

Toda obediência, santidade e amor que exalta a Cristo e glorifica a Deus, capacitados pelo Espírito, fluem da satisfação da alma inebriada de Deus. Esse fato transforma a pregação. Então, permita-me dar alguns passos adicionais para garantir que todos os pregadores que leem este livro vejam essa verdade maravilhosa. São três vislumbres da maneira como a nossa satisfação em Deus nos liberta do pecado e nos expande em amor. São vislumbres do que todo pregador fiel anseia ver em seu povo. É o que ele almeja por meio de sua pregação.

### **Vislumbre 1: 2 Coríntios 8.1-2**

Primeiramente, considere os cristãos macedônios que Paulo exhibe para a igreja em Corinto como um exemplo do que é o amor e como ele acontece:

Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia; porque, no meio de muita prova de tribulação, *manifestaram abundância de alegria*, e a profunda pobreza deles *superabundou em grande riqueza da sua generosidade* (2 Co 8.1-2).

Sabemos que Paulo viu a generosidade dos macedônios como um ato de *amor* genuíno, porque no versículo 8 ele explica: Eu “vos falo... para provar, pela diligência de outros, a sinceridade do vosso *amor*”. De acordo com 2 Coríntios 8.1-2, o que é amor? E como ele se manifestou na vida dos macedônios?

Primeiro, a graça de Deus foi mostrada (v. 1). Os macedônios foram convertidos e ficaram profundamente alegres pela graça de Deus. Essa

alegria se tornou a fonte da generosidade que Paulo chama de amor. Sua “*abundância de alegria... superabundou* em grande riqueza da sua generosidade”. Poderíamos dizer que a generosidade foi a *alegria deles expandida para incluir outras pessoas* .

E em que situação ocorreu a alegria deles? Não em grande riqueza, porque Paulo disse que estavam agindo a partir de “profunda pobreza”. Não em conforto, porque Paulo disse que estavam agindo em “meio de muita prova de tribulação”. Isto é simplesmente admirável. A graça de Deus foi tão satisfatória para os macedônios, que, apesar de pobreza e tribulação, a sua alegria era incessantemente expansível. Transbordou em generosidade. Paulo chamou isso de “amor”. E disse, no capítulo seguinte, que Deus ama essa maneira de amar: “Deus ama a quem dá com alegria” (2 Co 9.7).

#### *Efeito na pregação*

O amor sacrificial é a santidade sem a qual não veremos o Senhor (Hb 12.14). É o amor sem o qual permanecemos na morte (1 Jo 3.14). É a porta estreita e o caminho árduo que conduzem à vida (Mt 7.14). É a vereda entre a cruz de Cristo (caps. 15-16) e a glória de Deus (caps. 13-14). Essa é a realidade que pregamos. Nosso alvo é mostrar que a graça e a glória de Deus são tão satisfatórias ao coração que a nossa alegria transborda para satisfazer às necessidades dos outros. Por isso, pregamos e oramos para que Deus seja visto como plenamente satisfatório, em cada texto.

### **Vislumbre 2: Hebreus 10.32-35**

Depois da conversão dos cristãos para os quais o livro de Hebreus foi dirigido, uma perseguição séria se levantou. Alguns foram colocados em prisão. Os outros enfrentaram uma crise de hesitação quanto a se identificarem publicamente com os prisioneiros e correrem o risco de retaliação. Mas, eles assumiram esse risco. Com amor extraordinário, tornaram-se “coparticipantes com aqueles que desse modo foram tratados” (Hb 10.33). Isso lhes custou muito caro. Como o fizeram? De onde veio esse amor? Eis a resposta:

Lembraí-vos, porém, dos dias anteriores, em que, depois de iluminados, sustentastes grande luta e sofrimentos; ora expostos como em espetáculo, tanto de opróbrio quanto de tribulações, ora tornando-vos coparticipantes com aqueles que desse modo foram tratados. Porque não somente vos compadecestes dos encarcerados, como também aceitastes *com alegria* o espólio dos vossos bens, *tendo ciência de possuídes vós mesmos patrimônio superior e durável* . Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão (vv. 32-35).

Eles aceitaram *com alegria* o custo de amar. De novo, isto é simplesmente admirável. Sou repreendido e inspirado toda vez que o leio. O vislumbre de amor em 2 Coríntios 8.1-2, com este vislumbre de Hebreus 10.32-35, formam para mim um quadro composto do *caminho de vida que leva da cruz à coroa* – do fundamento da cruz de Cristo à consumação da glória de Deus. Esta é a resposta à nossa terceira pergunta, à qual este e o capítulo anterior são dedicados: qual é o caminho de vida que leva à salvação final e não à destruição? Este amor extraordinário e sobrenatural, sustentado por alegria em meio ao sofrimento é a realidade que eu tive por alvo em minha pregação durante trinta anos – para mostrar um Deus tão satisfatório que a alegria venceria todo o egoísmo e desencadearia os mais autênticos tipos de amor.

De onde surgiu esta alegria que libertou os cristãos hebreus para assumirem o risco de perderem propriedades e vidas por causa de cristãos presos? O escritor diz que eles aceitaram *com alegria* o espólio de seus bens, “tendo ciência de possuídes vós mesmos patrimônio superior e durável” (v. 34). A essência desse “patrimônio” supremamente melhor e eternamente “durável” é Deus mesmo.

Certamente, na era por vir teremos corpos ressurretos e deleites incomparáveis para o corpo, a mente e a alma. Mas, sendo que não seremos idólatras naquele tempo, a essência de nossos deleites será Deus mesmo. “Na tua presença há *plenitude* de alegria [patrimônio *superior* ], na tua destra, delícias *perpetuamente* [patrimônio *durável* ]” (Sl 16.11). “Irei ao altar de Deus, de *Deus* , que é a minha grande alegria” (Sl 43.4) – ou, como o hebraico diz literalmente: “de *Deus* , a alegria de todas as minhas alegrias”. Foi isso que liberou o impressionante ato de amor em Hebreus 10.32-35.

#### *Efeito na pregação*

Isso é o que o nosso povo deve ver na Palavra de Deus, semana após semana, por meio de nossa *exultação expositiva* . Este é o nosso chamado – penetrar no texto, por meio de rigorosa atenção às palavras do texto, para chegarmos à realidade do Deus plenamente satisfatório. Cada pregador deve perguntar: meu povo está tão profundamente satisfeito em Deus, que sua alegria transborda, mesmo em meio a seu próprio sofrimento, em generosidade para com os pobres? Meu povo está tão profundamente satisfeito em Deus, que está assumindo alegremente o risco de perder seus bens? Como a minha pregação e a minha vida os ajuda a experimentarem o

milagre de ver a Deus e desfrutá-lo, na Escritura?

### **Vislumbre 3: Hebreus 11**

Em nosso terceiro vislumbre, o que fica claro é que a obediência que flui de satisfação da alma em Deus é a *obediência por fé*. Vemos isto em Hebreus 11, que começa dizendo: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem” (v. 1). A palavra traduzida por “certeza” (*hupostasis*) é usada mais duas vezes em Hebreus. Primeira, em Hebreus 1.3: “Ele [Cristo], que é o resplendor da glória e a expressão exata do *seu Ser* [*hupostaseōs autou*]”. Segunda, em Hebreus 3.14: “Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se, de fato, guardarmos firme, até ao fim, a confiança [*hupostaseōs*] que, desde o princípio, tivemos”. Portanto, como acontece em Hebreus 1.3, esta palavra grega pode significar “natureza”, “substância” ou “essência”. E, como ocorre em Hebreus 3.14, pode significar “confiança” ou “certeza”.

Baseado no que vem no restante de Hebreus 11, que mostra pessoas agindo “pela fé”, penso que ambos os significados fazem parte de Hebreus 11.1: “A fé é a *hupostasis* de coisas que se esperam”. O significado de “confiança” ou “certeza” é muito fácil de ser visto: “A fé é a *certeza* de coisas que se esperam”. Quando temos fé, sentimos *confiança* na promessa de Deus. O outro significado é menos fácil de assimilar. A fé é a “substância” ou a “natureza” e a “essência” das coisas que esperamos. Em que sentido isso é verdadeiro?

### **A fé é a substância das coisas que se esperam**

A essência daquilo que esperamos é a experiência perfeita de alegria em Deus, quando nos encontrarmos com ele no último dia. O que significa, então, dizer que a fé é a *substância* ou *essência* disso? Acho que significa que a fé experimenta essa alegria futura agora. A fé é o começo dessa satisfação em Deus agora. Algum grau dessa experiência futura de ver e desfrutar Deus é experimentada agora. Essa experiência antecipada de ver e desfrutar Deus em Cristo é chamada de fé. É apenas uma amostra em comparação com o que realmente será. Visto que a fé vê a glória de Deus agora somente “como em espelho, obscuramente” (1 Co 13.12; cf. 2 Co 5.7), a nossa experiência presente da substância e essência da alegria futura é militante e variável. A fé pode ser fraca, crescente ou forte (Lc 17.5; At 16.5; 1 Ts 3.10; 2 Ts 1.3). Mas a essência da fé é que ela experimenta a glória plenamente satisfatória do que Deus é para nós em Cristo. Assim, a

fé tem parte na “substância” ou “natureza” das coisas que esperamos.

### **Como a fé produz obediência**

Nós o percebemos quando vemos a fé em ação em Hebreus 11. O versículo 6 diz: “Sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador [*misthapodot* ës ] dos que o buscam” (Hb 11.6). A maior recompensa de Deus é o dom de si mesmo para ser desfrutado para sempre. A essência da fé é que ela experimenta e vê *agora* a substância (ou a natureza, ou a essência) desta recompensa. Não perfeitamente. Mas profundamente. Tão profundamente, que desencadeia atos extraordinários de obediência que envolvem custo elevado.

Vemos essa alegria em ação na vida de Moisés, em Hebreus 11.24-26. É chamada de agir “pela fé”:

Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir *prazeres transitórios* do pecado; porquanto considerou o opróbrio de Cristo por *maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão* .

Este é um quadro de amor abnegado como aquele em Hebreus 10.32-35. Ali, os crentes arriscaram seus bens para visitar os que estavam presos. Aqui, Moisés escolheu ser maltratado com os cativos a esconder-se no conforto e na segurança da corte de Faraó. Os cristãos agiram daquele modo porque sabiam que possuíam um “patrimônio superior e durável” (Hb 10.34). Moisés agiu assim “porque contemplava o galardão” (Hb 11.26). O discernimento acrescentado aqui no capítulo 11 é que a alegria liberadora de esperança é chamada de “fé”.

### **O alvo da pregação de Paulo – e nosso**

Isso nos leva às afirmações abrangentes de Paulo sobre o alvo de seu ministério e de sua pregação que vimos no final do capítulo anterior. “Por intermédio de quem viemos a receber graça e apostolado por amor do seu nome, *para a obediência por fé* ” (Rm 1.5). “O intuito da presente admoestação visa *ao amor que procede de ... fé sem hipocrisia* ” (1 Tm 1.5). Estas duas expressões – “a obediência por fé” e “amor que procede de... fé sem hipocrisia” – resumem o tipo de vida que leva à salvação final. A obediência por fé e o amor que procede de fé são “a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).

No entanto, não é qualquer obediência e qualquer amor que são exigidos

dos cristãos. Somente a obediência e o amor que vêm *da fé* são importantes para Deus. “Em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a *fé* que atua pelo *amor* ” (Gl 5.6). Esta fé tem a alegria em Deus como sua essência. É por isso que Paulo não somente faz afirmações inclusivas sobre buscar o amor *pela fé* , mas também faz afirmações inclusivas sobre buscar a *alegria* de seu povo – a alegria da fé. “Estou certo de que ficarei e permanecerei com todos vós, para o vosso progresso e *gozo da fé* ” (Fp 1.25). “Não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vossa *alegria* ” (2 Co 1.24). Este é o caminho que leva à vida.

Portanto, toda pregação deve almejar, em cada sermão e em cada texto, ajudar as pessoas a experimentarem a realidade do texto de tal maneira que não se voltarão para um tipo de obediência, ou um tipo de amor, ou um tipo de santidade que leva à morte. Sabemos ser possível porque a Bíblia nos dá um exemplo claro de que isso acontece. “Israel, que buscava a lei de justiça, não chegou a atingir essa lei. Por quê? Porque não decorreu da fé” (Rm 9.31-32). É possível perecer seguindo a obediência à Palavra de Deus.

### **O caminho que leva à vida eterna**

A pregação tem de saber essas coisas. Esta é a razão por que dediquei dois capítulos à nossa pergunta: “Qual é o caminho de vida que leva à salvação final e não à destruição?” Vimos neste capítulo o caminho de vida que não leva à destruição, e sim à vida. Cada texto da Escritura está relacionado, de alguma maneira, à nova vida do Espírito chamada de “andar por fé” (ver 2 Co 5.7; Gl 2.20). Cada texto nos ajuda, de alguma maneira, a “andar por fé”. Cada texto nutre, de alguma maneira, a “obediência por fé”. A pregação vê este alvo da Escritura e ajuda as pessoas no caminho para a vida eterna, ou oferece pedras de tropeço.

O que temos visto é que andar pela fé – obedecer pela fé, ser santo pela fé – significa andar na liberdade e no poder da satisfação em tudo que Deus é para nós em Jesus. A satisfação de nosso povo em Deus – valorizando Deus acima de todas as coisas – ou é nutrida por nossa pregação ou é negligenciada. Portanto, cada sermão é um sermão de salvação – salvação para os santos. Porque o amor que flui da satisfação em Deus é necessário para a salvação final. “Aquele que não ama permanece na morte” (1 Jo 3.14).

### **Pregando pela alegria que dá segurança**



A pregação que expõe as glórias plenamente satisfatórias de Deus por meio de cada texto opera para trás e para a frente. Opera *para trás* por sustentar e confirmar a fé que nos une a Cristo, em quem está nossa justiça perfeita. Somente Cristo é o fundamento da verdade de que Deus é, aqui, agora e para sempre, totalmente por nós. Não amamos as pessoas para conseguir que Deus seja por nós. Amamos as pessoas porque Deus é, agora, já, *por causa de Cristo*, totalmente por nós. Esta é parte de sua glória que satisfaz nossa alma. Assim, a pregação que tece as glórias todas-satisfatórias de Deus em cada sermão, honra e aplica a doutrina indispensável da justificação somente pela fé.

### **Pregando pela alegria que leva ao amor**

Essa pregação opera *para a frente* por sustentar e confirmar a fé que é o *efeito* e a *recepção* do Espírito Santo. Assim, o Espírito produz em todos nós seu fruto por meio da fé (Gl 3.5; 5.5, 22; Ef 2.8; Fp 1.29). Todos os nossos atos de amor futuros, todas as nossas experiências de santidade são obra do Espírito por meio da fé. De outra forma, são inúteis. A grande missão do Espírito no mundo, Jesus disse, é glorificar o Filho de Deus (Jo 16.14).

É assim que o Espírito Santo produz a beleza da santidade em nós. Ele nos capacita a ver a glória plenamente satisfatória de Cristo (2 Co 3.18). A alegria que vem dessa visão nos liberta dos “prazeres transitórios do pecado” e nos transforma em servos humildes que se regozijam em satisfazer às necessidades dos outros. A alegria na glória de Deus, dada pelo Espírito, é expansiva. Procura se expandir por incluir outros em si mesma – ainda que, se necessário, ao custo de bens e até da vida.

### **Que realidade nós pregamos**

Portanto, a realidade que permeia nossa pregação, semana após semana, é a glória plenamente satisfatória de Deus. Nosso alvo é a vida eterna para nosso povo. A santidade produzida pelo Espírito, arraigada na cruz de Cristo e vivida para a glória de Deus é o único caminho que leva à vida eterna (Rm 6.22; Hb 12.14). Esta santidade é a obediência por fé (Rm 1.5). É o amor que vem da fé (1 Tm 1.5). E procede de sermos satisfeitos com tudo que Deus é para nós em Jesus. Portanto, a realidade que pregamos é o caminho de vida sustentado por uma visão da glória plenamente satisfatória de Deus.

Jonathan Edwards, *A Vida de David Brainerd* (São José dos Campos, SP: Fiel, 1993), 109-110.



Ibid., 106.

Ibid., 138.

**PARTE 7 | EXULTAÇÃO**  
**EXPOSITIVA E O ANTIGO**  
**TESTAMENTO | A GLÓRIA DE**  
**DEUS, A CRUZ DE CRISTO E A**  
**OBEDIÊNCIA POR FÉ**

# 19 | EXULTAÇÃO EXPOSITIVA E O ANTIGO TESTAMENTO, PARTE 1 | PREGANDO A GLÓRIA DE DEUS

O resultado do que vimos na parte 6 (Que realidade pregaremos?) é que, entretecidas na composição da pregação cristã, deve haver estas três ênfases: (1) uma ênfase firme na glória de Deus como o alvo supremo de todas as coisas; (2) uma ênfase firme em que Jesus Cristo crucificado é o fundamento de todo bem que vem ao povo de Deus em cada texto – e que o bem supremo é o próprio Cristo em toda a sua glória; (3) uma ênfase firme em como apropriar-se da realidade de cada texto como um filho de Deus justificado e em como colocá-la em uso por meio do Espírito, pela fé, com o objetivo de uma vida de amor e santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor.

## Implicações para a pregação

Estas três ênfases são inter-relacionadas:

- A glória de Deus brilha na morte de Cristo e em nossa santidade.
- A morte de Cristo torna possível o coração que glorifica a Deus e ama pessoas.
- Nossa santidade operada pelo Espírito tem Cristo crucificado como seu fundamento e a glória de Deus como seu alvo.

Essas ênfases trinitárias e inter-relacionadas devem estar entretecidas em toda a nossa pregação. Determinar como e em que proporção as entreteceremos em nossa pregação exige discernimento espiritual, conhecimento bíblico criterioso, percepção do coração de nosso povo, dotação pedagógica e um coração repleto de exultação nessas realidades. Devemos orar por isso. Um dom glorioso de Deus é sermos capazes de pegar todos os fios detalhados, concretos e específicos de cada texto da Escritura, ver as maravilhas específicas de cada texto e entretecê-los com a obra de Cristo, o andar no Espírito e a glória de Deus, de tal maneira que as pessoas saibam que a verdade peculiar deste texto foi vista e desfrutada.

## Alvo da Parte 7

A pergunta que estou fazendo aqui, na parte 7, é se é legítimo trazer essas três ênfases à nossa pregação de textos do Antigo Testamento.

Desonraremos e distorceremos a realidade que os autores almejam comunicar, se a composição de nossa pregação estiver entremeada de ênfases firmes na glória de Deus, na cruz de Cristo e na obediência por fé capacitada pelo Espírito?

### **Perigo de Silenciar ou Distorcer o Texto**

Minha resposta é, primeiramente: “Isso depende”. Mas o problema que me impede de responder com um simples “Sim, podemos desonrar textos do Antigo Testamento” não é que estamos falando sobre textos do *Antigo Testamento*. O problema é que *qualquer* texto pode ser desonrado e distorcido por uma má utilização das ênfases predominantes que aplicamos a toda a Escritura. É por isso que dedicamos tanto esforço na parte 5 a uma atenção rigorosa às próprias palavras do texto.

Lamentei que muito da pregação silencia as riquezas de textos bíblicos por aplicar uma interposição teológica ao texto de uma maneira que obscurece implicações detalhadas, em vez de torná-las claras e brilhantes à luz da perspectiva bíblica mais ampla. Para evitar isso, são exigidas muita sabedoria e muita atenção analítica a cada texto. Textos do Antigo Testamento podem ser silenciados ou distorcidos; e textos do Novo Testamento podem ser silenciados e distorcidos.

Mas tal distorção não é necessária no Antigo e no Novo Testamento, quando vemos todos os textos em relação à glória de Deus, à cruz de Cristo e à obediência por fé. Tudo depende de como esse relacionamento é visto e como é usado para iluminar o texto. E este é o alvo – iluminar, não obscurecer, não suprimir. O alvo é que a conexão do texto com estes interesses maiores e mais predominantes da Escritura – em seu próprio contexto e com toda a sua especificidade – torne o texto *mais* claro e não menos claro. Minha pressuposição é que textos do Antigo Testamento, com todas as suas peculiaridades e detalhes, brilharão mais intensamente *pelo que realmente são* se o pregador conectá-los *biblicamente* com a glória de Deus, a cruz de Cristo e a obediência por fé.

O que segue neste capítulo e nos dois seguintes é minha tentativa limitada de mostrar o que a palavra *biblicamente* significa neste contexto. Qual é a base e guia bíblicos para relacionarmos a glória de Deus, a cruz de Cristo e a obediência por fé com os textos do Antigo Testamento em nossa pregação, quando dedicamos atenção mais rigorosa às palavras reais do texto?

## Pregando a glória de Deus

No capítulo 13, eu me referi ao extraordinário livro *The End for Which God Created the World* (O Fim para o qual Deus Criou o Mundo), de Jonathan Edwards. É uma das mais completas e convincentes demonstrações da revelação bíblica de que a glória de Deus é o alvo supremo de todas as coisas. Um dos mais belos resumos de seu estudo é digno de ser citado novamente:

Tudo que é dito na Escritura como um fim supremo das obras de Deus está incluído nesta única expressão, *a glória de Deus* ... A refulgência brilha sobre e na criatura, sendo refletida de volta ao luminar. Os raios de glória vêm de Deus, são algo de Deus e são devolvidos à sua origem. De modo que tudo é de Deus, e em Deus, e para Deus; e Deus é o começo, o meio e fim neste assunto.<sup>92</sup>

Quão amplo e inclusivo é o alvo da glória de Deus no Antigo Testamento? Ou, em palavras mais corretas, quão penetrantemente o Antigo Testamento expressa o ponto de vista de que o alvo supremo de Deus em tudo que ele faz é a exaltação de sua própria glória? Visto que defendo a unidade essencial das Escrituras, posso perguntar: este ponto de vista é claro o suficiente nos contextos do Antigo Testamento para nos levar à conclusão de que todos os autores do Antigo Testamento afirmavam a exaltação da glória de Deus? Acho que a resposta é sim. Considere a seguinte seleção de passagens, não exaustivas:

### A glória de Deus como o alvo de todas as coisas

A afirmação principal de Deus é que ele não compartilhará sua glória com ninguém:

Eu sou o SENHOR , este é o meu nome;  
a minha glória, pois, não a darei a outrem,  
nem a minha honra, às imagens de escultura (Is 42.8).

Em última análise, Deus tenciona que somente a sua glória seja supremamente exaltada:

Os olhos altivos dos homens serão abatidos,  
e a sua altivez será humilhada;  
só o SENHOR será exaltado naquele dia (Is 2.11).

O alvo de Deus é que toda a terra seja cheia de sua glória e do conhecimento de sua glória:

A terra se encherá

do conhecimento da glória do SENHOR ,  
como as águas cobrem o mar (Hc 2.14).

Porém, tão certo como eu vivo,  
e como toda a terra se encherá da glória do SENHOR (Nm 14.21).

Bendito para sempre o seu glorioso nome,  
e da sua glória se encha toda a terra.  
Amém e amém! (Sl 72.19).

### **Portanto, ele criou o mundo para sua glória:**

Os céus proclamam a glória de Deus,  
e o firmamento anuncia as obras das suas mãos (Sl 19.1).

Trazei meus filhos de longe  
e minhas filhas, das extremidades da terra,  
a todos os que são chamados pelo meu nome,  
e os que criei para minha glória,  
e que formei, e fiz (Is 43.6-7).

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem,  
à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou (Gn 1.27).

### **O propósito final de Deus para todas as nações é que elas o glorifiquem:**

Todas as nações que fizeste virão,  
prostrar-se-ão diante de ti, Senhor,  
e glorificarão o teu nome (Sl 86.9).

Quem não temerá  
e não glorificará o teu nome, ó Senhor?  
Pois só tu és santo;  
por isso, todas as nações virão  
e adorarão diante de ti,  
porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos (Ap 15.4).

Anunciai entre as nações a sua glória,  
entre todos os povos, as suas maravilhas (Sl 96.3).

### **A glória de Deus e seus propósitos para Israel**

A maior parte do Antigo Testamento é dedicada ao foco redentor de Deus sobre Israel. Portanto, a maioria das afirmações no Antigo Testamento sobre a busca de Deus por sua glória se relaciona ao seu propósito por meio de Israel.

Deus escolheu Israel para si mesmo, para ser glorificado por meio dele:

Porque, como o cinto se apegava aos lombos do homem, assim eu fiz apegar-se a mim toda a casa de Israel e toda a casa de Judá, diz o SENHOR, para me serem por povo, e nome, e louvor, e glória; mas não deram ouvidos (Jr 13.11).

E me disse: Tu és o meu servo,  
és Israel, por quem hei de ser glorificado (Is 49.3).

Como um paradigma para todos os resgates divinos, o êxodo está permeado de evidências de que Deus estava agindo por causa de seu próprio nome, ou seja, para a sua glória:

Nossos pais, no Egito,  
não atentaram às tuas maravilhas;  
não se lembraram da multidão das tuas misericórdias  
e foram rebeldes junto ao mar, o mar Vermelho.  
Mas ele os salvou por amor do seu nome,  
para lhes fazer notório o seu poder (Sl 106.7-8).

O que fiz, porém, foi por amor do meu nome, para que não fosse profanado diante das nações no meio das quais eles estavam, diante das quais eu me dei a conhecer a eles, para os tirar da terra do Egito (Ez 20.9).

Faraó se destaca como um governante mundial típico sobre quem Deus almejou receber grande glória:

Endurecerei o coração de Faraó, para que os persiga, e serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército; e saberão os egípcios que eu sou o SENHOR (Êx 14.4).

Eis que endurecerei o coração dos egípcios, para que vos sigam e entrem nele; serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército, nos seus carros e nos seus cavaleiros; e os egípcios saberão que eu sou o SENHOR, quando for glorificado em Faraó, nos seus carros e nos seus cavaleiros (Êx 14.17-18).

Mas, deveras, para isso te hei mantido, a fim de mostrar-te o meu poder, e para que seja o meu nome anunciado em toda a terra (Êx 9.16).

Mesmo no deserto, depois do êxodo, Deus salvou seu povo rebelde por amor a seu próprio nome:

O que fiz, porém, foi por amor do meu nome, para que não fosse profanado diante das nações perante as quais os fiz sair (Ez 20.14).

Detive a mão e o fiz por amor do meu nome, para que não fosse profanado diante das nações perante as quais os fiz sair (Ez 20.22).

Depois do êxodo, houve a conquista da terra de Canaã. Deus também realizou isso para fazer um nome para si mesmo:



Quem há como o teu povo, como Israel, gente única na terra, a quem tu, ó Deus, foste resgatar para ser teu povo? E para fazer a ti mesmo um nome e fazer a teu povo estas grandes e tremendas coisas, para a tua terra, diante do teu povo, que tu resgataste do Egito, desterrando as nações e seus deuses? (2 Sm 7.23)

E, quando o povo de Deus se rebelou novamente, desejando um rei para serem como as nações, Deus deixou claro, em sua ira, que a razão por que não abandonaria seu povo era o seu próprio nome:

Então, disse Samuel ao povo: Não temais; tendes cometido todo este mal; no entanto, não vos desvieis de seguir o SENHOR, mas servi ao SENHOR de todo o vosso coração. Não vos desvieis; pois seguiríeis coisas vãs, que nada aproveitam e tampouco vos podem livrar, porque vaidade são. Pois o SENHOR, por causa do seu grande nome, não desampará o seu povo, porque aprouve ao SENHOR fazer-vos o seu povo (1 Sm 12.20-22).

Mais do que uma vez, a proteção de Deus sobre Jerusalém foi atribuída ao seu zelo por seu próprio nome:

Eu defenderei esta cidade, para a livrar, por amor de mim e por amor de meu servo Davi (2 Rs 19.34; cf. 20.6).

Quando Israel foi, por fim, exilado de sua própria terra, as declarações de Deus de que os ajuntaria de novo e os salvaria foram, impressionantemente, centradas em Deus, colocando toda a ênfase em seu próprio nome e glória:

Dize, portanto, à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações para onde fostes. Vindicarei a santidade do meu grande nome, que foi profanado entre as nações, o qual profanastes no meio delas; as nações saberão que eu sou o SENHOR, diz o SENHOR Deus, quando eu vindicar a minha santidade perante elas. Tomar-vos-ei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra (Ez 36.22-24).

Não é por amor de vós, fique bem entendido, que eu faço isto, diz o SENHOR Deus. Envergonhai-vos e confundi-vos por causa dos vossos caminhos, ó casa de Israel (Ez 36.32).

Farei conhecido o meu santo nome no meio do meu povo de Israel e nunca mais deixarei profanar o meu santo nome; e as nações saberão que eu sou o SENHOR, o Santo em Israel (Ez 39.7).

A profecia de Isaías sobre a misericórdia de Deus para com Israel no exílio é talvez a expressão mais concentrada, em toda a Bíblia, quanto ao propósito de Deus de agir para a sua glória:

Por amor do meu nome, retardarei a minha ira  
e por causa da minha honra me conterei para contigo,

para que te não venha a exterminar.  
Eis que te acrisolei, mas disso não resultou prata;  
provei-te na fornalha da aflição.  
Por amor de mim, por amor de mim, é que faço isto;  
porque como seria profanado o meu nome?  
A minha glória, não a dou a outrem (Is 48.9-11; ver também v. 20).

## **A glória de Deus em crentes individuais**

Além de todas essas afirmações sobre o propósito de Deus de glorificar a si mesmo na vida nacional de Israel, há afirmações extraordinárias sobre os propósitos de Deus de glorificar a si mesmo em salvar e ajudar seus israelitas individuais e fiéis.

Por amor de si mesmo, Deus apagará as transgressões deles:

Eu, eu mesmo,  
sou o que apago as tuas transgressões por amor de mim  
e dos teus pecados não me lembro (Is 43.25).

Assiste-nos, ó Deus e Salvador nosso,  
pela glória do teu nome;  
livra-nos e perdoa-nos os pecados,  
por amor do teu nome (Sl 79.9).

Por causa do teu nome, SENHOR ,  
perdoa a minha iniquidade, que é grande (Sl 25.11).

Porque tu és a minha rocha e a minha fortaleza;  
por causa do teu nome, tu me conduzirás e me guiarás (Sl 31.3).

Deus preservará a vida por amor de seu nome:

Vivifica-me, SENHOR , por amor do teu nome;  
por amor da tua justiça, tira da tribulação a minha alma (Sl 143.11).

Mas tu, SENHOR Deus,  
age por mim, por amor do teu nome;  
livra-me, porque é grande a tua misericórdia (Sl 109.21).

Deus guiará e conduzirá nos caminhos da justiça por amor de seu nome:

Refrigera-me a alma.  
Guia-me pelas veredas da justiça  
por amor do seu nome (Sl 23.3).

**“Presente em todas as partes da Bíblia”**

Dessa seleção de passagens do Antigo Testamento e de muitas outras que elas representam, concluo, com Jonathan Edwards, Greg Beale e James Hamilton, que (usando as palavras de Beale) “o alvo supremo de Deus na criação era magnificar sua glória em toda a terra”.<sup>93</sup> Hamilton argumenta que, em todas as Escrituras, “*a autorrevelação de Deus é para a glória de Deus*”.<sup>94</sup> Este é o “fim supremo” ao qual Hamilton se refere quando diz:

Se puder ser mostrado que a descrição bíblica sobre o fim supremo de Deus produz, informa, organiza e é exposta por todos os outros temas da Bíblia, e se isto puder ser demonstrado com base na própria narrativa bíblica da história de salvação e em seus próprios termos, então, a conclusão será que o fim supremo atribuído a Deus na Bíblia é o centro da teologia bíblica... O centro da teologia bíblica será o tema que é predominante e está presente em todas as partes da Bíblia.<sup>95</sup>

Hamilton usa seiscentas páginas para mostrar que o “se” nessa citação é uma realidade. Não somente a busca de Deus por sua própria glória “está presente em todas as partes da Bíblia”, mas também, diz Hamilton perto do final de seu livro, “o propósito supremo de Deus é o principal interesse dos autores bíblicos, mesmo quando estão descrevendo os fins subordinados com vistas ao fim principal”.<sup>96</sup>

Isso significa que não estamos obscurecendo qualquer texto se vemos refletido em seu significado específico o brilho da glória de Deus. Ver isto e expô-lo de maneiras que honram os detalhes peculiares de cada texto é parte do grande chamado de exultação expositiva no Antigo Testamento.

No capítulo seguinte, nos voltaremos à questão do que significa pregar Cristo crucificado com base no Antigo Testamento. Nos capítulos 15 e 16, argumentei que em toda pregação cristã deve estar entretecida a firme ênfase no Cristo crucificado como o fundamento de todo bem que cada texto bíblico oferece ao povo de Deus. Isso acontece quando pregamos textos do Antigo Testamento?

Jonathan Edwards, *The Dissertation Concerning the End for Which God Created the World*, ed. Paul Ramsey, vol. 8, *The Works of Jonathan Edwards* (New Haven, CT: Yale University Press, 1989), 526, 531.

Greg Beale, *The Temple and the Church's Mission: A Biblical Theology of the Dwelling Place of God*, New Studies in Biblical Theology (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2004), 82.

James M. Hamilton Jr., *God's Glory in Salvation through Judgment: A Biblical Theology* (Wheaton, IL: Crossway, 2010), 53; ênfase original.

Ibid., 48-49.

Ibid., 560.

# 20 | EXULTAÇÃO EXPOSITIVA E O ANTIGO TESTAMENTO, PARTE 2 | PREGANDO CRISTO CRUCIFICADO

No que diz respeito a seu ministério em Corinto, Paulo disse: “Decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Co 2.2). Às igrejas da Galácia, ele disse: “Longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo” (Gl 6.14). Argumentei nos capítulos 15 e 16 que toda a pregação de Paulo sobre qualquer tópico estava relacionada à morte de Jesus, porque sem a morte de Jesus não haveria nenhuma coisa boa em todo o mundo que seria um benefício duradouro para qualquer crente.

Todo o bem que Paulo poderia oferecer em qualquer sermão ou qualquer texto seria oferecido porque fora comprado por sangue. Sem o sangue de Jesus, recebemos apenas ira de Deus ou dádivas de misericórdias que se tornam em ira por nossa falta de arrependimento (Rm 2.4). Mas, por causa da cruz, todos que estão em Cristo Jesus recebem “todas as coisas” (Rm 8.32) – tudo de que precisamos para fazer a vontade de Deus, glorificar seu nome e passar seguramente pelo juízo final e entrar na jubilosa comunhão com Jesus, para sempre.

Portanto, pregar Cristo crucificado não significa simplesmente recitar os eventos da Páscoa e da sexta-feira santa. Significa também pregar sobre cada texto e cada tópico com atenção rigorosa às palavras específicas e com o entendimento explícito de que Cristo crucificado é o fundamento de todo bem que é dado ao povo de Deus, em cada momento e em cada texto, e de que o bem supremo é o Cristo plenamente satisfatório.

## **Fazendo-o biblicamente**

A pergunta agora é esta: podemos e devemos fazer isso em toda a nossa pregação sobre textos do Antigo Testamento? Ou esse padrão de pregação distorcerá ou suprimirá o significado dos textos do Antigo Testamento intencionado por seu autor? Minha resposta é que podemos e devemos. E, se o fizermos biblicamente, os textos do Antigo Testamento, com todas as

suas peculiaridades e detalhes, brilharão mais intensamente com a intenção original de seus escritores – que “falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.21).

Parte do que tenciono dizer por “biblicamente” está implícito no que disse sobre como pregar Cristo crucificado. Tratar Cristo crucificado como o fundamento decisivo e Cristo glorificado como o alvo final de todo bem que o Antigo Testamento nos oferece não é um incentivo para pregarmos sombras e tipos especulativos de videiras e ramos. Está baseado em considerações bíblicas, firmes e claras que estão relacionadas a toda a Escritura do Antigo Testamento.

### **Quanto do Antigo Testamento ainda está em vigor?**

Uma pergunta com a qual precisamos lidar brevemente, embora seja muito importante, é uma pergunta suscitada pelas palavras que acabei de usar: todo o bem que o Antigo Testamento nos oferece. O que é oferecido aos cristãos (incluindo gentios) no Antigo Testamento? Não é uma pergunta simples, principalmente porque, com a vinda do tão esperado Messias, Jesus, os lidares de Deus com seu povo e com o mundo mudaram dramaticamente. Não podemos simplesmente ir a cada texto do Antigo Testamento e presumir que a maneira como se aplicava a Israel é a mesma como deve ser aplicada hoje.

#### *Exemplos de mudança entre o Antigo e o Novo*

Em seguida, há oito exemplos de por que não podemos presumir aplicações do Antigo Testamento para hoje.

1. Jesus se deu como o sacrifício final pelo pecado. Isso tornou obsoleta a prática de sacrificar animais. Pôs fim ao ministério sacerdotal como o Antigo Testamento descrevia em grandes detalhes.

Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus (Hb 7.26).

Não por meio de sangue de bodes e de bezerros, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção (Hb 9.12).

Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado (1 Co 5.7).

2. O mistério que esteve oculto por eras, mas agora foi revelado em Cristo; é este: por causa da morte e ressurreição de Jesus, Deus tenciona que todas as nações (gentios) sejam incluídas como coerdeiras com Israel de todas as promessas de Deus.

A saber, que os gentios são cordeiros, membros do mesmo corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho (Ef 3.6).

Se, porém, alguns dos ramos foram quebrados, e tu, sendo oliveira brava, foste enxertado em meio deles e te tornaste participante da raiz e da seiva da oliveira, não te glories contra os ramos; porém, se te gloriasses, sabe que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz, a ti. Dirás, pois: Alguns ramos foram quebrados, para que eu fosse enxertado. Bem! Pela sua incredulidade, foram quebrados; tu, porém, mediante a fé, estás firme. Não te ensoberbeças, mas teme (Rm 11.17-20).

Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos [seguidores de Cristo] (Mt 21.43).

Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes (Mt 8.11-12).

3. Isso significa, então, que o novo povo de Deus (formado de judeus e gentios que creem em Jesus) não é mais um povo definido étnica e politicamente. A igreja não é uma teocracia no mesmo sentido que Israel foi.

4. Porque a igreja não é uma teocracia no sentido do Antigo Testamento, as penalidades civis prescritas para o estado político de Israel não funcionam da mesma maneira. Quando, em Corinto, um homem comete um pecado (1 Co 5.1) que no Antigo Testamento seria punido com morte (relação sexual com um parente – Lv 20.11), o processo de disciplina do Novo Testamento é excomunhão (1 Co 5.3ss).

5. Outra mudança introduzida pela revelação do “mistério” da inclusão de gentios é que a circuncisão, que antes marcava todos os homens do corpo político de Israel, não é exigida do novo povo de Deus (Gl 2.3).

6. As leis de comida não são mais prescritas para os seguidores de Jesus. “E, assim, considerou ele puros todos os alimentos” (Mc 7.19).

7. Com a chegada do Messias, algumas transigências com a dureza de coração dos homens, que moldavam algumas leis no Antigo Testamento (como as leis pertinentes ao divórcio), são abolidas, e um novo padrão é esperado dos discípulos de Jesus.

Tornaram eles: Moisés permitiu lavrar carta de divórcio e repudiar. Mas Jesus lhes disse: *Por causa da dureza do vosso coração*, ele vos deixou escrito esse mandamento; *porém, desde o princípio da criação*, Deus os fez homem e mulher. Por isso, deixará o homem a seu pai e mãe [e unir-se-á a sua mulher], e, com sua mulher, serão os dois uma só carne. De modo que já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem (Mc 10.4-

9).

8. Finalmente, há a profunda mudança de uma religião “vinde-vede”, no Antigo Testamento, para uma religião principalmente “ide-anunciai”, no Novo Testamento. Deus não fez da Grande Comissão de Mateus 28.18-20 uma peça central da vida no Antigo Testamento. Mas, com a ressurreição de Jesus e a revelação do mistério de que os gentios são coerdeiros de Deus, a missão da igreja para as nações se torna central ao que a igreja é.

Essa mudança explica muitas outras mudanças. Simplicidade de vida, em vez de acumulação de riqueza e viver opulento, torna-se normal. A igreja não está esperando que a rainha de Sabá (1 Rs 10) venha admirar palácios cristãos. Em vez disso, a igreja espera gastar seus recursos em alcançar pessoas perdidas que são governadas por rainhas e reis do mundo. Além de simplicidade, o lugar crucial do sofrimento e possível martírio é agora tratado como normal, em vez de sugerir o desagrado de Deus.

### **Não pregue o que não é oferecido e não mais exigido**

O objetivo dessas oito observações é mostrar que, quando pregamos textos do Antigo Testamento, não devemos oferecer às pessoas coisas que Deus não mais tenciona dar. O próprio Antigo Testamento estava se movendo em direção a essas mudanças. Uma nova aliança foi prometida (Jr 31.31) que traria mudanças profundas. O próprio Antigo Testamento contém sementes promissoras de sua transformação.<sup>97</sup>

### **O que significa pregar Cristo**

Portanto, com a cautela sobre aplicar mal o Antigo Testamento em nossos dias, reconheço que todo o Antigo Testamento, visto em seu lugar próprio no progresso da história de redenção, é útil para a pregação (2 Tm 3.16). E retorno à minha afirmação de que podemos e devemos pregar Cristo crucificado a partir de textos do Antigo Testamento. Isso não significa achar tipos e sombras duvidosos. Quanto mais especulativa a pregação for, tanto mais ela perderá sua autoridade dada por Deus. Antes, significa pregar sobre cada texto e cada tópico com atenção rigorosa às palavras específicas e com o entendimento explícito de que (1) Cristo crucificado é o fundamento de todo bem oferecido ao povo de Deus em cada texto e (2) de que o bem supremo é o próprio Cristo plenamente satisfatório.

Consideremos cada um desses entendimentos e vejamos por que é *bíblico* abordarmos passagens do Antigo Testamento dessa maneira. Primeiramente, focalizaremos minha afirmação de que Cristo crucificado é



o fundamento de todo bem que vem ao povo de Deus por meio de cada texto no Antigo Testamento. Em segundo, focalizaremos a afirmação de que o bem supremo é o próprio Cristo plenamente satisfatório.

### *1. Cristo, o fundamento de todo bem*

Primeiramente, pregar Cristo crucificado no Antigo Testamento, como o estou defendendo, significa que nossa pregação é entretecida com a verdade de que Cristo crucificado é o fundamento de todo bem que vem ao povo de Deus por meio de cada texto no Antigo Testamento. O texto mais importante para mostrar isto é Romanos 3.25-26:

A quem Deus propôs [Cristo], no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

A ligação com o Antigo Testamento aqui é a cláusula “por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos”. Entendo que isso se refere ao perdão de Deus de todos os pecados das pessoas no Antigo Testamento que se apropriaram do sistema de sacrifícios como Deus tencionava e receberam perdão de seus pecados (Lv 4.20 e outros). E entendo que se refere ao perdão de Deus dos pecados daqueles que, no espírito dos sacrifícios, clamaram por misericórdia, como Davi o fez depois do pecado com Bate-Seba e contra Urias (2 Sm 12.13; Sl 51).

*Cristo morreu por pecados cometidos antes de sua morte* . O que Romanos 3.25 mostra é que a justiça de Deus foi *obscurecida* por Deus desconsiderar aqueles pecados no Antigo Testamento. Na verdade, sua justiça foi *contraditada* em deixar tantos pecados sem punição completa – a menos que algo mais acontecesse para acertar as coisas, porque o sangue de touros e bodes jamais poderiam ser pagamento suficiente para os pecados dos homens (Hb 10.4).

Paulo diz que Deus enviou Cristo para morrer e “manifestar” a justiça de Deus. De fato, ele diz mais. No versículo 26, Paulo diz que o alvo da morte de Cristo foi que Deus pudesse ser “justo e o justificador”. O fato não é apenas que Deus *pareceria* injusto sem a morte de Cristo. Ele *seria* realmente injusto. E Deus seria injusto sem a morte de Cristo porque teria “deixado impunes os pecados anteriormente cometidos”. Em outras palavras, os pecados contra Deus são de tal natureza que os sacrifícios do Antigo Testamento não podiam cobri-los finalmente, mas apenas apontar para o sacrifício que os cobriria (Hb 10.14).

Eis uma implicação extraordinária. O perdão de cada pecado no Antigo Testamento era baseado no sangue de Jesus. Isso é verdadeiro, embora aqueles que foram perdoados não conhecessem a Jesus como nós o conhecemos. Estavam confiando na promessa e na misericórdia de Deus. Mas Deus sabia o que faria. Portanto, quando perdoava pecado no Antigo Testamento, Deus o fazia tendo em vista a morte de Jesus como o pagamento e a cobertura decisivos para aquele pecado.

*Todo bem em cada texto se deve a Cristo.* Isso significa que sem Cristo crucificado cada pessoa no Antigo Testamento receberia apenas ira ou dons de misericórdia que se tornariam em ira (Rm 2.4). A implicação disso é que toda bênção salvífica e todo bem duradouro que o povo de Deus recebe, incluindo aqueles que vêm por meio de textos do Antigo Testamento, se devem a Cristo crucificado. E isso significa que todo sermão baseado no Antigo Testamento que oferece coisas boas à congregação de cristãos deve deixar isso claro. Um cristão gentio do século XXI possui qualquer coisa boa oferecida no texto do Antigo Testamento exposto pelo pregador tão somente porque essa coisa boa foi comprada pelo sangue de Jesus. Isso é exatamente o mesmo fundamento para o desfrute dessas coisas boas, como o era três mil anos atrás no Antigo Testamento. Só que agora conhecemos a realidade gloriosa de como Deus o fez – por meio de Cristo crucificado. Esse é o primeiro significado de pregar Cristo a partir de textos do Antigo Testamento.

E não devemos pensar que Romanos 3.25-26 está impondo ao Antigo Testamento algo que o próprio Antigo Testamento não havia previsto. Isaías 53 mostra que um servo de Deus viria e carregaria os pecados do povo de Deus:

Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades  
e as nossas dores levou sobre si;  
e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.  
Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões  
e moído pelas nossas iniquidades;  
o castigo que nos traz a paz estava sobre ele,  
e pelas suas pisaduras fomos sarados.  
Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas;  
cada um se desviava pelo caminho,  
mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos (vv. 4-6).

E Salmos 49.7-8 mostra como o salmista se desesperou de não ser

resgatado por qualquer humano:

Ao irmão, verdadeiramente, ninguém o pode remir, nem pagar por ele a Deus o seu resgate (Pois a redenção da alma deles é caríssima, e cessará a tentativa para sempre.).

No entanto, o salmista acreditava que, de algum modo, Deus o faria de uma maneira que ele, o salmista, não entendia completamente:

Mas Deus remirá a minha alma do poder da morte, pois ele me tomará para si (v. 15).

Portanto, concluo que estamos sendo fiéis tanto ao Antigo Testamento quanto ao Novo Testamento quando pregamos Cristo como o fundamento de todo bem que o pregador expõe a partir de qualquer texto do Antigo Testamento para os seguidores de Cristo. “Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim” (2 Co 1.20).

Vejamos agora a segunda maneira como pregamos Cristo com base no Antigo Testamento.

## *2. Cristo mesmo é o maior dom que Deus nos dá*

Em segundo, pregar Cristo crucificado com base no Antigo Testamento, como estou defendendo, significa que nossa pregação é entretecida com a verdade de que o maior bem pelo qual Cristo morreu foi prover o gozo de si mesmo para seu povo. Ou, dizendo-o mais plenamente, cada dom que Cristo comprou para seu povo, por meio de seu sangue – na época do Antigo Testamento (antes de o preço ser pago) ou na época do cristianismo (depois de o preço ser pago) – foi comprado a fim de apontar, por meio do dom, para o bem supremo que Cristo comprou, ou seja, a adoração jubilosa e eterna dele mesmo.

A pregação cristã tem o alvo de levar as pessoas a verem e provarem as glórias de tudo que Deus é para elas em Jesus. A pregação almeja a adoração – em toda a vida, para sempre. O Antigo Testamento previu a vinda de Alguém que seria uma pessoa gloriosa, com qualidades que as pessoas não poderiam compreender totalmente.

*Davi o chama Senhor* . Em Salmos 110.1, Davi disse: “Disse o SENHOR [note o Jeová todo em maiúsculas] ao meu senhor [senhor, governante – em minúsculas]: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés”. Jesus usou este versículo como o foco de um de seus debates com os fariseus. Seu alvo era mostrar que o Antigo Testamento indicava que o Messias seria muito mais do que um homem comum.

[Jesus disse:] Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Responderam-lhe eles: De Davi.

Replicou-lhes Jesus: Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor, dizendo: Disse o

Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho? (Mt 22.42-45).

O que Jesus pretendia dizer com esta pergunta retórica: “Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?” Henry Alford responde sabiamente:

Com base no título amplamente reconhecido do Messias como Filho de Davi, evocado dos fariseus por meio de uma pergunta, Jesus aproveita a ocasião para mostrar-lhes que entendiam o título num sentido meramente político. O problema surge da própria reverência de Davi para com esse seu Filho. A solução está na Divindade encarnada do Cristo, que eles desconheciam.<sup>98</sup>

A “reverência” para com o Prometido que permeia todo o Antigo Testamento significa que a pregação cristã faz mais do que simplesmente deixar claro que todo bem oferecido ao povo de Deus em cada texto do Antigo Testamento é comprado pelo sangue de Jesus. A reverência proeminente por Aquele que viria também aponta para Cristo como o melhor dom, para o qual todos os outros apontam como supremamente valioso. A pressuposição por trás desse tipo de pregação não é estranha ao Antigo Testamento. Os santos do Antigo Testamento, que viam as implicações de sua fé mais claramente, eram como Simeão (Lc 2.25-34) e Ana (Lc 2.36-38), cujo coração estava intencionalmente fixo na espera do Reverenciado. A glória que eles viram de antemão fez desse Rei vindouro o clímax dos seus sonhos.

*O clímax de todos os seus sonhos*. Ele será um Conselheiro Maravilhoso, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Sentará no trono de seu pai Davi. Mas, ao contrário dos reis do passado, ele reinará para sempre:

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto (Is 9.6-7).

Ele virá como um mensageiro da aliança e será a salvação e deleite de seu povo. E se regozijarão nele com tanto desembaraço, que serão como bezerros que saltam da estrebaria:

Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; de repente, virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, o Anjo da Aliança, a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos (Ml 3.1).

Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas

suas asas; saireis e saltareis como bezerros soltos da estrebaria (Ml 4.2).

Ele será moído por Deus, mas será ressuscitado dentre os mortos. Então, prolongará seus dias para sempre, considerando o seu povo como justo:

Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo,  
fazendo-o enfermar;  
quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado,  
verá a sua posteridade e prolongará os seus dias  
e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos.  
Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito;  
o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento,  
justificará a muitos,  
porque as iniquidades deles levará sobre si (Is 53.10-11).

Será a alegria dos humildes, porque virá humildemente, cavalcando um jumento, mas ainda, um rei:

Alegre-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta (Zc 9.9).

Servirá na majestade de Deus, mas será um pastor gentil e cuidadoso – uma combinação perfeita de majestade e mansidão:

Ele se manterá firme e apascentará o povo na força do SENHOR , na majestade do nome do SENHOR , seu Deus; e eles habitarão seguros, porque, agora, será ele engrandecido até aos confins da terra (Mq 5.4; cf. Ez 34.23).

Executará justiça para o povo de Deus, e todos os fiéis perseguidos e maltratados serão vindicados.

Naqueles dias e naquele tempo, farei brotar a Davi um Renovo de justiça; ele executará juízo e justiça na terra (Jr 33.15).

Trará boas-novas aos pobres, compaixão aos quebrantados de coração e liberdade aos cativos:

O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim,  
porque o SENHOR me ungiu  
para pregar boas-novas aos quebrantados,  
enviou-me a curar os quebrantados de coração,  
a proclamar libertação aos cativos  
e a pôr em liberdade os algemados;  
a apregoar o ano aceitável do SENHOR  
e o dia da vingança do nosso Deus;

a consolar todos os que choram (Is 61.1-2).

Há muitas outras evidências no Antigo Testamento de que os santos esperavam e anelavam por Aquele que viria, alegrando-se nele como o clímax de seus sonhos. Essa é a razão por que foram escolhidos como povo. É a razão por que Deus os regatou da servidão ao Egito; por que lhes foi dada a Terra Prometida; por que foram disciplinados no exílio e por que receberam misericórdia para retornar. Acima de tudo, essa é a razão por que Deus proveu o necessário para o perdão dos pecados deles. Era por isso que Simeão anelava (Lc 2.29) e pelo que Ana jejuava (2.37). Nenhum dos escritores ou santos do Antigo Testamento teria considerado uma distorção de sua intenção ligar o sangue dos sacrifícios ao dom de perdão, às bênçãos abundantes de Deus e à melhor de todas as dádivas, a esperança do próprio Messias.

### **Complementação, não distorção**

Quando um pregador cristão anuncia a Cristo crucificado como o fundamento decisivo de todos os dons e Cristo glorificado como a alegria final para a qual todos os dons apontam, ele está apenas mostrando o que está implícito na esperança dos santos do Antigo Testamento. É o que quero dizer quando falo em pregar *biblicamente* a Cristo crucificado com base em textos do Antigo Testamento. É pregar sobre cada texto e cada tópico com atenção rigorosa às palavras específicas, com o entendimento explícito de que Cristo crucificado é o fundamento de todo bem que vem ao povo de Deus por meio de cada texto e com o entendimento de que o bem supremo é o próprio Cristo plenamente satisfatório. Essa maneira de pregar está arraigada no próprio Antigo Testamento.

### **O caminho para a vida**

Há mais uma pressuposição que tem guiado nossos esforços em responder a pergunta “que realidade pregaremos?” Essa pressuposição é que há uma maneira de viver a vida cristã que leva à salvação final e há uma maneira de tentar vivê-la que leva a destruição. Nos capítulos 17 e 18, argumentei que o caminho que leva à vida está arraigado na justificação somente pela fé e, depois prossegue, pela mesma fé, a andar pelo Espírito e a produzir o fruto de amor, sem o qual ninguém verá o Senhor. Portanto, a tarefa de pregar consiste em nutrir essa fé com a verdade da Palavra de Deus que satisfaz a alma. Ou seja, devemos esclarecer, à luz de cada texto, como a Palavra de Deus nos ajuda a andar pelo caminho de fé e amor que leva à vida. Acredito

que isso é verdadeiro não somente para a pregação do Novo Testamento, mas também para a pregação do Antigo Testamento. Esse é o nosso interesse no capítulo 21.



Não me aprofundarei na questão do que é oferecido aos cristãos (incluindo gentios) no Antigo Testamento. Em vez disso, recomendo-lhe Jason DeRouchie, *Understanding and Applying the Old Testament: 12 Steps from Exegesis to Theology* (Phillipsburg, NJ: P&R, 2017), esp. cap. 12 (pp. 396-469), onde ele aborda vários exemplos de como mover-nos de textos difíceis no Antigo Testamento para aplicação correta em nossos dias.

Henry Alford, *Alford's Greek Testament: An Exegetical and Critical Commentary*, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Guardian Press, 1976), 225.

# 21 | EXULTAÇÃO EXPOSITIVA E O ANTIGO TESTAMENTO, PARTE 3 | PREGANDO A OBEDIÊNCIA POR FÉ

Nos capítulos 17 e 18, mostrei que o alvo da pregação é ajudar nosso povo a entrar e permanecer no caminho que leva à salvação final. Eu o chamei de “o caminho de amor que leva à vida”. Há uma santidade prática sem a qual o nosso povo não verá o Senhor (Hb 12.14). Paulo a chama de “obediência por fé” (Rm 1.5). É urgente que o nosso povo veja a essencialidade de como essa obediência é mantida. Por isso, tentei explicar como a “obediência por fé” se relaciona com a justificação somente pela fé e como a fé perseverante produz, no poder do Espírito Santo, uma vida de amor sacrificial, sem o qual, diz o apóstolo João, permanecemos “na morte” (1 Jo 3.14).

Argumentei que o pregador deve ser vigilante em toda a sua pregação para apresentar a Deus como supremamente satisfatório para a alma de seu povo. A fé é sustentada não somente por ver a Deus como digno de confiança, mas também por vê-lo, em todos os seus atributos e ações, como perfeitamente satisfatório para cada dimensão de anseio e necessidade humana. O pregador fiel procurará sustentar essa fé no coração de seu povo.

## **O alvo da pregação com base no Antigo Testamento: fé que atua pelo amor**

Agora, a pergunta que temos diante de nós é: a mesma ênfase sobre a obediência por fé e o caminho de amor que leva à vida deve ser entretecida em toda a nossa pregação do Antigo Testamento? Minha resposta é sim. Além da glória de Deus como o alvo de toda pregação do Antigo Testamento e da cruz de Cristo como o fundamento de todo bem oferecido na pregação do Antigo Testamento, argumentarei agora que, entretecidos na estrutura de toda pregação do Antigo Testamento, deve haver apelos a sermos satisfeitos em tudo que Deus é para nós em Jesus, para que, banquetecendo-se nas riquezas da revelação de Deus, desde Gênesis a Malaquias, a igreja contemporânea ande no caminho de amor, pelo poder do Espírito Santo, e, assim, chegue à salvação final.

Em outras palavras, o alvo de Paulo – e nosso – é tão verdadeiro para a pregação do Antigo Testamento quanto para a pregação do Novo Testamento: “O intuito da presente admoestação visa ao *amor* que procede de... *fé* sem hipocrisia” (1 Tm 1.5). Meu argumento será que este alvo de “fé que atua pelo amor” (Gl 5.6) está em harmonia com a intenção do próprio Antigo Testamento; não é uma releitura do evangelho em uma religião legalista.

### **Hebreus forja a ligação com o Antigo Testamento**

Meu primeiro argumento é atrair nossa atenção para a conexão entre Hebreus 10.32-35 e o argumento de Hebreus 11 – ou seja, a conexão entre a maneira como o autor retrata o poder cristão de amar e o poder de amar no Antigo Testamento: ambos são “pela fé”. No capítulo 18, afirmei que a fonte de amor radical e altruísta é a alegria que vem de sermos satisfeitos com tudo que Deus promete ser para nós em Jesus. A afirmação-chave foi Hebreus 10.34: “Não somente vos compadecesteis dos encarcerados, como também aceitastes *com alegria* o espólio dos vossos bens, *tendo ciência de possuídes vós mesmos patrimônio superior e durável*”.

Em outras palavras, a fé daqueles cristãos sentiu tão profundamente a alegria de sua recompensa, que aquietou seus temores e desencadeou seu amor. Ou seja, a fé exercida por eles era a certeza e a convicção das coisas pelas quais eles esperavam (Hb 11.1).<sup>99</sup> A recompensa plenamente satisfatória de prazer eterno e supremo com Deus, na ressurreição, foi provada – abraçada, experimentada, sentida – como real no presente, com tanta alegria que arriscaram perder tudo para amar os seus irmãos e irmãs aprisionados. E, em vista do restante de Hebreus, eles sabiam que a recompensa e a alegria eram asseguradas pela morte de Jesus (Hb 7.27; 9.12; 10.10).

É assim que o evangelho de Cristo – as boas novas de perdão comprado por sangue e da esperança de alegria eterna – faz surgir a fé e o amor no Novo Testamento. Esse foi o argumento dos capítulos 17 e 18. Agora, observe em Hebreus 11 que, na mente do escritor inspirado, *a fé e a obediência agem da mesma maneira no Antigo Testamento*.

A expressão “pela fé” ocorre dezoito vezes em Hebreus 11, sendo descrita como o meio pelo qual os crentes do Antigo Testamento receberam suas bênçãos e andaram no caminho de obediência. “Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício” (v. 4). “Pela fé, Enoque... obteve

testemunho de haver agradado a Deus” (v. 5). “Pela fé, Noé... aparelhou uma arca” (v. 7). “Pela fé, Abraão... obedeceu” (v. 8). “Pela fé, também, a própria Sara recebeu poder para ser mãe’ (v. 11).

### **O amor cristão e o amor no Antigo Testamento têm a mesma raiz: a fé**

Vimos no capítulo 18 que o autor de Hebreus descreve intencionalmente as dinâmicas do ato de amor de Moisés, em Hebreus 11.24-26, como aparentemente idênticas às dinâmicas de amor no Novo Testamento, em Hebreus 10.32-35. Os cristãos se regozijavam na esperança de uma possessão melhor e duradoura (10.34). Moisés olhava para o galardão (11.26). Os cristãos escolheram ser espoliados no serviço a seus irmãos que sofriam (10.34). Moisés escolheu “ser maltratado junto com o povo de Deus” (11.25).

O ensino é que a maneira de Deus criar amor radical que leva à vida é a mesma no Antigo e no Novo Testamento. É pela fé. E essa fé significa ser satisfeito em tudo que Deus promete ser para nós em Cristo. No que diz respeito ao caminho de obediência, a diferença entre o Antigo e o Novo Testamento é que no Novo Testamento temos um conhecimento mais pleno de Cristo e de como ele veio comprar todo o bem que os crentes gozam – naquele tempo e agora, em toda época.

#### *As boas-novas da fé pregadas a Israel*

Para que não ignoremos seu ensino sobre a vida de fé no Antigo Testamento, o escritor de Hebreus tem uma afirmação impressionante em Hebreus 4.2. Eis o contexto:

E contra quem [Deus] jurou que não entrariam no seu descanso [a Terra Prometida, apontando para um profundo “descanso”], senão contra os que foram desobedientes? Vemos, pois, que não puderam entrar *por causa da incredulidade*. Temamos, portanto, que, sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado. Porque também *a nós foram anunciadas as boas-novas, como se deu com eles*; mas a palavra que ouviram não lhes aproveitou, visto *não ter sido acompanhada pela fé* naqueles que a ouviram (Hb 3.18-4.2).

O que é impressionante aqui não é tanto que o principal erro do povo de Israel é chamado de “incredulidade” (3.19), e sim que a mensagem que eles receberam é chamada de “boas-novas” ou “evangelho”: “Também a nós foram anunciadas as boas-novas, *como se deu com eles [esmen eu ēngelismenoi kathaper kakeinoi ]*” (4.2). Em outras palavras, embora não

tivessem acesso a todo o conhecimento que nós temos, porque o Messias ainda não viera, morrera e ressuscitara, a revelação da natureza de Deus, de seus caminhos e de suas promessas foi de tal modo, que o caminho de bênção, salvação, esperança e alegria final era manifestamente o caminho de fé – as boas-novas de serem satisfeitos em tudo que Deus prometera ser para eles, apesar de não saberem o que sabemos a respeito do Messias.

Portanto, a base do meu primeiro argumento, que toda a pregação do Antigo Testamento deve ter o alvo de despertar a fé que leva ao amor e à salvação final, é que o livro de Hebreus aponta nessa direção. Quando Hebreus 6.12 nos exorta a não nos tornarmos “indolentes, mas imitadores daqueles que, *pela fé* e pela longanimidade, herdaram as promessas”, o pensamento imediato do autor está em Abraão como nosso principal modelo: “Assim, depois de esperar com paciência, obteve Abraão a promessa” (Hb 6.15). Assim, Hebreus está em harmonia com o entendimento do apóstolo Paulo quanto à ênfase do Antigo Testamento sobre a fé. Então, voltemo-nos agora ao nosso segundo argumento nos escritos de Paulo.

#### *O exemplo de Abraão referido por Paulo*

Paulo se une a Hebreus para encorajar-nos no sentido de que toda pregação do Antigo Testamento deve ter o alvo de despertar a fé que leva ao amor e à salvação final. Sua maneira mais proeminente de fazê-lo é por tornar Abraão o paradigma e o pai de todos os *crentes*, enquanto mostra como a lei mosaica não contradiz a vida de fé. Todo o capítulo 4 de Romanos expõe a fé exercida por Abraão como o padrão e a raiz da fé cristã. “Pois que diz a Escritura? Abraão *creu* em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (v. 3). Em seguida, Paulo ressalta que Deus justificou Abraão pela fé *antes* de ele ser circuncidado (v. 11). Depois, Paulo chega a esta conclusão: “Para vir a ser o pai de *todos os que creem*, embora não circuncidados, a fim de que lhes fosse imputada a justiça” (v. 11). *Todos os que creem* seriam todos os gentios crentes que confiam em Cristo para sua justiça e não na circuncisão. A fé que compartilhamos com Abraão não é apenas contada como nossa justificação, mas também leva a uma vida de obediência. Portanto, Abraão era o “pai [daqueles que]... *andam nas pisadas da fé que teve Abraão*” (v. 12).

Temos várias razões para entender a descrição de Paulo sobre a vida de fé vivida por Abraão como normativa para todo o povo de Deus no Antigo Testamento. Abraão não era uma exceção entre os santos do Antigo

Testamento, como se a sua maneira de ser justificado e santificado fosse singular. Paulo o apresenta como o paradigma para todos os verdadeiros membros da aliança – naquele tempo e agora. Por exemplo, mesmo aqui em Romanos 4, Paulo inclui o testemunho de Davi e não somente de Abraão para argumentar que a justificação vem *pela fé*, não por obras: “E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras: Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado” (Rm 4.6-8).

*A incredulidade é a fonte de todos os fracassos de Israel*

Tão importantes quanto os exemplos de fé específicos do Antigo Testamento, como Abraão e Davi, são as afirmações gerais de Paulo de que a incredulidade foi a razão por que Israel fracassou no caminho de obediência a Deus. Por exemplo, em Romanos 11 ele descreve o verdadeiro Israel como uma oliveira natural, enquanto os ramos individuais são israelitas individuais. Sua explicação do motivo por que alguns daqueles ramos foram quebrados do verdadeiro Israel é a *incredulidade* deles. E a *fé* é a explicação de Paulo sobre como os gentios – “oliveira brava” – podem ser enxertados no verdadeiro Israel:

Se, porém, alguns dos ramos foram quebrados, e tu, sendo oliveira brava, foste enxertado em meio deles e te tornaste participante da raiz e da seiva da oliveira, não te glories contra os ramos; porém, se te gloriasses, sabe que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz, a ti. Dirás, pois: Alguns ramos foram quebrados, para que eu fosse enxertado. Bem! *Pela sua incredulidade*, foram quebrados; tu, porém, *mediante a fé*, estás firme. Não te ensoberbeças, mas teme (Rm 11.17-20).

Esta é uma afirmação abrangente sobre o que o Antigo Testamento exigia de todo o Israel, em todo o tempo. Exigia fé. Não é uma afirmação restrita a *alguns* judeus, em algumas partes do Antigo Testamento. É uma avaliação inclusiva de por que Israel fracassou, onde quer que tenha fracassado: por causa de “sua incredulidade”.

*Não atingiram a lei por causa de incredulidade*

Outro exemplo da avaliação abrangente de Paulo quanto ao que o Antigo Testamento exigia se acha em Romanos 9.30-32.

Que diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justificação, vieram a alcançá-la, todavia, a que decorre da fé; e Israel, que buscava a lei de justiça, *não chegou a atingir essa lei*. Por quê? Porque *não decorreu da fé*, e sim como que das obras. Tropeçaram na pedra de tropeço.

O não chegarem “a atingir essa lei” se deveu a não perceberem como a lei apontava para uma vida de fé. Veremos depois como a lei de Moisés causava morte e condenação, mas, no contexto mais amplo do Antigo Testamento, a intenção da lei era levar Israel à fé e a um Redentor gracioso. Mas o fracasso de Israel referido nesta passagem é a tentativa de usarem a lei para estabelecer a sua própria justiça (Rm 10.3).

Eles não perceberam que o guardar a lei não era o fundamento da justificação. E a razão por que não era é que, se alguém dá o primeiro passo no caminho de guardar a lei como base da justificação, está obrigado a guardar toda a lei; e ninguém pode guardar toda a lei. Isso é essencialmente o que Paulo disse em Gálatas 5.2-3: “Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará. De novo, testifico *a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei*”.

Em outras palavras, se alguém escolhe o caminho de guardar a lei como a base de sua justificação diante de Deus, está abraçando uma obrigação de guardar *toda* a lei. Ou, como Tiago diz: “Qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos” (Tg 2.10). Guardar a lei é um fundamento inútil de aceitação diante de Deus. “Por obras da lei, ninguém será justificado” (Gl 2.16). “Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição” (Gl 3.10). “Ninguém será justificado diante dele por obras da lei” (Rm 3.20).

Mas o ensino de Paulo em Romanos 9.32 (“Porque não decorreu da fé”) é que, se Israel tivesse entendido corretamente o propósito da lei, eles não teriam cometido o erro de buscarem a justificação por guardarem a lei; em vez disso, teriam sido levados à fé nas graciosas promessas de Deus de que teriam um Redentor, “porque o alvo da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê” (Rm 10.4 – tradução minha).

### **Ambos os Testamentos ensinam um único caminho que leva à vida: a fé**

Vimos, com base em Hebreus e Paulo, que o caminho de vida exigido do povo de Deus no Antigo Testamento é a vida de fé. Obediência aos mandamentos de Deus, resumida em amor (Lv 19.18; Rm 13.9), é a obediência que resulta da fé (Rm 4.12; Hb 11), como também no Novo Testamento (Rm 1.5; 1 Tm 1.5).

Para estabelecer essa afirmação mais plenamente, podemos perguntar se o próprio Antigo Testamento ensina isso. Vimos que Hebreus e Paulo



ensinam. E o Antigo Testamento? Comecemos com o Pentateuco – os cinco primeiros livros da Bíblia, frequentemente chamados de Lei. O Pentateuco chama as pessoas a um caminho de vida que está arraigado na fé nas graciosas promessas de Deus ou está baseado em guardar a lei como fundamento da justificação? Crucial para responder tal pergunta é distinguir o Pentateuco de toda a lei de Moisés, em particular. Veremos em seguida como o próprio Pentateuco afirma esse ponto, mas observe que Paulo também o viu da mesma maneira:

As promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente [conforme narrado no Pentateuco]... a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não a pode ab-rogar, de forma que venha a desfazer a promessa. Porque, se a herança provém de lei, já não decorre de promessa; mas foi pela promessa que Deus a concedeu gratuitamente a Abraão (Gl 3.16-18).

Percebemos como Paulo distingue a “lei” das outras partes do Pentateuco – neste caso, as partes de Gênesis que contam a história de Abraão. Isso significa que, ao se referir negativamente a toda a “antiga aliança” (2 Co 3.14) como um “ministério da morte” (2 Co 3.7) e um “ministério da condenação” (2 Co 3.9), Paulo não está falando sobre todo o Pentateuco, menos ainda sobre todo o Antigo Testamento. Está falando sobre a aliança do Sinai. É o que ele tinha em vista quando disse: “Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa” (Rm 5.20); “A lei suscita a ira” (Rm 4.15); “Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado” (Rm 3.20) e “A lei não procede de fé” (Gl 3.12).

No entanto, ao dizer que a lei não procede de fé (Gl 3.12), Paulo não está dizendo que o propósito da lei, em seu contexto do Antigo Testamento, é recomendar um caminho de vida que contradiz a fé. “É, porventura, a lei contrária às promessas de Deus? De modo nenhum!” (Gl 3.21). Pelo contrário, Paulo está dizendo que os efeitos negativos da lei, por meio de seu uso como fundamento da justificação (Lv 18.5; Gl 3.12; Rm 10.5), foram providencialmente ordenados por Deus para mostrar a Israel que eles precisavam de Cristo e precisavam de fé.

Paulo diz isto negativamente em Romanos 3.19-20:

Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus, visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.

E o diz positivamente em Gálatas 3.22-26:

Mas a Escritura encerrou tudo sob o pecado, para que, mediante a fé em Jesus Cristo, fosse a

promessa concedida aos que creem. Mas, antes que viesse a fé, estávamos sob a tutela da lei e nela encerrados, para essa fé que, de futuro, haveria de revelar-se. De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio. Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus.

Quando Paulo disse: “Antes que viesse a fé” (v. 23), ele não estava dizendo que não havia fé salvadora no Antigo Testamento, pois contradiria o que dissera em Gálatas 3.6: “Abraão... *creu* em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça”. Em vez disso, Paulo estava dizendo “*antes* que viesse a fé”, ou seja, a fé à qual se referira no versículo anterior (v. 22), “a fé em Jesus Cristo”. A lei continuava lembrando a Israel que a justificação teria de ser pela fé num Redentor (Gl 3.24), não por guardarem a lei.

### **O ponto de vista negativo do Pentateuco sobre a lei**

O Pentateuco, como um todo, ensinava o que Paulo concluiu. Há uma tensão entre a vida de fé salientada pela história de Abraão e os fracassos de Israel sob a lei de Moisés. Essa tensão tem o propósito de advertir contra o guardar a lei como um meio de justificação e direcionar a atenção para a vida de fé. Uma maneira como essa tensão é vista é que, *até* a entrega da lei no Pentateuco, toda menção de fé é positiva – pessoas criam.

Ele [Abraão] *creu* no SENHOR , e isso lhe foi imputado para justiça (Gn 15.6).

Disse o SENHOR a Moisés: Estende a mão e pega-lhe pela cauda (estendeu ele a mão, pegou-lhe pela cauda, e ela se tornou em bordão); para que *creiam* que te apareceu o SENHOR , Deus de seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó (Êx 4.4-5).

E o povo *creu* ; e, tendo ouvido que o SENHOR havia visitado os filhos de Israel e lhes vira a aflição, inclinaram-se e o adoraram (Êx 4.31).

E viu Israel o grande poder que o SENHOR exercitara contra os egípcios; e o povo temeu ao SENHOR e *confiou* no SENHOR e em Moisés, seu servo (Êx 14.31).

As águas cobriram os seus opressores; nem um deles escapou. Então, *creram* nas suas palavras e lhe cantaram louvor (Sl 106.11-12).

Disse o SENHOR a Moisés: Eis que virei a ti numa nuvem escura, para que o povo ouça quando eu falar contigo e para que também *creiam* sempre em ti” (Êx 19.9).

Entretanto, cada menção de fé *depois* da entrega da lei no Pentateuco é uma referência a fracasso. Isso se harmoniza com o lamento de Paulo sobre os efeitos negativos da lei.

Disse o SENHOR a Moisés: Até quando me provocará este povo e até quando *não crerá* em

mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio dele? (Nm 14.11)

Mas o SENHOR disse a Moisés e a Arão: Visto que *não crestes* em mim, para me santificardes diante dos filhos de Israel, por isso, não fareis entrar este povo na terra que lhe dei” (Nm 20.12).

Mas *nem* por isso [como Deus os levou pelo deserto] *crestes* no SENHOR , vosso Deus (Dt 1.32).

Quando também o SENHOR vos enviou de Cades-Barneia, dizendo: Subi e possuí a terra que vos dei, rebeldes fostes ao mandado do SENHOR , vosso Deus, e *não o crestes* , e não obedecestes à sua voz (Dt 9.23).

Também se levantou o seu [de Deus] furor contra Israel [quando murmuraram por não terem carne]; porque *não creram* em Deus, nem confiaram na sua salvação (Sl 78.21-22, cf. 32).

Também desprezaram a terra aprazível e *não deram crédito* à sua palavra (Sl 106.24).

Uma maneira de ressaltar as implicações do Pentateuco é dizer que o Pentateuco é para o Antigo Testamento o que Gálatas é para o Novo Testamento. O Pentateuco mostra como os fracassos da lei de Moisés (ou seja, a aliança do Sinai) se encaixam em seu objetivo mais amplo, que é “o Pentateuco tem o propósito de ensinar a ‘fé’ em Deus”.<sup>100</sup>

### **Salmos: uma janela sobre o coração que Deus quer**

Estou tentando mostrar que Paulo e Hebreus representam o ponto de vista do Antigo Testamento quando ensinam que o caminho de vida ensinado em todo o Antigo Testamento é a obediência por fé (Rm 9.32; 11.20; Hb 11). Ofereço uma última linha de evidência. O livro de Salmos representa o livro de oração de Israel. Salmos nos oferece um vislumbre da religião de coração que está por trás dos rituais prescritos. Portanto, o livro de Salmos nos mostra mais diretamente do que outros livros como o coração dos santos do Antigo Testamento se apegava a Deus e vivia sua fé.

O livro de Salmos é rico em referências a *crer* em Deus, *refugiar-se* em Deus, *aguardar* em Deus, *ter esperanças* em Deus, e *ser satisfeito* em Deus. mencionarei apenas algumas passagens que nos levam à conclusão sobre pregar com base no Antigo Testamento, ou seja, que devemos pregar para satisfazer o coração de nosso povo com tudo que Deus é para eles em Jesus e, assim, fortalecer o caminho de amor que leva à vida.

*Nos Salmos, a fé é mais do que crer em Deus para obter ajuda*

Confiar no SENHOR , deleitar-se nele e fazer a sua vontade estão juntos em Salmos 37.3-5:

*Confia no SENHOR e faz o bem ;*  
habita na terra e alimenta-te da verdade.  
*Agrada-te do SENHOR ,*  
e ele satisfará os desejos do teu coração.  
*Entrega o teu caminho ao SENHOR ,*  
*confia nele , e o mais ele fará.*

Acredito que este conjunto de realidades (confiar, fazer o bem, alimentar-se da verdade, deleitar-se em Deus e entregar seu caminho a Deus) é representativo de como os salmos esperam que vivamos. Fazer o bem – amando o nosso próximo como a nós mesmos (Lv 19.18) – resulta de confiar em Deus. E confiar é sempre mais do que simplesmente contar com Deus para nos ajudar. A fé é sempre receber a Deus como nossa recompensa, não apenas como nosso resgatador; como nosso leite, não apenas como nosso libertador.

Nele, o nosso coração *se alegra* ,  
pois *confiamos* no seu santo nome (Sl 33.21).

Então, irei ao altar de Deus, de Deus,  
que é a *minha grande alegria* (Sl 43.4).

No tocante a mim, *confio* na tua graça;  
*regozije-se* o meu coração na tua salvação (Sl 13.5).

Na torrente das tuas *delícias* lhes dás de beber.  
Pois em ti está o manancial da vida (Sl 36.8-9).

A minha alma *tem sede* de ti;  
meu corpo te *almeja* ,  
como terra árida, exausta, sem água.  
Assim, eu te contemplo no santuário,  
para ver a tua força e a tua glória.  
Porque a tua graça é *melhor do que a vida* ;  
os meus lábios te louvam (Sl 63.1-3).

*Folguem* e em ti *se rejubilem*  
todos os que te buscam (Sl 40.16).

Quem mais tenho eu no céu?  
Não há outro em quem eu *me compraza* na terra.  
Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam,  
Deus é a fortaleza do meu coração e a *minha herança* para sempre (Sl 73.25-26).

## **Implicações para a pregação do Antigo Testamento**

Baseado nas observações do livro de Hebreus, de Paulo, do Pentateuco e dos Salmos, concluo que o pregador cristão é autorizado a aproximar-se de qualquer texto do Antigo Testamento, dedicar atenção rigorosa às suas palavras a fim de ver o que está realmente lá – as riquezas que ele contém sobre Deus, o homem e a vida – e, depois, mostrar como essas riquezas contribuem para sustentar a fé. Ou, afirmando-o de outra maneira, o pregador deve labutar com cada texto para mostrar que Deus é supremamente satisfatório para a alma humana e que essa satisfação transbordante produz fruto numa vida de amor que leva à salvação final. E, sem dúvida, como vimos nos capítulos 19 e 20, a nova vida e a salvação final são garantidas ao crente pelo sangue de Cristo e destinam-se a exaltar a grandeza de Deus.

### **A nova aliança e o Espírito**

Uma última coisa precisa ser observada. O Antigo Testamento faz a promessa de que uma nova aliança viria:

Eis aí vêm dias, diz o SENHOR , em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o SENHOR (Jr 31.31-32).

Essa nova aliança daria ao povo de Deus um novo coração e um novo espírito:

Dar-lhes-ei um só coração, espírito novo porei dentro deles; tirarei da sua carne o coração de pedra e lhes darei coração de carne; para que andem nos meus estatutos, e guardem os meus juízos, e os executem; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus (Ez 11.19-20).

Isso aconteceria por obra do próprio Espírito: “Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos” (Ez 36.27). Seria baseada no perdão de pecados: “Perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei” (Jr 31.34). E resultaria numa gloriosa capacidade de amar a Deus como o tesouro supremo: “O SENHOR , teu Deus, circuncidará o teu coração e o coração de tua descendência, para amares o SENHOR , teu Deus, de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas” (Dt 30.6).

### **A nova aliança comprada pelo sangue de Jesus**

Essa nova aliança foi comprada e garantida pelo sangue de Jesus. Em Lucas 22.20, Jesus disse: “Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós”. Isso significa, primeiramente, que as

prelibações da nova aliança que os santos do Antigo Testamento certamente desfrutaram foram uma bênção preliminar da morte de Jesus em antecipação à sua vinda (como vimos no capítulo 20).

Mas a compra da nova aliança por Jesus também significa que pregar o Antigo Testamento como se a nova aliança ainda não tivesse sido inaugurada pelo sangue de Cristo seria contrário às intenções do próprio Antigo Testamento. Tudo no Antigo Testamento aconteceu em antecipação desse fato. Pregar com base no Antigo Testamento como se ainda estivéssemos num momento de antecipação do que já veio certamente entristeceria os escritores do Antigo Testamento, se tivessem permissão de olhar do céu.

Portanto, o pregador cristão ouve demorada e atentamente tudo que o texto do Antigo Testamento tem a dizer em seu contexto original. Escava profundamente as palavras do texto para achar tudo que aquela mina de ouro tem a entregar. Depois, com o ouro na mão, o pregador determina seu preço à luz da obra de Cristo, que o comprou para os santos; e conecta seu brilho à glória de Deus, como sua origem e alvo; em seguida, oferece-o a todos que crerão como o tesouro mais satisfatório do universo e, por fim, mostra o caminho de amor que leva à vida.

Quanto a uma explicação sobre como a fé é tanto a *certeza* quanto a *convicção* de coisas que se esperam (Hb 11:1), ver o cap. 18.

John Sailhamer, *The Pentateuch as Narrative: A Biblical Theological Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1992), 61.

# **PENSAMENTOS CONCLUDENTES**

## **| UM CHAMADO PERIGOSO E GLORIOSO**

Exultação expositiva é um tipo singular de comunicação. Não é algo trazido do mundo para o serviço da igreja. Além disso, o mundo não pode tirar esse serviço da igreja e usá-lo para seus próprios desígnios. É diferente, radicalmente diferente, de qualquer coisa no mundo.

### **É incomparável**

Primeiramente, há Deus. Depois, há a sua obra e o seu caminho no mundo – sua criação, redenção e providência. Depois, há o seu livro, seu livro infalível, a Bíblia, escrito por homens comuns, preservado pelo Espírito Santo. Depois, há um chamado divino, um mistério da providência, a família, a igreja, o desejo, o deleite e o dever. Um pregador chega à existência.

Depois, há o suor e a oração de preparação – o bater nas portas fechadas do texto, até que ele se abre, e raios de luz passam a brilhar. Depois, há o visualizar da verdade, sabedoria e poder. Depois, há o riso de alegria e as lágrimas de arrependimento e, em ambos, o desfrutar (oh! o desfrutar!) da glória. Depois, durante todo o dia e, se necessário, toda a noite, a obra da razão e da imaginação, orando, labutando, tecendo fios claros e escuros da verdade numa estrutura compreensível, uma mensagem para envolver o povo.

Depois, enquanto ora (repetidas vezes), há o abrir da boca, a proclamação dos horrores e das glórias. Há o explicar, o esclarecer, o mostrar, a admiração, o regozijo, a exultação, o oferecimento, a súplica, o olhar nos olhos. E, em todo o tempo, há o total engajamento pessoal e, se Deus quiser, a total autorrenúncia na irradiação da verdade. E, depois, Deus sabe, o fruto eterno, o cansaço, o agradecimento. E tudo começa de novo.

Não há nada comparável a isso. Exultação expositiva é singular.

### **Feita lindamente para a adoração**

Por todo o seu valor essencial na evangelização, a exultação expositiva é o plano e o dom de Deus para seu povo reunido em adoração. Nenhuma outra forma de discurso é tão lindamente apropriada à maravilha que exalta a



Deus chamada de “adoração”.

Deus existe como aquele que conhece a si mesmo perfeitamente na eterna imagem de seu Filho. E existe como aquele que é infinitamente agradado por aquele que ele conhece – o Filho. E nós, as criaturas do Deus que conhece e ama a glória, somos feitos à sua imagem. Também existimos para conhecer a Deus e sermos satisfeitos com ele – para ver, desfrutar e mostrar a sua glória. Essa é a essência do que significa ser humano.

O ajuntamento de pessoas, em um lugar, seres humanos que veem, desfrutam e mostram a Deus, e unem seu coração, mente e voz em exaltar a Deus é um milagre – um milagre em formação. O milagre de adoração coletiva está prestes a acontecer. E a pregação da Palavra de Deus é a chama indispensável que o Espírito de Deus usa para acender esse milagre e fazê-lo queimar. Pela graça, a luz e o fogo da adoração se propagam. O pregador chegou ardendo e brilhando. Em sua pregação, ele está adorando e despertando adoração. Chegou vendo, desfrutando e mostrando a beleza e a dignidade de Deus. O pregador está transbordando com a verdade da exposição e o calor da exultação.

### **Desfrutar Deus é um fim em si mesmo**

O pregador está ciente, e seu povo sabe, que o milagre de adoração saturada de Bíblia, que exalta a Cristo e magnifica a Deus é um fim em si mesmo que agrada a Deus. Deus está sendo desfrutado aqui não como um meio de fazermos um orçamento. Estamos tremendo em sua presença não como um meio de impacto político. Estamos exultando no poder de Deus não para impressionar visitantes. Deus é um fim em si mesmo. E nosso deleite *nele* é o nosso fim, pois, do contrário, não é *nele*.

### **Desfrutar Deus tem milhares de bons efeitos**

Além disso, o pregador sabe, e seu povo também sabe, que o efeito cascata dessa hora – a hora autêntica e miraculosa de encontro com Deus em adoração – é insondável em sua profundidade e extensão. Por causa desse encontro com Deus e dessa exultação expositiva ungida pelo Espírito, milhares de problemas que ainda nem mesmo chegaram à existência são resolvidos na vida das pessoas. Milhares de decisões são moldadas para o bem sem qualquer pensamento premeditado consciente. Milhares de corrupções relacionais são impedidas. E centenas de corações são amolecidos na presença de Deus, de modo que a obediência impossível se torne possível – como que dizendo: “Sinto muito; eu estava errado”. Mas,

ainda assim, não nos reunimos para isso. Nós nos reunimos para ver e desfrutar Deus. Ele é o fim. E, onde tentamos fazer de Deus um meio, a adoração começa a morrer.

### **Tudo é afetado**

O pregador sabe, e o povo sabe, que a pregação e cultos de adoração não são a totalidade da vida da igreja. Há uma centena de ministérios importantes para as crianças e os jovens, os homens e as mulheres, os solteiros e os casados, os enlutados e os idosos. Há indescritíveis possibilidades de alcançar o mundo incrédulo. Há incontáveis boas obras que visam mostrar a glória de nosso Pai celestial. Há mais maneiras de nos reunirmos em pequenos grupos do que podemos imaginar, para cuidar uns dos outros, orar uns pelos outros e encorajar uns aos outros. O pregador sabe tudo isso e não finge que a pregação é tudo de que o povo necessita.

No entanto, o pregador também sabe isto: se falhar em sua exultação expositiva, se a adoração coletiva definha em inércia, porque a Palavra de Deus não vem com clareza, fidelidade e poder de satisfazer a alma, todos os ministérios sofrem. A pregação não é tudo, mas afeta tudo. É a trombeta da verdade na igreja. E ecoa em cada ministério e cada família, para alegria, fortalecimento, amor e perseverança – ou não. Se cada parte do motor está funcionando bem, mas a centelha de ignição falha em acender no ritmo designado, o carro não pega ou para totalmente.

### **Todos os substitutos falharão**

Nada pode substituir a pregação. Livros são maravilhosos. Quem ainda não foi afetado profundamente por um livro excelente? Palestras, preleções, poesia, teatro, filme e pinturas são poderosos. Mas qualquer esforço para substituir a pregação por outra coisa falhará – cedo ou tarde.

Pessoas tem procurado experimentos que substituem a pregação. Pessoas marginalizadas, desiludidas fluem para o experimento. O experimento dura poucos anos. E morre. Enquanto isso, a pregação continua existindo por décadas e séculos. Por quê? Porque Deus criou e designou a ministração ungida e singular de sua Palavra para a explanação e celebração de sua glória e sua dignidade.

### **O Senhor estará ao seu lado**

Se Deus o chamou para pregar, a tarefa, sem dúvida, é humanamente impossível. Pregação é adoração. E a pregação tem o alvo de despertar adoração. Tanto a adoração quanto o despertar adoração são milagres. Não

são meras escolhas. Você não pode adorar quando quer, como não pode ser extasiado quando quer. É uma obra de Deus, que abre nossos olhos para aquilo que é supremamente extasiante. Mas aquele que o chamou é fiel. Ele o fará. Meu testemunho, com base em quarenta anos no ministério da Palavra, nos melhores e nos piores tempos, é que Deus ama ajudar o pregador que está ansioso para apresentar a Palavra com clareza, tendo em vista a santa felicidade de seu povo, pelo sangue de Jesus, para a glória de Deus. Ele o ajudará.

“A intimidade do SENHOR é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança” (Sl 25.14). Se você aceitar este chamado – temer o Senhor e confiar nele – conhecerá uma intimidade como nenhuma outra. O Senhor o levará ao seu conselho e lhe mostrará coisas que você não poderia ver de outra maneira. Ele fará maravilhas por você. Depois de um dia inteiro de labor “infrutífero” na Palavra de Deus, angustiado pela urgência da hora, de joelhos, com lágrimas, num lampejo de segundos, você verá a realidade do texto. Assimilará num instante como o texto funciona. É uma dádiva. Deus garantirá que você saiba isso. Frequentemente. Seu labor para a glória de Deus, no nome de Jesus, para o bem do povo dele, jamais será em vão.

Quantas vezes já tremi ante o fato de que não era suficiente para determinado momento, ou para uma grande multidão, ou para um minúsculo ajuntamento, ou para expor um tema doloroso, ou um texto inescrutável? E, quando me aventurei a prosseguir, crendo que a Palavra de Deus nunca volta vazia, ele esteve ao meu lado. Ele é fiel. “O Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida” (2 Tm 4.17). Ele fará o mesmo por você, se confiar nele e se der totalmente à sua Palavra, confiando na cruz, amando seu povo e gloriando-se na dignidade e na beleza de Deus.

### **Imortal até que sua obra esteja acabada e depois**

Todo chamado de Deus é bom. Com certeza, fidelidade em cada chamado – mesmo nas menores tarefas – é grandeza no céu. “Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos” (Mc 9.35). Mas alguns chamados, por causa de seu potencial para ajudar e atingir tantas pessoas, são perigosos e gloriosos, de uma maneira especial. “Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres [ou pregadores], sabendo que havemos de receber maior juízo” (Tg 3.1).

Se você ouvir o chamado de Deus e aceitá-lo, entrará numa obra

importante e perigosa. Embaixadores do rei não estão seguros no território inimigo – a menos que sejam protegidos e capacitados pelo próprio rei. Mas segurança não é o nosso alvo. Nosso rei nos guardará e nos usará até quando lhe agradar. E será um tempo perfeito de serviço. Como disse Henry Martyn, missionário na Pérsia, somos imortais até que nossa obra esteja acabada. E, sem dúvida, ele concordaria, somos imortais *depois* que nossa obra estiver acabada e tivermos partido.

Quando olho para trás e considero os mais de quarenta anos de pregação, dou testemunho de que valeu a pena todo esforço e todo custo. Espero e oro que este livro acompanhe você, e prove, repetidas vezes, ser o acender da chama do Espírito em sua exultação expositiva.



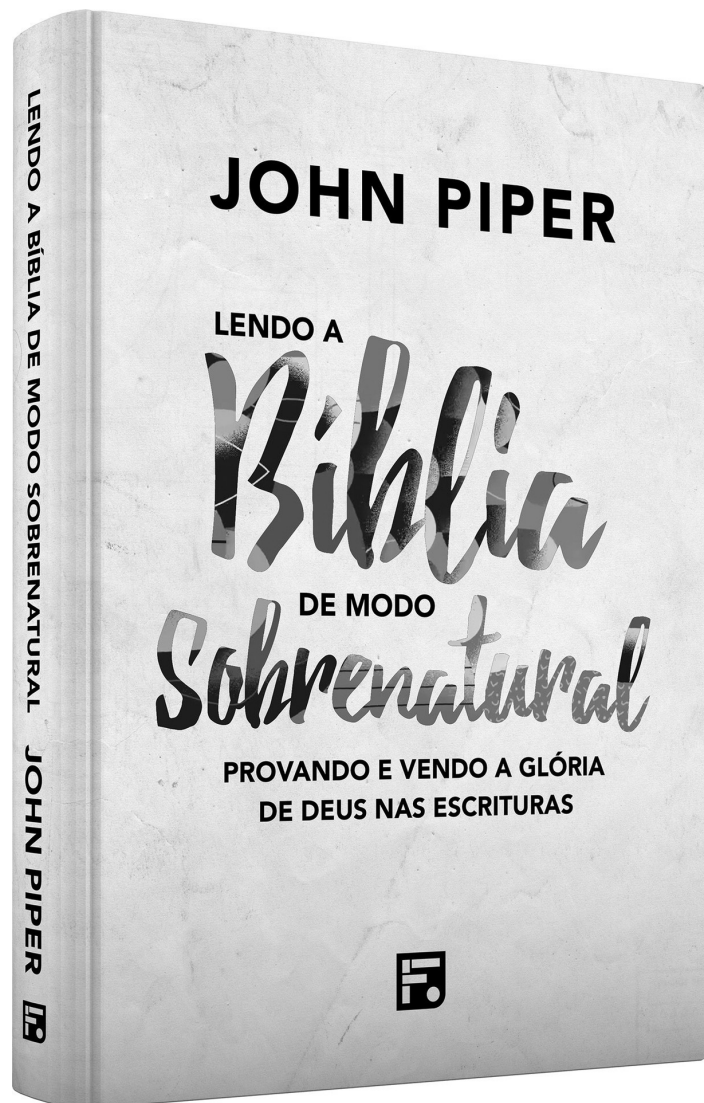
O Ministério Fiel visa apoiar a igreja de Deus, fornecendo conteúdo fiel às Escrituras através de conferências, cursos teológicos, literatura, ministério Adote um Pastor e conteúdo online gratuito.

Disponibilizamos em nosso site centenas de recursos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, audiolivros, blog e muito mais. Lá também é possível assinar nosso informativo e se tornar parte da comunidade Fiel, recebendo acesso a esses e outros materiais, além de promoções exclusivas.

Visite nosso site

[www.ministeriofiel.com.br](http://www.ministeriofiel.com.br)

LEIA TAMBÉM



LEIA TAMBÉM

